

# **CENAS POPULARES**

**Governo do Estado do Ceará**

**Governador**

Cid Ferreira Gomes

**Vice-Governador**

Francisco José Pinheiro

**Secretário da Cultura**

Francisco Auto Filho

**Secretária Executiva da Cultura**

Alda de Oliveira

**Coordenadoria de Políticas do Livro e de Acervos**

Karine David

Raymundo Netto (Coordenação Editorial)

**Coordenadoria de Patrimônio Artístico e Cultural**

Otávio Menezes

**Diretoria da Casa de Juvenal Galeno**

Antônio Santiago Galeno Júnior

**Coleção Nossa Cultura**

**Conselho Editorial**

Ângela Maria R. Mota de Gutiérrez

Cristina Rodrigues Holanda

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Jorge Pieiro

Maria Eleuda de Carvalho

Rafael Sânzio de Azevedo

Sarah Diva da Silva Ipiranga

Juvenal Galeno  
— OBRA COMPLETA —

## **CENAS POPULARES**

4ª edição

*Organização*  
Raymundo Netto

*Apresentação*  
Sânzio de Azevedo



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
*Secretaria da Cultura*

Fortaleza - Ceará  
2010

## **Juvenal Galeno: obra completa**

### **Cenas Populares**

4ª edição

Copyright © 2010 Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Todos os direitos desta edição reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19.02.1988 à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da SECULT/CE.

### **Secretaria da Cultura do Estado do Ceará**

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n, 3º andar, Fortaleza, Ceará

CEP: 60.839-900

www.secult.ce.gov.br

### **Casa de Juvenal Galeno**

Rua General Sampaio, 1128, Centro, Fortaleza, Ceará

### **Coordenação editorial**

Raymundo Netto

### **Revisão de texto**

Jorge Pieiro e Sânzio de Azevedo

### **Digitação do original**

Remo

### **Capa**

Mariano Souza e Raymundo Netto

### **Programação visual e diagramação**

Francisco Batista

### **Ilustrações**

Na capa: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela da poetisa e artista plástica Jane Blumberg

Na orelha: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela de Otacílio de Azevedo

Na folha de rosto: Folha de rosto original da segunda edição de *Cenas Populares* (1902), acervo particular de Sânzio de Azevedo

Foto de orelha: Objetos de Juvenal Galeno (boina, meióes, sapatilhas e tabaqueira), acervo da Casa de Juvenal Galeno (foto: Raymundo Netto)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

## **Catálogo na Fonte**

G 153c Galeno, Juvenal  
Cenas populares. 4ª.ed../Juvenal Galeno. - Fortaleza:  
Secult, 2010.  
244 p. :il.

ISBN: 978-85-7563-592-6

1. Literatura brasileira 2. Contos  
I. Título

CDD: 869.9



*Juvenal Galvez*



JUVENAL GALENO

---

# SCENAS POPULARES

---

Os Pescadores.  
Dia de Feira—Folhas Sêccas.  
Noite de Nupcias.  
O Senhor das caças. — Clara.  
Amor do Céu.—O Serão.

---

SEGUNDA EDIÇÃO

COM

UMA CARTA DE JOSÉ DE ALENCAR



EDITOR — Louis C. Cholowiecki

CEARA

Typ. Moderna a Vapor — ATELIERS LOUIS

71, Rua Formosa, 71

1902.





## ÍNDICE

Retorno às Origens .....	11
Os contos de Juvenal Galeno.....	15
Carta de José de Alencar .....	23
Prefácio de Florival Seraine à 3ª edição.....	25
Os pescadores .....	29
Dia de feira.....	69
Folhas secas .....	107
Noite de núpcias .....	127
Senhor das caças.....	163
Clara.....	189
Amor-do-Céu.....	201
O serão .....	223
Notas do Autor .....	233







## RETORNO ÀS ORIGENS

A publicação, pela Secretaria da Cultura do Estado, de **Juvenal Galeno: obra completa** pretende iniciar uma nova fase na vida da famosa Casa que leva seu nome. Criada para preservar a memória do poeta, a Casa de Juvenal Galeno terminou por assumir, ao longo do tempo, outras funções que a levaram a pôr em plano secundário a política literária nacional-popular do autor de *Lendas e Canções Populares*.

Se essa política literária cumpriu, na origem, um papel decisivo na formulação de uma autêntica literatura nacional, como, na segunda metade do século XIX, buscou demonstrar o crítico Araripe Júnior em duas famosas cartas (a primeira, sobre a “literatura brasílica”, de 1869, e a segunda, sobre “A poesia sertaneja”, de 1875), agora, sob o impacto da “globalização” imperialista, ela readquire flagrante atualidade diante do avasalador “jugo de estrangeiras emoções”.

E foi o próprio Juvenal Galeno um dos primeiros a formular os fundamentos dessa então nova política literária. Na nota de introdução que escreveu para o livro *Lendas e Canções Populares* (1865), assim os exprimiu:

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império – pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, – em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos.



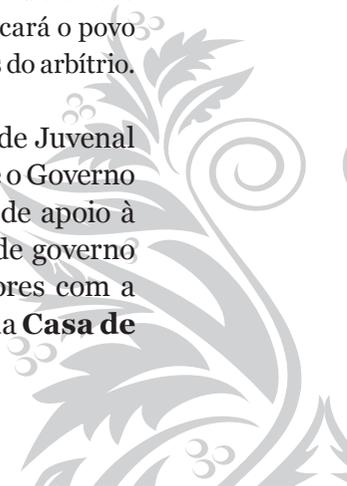


Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias – aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

Não se limitou, porém, o nosso poeta a tratar a questão no terreno puramente antropológico. Sua concepção de política literária contempla a dimensão do engajamento sociopolítico, numa atitude que o singulariza entre os que, à época, propugnavam pela construção de uma literatura “brasílica”:

Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhe expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, – e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, – preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbítrio.

É a esses valores que se pretende fazer a Casa de Juvenal Galeno retornar agora, após a reforma e ampliação que o Governo do Estado promove. O novo programa da SECULT de apoio à cultura popular cearense, cumprindo as diretrizes de governo do então candidato Cid Gomes, concretiza tais valores com a criação de uma rede de instituições que inclui, além da **Casa de**





**Juvenal Galeno**, o **Memorial Patativa do Assaré**, restaurado e ampliado; o **Memorial do Poeta Agricultor Patativa do Assaré**, instalado na Serra de Santana; o **Memorial Cego Aderaldo**, em Quixadá; a **Lira Nordestina**, em Juazeiro do Norte, em parceria com a Prefeitura do Município e a Universidade Regional do Cariri; o **Centro Histórico-Cultural do Caldeirão**, em parceria com a Prefeitura do Crato; os **Memoriais das Culturas Indígenas**, o primeiro dos quais a ser instalado na Casa de José de Alencar, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará; o **Memorial dos Quilombolas**; os **Museus de Arte e Cultura Populares**, no Centro de Turismo de Fortaleza; **Arte Sacra Popular**, no Cariri, e do **Ex-Voto**, em Canindé; e, finalmente, a **Universidade Popular dos Mestres da Cultura Tradicional**. Outras instituições igualmente necessárias para a preservação e difusão das culturas populares do Ceará estão em estudo pelo corpo técnico da SECULT e entidades da sociedade civil local.

A necessidade da intervenção do poder público como suporte institucional dessa esfera de nossa cultura é não só obrigação constitucional do Estado, mas encontra respaldo na opinião de renomados estudiosos, como Tristão de Athayde, que, já em 1928, destacava: “Se o povo, mas que as gerações cultas, participa da natureza e das condições ambientes, nenhuma terra mais propícia à poesia popular que o Ceará”.

**Auto Filho**

Secretário da Cultura  
do Estado do Ceará







## OS CONTOS DE JUVENAL GALENO

Ao discorrer sobre o conto em nossa terra, Braga Montenegro, depois de se referir a Franklin Távora e a Araripe Júnior como precursores, afirma:

Outro precursor do conto cearense foi Juvenal Galeno, trovador e rapsodo de alma e coração voltados para a poesia da terra. Publicou, em 1871, as *Cenas Populares*. Essas pequenas histórias traduzem, numa linguagem macia, sobriamente dosada de regionalismos, os amplos cenários do sertão e das praias cearenses, os amores ingênuos, as aventuras heroicas das gentes simples. Contudo, o decorativo da paisagem, a idealização romântica dos tipos, a intenção moralista dos incidentes, dão à narrativa um acento algo piegas, dificilmente tolerado não fosse a incontestável expressividade ambiental e a espontânea riqueza de matizes que a anima<sup>1</sup>.

Concordando embora com as palavras do crítico, no que tange à caracterização do livro, pensamos que essa obra deve ser considerada não como precursora, mas como iniciadora do conto em nossa Província. E seu autor, Juvenal Galeno (1836 – 1931), não é, a nosso ver, o iniciador da literatura cearense, como pensavam Antonio Sales e Mário Linhares (esse papel coube aos poetas dos Oiteiros, segundo Dolor Barreira), mas o fundador do Romantismo no Ceará, com os seus *Prelúdios Poéticos* (1856).

<sup>1</sup> MONTENEGRO, Braga. “Evolução e Natureza do Conto Cearense” In: *Uma Antologia do conto cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965, p. 15.



A presente edição de *Cenas Populares* é a quarta: a primeira, de 1871, é da Tipografia Comercial; a segunda, de 1902, é de Louis Cholowiecki, e a terceira, de 1969, é da Editora Henriqueta Galeno. Trabalhamos confrontando esta última com a segunda, de 1902, da qual nos presenteou com um exemplar o bibliófilo e amigo João Carlos Neto.

Compõe-se o livro de oito narrativas: “Os Pescadores”, “Dia de Feira”, “Folhas Secas”, “Noites de Núpcias”, “O Senhor das Caças”, “Clara”, “Amor-do-Céu” e “O Serão”. Seus protagonistas são pessoas simples, das praias e do sertão. É interessante constatar que, tal como ocorre em alguns poemas das *Lendas e Canções Populares* (1865), o mais conhecido livro de Juvenal Galeno, vemos aqui um escritor romântico, no qual são fortes as notas de sentimentalismo, mas ao mesmo tempo um agudo observador da realidade do Ceará na sua época, a ponto de alguns contos poderem (como alguns textos do citado livro de poesia) servir de segura fonte para o estudo dos costumes de então.

Tanto assim que o prefaciador da terceira edição pôde dizer:

Pode sem exagero afirmar-se que, no escritor cearense, o sentido da realidade cultural e as raízes telúricas eram por demais influentes, para que as concepções do seu espírito pudessem vagar permanentemente num âmbito subjetivo, fantasioso e artificial<sup>2</sup>.

Em “Os Pescadores” há trechos líricos, como o narrador ouvindo enlevado as orações do Ofício de Nossa Senhora: “E eu sonhava, que lindo sonho! Terno, vago, melodioso o som do bendito divino ecoava-me n`alma: o céu iluminara-se...” Pouco adiante, ainda em pleno fervor das orações:

<sup>2</sup> SERAINE, Florival. Prefácio de GALENO, Juvenal. *Cenas Populares*. 3<sup>a</sup> ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1969, p. 8.





E por toda a parte, o mar, o vento, o passarinho, o homem... cada qual na sua linguagem, a pronunciarem os cantos da manhã, seus hinos fervorosos ao Senhor dos céus e da terra.  
Como tocou-me a singeleza deste quadro, como embeveceu-me a mente!

Observe-se a colocação do clítico, bem à maneira de José de Alencar, Álvares de Azevedo, Castro Alves e outros românticos. No mesmo conto encontramos “que abandona-se”, “não contenta-se”, “quando findou-se” e “que fá-lo escutar”.

Mas, ao lado desses trechos líricos, temos descrições realistas, de um caráter que poderíamos chamar de documental, como a que nos mostra a casa do pescador:

E a casinha? Como era singelo o seu teto de palmas de carnaubeira!

Suas paredes eram de taipa, isto é, de troncos, varas, pedaços de atapu e ossos de peixe, tudo coberto de barro; e o ladrilho compunha-se de pequenos búzios da praia, formando as mais caprichosas flores.

Uma parede dividi-a em sala e camarinha, e um puxado servia de cozinha.

E a descrição não termina aí: fala ainda o narrador num jirau que serve de mesa, num banco, nas redes, etc.

Nesse mesmo conto, depois de aludir à jangada de André, a *Ligeira*, informa o narrador: “O pescador amava-a quase tanto como a mulher e os filhos!”

Da mesma forma o poeta, desta vez ele mesmo encarnando um jangadeiro, mostra, nas *Lendas e Canções Populares*, como a embarcação é importante para o pescador, a ponto de se dirigir a ela como se falasse à mulher amada. É no poema “A Jangada”, quando diz:



Se a fresca brisa da tarde  
A vela vem te oscular,  
Estremeces como a noiva  
Se vem-lhe o noivo beijar:

.....

Quer sossegada na praia,  
Quer nos abismos do mar,  
Tu és, ó minha jangada,  
A virgem do meu sonhar.

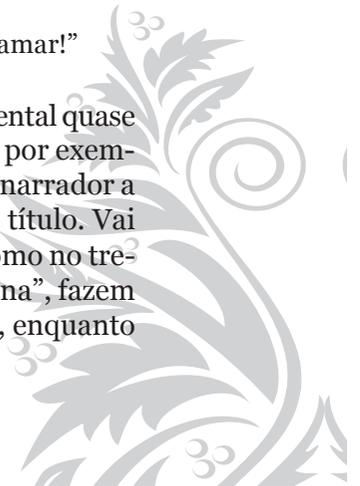
Em “Folhas Secas”, o velho José Bernardo conta passagens da sua vida a um bando de rapazes e, recordando sua primeira esposa, Jardimina, diz que narrava a ela as peripécias de sua vida de vaqueiro, rasgando a véstia na caatinga espinhosa correndo atrás do novilho bravo. E diz o velho:

Escutando-me, ela estremecia aflita e rogava-me que não me atirasse a tantos perigos; mas, não deixava de alegrar-se dentro d’alma, porque todas as mulheres, meus rapazes, gostam dos homens valentes.

Isso coincide com uma estrofe do poema “O Vaqueiro”, do livro citado, no qual o protagonista da história, nas mesmas circunstâncias, diz:

E ela me escuta... dizendo: “que louco!”  
Feriu-se, rasgou-se... Me queres matar!”  
Talvez lá consigo dizendo: “que bravo!”  
Não há quem te vença... mas sei eu te amar!”

Há momentos em que o apego à fidelidade documental quase compromete a literariedade do texto. “Dia de Feira”, por exemplo, praticamente não tem enredo, mostrando-nos o narrador a passear em Pacatuba, em dia de feira, como indica o título. Vai falando com um e com outro. Mas há notas líricas, como no trecho em que as balças, “osculadas pela aragem matutina”, fazem que caiam no capim “os orvalhos de suas ramagens”, enquanto





os passarinhos gorjeiam “os hinos d'alvorada”. Discorre o narrador sobre os campos, com um inesperado discurso ecológico, válido para o nosso tempo.

Como o narrador faz parte da fabulação, encontra o velho Batista, que lhe fala sobre as origens da Vila da Pacatuba, apontando como pioneiro no cultivo do café o tenente de ordenanças Albano da Costa dos Anjos, que é avô de seu interlocutor. Adiante refere-se Batista a José Antônio da Costa e Silva, que seria pai desse interlocutor. Quem compulsar o segundo volume de *Dicionário Biobibliográfico Cearense* (1913), do Barão de Studart, vai ver que esses dois cidadãos são, respectivamente, avô e pai de Juvenal Galeno que é, assim, personagem do conto...

A guerra do Paraguai é mencionada em pelo menos dois contos, “Amor-do-Céu” e “Clara”, o que se explica lembrando que a primeira edição do livro é de 1871, como foi dito, e que esse conflito, iniciado em 1864, terminou em 1870.

Por sinal o último conto citado, “Clara”, é puramente romântico, pelo enredo, pela linguagem e pela eloquência, e nos mostra a personagem central vestida de noiva, no dia de seu casamento. “Eu mesmo não sei por que chorava Clarinha”, diz o narrador, e após afirmar que desgostos não poderia ter, uma vez que correspondia ao amor de seu noivo, Luciano, e de fazer a jovem dizer palavras de despedida às flores, aos passarinhos e ao lar da infância, comenta, talvez com a intenção de não parecer um narrador onisciente:

Não sei se ela dizia lá consigo tudo isto, mas, ao vê-la chorando, julguei que o dissesse.

Por quê? Me perguntas tu, linda menina que me lês: eu te digo. Embora realidade de um sonho delicioso, o casamento tem uma tristeza que dilacera o coração da mulher. É esse adeus à virgindade d'alma e do corpo; é esse adeus às ilusões da juventude que, como as águas da vertente, fogem e mais não voltam.





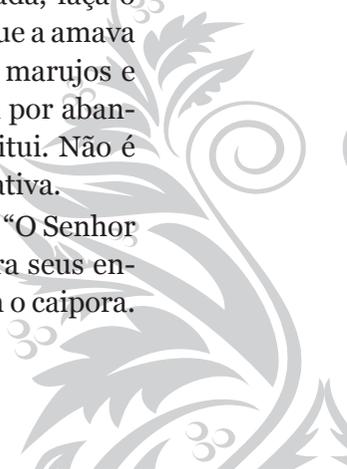
Mas terminamos por saber que Clara chora por se lembrar de Bernardino, seu primeiro namorado, que havia sentado praça e viajado para o Sul, tendo sido dado como morto. O final do conto mostra-nos os noivos entrando na igreja, onde se encontra, meio escondido, um mutilado de longas barbas, coberto de trapos, e que estremece ao olhar para Clara e Luciano. O final da narrativa é trágico.

Por sinal, tragédia temos também, e com lances ultrarromânticos, em “Noite de Núpcias” que nos mostra um pescador, no Pecém, a contar a alguém a história de seu “infeliz amor” pela jovem Carolina, moça estranha, triste e solitária, da qual ele diz:

De corpo mimoso e franzino, parecia-me uma sombra, que pouco a pouco vai desaparecendo, um sonho da madrugada, uma visão que não sei explicar. Seu olhar era preguiçoso e terno como a luz do sol no poente; e o sorriso ligeiro e esperançoso como o relâmpago ao longe em tempos secos. Mas, algumas vezes, senhor, esse olhar brilhava ardente como o areal ao meio-dia; e o sorriso estalava contente como a chuva de abril, ou igual aos sorrisos de menino. Isto acontecia pouco, pois o natural dele era a tristeza.

A jovem compreendia o amor do pescador, mas tratava-o como um irmão, sobre o qual tinha um imenso poder: às vezes, mandava o rapaz embora e como ele lhe perguntasse por que fazia isso, dizia simplesmente: “Nada... não diga nada, faça o que lhe mando...” O moço sofria, mas obedecia, porque a amava perdidamente. Um dia, chegou um navio com seus marujos e Carolina, iludida, partiu com um deles, que termina por abandoná-la “na cidade da Fortaleza”, onde ela se prostitui. Não é preciso narrar a tragédia que será o final dessa narrativa.

Não falta ao livro a nota fantástica, que surge em “O Senhor das Caças”, onde o velho caçador Gonçalo rememora seus encontros não somente com onças ferozes, mas até com o caipora.





O livro está cheio de apóstrofes, como no parágrafo final do trecho que se vai ler, e que é do conto de abertura do livro, “Os Pescadores”:

Agora cada qual tratava de seus afazeres, procurando ganhar o necessário à vida.

Entretanto, como a flor a boiar no meio das vagas, quanta poesia nas lidas, a amenizá-las, a torná-las em vez de uma pena severa, como impostas foram à humanidade, quase um entretenimento, um deleite mesmo!

Quem o duvida? ... Vós, ó filho das cidades, ó miseranda vítima do luxo e da vaidade, ó infeliz escravo de uma sociedade exigente e de uma família insensata e pródiga?...

O conto “Amor-do-Céu” já se inicia com o narrador se dirigindo a uma povoação praieira do Ceará, em termos exaltados:

Frecheiras! Como és formosa, oh singela virgem das praias do norte!

Como sorrindo despertas ao raiar d'aurora, ouvindo o melodioso gorjeio de tuas aves e o inocente murmúrio das auras palmas de teus coqueiros.

A simpatia do autor pelo povo simples, trabalhador e religioso povoa todas as narrativas desse livro, passadas ora nas praias (como “Os Pescadores” e “Amor-do-Céu”), ora no sertão (como “O Senhor das Caças” e “O Serão”).

Contando casos de amor, de lutas políticas, de assombração ou de enlevo diante da beleza da terra, são as *Cenas Populares* o marco inicial do conto no Ceará, em pleno Romantismo.

*Sânzio de Azevedo*







## CARTA DE JOSÉ DE ALENCAR

Meu prezado colega,

Recebi e cordialmente lhe agradeço os seus dois mimos literários, as CENAS e as LIRAS.

O primeiro já o devorei; e confesso-lhe que há muito tempo não leio páginas que me causassem tão íntimo prazer. Parecia-me que estava no Ceará, na formosa praia do Mucuripe, entre as palhoças de pescadores, à sombra dos cajuais, onde tantas vezes fui em ranchos de famílias e improvisadas pescarias.

Outras vezes me supunha nas Pedrinhas, quando ela era fazenda de criação, e íamos lá assistir à ferra do gado; tinha eu então uns sete anos.

Creia-me. Livro tão original ainda não se escreveu entre nós; e o Ceará deve lisonjear-se de ter quem lhe dê na literatura pátria um lugar que não têm outras províncias mais ricas e adiantadas em progresso material.

Continue pois a coligir as nossas tradições e a ilustrar o nome cearense.

Com estima e verdadeiro apreço.

De V. Sa.

Adm<sup>o</sup>. e patr<sup>o</sup>. afet<sup>o</sup>. e obr<sup>o</sup>.

*José de Alencar*

Em 31 de março de 1872.







## PREFÁCIO À 3ª EDIÇÃO

Esta obra, de que vieram a lume duas edições, a primeira em 1871 e a segunda em 1902, é talvez a menos conhecida das produções literárias de Juvenal Galeno.

Chega mesmo a não ser mencionada por certos autores na bibliografia do vate cearense, como sucede na *História Literária do Ceará*, da autoria de Mário Linhares.

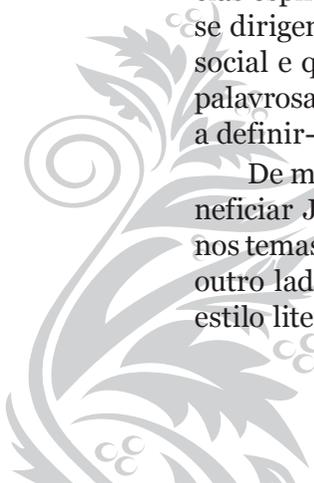
Não obstante, mereceu de José de Alencar, em carta datada de 31 de março de 1872, consagradora apreciação, em que o grande romancista declara “livro tão original ainda não se escreveu entre nós”.

*Cenas Populares* compõe-se de oito trabalhos em prosa, reveladores de um estilo que se caracteriza especialmente pela descrição de aspectos sugestivos da natureza e da cultura rurais, a qual sobreleva, assim, em interesse literário à narrativa dos episódios humanos que constituem a fabulação.

Concebida pelo autor sob a influência do romantismo, ainda imperante no Brasil na época da sua elaboração, não se poderiam deixar, evidentemente, de surpreender, nessa obra, acentos definidores dessa corrente estética.

A sua contextura poderá, assim, não satisfazer às exigências espirituais do leitor moderno, cujas perspectivas literárias se dirigem para horizontes de diversa tonalidade psicológica e social e que, formalmente, são avessas a essa prosa enfática e palavrosa, comum a ficcionistas daquele período, em que começa a definir-se a literatura nacional.

De modo que se a influência do espírito romântico veio beneficiar Juvenal Galeno porque o induziu a buscar inspiração nos temas regionais, a volver-se para as tradições populares por outro lado, ocasionou-lhe sérios danos à expansão natural do estilo literário, que poderia ser, em acordo com os assuntos da





sua predileção, espontâneo e correntio, embora não lhe devesse faltar a vivacidade, o colorido peculiar.

Dois contos, particularmente, os intitulados “Folhas Secas” e “O Senhor das Caças” bastam para evidenciar as qualidades inatas do prosador, o que seria ele capaz de realizar em ambiência artística de menos exaltação sentimental e imaginativa e, sobretudo, de menor predominância da forma patética e derramada sobre o conteúdo real da obra.

Não importa isso em afirmar que nas outras composições tudo seja alterado pelo sentimentalismo piegas e as tiradas retóricas de inevitável mau gosto.

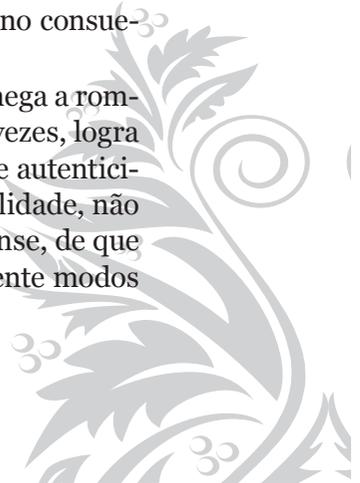
Pode sem exagero afirmar-se que, no escritor cearense, o sentido da realidade cultural e as raízes telúricas eram por demais influentes, para que as concepções do seu espírito pudessem vagar permanentemente num âmbito subjetivo, fantasioso e artificial.

Ao contrário, nenhuma das produções integrantes desta obra deixará de oferecer elementos à reconstituição do meio físico e sociocultural que ele procura descrever sem apuro de linguagem e até com alguns desacertos gramaticais, mas preocupado sempre em traduzi-lo com fidelidade e, às vezes, respeitando detalhes mínimos da sua apresentação.

Os seus personagens são, destarte, humildes praiheiros, sertanejos ou serranos, gente rústica e incontaminada pela civilização urbana, cearenses incultos que teriam existência no século passado, às proximidades da Guerra do Paraguai.

Guardam costumes arcaicos e se exteriorizam em formas culturais ordinariamente moldadas no tradicional e no consuetudinário.

Esse substrato, de acento objetivo e realístico, chega a romper as névoas do influxo romântico que busca e, às vezes, logra subvertê-lo; consegue dissipá-las, por que é signo de autenticidade cultural, revela traços da estrutura da personalidade, não só de Juvenal Galeno, mas do próprio homem cearense, de que foi ele um dos arquétipos ao lhe traduzir esteticamente modos arraigados do feitio espiritual.





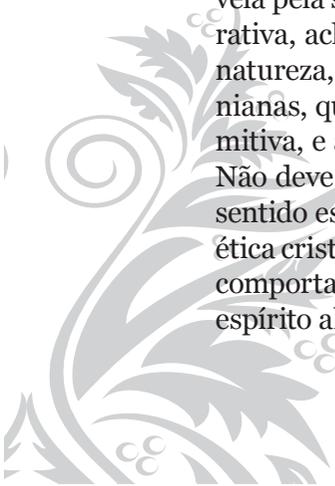
*Cenas Populares* possui significado intelectual porque, além de apontar características regionais assumidas pela escola literária a que se incorpora o bardo cearense, servirá como documentário linguístico e folclórico de importância para estudos sistemáticos desta subárea cultural.

De passagem, assinalamos as numerosas expressões do léxico praieiro e sertanejo que, aliás, o escritor não raro define em glossário final, as interessantes fórmulas de tratamento e saudação, surgidas no colóquio campesino, bem assim, a narração de lendas e superstições circulantes nos meios populares como a da solha, as referentes ao caipora, à mãe-d'água, as assombrações marítimas e outras.

Do maior interesse cultural são as descrições da vida social e familiar do jangadeiro, da rendeira, do vaqueiro, do agricultor, que ele cuidadosamente efetua, denotando amplo e fiel conhecimento do ambiente rústico, do meio e do homem que participava da sociedade *folk* na segunda metade do século passado.

Mas, não encerraremos sem breve referência ao conteúdo ideológico propriamente dito, ou seja às manifestações espirituais que presidem à cosmovisão do autor, devendo marcá-la significativamente; ideias e sentimentos esses, que buscaremos surpreender não apenas ao examinar a linguagem do escritor, quando se expressa diretamente, mas também através da maneira como falam e atuam os seus personagens, em situações características desta obra literária.

Em “Os Pescadores”, que poderia ser considerada uma novela pela sua extensão e o processo com que se desenvolve a narrativa, acha-se claramente exposto um sentimento panteísta da natureza, a par daquele ingênuo bucolismo, de origens rousseauianas, que pregava o retorno à vida rústica, à simplicidade primitiva, e atribuía à civilização a fonte de todos os males sociais. Não deve escapar, ainda, à observação crítica a presença de um sentido espiritualista nessa obra, em que os princípios morais, a ética cristã, em alguns passos expressivos delineiam os rumos do comportamento humano e até em face do amor, se vislumbra o espírito alçar-se sobre as injunções da existência material.





É o que podemos concluir à leitura dessa impressionante composição — “Noite de Núpcias” — que não deixa de evocar, emocionalmente, passagens semelhantes da novelística universal.

O idealismo romântico, surgido na atmosfera espiritual da Alemanha, pelos fins do século XVIII, e difundido na França e em outros países europeus nas primeiras décadas do século XIX, ainda assinala a nossa literatura em anos posteriores.

Da mesma época em que apareceu *Cenas Populares* são *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, *Inocência*, de Taunay, certas produções de Alencar e outros, típicas da orientação romântica nos domínios da ficção nacional.

Já alguém observou com agudeza que o dom do realismo e da objetividade jamais foi privilégio de determinada escola, havendo clássicos e até românticos que o possuíram e dele fizeram uso eficazmente em suas criações artísticas.

O que salva intrinsecamente a obra de Juvenal Galeno é sem dúvida, o aproveitamento desse dom, que lhe seria conatural e espelha — como já se insinuou — tendências psicológicas, resultantes da ação de ásperas contingências ambientais no curso histórico, sobre os próprios filhos da região.

Em síntese, há verdade e, portanto, vida, inspiradora de Arte, tanto nas descrições que o autor sucessivamente vai compondo, ao visualizar trechos da natureza e do folclore regionais, como em notas assinalantes de conduta dos personagens, cujos sentimentos e atitudes, incompreendidos pelo habitante da cidade, lhe parecem às vezes falsos, quando transpostos ao plano literário.

*Cenas Populares* vai em boa hora reeditado, porque, além de outras qualidades com expressão artística, poderá trazer às novas gerações o conhecimento de valores espirituais dificilmente encontráveis na literatura contemporânea.

Florival Seraine  
Fortaleza, junho de 1969





## OS PESCADORES







## I

Caía a madrugada.

Dormido o primeiro sono, o sono profundo e reparador de quem palmeou légua e sofreu os calores ardentes do sol impiedoso do norte, viera-me a sonolência matutina, esse meio dormir povoado de sonhos encantadores, que abandona-se com saudade ao romper d'alva.

A família despertara na choça, e como costuma o povo, rezava cantando o Ofício de Nossa Senhora:

“Agora, lábios meus,  
Dizei e anunciai  
Os grandes louvores  
Da Virgem Mãe de Deus.

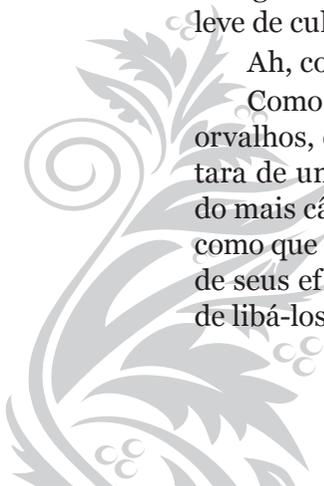
Sede em meu favor,  
Virgem soberana,  
Livrai-me do inimigo  
Com vosso valor”.

E eu sonhava: que lindo sonho!

Terno, vago, melodioso o som do bendito divino ecoava-me n'alma: o céu iluminara-se... abrira-se... eu via o bom Deus, os santos e os anjinhos, todos mui contentes, a sorrir-me, a chamar-me, descantando estrofes repassadas de unção e coadas na felicidade pura, extrema, celestial... E largando sem pena este vale de lágrimas, eu subia as escadas diamantinas do céu... ia voando leve de culpas, sutil... vaporoso... em pleno contentamento.

Ah, como era suave aquele sonho!

Como a flor que n'aurora desabrocha, que sacia a sede de orvalhos, de luz, de ar, e de vida, minh'alma como que despertara de um longo letargo, e recebia em seu seio as emanções do mais cândido afeto; como que tinha ânsia fervente de amor; como que queria mergulhar-se nesse delicioso oásis, saturar-se de seus eflúvios, absorvê-los por todos os poros, não satisfeita de libá-los na taça d'ouro que se lhe chegava aos lábios.





E é assim!

O abrasado peregrino dos areais desertos, se encontra o ar-roio de seus anelos, no delírio da sede, não contenta-se muitas vezes em tocá-lo com os lábios gretados pela febre, não; mergulha-se nele, quer esgotá-lo, sem atentar à sua abundância.

Do mesmo modo o descrente... o desgraçado... aquele que passa no vaivém do mundo sem uma ilusão, uma esperança, um consolo, isolado, indiferente a tudo como a lapa das serranias! Se um dia acorda desse marasmo horrível... que sede, que desespero, que ânsia de fé e de amor!

Quando despertei continuava a família a entoar pausadamente o Ofício da Virgem:

“Estrela da manhã,  
Deus vos salve, cheia  
De graça divina,  
Formosa e louçã.

Ouvi, Mãe de Deus,  
Minha oração,  
Toquem em vosso peito  
Os clamores meus.”

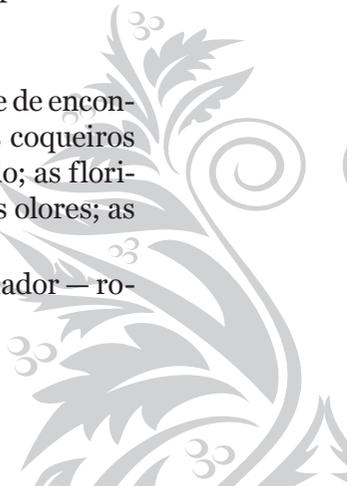
Deixando minha rede, aproximei-me de uma fresta, e vi todos ajoelhados ante o pequeno Registro, pendurado à forquilha da cabana, enfeitado de raminhos verdes, e alumiado por dois pavios preparados na cera amarela da jandaíra.

André tirava a reza, e sua mulher e filhos o acompanhavam entoando as coplas do inspirado hino.

Que espetáculo sublime e grandioso!

Lá fora, o mar, agitado e gemebundo, a quebrar-se de encontro às rochas; o vento a soluçar entre as palmas dos coqueiros e da casinha; os passarinhos a despertarem cantando; as florinhas a menearem sorrindo e a desprenderem os seus olores; as gaivotas e os grauçás a correrem brincando n'areia.

Aqui, a família, — o homem, a imagem de seu Criador — rogando a intercessão da Virgem:





“Pois sois esperança  
Dos pobres errantes,  
E seguro porto  
Aos navegantes’

e rendendo graças ao seu bondoso Pai:

“Glória seja ao Padre,  
Ao Filho e Amor também,  
Que é um só Deus,  
E pessoas três,  
Agora e sempre  
E sem fim. Amém.

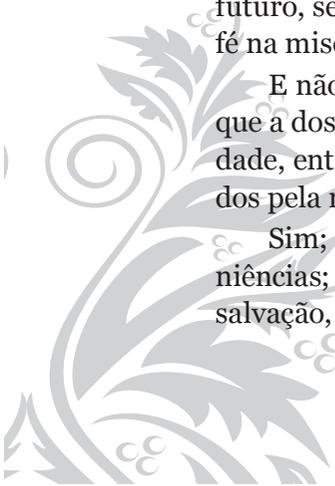
E por toda a parte, o mar, o vento, o passarinho, o homem... cada qual na sua linguagem, a pronunciarem os cantos da manhã, seus hinos fervorosos ao Senhor dos céus e da terra.

Como tocou-me a singeleza deste quadro, como embeveceu-me a mente!

E que simplicidade no altar da pobre família! Um Registro, dois pavios acesos, alguns ramos... e nada mais! Quanto fervor, porém, em seus acentos; quanta devoção em sua alma; e quanta sinceridade em seus dizeres! Que lhe importava que o mar bramisse ameaçador, que o vento uivasse desenfreado, que a tempestade estalasse irada, ameaçando rasgar aquela fraca casinha de varas e palhas, esmigalhar no rochedo a jangada, o frágil batel do pão quotidiano? Que lhe importava o perigo, o futuro, se esperava na intercessão da Mãe Santíssima, se tinha fé na misericórdia de Deus?!

E não era, pois, a sua oração mais agradável ao Eterno, do que a dos grandes templos, balbuciada entre as pompas da vaidade, entre os fulgores do luxo, muitas vezes por lábios crestados pela mentira?

Sim; que aquela prece era a do coração, e não a das conveniências; era a voz sacrossanta da fé, e a fé, segundo Jesus, é a salvação, a chave da suprema ventura.





## II

Amanhecera. Finda a reza, André e sua mulher abençoaram os filhos, e todos beijaram devotamente o santo Registro.

Joana desarmou logo o tosco altar, botando os seus acessórios na pequena mala de cedro, onde guardava o que de melhor possuía a família, isto é, a saia preta e o lençol branco de babados de cassa com que ela se confessava, ouvia missa nas desobrigas e visitava as comadres; a calça e o chapéu do marido, com que ele se casara — seu uniforme também de missa, confissão e festas — que sem dúvida passaria ao filho mais velho: o bentinho que lhe dera o virtuoso missionário que por ali passara há muitos anos; duas medidas de santos, uma do Senhor S. Francisco do Canindé e outra de Nossa Senhora das Candeias; uma oração da peste; um ramo bento para queimar nas horas da trovoada; uma tesourinha; dois rolinhos de retalhos; e outras preciosidades.

Depois, juntou a lenha, soprou, e feito o fogo, botou neste a panela cheia d'água, que adoçara com pedacinhos de rapadura. E dentro de pouco tempo fumegava nas tigelas o saboroso café, nos alegrando a todos, principalmente a meninada que o esperava impaciente.

André, quando findou-se a reza, dirigira-se à porta e pondo as mãos nos portais, com os braços abertos, fitara o mar, para ver como ia o tempo, e depois a praia. Isto feito, sentou-se sobre os calcanhares, riscando com o dedo a areia, e esperando conversa.

E ao mesmo tempo, eu examinava com atenção a casinha, admirando sua simplicidade, e filosofando sobre o viver de seus donos.

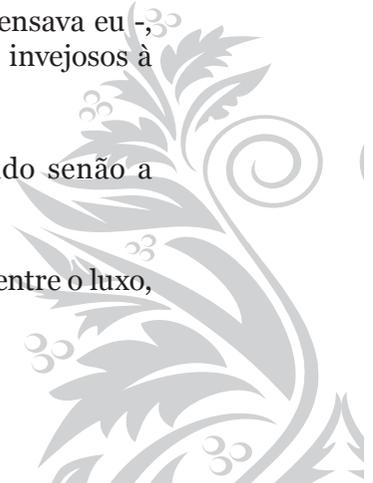
Como era singela a pequenina! Entretanto - pensava eu -, talvez satisfeitos, André e Joana, não a comparem invejosos à grande casa do rico.

E tem razão...

Qual o alvo de todos os desejos neste mundo senão a felicidade?

E onde moras tu, ó filha de meu Deus?

Será nos palácios, no meio da abundância, por entre o luxo, à mesa dos banquetes, e no salão dos bailes?





Quê? E a ambição, essa febre intensa que corrói as entranhas do rico ou poderoso senhor, essa medida que não se enche, essa sede que não se sacia? E o pânico que lhe rouba o sono, que lhe banha o corpo em gélidos suores, que torna ásperos como as rochas os seus colchões de seda, que fá-lo escutar nos menores rumores os passos do ladrão, do assassino? E o fastio que o definha, que o mata à fome, no meio dos mais finos manjares? E a desconfiança, que muitas vezes transforma o seu mais dedicado fâmulo, o mais fiel amigo, em astucioso zangão? E essa amarga persuasão de que os obséquios que recebe, as atenções que lhe prestam, são devidas ao seu ouro, à sua alta posição, e não aos seus dotes pessoais? E as modas que lhe arrancam a mulher, que tornam-na caprichosa, esquecida de seus deveres, e alucinada no turbilhão dos festins? E o filho ocioso que, trilhando a senda dos vícios, primeiramente o rouba, e depois desonra-lhe o nome? E os infortúnios comerciais, que vêm surpreendê-lo na hora do repouso? E a intriga e o tédio e o desespero?...

Quantas vezes não se confrange amargurado o coração dos poderosos, quando os lábios riem-se, no baile, para os alegres convivas! Quantas vezes, prazenteiros e festivos, nos banquetes, não recebem parabéns e brindes, quando o ciúme e os desgostos os ferem no mais íntimo d'alma?

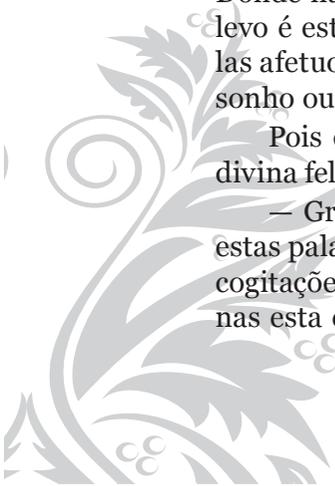
Onde, pois, encontrar-te-ei, ó divina felicidade?

Será então verdade, que tu és impossível no meio das criaturas humanas?...

Mas, que singelo quadro é este que me encanta os olhos? Donde nascem os risos que escuto com delícia? Que doce enlevo é este que assenhoreia-se de minha mente? Como aquelas afetuosas cantigas me embalam a alma? Será tudo isto um sonho ou uma realidade?

Pois quê? Habitarás acaso em tão miserável choupana, ó divina felicidade?

— Graças ao bom Deus — respondeu-me André, ouvindo estas palavras que insensivelmente eu pronunciara em minhas cogitações. — Sou pobre, muito pobre, como vê; possuo apenas esta casinha, aquela jangada e a noite e o dia; mas, estou





satisfeito, e nada mais desejo senão a saúde para continuar a trabalhar ganhando o bocado, a roupa, enfim o necessário à minha família. Que me importa a riqueza? O que é certo, senhor, é que tudo que Deus faz é bom; e por isso cada qual deve contentar-se com a sua sorte.

— Pensa bem, senhor André — lhe respondi admirado de suas judiciosas reflexões. — Feliz daquele que, isento de ambições, possui o carinhoso amor da esposa e dos filhos, e sente no corpo o vigor da saúde, e n'alma o sacrossanto fogo da fé.

E, voltando às minhas cogitações, continuei a admirar em doce enlevo aquele ninho de amor e de ventura.

Como era linda a paisagem que circundava a casinha da praia! De um lado o mar, e do outro as selvas. Ali, a vaga encafelada da tormenta ou a onda pacífica da bonança; aqui o regatinho do outeiro a serpear brandamente na relva em flor. No mar, o pescador em seu pequeno batel a descantar saudoso; nas selvas, o passarinho a gorjear canoro. Por toda a parte o sublime espetáculo da natureza.

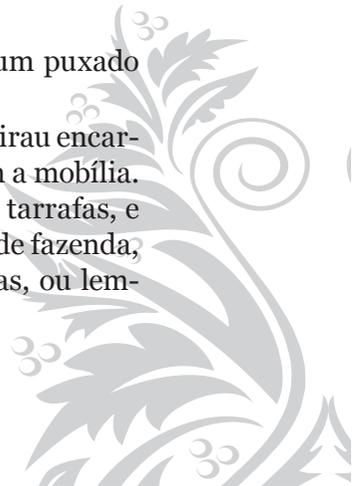
### III

E a casinha? Como era singelo o seu teto de palmas de carnaubeira!

Suas paredes eram de taipa, isto é, de troncos, varas, pedaços de atapu e ossos de peixe, tudo coberto de barro; e o ladrilho compunha-se de pequenos búzios da praia, formando as mais caprichosas flores.

Uma parede dividia-a em sala e camarinha, e um puxado servia de cozinha.

Na sala, um caritó de casca de velho tronco, um jirau encarregado das funções de mesa e um banco constituíam a mobília. Via-se mais ali a minha rede, o trem da jangada, as tarrafas, e grudados à parede quatro ou cinco rótulos de peças de fazenda, e de novelos de linha. Talvez brinquedo das crianças, ou lembranças da costureira.





E na camarinha vi a rede do casal, as tipoias dos meninos, a malinha de cedro e uma corda de roupa.

Era naquela pequena alcova que todos os dias, no fim da madrugada, a família entoava o santo bendito, que eu ouvira há pouco embevecido. Era ali também que no mais ditoso conchego, pais e filhos repousavam — André ao lado de sua querida Joana, e os filhinhos ao redor nas tipoias —, enquanto talvez o Padre Eterno os contemplava lá do céu, sorrindo-se como benigno pai...

Que tranquilo sono! Que lhes importavam os malfeitores, as feras, os perigos, se não tinham inimigos e riquezas, e se confiavam em Deus? Nem sequer pensavam na fragilidade da cabana, na fraqueza das portas de talos e de esteira! Adormeciam após uma prece, e seus sonhos eram iguais aos seus pensamentos — as impressões do trabalho e as da oração — a praia e o céu — o seu viver singelo neste mundo, e as delícias do outro...

E que encanto para André, quando acordava alta noite e via junto a si a carinhosa esposa, a mulher de seu primeiro amor, e perto os filhinhos ressonando, ou sorrindo nos inocentes sonhos, e, através das palmas do teto, as estrelas cintilando como olhos contentes a espreitá-los! E ouvia o vento gemendo nas folhagem, o mar soluçando talvez com pena do vento, e longe o grito do tetéu nos alagadiços, ou o canto das nambus marcando as horas? — "Pai do céu, como sois grande e misericordioso!" — não diria ele então no mais íntimo d'alma? E volvendo os olhos para sua Joana e mirando-a em seu sossegado sono, não diria também: "Dorme, meu bem, dorme, que muito lidaste durante o dia com estas criancinhas, e o bom Deus te livre das amarguras, e te guarde na hora do repouso!"

E Joana, se despertava ao choro do filhinho, talvez dissesse: "Não acordes teu pai, ó filhinho; que ele ontem muito trabalhou para nos dar o bocado, e precisa por isso descansar. Não chores mais, ó lindo menino, cala-te; e tu, meu velho, dorme, que és o arrimo e o amor desta família, E vós, ó Virgem Santíssima, rainha dos céus, intercedei por nós, jamais esquecendo a humilde casinha das praias."

Ah, dizia eu, quanto mistério de afeto e ternura, naquele estreito recinto, despido de todos os ornatos do luxo e comodidades da abastança!



E dirigindo-me a André, interroguei-o então sobre a construção da casa.

— De que madeira são estes caibros, meu amigo?

— Guarapé, senhor: é um pau branco, linheiro e muito bom para caibros. As varas são de ubaia; a cumeeira, de batinga; e o cipó é o chamado canga-de-boi.

— E das paredes?

— É pau-ferro... Todas estas madeiras são aqui da praia e excelente para este tanto.

— Que tempo gastou fazendo esta casinha?

— Uma semana, porque o João das Neves, meu vizinho, ajudou-me trocando alguns dias comigo, e a Joana e os meninos trabalharam de rijo!

— Como?

— Escute lá... Eu e o João cortamos e carregamos as madeiras, enficamos as forquilhas, armamos a casa, finalmente fizemos o serviço mais pesado. E Joana e os meninos enxamearam e embarream as paredes e se encarregaram deste ladrilho de búzios que vosmecê está vendo...

— E achando muito bonito com suas flores e ramagens... A senhora Joana é bem habilidosa...

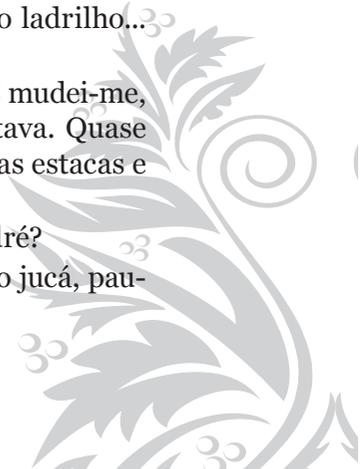
— Vosmecê está caçoando decerto... mas, o que se há de fazer? Eu bem disse a Joana que não era preciso isto; mas, teimou, dizendo-me: — “Ora, homem, deixe-me enfeitar o nosso palácio, que está ficando mais bonito do que o do rei!” — E eu pus-me a rir da graça, e ela foi fazendo o que lhe vinha à cabeça.

— E consegui, senhor André, o mais pitoresco ladrilho... Mas, onde morava vosmecê até então?

— Ali embaixo, defronte daquele pedregulho. E mudei-me, porque o lugar não era sadio e a casa já não prestava. Quase nada aproveitei dela, senhor! A palha apodrecera e as estacas e forquilhas estavam cortadas pelas areias.

— E que madeiras há nestas praias, senhor André?

— Temos além daquelas de que falei há pouco, o jucá, pau-d'óleo, maçaranduba, juá, pau-d'arco, jatobá...





— E oitica?

— Distante, que ela gosta mais do sertão do que das praias.

— E o gurari não dá boa madeira para casa?

— Qual, meu senhor! O gurari é um pau moitento, duro, espinhoso e doido; só serve para rasgar a roupa da gente. O espinho dói muito, e é venenoso. Matou o filho da Josefa Gomes, que morava na Lagoa Salgada, de um modo horrível!

— Conte-me lá como aconteceu isso...

— Pobre rapaz! — Deus lhe perdoe os pecados. — Vinha a cavalo, correndo a todo o pano, quando os espinhos do tal pau o agarraram pelos cabelos... Coitadinho... ficou pendurado e assim, no outro dia, foi encontrado morto!

Houve um momento de silêncio, e depois erguendo-se André e tomando uma tarrafa me disse:

— Com sua licença... Vou ali dar uns lanços, que preciso de saúnas para isca; hoje é dia de botar a jangada no mar... Mas, volto logo...

— Eu o acompanho para gozar um pouco do fresco da manhã...

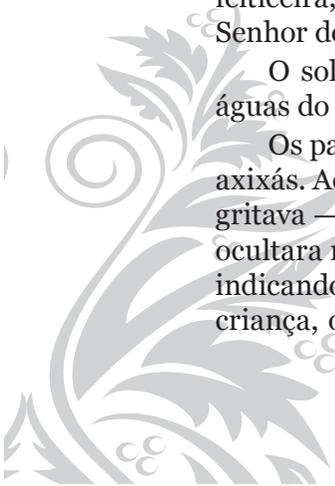
— Joana — disse ele à mulher —, arranja o almoço, que já voltamos.

#### IV

Que formoso panorama o da praia naquela hora alegre e feiticeira, em que tudo sorri entoando seus hinos ao supremo Senhor do universo!

O sol despontava entre nuvens cor-de-rosa, dourando as águas do mar.

Os passarinhos cantavam nos coqueiros, nas pitombeiras e axixás. Aqui a sura e pedrês zabelê, entre o capim dos córregos, gritava — *ô zabelê!* — perto dos seus quatro ou cinco ovos, que ocultara no folhiço seco do chão. Ali, a pequena e roxa nambu, indicando as horas com o seu canto igual ao ingênuo sorriso da criança, ora vigiava os seus dois ovos também guardados nas





folhas secas, ora encolhia-se medrosa e se escondia ou voava produzindo o rumor de uma frecha. E além, as gaiivotas corriam em bando na beira da praia, ou batiam asas de contentes surpreendendo os peixinhos nos maceiós.

A brisa balançava-se nas palmas, como a cabocla indolente.

Os botos brincando pulavam na pancada do mar.

Ao mesmo tempo os homens preparavam-se para a pesca-ria; as mulheres cuidavam do necessário à viagem; e os meninos vadiavam n'areia.

E André, sempre com os olhos fitos n'água e com o lanço ar-mado, ora acompanhando a onda que fugia, ora fugindo da que se desenrolava, de vez em quando tarrafeava, colhia as saúnas e as guardava no uru.

Meia hora depois voltamos à casinha, onde Joana já nos es-perava com o almoço, que cedo preparara, porque o marido não podia demorar-se. E, pois, sentamo-nos logo em torno do jirau que de mesa servia.

— Não repare, senhor — me disse a dona da casa, — comer de pobre...

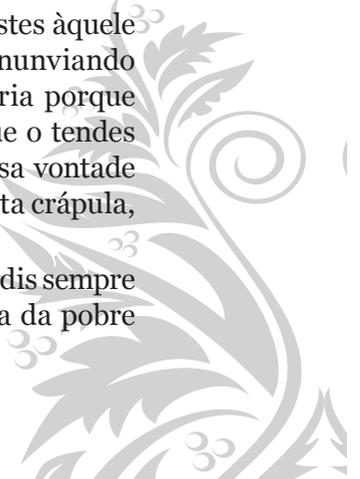
— Ora, senhora Joana, eu também sou pobre...

E pus-me a comer com o maior contentamento, notando o asseio e ordem da tosca mesa, e mais admirando aquela zelosa mãe de família.

Como é bom o comer preparado por mãos queridas; e por isso quanta disposição em todos!

Onde te escondias então, ó pálido fastio, que não te vi à mesa de André? E tu, ó carrancudo tédio? Por que não viestes àquele frugal banquete, para ostentar o vosso poder, nos anunviando o semblante e nos tornando insípida a comida? Seria porque não encontráis lugar no jirau do pobre, ao passo que o tendes franco à mesa dos ricos? Pois bem! Continuai à vossa vontade nas grandes casas, ao lado da hipocrisia, ou desenvolta crápula, que neste casinha jamais achareis guarida!

Meu Deus, se é certa a crença popular de que presidis sempre a mesa da refeição, como satisfeito não estivestes na da pobre





casinha! E como não vos sorristes à vista daquele quadro de tão eloquente simplicidade, talvez ouvindo o André dizer em seu coração: — “Como a minha Joana arranjou bem estes manjares!” — E Joana do mesmo modo: — “Como o meu André vai gostando da comida!” — E as crianças: — “Como está bom! Tomara que nos toque maior quinhão!” — E depois, ó Pai Santíssimo, como cheio de amor não os abençoastes quando, erguendo-se de mãos postas, vos agradeceram a mercê recebida!

As criancinhas, divididas em dois grupos de três cada um, comiam em dois pratos, que a louça não chegava para mais. De vez em quando, pois uma, com engraçada inocência, reclamava contra os companheiros que a iludiam, comendo ligeiros; e outra pedia pirão ou peixe, às vezes instando pelo pedacinho que mais apreciava.

— Olhe, mamãe, o João está bulindo comigo...

— Tem modo, João — ralhava a paciente mãe.

— É porque ela tirou o peixe todo...

— Papai, eu quero os olhos do peixe... Ouviu?... Lá estão eles... Eu gosto tanto...

— Aqui os tem, Mariquinhas.

— Homem, como está hoje saída a Mariquinhas! Nem tem vergonha ali do senhor.

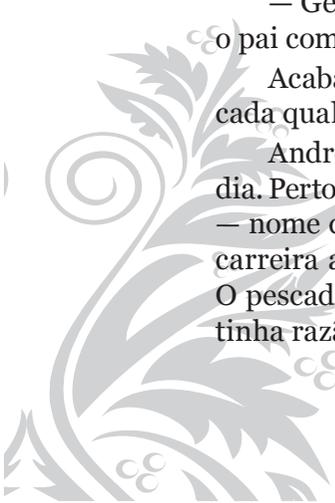
— Não há de que, senhora Joana... a Mariquinhas já parece uma moça...

— Ih! botou as mãos no rosto! — observa o Felismino.

— Gente, para que envergonhou a minha filhinha? — disse o pai com acento amoroso e brando, dirigindo-se à consorte.

Acabando o almoço, nos levantamos, rezamos o bendito, e cada qual tratou de seus afazeres.

André, como eu já disse, preparava-se para ir ao mar naquele dia. Perto, encalhada n'areia, esperava-o sua jangada — a *Ligeira* — nome que ela bem merecia, porque muitas vezes vencera na carreira a *Duvidosa*, a *Veloz*, a *S. Vicente*, e outras afamadas. O pescador amava-a quase tanto como a mulher e os filhos! E tinha razão, porque a *Ligeira*, além da casinha, era o seu único





possuído, a sua companheira nas lidas, e o meio que o bom Deus lhe dera de ganhar o bocado, e o vintém para comprar o taco de pano e para outras necessidades da família.

Então, ajudado do seu filho mais velho, que já o acompanhava ao mar, André palombou a vela, e, conduzindo de casa, colocou em seus lugares a bolina, a tapinambaba, o samburá, o remo, a bicheira, a cuia de vela, o barrilzinho d'água, e a quimanga que Joana enchera de farinha, rapadura e peixe assado.

Tudo assim disposto, empurramos sobre os roletes a jangada para o mar, no meio dos aplausos das crianças; e pouco depois a *Ligeira* sulcava garbosa as ondas, com a vela enfunada por vento de feição; e ouviu-se na praia, como expressão da mais afetuosa saudade, esta cantiga que André cantava:

“Ai amor, por ti eu parto,  
Por ti, amor, voltarei...  
Quanto amor levo p'r'os mares,  
Nas praias quanto deixei!”

E Joana, sentada perto da porta a remendar a roupa do marido e dos filhinhos, corou e sorriu-se, ouvindo a amorosa cantiga.

## V

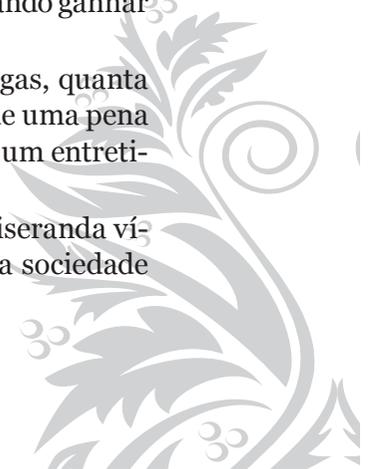
Mudara-se o quadro da praia.

O trabalho sucedera ao repouso; o rumor ao silêncio; o movimento à quietação.

Agora cada qual tratava de seus afazeres, procurando ganhar o necessário à vida.

Entretanto, como a flor a boiar no meio das vagas, quanta poesia nas lidas, a amenizá-las, a torná-las em vez de uma pena severa, como impostas foram à humanidade, quase um entretenimento, um deleite mesmo!

Quem o duvida?... Vós, ó filho das cidades, ó miseranda vítima do luxo e da vaidade, ó infeliz escravo de uma sociedade exigente e de uma família insensata e pródiga?...





Tendes razão, porque o trabalho é sempre penoso, sempre um suplício na escravidão e a vossa vida é a escravidão sem tréguas!

Sim! E por isso, quantas vezes, apesar de enfermo, não trabalhais sem descanso, porque precisais do ouro para manter-vos nessa posição em que vos colocou o mau fado, e para satisfazer a vaidade e os caprichos da família?...

Oh, e que martírio cruel!

Em vez de uma companheira terna e amante, e de filhos carinhosos, que o auxiliem nas lidas, que o tornem objeto de constantes mimos e desvelos — essa mulher louca e pródiga, que traja sedas, que dança nos bailes, que dá jantares, e que desperdiçando o fruto de longas fadigas, incessante e impiedosamente lhe brada aos ouvidos: “Trabalha, trabalha, escravo, para que eu continue a figurar nos salões e não me envergonhe no meio de minhas amigas!” — E essas moças que, seguindo os exemplos maternos, lhe dizem: “Trabalha, escravo, para que tuas filhas se enfeitem e mais facilmente possam conquistar um noivo!” — E esses rapazes ociosos, que bebem, fumam e jogam, e que sem cessar também impiedosamente bradam: “Trabalha, escravo, para que teus filhos curse as aulas superiores com a decência precisa!...

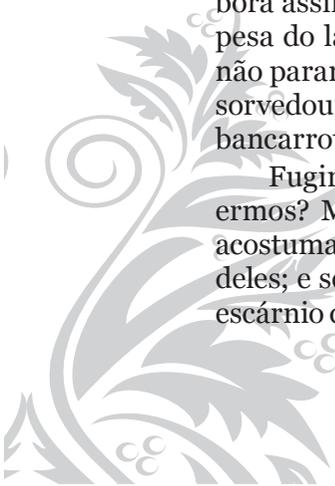
E não se transformam assim, aqueles que deveram ser queridos e amá-lo ternamente, em desumanos algozes, que o torturam, que o esmagam sob o peso de seus desmandos?

E não se torna, pois, excessivo e aflitivo o trabalho que lhe impõem esses algozes e as malditas conveniências sociais?

E o que fazer?

Sentar-se no meio das lidas para que o corpo descanse, embora assim se amesquinhe o seu salário? Mas, como? Se a despesa do lar não descansa; se a indústria, as artes e civilização não param, criando novos artefatos, novas necessidades, novos sorvedouros para o seu suor; e se os credores o ameaçam com a bancarrota, a penhora, e a pecha de caloteiro?

Fugir dessa sociedade que o escraviza e procurar a paz dos ermos? Mas, como? Se a família não quer acompanhá-lo; se acostumada aos gozos que ele intenta evitar, não pode prescindir deles; e se também lhe falta a coragem precisa para suportar o escárnio que semelhante procedimento despertaria sem dúvida?





Separar-se dessa família opressiva e cruel? E que remorsos quando encontrasse nos prostíbulos a esposa e as filhas, por ele abandonadas sem os meios de manterem-se honestamente? E lhe consentiria tal infâmia esses sentimentos nobres que o dominam, que o algemam ao cumprimento de seus deveres?

Dominar então a família em seus ímpetos de prodigalidade; e fazê-la volver à posição compatível com os seus recursos? Mas, não seria isso uma luta de todas as horas, de todos os instantes — luta amargurada e esmagadora, cujas consequências em vez de benéficas seriam fatais? E demais, teria ele coragem, possuiria acaso a força necessária a semelhante luta?

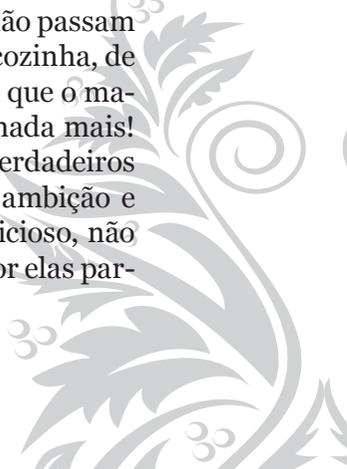
E o que fazer, pois, se não suportar resignado o peso dos grilhões de tão bárbaro cativo? Trabalhar, exaurir o seu alento, derramar a última gota de suor, até o cimo do calvário, e lá, nos umbrais da eternidade, deixar a sua pesada cruz para sempre?!

E nem sequer uma compensação, um consolo! Nem ao menos a íntima convivência com a esposa, e o carinho constante das filhas; porque elas pertencem mais às festas, às modas, às etiquetas da sociedade, do que ao mísero escravo de seus caprichos e desperdícios!

Oh, e não é assim penoso o trabalho? E não é tal vida um suplício infernal?

Sim! E por isso tendes razão, ó desgraçado, para duvidar da suavidade e muito mais do deleite das lidas entre os filhos humildes dos arraiais marítimos.

É que, no meio de tamanhas amarguras, ignorais que ali o trabalho é livre como as auras do oceano, e limitadíssimo como as necessidades da pobre gente — necessidades que não passam de um pedaço de peixe que a mãe de família mesmo cozinha, de dois vestidos que ela mesmo cose, da pequena choça que o marido levanta facilmente em poucos dias e de quase nada mais! E que é doce e suave, porque a pesca e a caça são verdadeiros passatempos, e porque não o envenena a inveja, a ambição e todas essas outras paixões ruins da multidão. É delicioso, não só porque é consagrado às pessoas queridas, como por elas partilhado gostosamente.





Mas, aonde me levaste, ó peregrina imaginação, companheira gentil de minhas noites? Que te importa a dor que se oculta nos sorrisos da cidade, como a víbora entre as flores? Mais não fujas! e vem agora comigo, ó minha borboleta, contemplar nestas areias o quadro das lidas populares e inebriar-te naquela singeleza tão poética do homem da natureza, do esquecido pescador destas ermas praias.

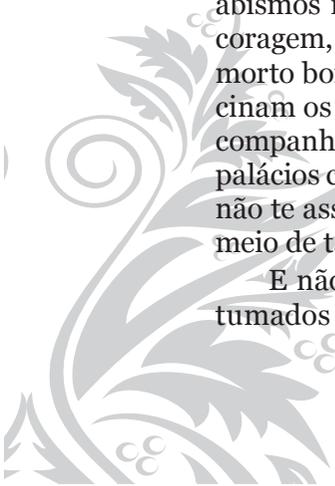
## VI

Nas casinhas, as mulheres sentadas à costura, ou batendo os bilros na almofada, cantavam os benditos de sua devoção ou os improvisos felizes da musa do povo, ora volvendo os olhos para o mar, cujas ondas se desenrolavam até quase o alpendre e ora para os morros onde brincavam seus filhos. E perto os velhos e enfermos escutavam-nas enlevados, recordando-se aqueles com saudade dos tempos idos, e estes embalando-se na esperança de em breve recuperarem as forças para volver à pesca.

E entretanto aquelas sossegadas mulheres tinham marido e filhos no dorso das ondas, entre mar e céu, cercados de imensos perigos!

Oh! tu que assim cantas, pois não sabes que o teu esposo e teu filhinho partiram para o mar, e nesta hora, naquela frágil jangadinha, naqueles seis paus mal seguros, lutam com a fúria das tormentas? Quem sabe se uma rajada de vento não rasgou agora a vela, não sacudiu teu filho n'água, naquela água sem fim, em cujos vagalhões a morte dança fatal? Se uma fera daqueles abismos não devorou o teu esposo, quando este, com a maior coragem, abandonou o barco e foi nadando segurar o peixe que morto boiava a algumas braças? Se uma dessas visões que alucinam os pescadores nos ermos do oceano não te enlouquece o companheiro querido? Se a mãe-d'água não o arrebatou para os palácios cristalinos que possui no fundo dos mares? Pois quê? E não te assustas, não tremes receosa enquanto permanecem no meio de tamanhos perigos os objetos de seu afeto?

E não estamos todos nós — me respondes talvez — acostumados aos perigos? E no meio deles não nos guarda o bom





Deus? E haverá canto na terra onde a criatura se esconda dos males que lhe são destinados? E tudo que nos acontece não é ordenado pelo Pai do céu, e para nosso bem? E demais, não temos junto do supremo Juiz uma advogada poderosa na Virgem Santíssima?

Tens razão, sossegada mulher. Feliz do que tem fé na misericórdia divina, porque será tranquilo no meio das procelas. Feliz do que em Deus crê, porque será por Ele guardado e amado.

E interrompendo suas cantigas, de vez em quando as mães admoestavam brandamente os filhos que fora brincavam:

— Meninos, saiam do sol, meninos!

— Gentes, pois não levaram também a Raimundinha para os morros?

— Ó, Manoel!

— O que é, mamãe?...

— Menino, bota a Raimundinha para dentro, que ela não anda boa...

— Aqui está ela, mamãe...

— Eu quero ir... eu quero vadiar lá fora com os outros...

— Não chore, filhinha, que seus olhinhos doem... Quando você ficar boa irá vadiar lá fora... Olhe! assim você não fica boa tão cedo!

E para acomodar a Raimundinha vem o Manoel brincar com ela dentro de casa, o que logo começa armando a casinha com espinhas de peixe e fazendo curraizinhos de gravetos — à imitação daquele que o pai fizera na enseada para a pescaria e prendendo neles dois graças que trouxera...

— Gentes, que fim levou o Bastião?

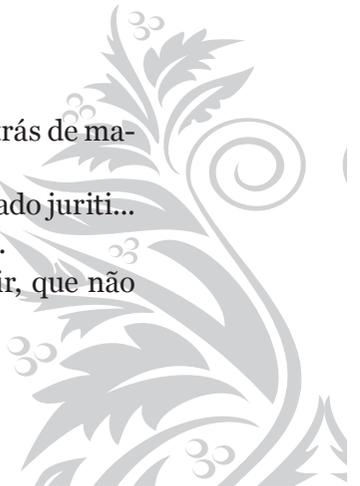
— Pois não foi pra lenha, mamãe?

— Há que tempo! Essas horas anda pelo matos atrás de mapirungas e de ninhos de nambus...

— Ele disse que ia ver se as arapucas tinham pegado juriti...

— Mamãe, veja, a Raimundinha pegou no sono...

— Coitadinha da minha filha... Deixa ela dormir, que não anda boa desde ontem.





Chega o Sebastião com o feixe de lenha, e duas juritis que apanhara nas arapucas.

— Ai! — exclama o Manoel — pegou duas... deixa eu ver, Bastião...

— Que demora... Há que tempo tu saíste, Bastião?!

— E a mamãe não disse que eu passasse em casa da tia Rosa?...

— E como vai ela, menino?...

— Ela mandou dizer que ontem, depois que a mamãe saiu, apareceu-lhe a dor no ouvido e nas fontes; mas, ela amarrou na cabeça uma medida de Nossa Senhora dos Remédios e amanheceu hoje muito aliviada, Deus louvado...

— Coitada da comadre Rosa; Deus a amezinhe...

— Bota sentido à casa, Bastião, que eu vou enxaguar aquela roupinha que está no quarador...

E pondo um pano na cabeça sai a mãe de família para o riacho, passando por entre diversas crianças, que brincando cuidavam assim também de seus afazeres.

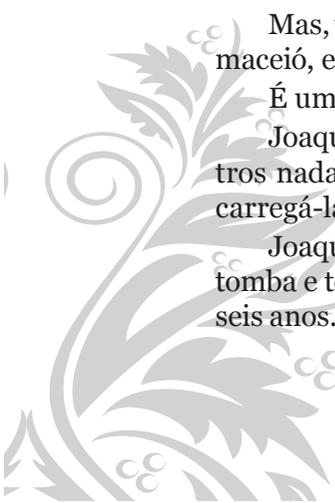
Como? — me perguntarão talvez — Pois o brinquedo é um trabalho? — É sim, para as crianças... Pois não é necessário que o menino corra e pule para desenvolver os seus membros, para dar forças aos músculos, para crescer alentado e ágil? Não trabalha o pai para com o alimento alcançar esse fim? E, pois, não trabalha também o filho, auxiliando-o no alcance do mesmo fim? E que trabalho insano e mortificante, quando o jovem operário luta com um defeito de organização, ou com o entorpecimento, ou outra enfermidade!

Mas, tal não acontece a nenhum dos que agora neste pequeno maceió, exercitam-se na vida de jangadeiro e na arte de nadar.

É um grupo de seis.

Joaquim e Marcos botam sua jangadinhas n'água e os outros nadam brincando, tendo enterradas as camisas para não carregá-las o vento.

Joaquim é gordo, tem olhos negros, a pele morena cor de pitomba e tostada pelo sol, e não pode contar mais do que cinco a seis anos. Marcos é mais delgado e esperto ou, como dizem seus





pais, é sequinho e vivo. E as jangadinhas são de palmo, feitas de pedacinhos de piúba, e suas velas de retalhos de pano que a irmãzinha cosera depois de receber a zabelê ou o periquito que eles lhe deram em paga.

Ao impulso da brisa, as jangadinhas saem; atravessam o maceió e vão encalhar na margem oposta.

— Olha, a minha jangadinha como vai bonita!

— Mas, não é tão boa de vela como a *Faceira*...

— Pois, sim... vamos botá-las ao mesmo tempo para ver qual é a que vence a outra...

— Pois vamos...

— *Faceira!*... mais depressa... não deixa a *Duvidosa* passar...

— Que é isso, *Duvidosa*, queres virar? Meninos, não bulam n'água...

— Ganhei... ganhei! A *Faceira* passou...

— É porque aqueles meninos buliram n'água...

— Olha, um corozinho que eu peguei!

— Onde estava, Marcolino?

— Ali, naquele poço se aqueitando ao sol...

E assim conversando os outros jogam cangapé, nadam e banham-se — todos risonhos e ditosos como os brinquedos da infância.

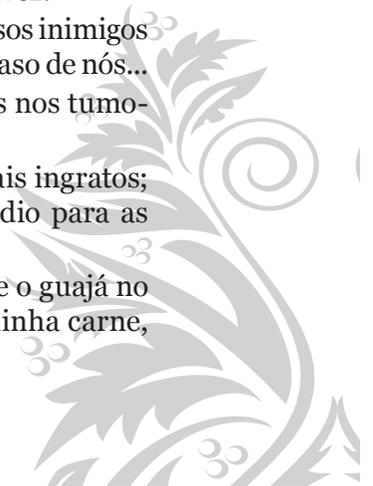
Não longe, os pescadores que não tinham seguido para o mar, concertavam as jangadas, torciam as linhas ao longo da praia, reparando às vezes nos peixes que perto se aglomeravam à tona d'água, e indiferentes aos humildes grauçás que por entre eles passavam, do buraquinho para a praia, dizendo, talvez:

— Podemos passear livremente agora, que os nossos inimigos lá brincam nos maceiós, e os pescadores não fazem caso de nós...

— Como? Pois não lhes servimos de resolventes nos tumores, e não lhes ajudamos a limpar a praia?

— Conosco — acrescentam as moscas — são mais ingratos; insultam-nos e entretanto dizem que somos remédio para as doenças de olhos e das...

— Pois não me acontece o mesmo — interrompe o guajá no colo de uma onda; — comem e muito apreciam a minha carne,





e guardam o meu casco para curar o fluxo de suas mulheres...

— Também me procuram para comer — acrescenta de lado o panan —, e com os meus grandes beijos extinguem os formigueiros...

— O que é certo — concluem os grauçás — é que não há nada neste mundo que não tenha um préstimo!

E os pobres grauçás disseram uma verdade.

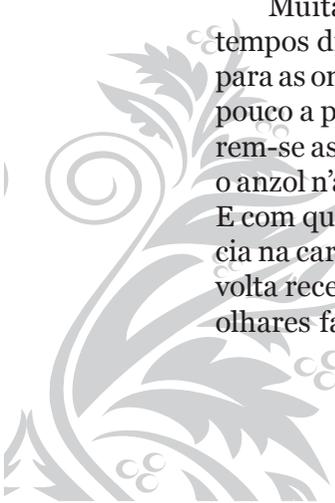
## VII

À porta de uma casinha descansava Luiz, o pescador mais velho daquelas praias.

Era ali que ele passava seus dias, a contemplar os mares — onde já não passeava por causa da velhice e doenças; e observando ao mesmo tempo com olhos de mestre a marcha e governo das jangadas, a mudança do tempo e os cardumes de peixe.

Interessante Luiz! E com que saudades não fitava aquelas vagas, de cujo seio se alimentara, em cujo colo passara a mor parte de sua vida — onde se embalara em tantas noites veladas, tantos perigos vencera e tanto mistérios surpreendera à luz das estrelas! E com que inveja não via partirem de manhã os jovens pescadores, em suas bem aparelhadas jangadas, cantando alegres como outrora ele cantava e voltarem à tarde ou no outro dia, com o samburá cheio, a relatar os casos da viagem como ele outrora os relatava!

Muitas vezes, como por encanto se transportava a esses tempos ditosos, e então... com que prazer empurrava a jangada para as ondas; salvava-a da ressaca; bolinava de mar adentro; via pouco a pouco fugirem as casinhas, desaparecer a terra, nivelarem-se as montanhas; deixava descer ao fundo o tauaçu; botava o anzol n'água, e puxando-o incessantemente enchia o samburá! E com que prazer também desafiava os companheiros e os vencia na carreira com o seu veleiro paquete! E com que orgulho na volta recebia os louvores dos velhos, os parabéns dos moços, os olhares fagueiros das mulheres e os afagos dos meninos! Mas,





tudo era sonho — era um devaneio de sua imaginação, que cessava logo para dar lugar às tristezas da realidade.

Uma consolação, porém, lhe restava. Era que os jovens pescadores sempre o ouviam, sempre tomavam seus conselhos nos lances mais difíceis. E quem poderia guiá-los melhor do que ele, que conhecia, como as palmas de suas mãos, todos os bancos, arrecifes e voltas da costa; que sabia de cor e salteado os costumes dos peixes, o melhor modo de aguentar a jangada, de pescar a cavala, a sioba e o pargo, e de evitar os tubarões e baleias; e que, numa palavra, familiarizara-se tanto com as vagas como com aquela casinha, que ele fizera quando rapaz e em que morava na velhice?

Então, se o consultavam, ele dizia ufano e prazenteiro:

— Vocês não sabem nada, ó rapazes; não conhecem ainda as cousas do mar. Pois foi ali que se embranqueceram estes cabelos, e gastou-se a luz destes olhos... Hoje, sim, é que já não sirvo nem para calço de remo...

E depois como mestre, como a experiência em pessoa, desfazia os obstáculos, indicando meios que levassem ao fim desejado.

Sentei-me junto de Luís e puxei conversa.

— Já não pode com as fadigas da pesca, meu velho, e por isso descansa?

— É verdade, senhor, aos moços cabe agora trabalhar e sustentar-me... A mim, restam-me apenas... saudades quando os vejo partir para essas lidas tão queridas, e a consolação de conversar deste batente com o mar, com aquele amigo velho, até a hora da grande viagem, que não há de tardar.

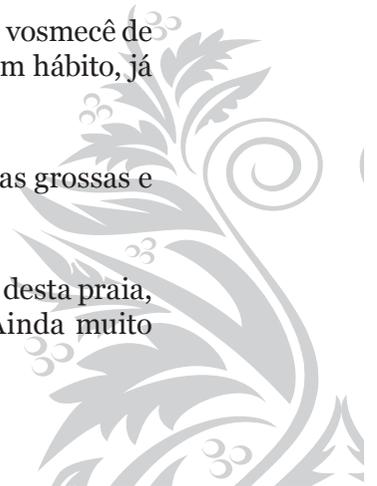
— E com que pena, senhor Luiz, não separou-se vosmecê de seu velho amigo e daquela lida, que, tornando-se um hábito, já constituía a sua felicidade?...

— Oh! não pode imaginar... só Deus...

E a comoção embargou-lhe a voz, enquanto duas grossas e pesadas lágrimas lhe desciam pelas rugas do rosto.

Mais tarde contou-me o seguinte:

— Meu pai, Deus o tenha no céu, era jangadeiro desta praia, e aqui mesmo nasceu e deu a alma ao Criador. Ainda muito





menino me acostumou ele à vida do mar... Apenas com doze anos de idade já o acompanhava, porque ninguém mais feliz do que eu para segurar a linha do anzol... Não duvide, senhor! Parece busão... mas, há pessoas tão felizes que, basta segurar na linha para que o peixe venha sem demora ao anzol; e entretanto outras... nada ou pouco fazem!

Fui-me acostumando desde então ao balanço das ondas, aprendendo a ciência da mareagem e benquerendo a vida de pescador; e tão depressa me acostumei, que meu padrinho querendo mandar ensinar-me a ler no povoado, não conseguiu arredar-me do objeto de meus amores — o mar.

Quando ajustei dezessete anos, meu pai chamou-me e disse-me — o mesmo que há dois anos repeti ao meu filho Pedro: “Luiz, estou velho e quebrantado; e por isso preciso de quem faça minhas vezes no trabalho. Toma conta da jangada; é tua; e encarrega-te do sustento da família, que eu já não sirvo senão para rezar! E dia e noite rezarei, meu filho, rogando a Nossa Senhora que te proteja sempre’.

Fiquei alvoroçado, senhor, como se me tivesse caído maná do céu! — "Meu pai — lhe respondi — descanse que, ajudado por Deus, suprirei a casa de um tudo!" — E corri para a praia, onde a jangada estava encahada, e, com um contentamento que não sei contar, olhei-a, examinei-a, abracei-a mesmo; e tratei logo de limpá-la, concertá-la e aprontá-la...

Era a primeira cousa que eu possuía.... Minha... minha aquela jangada? Como era doce dizer isto! Olhei para as outras e não vi nenhuma mais bonita e nem melhor... E então, para me convencer mais de que ela pertencia-me, mudei-lhe o nome de *Veleira* pelo de *Faceira*, e no entusiasmo de criança falei-lhe assim: "Olha, *Faceira*, já és minha; não sabes? Amanhã iremos ao mar, no fundo de trinta e seis... Voltarás carregada de pargos, garoupas e serigados... E, moços e velhos, todos na praia, dirão: "Olhem lá a *Faceira* e o seu novo mestre e dono!" — E eu te zelarei com todo o carinho, porque és a minha companheira dos mares, o meu afeto e esperança!



O resto do dia passei a concertar a vela, a reformar a tapinambaba, a endireitar tudo; satisfeito como o mais ditoso do mundo.

E na manhã seguinte eu empurrava a *Faceira* para as ondas, contente e orgulhoso, olhando os camaradas por cima dos ombros, pelo que ficaram rindo a dizer: "Vejam o Luiz, nem cabe em si de contente! Deus o conserve, e lhe dê sempre ânimo para sustentar a família." — E eu comigo mesmo ia dizendo: "Estão decerto admirados, porque nunca viram bolinar melhor, e aguentar a jangada com tanto saber..."

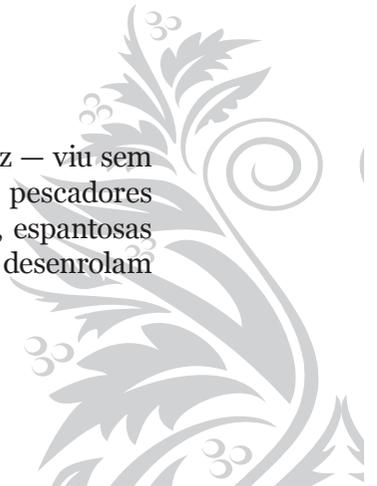
Desde então, senhor, entreguei-me à vida de pescador, como mestre jangadeiro, e Deus louvado, com uma felicidade que a todos encantava! Eu mesmo tinha jeito para aquilo... uma vocação tão decidida, um gosto que... dois iguais não havia nesta praia...

— E por isso inveja agora, os que partem para o mar, sentindo não poder acompanhá-los?

— Não é só isto... Todas as manhãs — é devoção que não posso largar — sento-me aqui para ver a saída e manobra dos pescadores. E então, se o rapaz é bom, se sabe tomar um bordo, salvar a jangada de uma onda que ameaça tragá-la, aguentá-la bem quando o vento sopra rijo e ela está vira-não-vira, eu levanto-me como se não tivesse dores e de cá dou vivas de entusiasmo! Mas, se o rapaz é ruim, eu sinto mais raiva do que se me houvesse magoado estes pés inchados! E há ocasiões, senhor, em que desejo lançar-me às ondas, nadar até a jangada, empurrar para fora o desazado e tomar-lhe o governo! Não está em mim conservar-me calmo à vista destas cousas, não... é gênio, é uma propensão que não posso vencer...

## VIII

— Nessa longa vida dos mares — disse eu a Luiz — viu sem dúvida muitas vezes cousas extraordinárias?... Os pescadores contam que durante a noite, nos ermos do oceano, espantosas visões surgem das águas e cenas surpreendentes se desenrolam a seus olhos.





— Sim, senhor, e eu acredito. Não que visse cousa de maior importância... mas, como não acreditar em homens sérios que não sabem mentir? E demais, é preciso dom para ver certas visagens... e nem todos o possuem.

— E o que viu de mais assombroso, senhor Luiz?

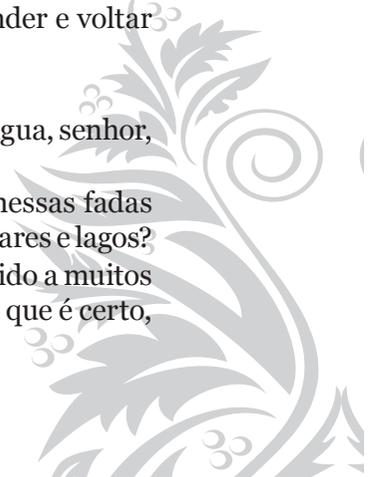
— Em muitas noites, senhor, eu ouvia toques de caixas e cornetas, e músicas deliciosas como as das festas da cidade. Via tochas acesas no meio das águas como fogueira no campo. Porém, o que me admirou foi o seguinte: — uma madrugada, tendo enchido o samburá da *Faceira*, suspendi o tauaçu, botei-o nos esportes e fiz-me à vela para as praias. A lua quase a pôr-se mal clareava, mas a estrela d'alva já pardejava no céu para despontar. Então reparei que uma grande jangada de vela muito alva me acompanhava, procurando emparelhar-se com a *Faceira* para vencê-la. — "Não tem nada — disse eu ao meu companheiro — quer nos passar e zombar de nós, mas não conseguirá o seu intento." — E mais que depressa puxamos a escota para encher a vela de vento, e fizemos tudo o que era preciso. Nesse tempo se emparelhara a desconhecida contrária! Mas, a *Faceira*, como o vento rasteiro à tona d'água, escorregava tão veloz.... que não pude deixar de gritar entusiasmado: "Camaradas, cuidem dos papéis, que a *Faceira* não está acostumada a deixar-se vencer!" — E nada de respostas! — "Não tem dúvida — pensei então — eles não querem falar para não perder tempo." — E redobrando de esforços continuei do mesmo modo até que... foi clareando o dia... E quem disse que vimos mais a tal jangada? Tinha desaparecido, senhor!

— Ou ficou atrás?

— Qual! Nem ficou, nem passou, e nem velejou para os lados! De qualquer maneira nós a teríamos visto; pois, vosmecê sabe que no mar se enxerga a grande distância, e pouco tempo fazia que ela nos acompanhava. Tinha desaparecido num abrir e fechar de olhos! E tanto amedrontou-se o meu companheiro, que benzeu-se e me foi dizendo: "Luiz, aquilo era encantado ou almas de pescadores a recordarem as lidas do mar!" — "Homem — respondi-lhe —, é melhor não falarmos nisso, aguenta a jangada que vamos encalhar..."



- E não seria um sonho?
- Nós estávamos de olhos abertos e ambos vimos a tal jangada...
- Mas, há ocasiões, depois de longas fadigas e noites veladas, em que sonhamos em pé e de olhos abertos e a isto vosmecês aqui pelos matos chamam flato.
- Diga o que quiser, senhor; mas, aquilo, se não foi visagem do outro mundo, era cousa encantada!
- Ou miragem: assim como os desertos de areia, deve tê-las os desertos d'água...
- Ah! se vosmecê ouvisse o João Gomes!
- É algum pescador daqui?
- Foi, mas já se mudou. Era um velho que muitas cousas via nos mares, e as contava a quem queria ouvi-las.
- E o que ele contava? Não se lembra de alguma?
- Entre outras, escute vosmecê esta. Sempre que João ia ao mar, voltava com a jangada tão carregada de peixe, que as membruras, os bordos e os meios de piúba vinham debaixo d'água, tamanho era o peso. Só vendo-se, podia-se acreditar. E se lhe pedíamos a razão, ele contava que ao passar daqueles arrecifes, ouvia uma voz de mulher que lhe perguntava: "Já vais para o mar, João?" — A primeira vez ele não respondeu, e por isso voltou sem peixe! Mas, cismando no caso, voltou no dia seguinte, e no mesmo lugar ouviu a voz: "Já vais para o mar, João?" — Ele respondeu: "Já." — E tanto foi o peixe que lhe apareceu, que João com quatro linhas, duas amarradas nas pernas e duas nas mãos, não o podia vencer! Era preciso puxá-las ao mesmo tempo. E desde esse dia não deixou mais de responder e voltar com a jangada carregada...
- E de quem seria a voz?
- Ora... e de quem havia de ser? De uma mãe-d'água, senhor, que estava por ele apaixonada!
- E acredita, senhor Luiz, nas mães-d'águas, nessas fadas formosas que possuem ricos palácios no fundo dos mares e lagos?
- E por que não, se elas existem? Se têm aparecido a muitos pescadores, funestas a uns e boas para os outros? O que é certo,





senhor, é que há mistérios nestes mares e florestas virgens das montanhas — cousas maravilhosas — que os homens da cidade desconhecem e que nós vemos e não sabemos explicar... Mas, vosmecê ouça agora a cantiga do amor fatal, que vem inteiramente a propósito...

— E prestando atenção, ouvi, de um rapazinho que na praia trançava cordas de embiratanha para as jangadas, esta lenda ou balada que Luiz denominara

### **O Amor Fatal**

Maria, a filha das ondas,  
Manoel, filho do mar;  
Ela tão formosa e triste  
Como a onda a soluçar;  
E ele brando ou valeroso,  
E gentil qual vê-se o mar;  
Ai, se amaram nesta vida...  
Era seu destino amar!  
E onde amantes mais ferventes  
Para agora os comparar?  
Se Maria suspirava,  
Manoel a suspirar...  
Se ela um riso desfolhava,  
Ele um riso a desfolhar!  
Mas, um dia o moço amante,  
Cuja vida era no mar,  
Chega à praia demudado;  
Sem Maria procurar...  
Que tristezas no semblante!  
Que tristezas no falar...  
— Manoel, o que tu sentes? —  
Maria pôs-se a exclamar  
— Por que me foges agora...  
Por que gemes a cuidar?  
Não foste assim para as ondas...  
Quem te fez assim voltar?





Manoel, tenho ciúmes  
Lá dos abismos do mar! —  
E Manoel em silêncio  
Gemia, triste a cismar!

E porque triste cismava  
Manoel, o pescador?  
É que fora um dia às vagas,  
De terra levando amor,  
E nas vagas o perdera  
Com pesar, com dissabor...  
Que vira um rosto de fada...  
Lindo rosto encantador...  
E também ouvira um canto,  
Nenhum mais fascinador,  
Que lhe falava dos gozos  
Do mais terno e doce amor:  
— Meus palácios cristalinos,  
Meus jardins de bela flor,  
Meus olhares, meus sorrisos,  
Cada qual de mais ardor,  
Os meus beijos deleitosos,  
De meu seio o puro odor...  
Tudo dou-te e sete dias  
Para voltando dispor... —  
E os sete dias passavam...  
Ai, triste do pescador!  
Devia deixar as praias  
Para sempre... oh, quanta dor!  
Mas, que fazer se viera  
Das ondas louco de amor?!  
E Manoel se prepara  
Para a viagem do mar,  
Sempre triste e suspirando  
Como quem sente um pesar...  
Maria chorando exclama:  
— Manoel, não vá pescar!





— Que não vá por que me pedes?  
E Maria a soluçar...  
— Eu não sei, mas tenho medo  
De não ver-te mais voltar... —  
Manoel não lhe responde;  
Quanta pena em seu olhar...  
E suspirando mais triste,  
Mais depressa sai pra o mar!  
E Maria? Que amargura!  
Quem n'a podera arrancar  
Da branca areia da praia,  
Onde sentou-se a chorar?  
Veio um dia e depois outro,  
Como as ondas vêm do mar...  
E não vê a vela amada,  
Sempre o horizonte a fitar...  
— Verdes ondas, verdes ondas,  
Inda estava ele a pescar?  
Ai, disse-me, tende pena  
De quem chora a definhar! —  
E gemendo as verdes ondas  
Os seus pés vinham beijar,  
E depois também chorosas  
Voltavam rolando ao mar...  
E o tempo passando sempre,  
E Maria a soluçar...

Eis que em noite de tormenta,  
Numa noite de terror...  
Houve quem visse nos mares  
Sepultar-se aquela dor!  
Os gemidos se calaram  
Do fatal e firme amor...  
Que Manoel não voltara  
Do palácio encantador!  
Mas, se a noite é de tormenta,  
Quando a noite é de terror,





Quanto soluço na praia  
Não escuta o pescador,  
Dizendo com seus filhinhos,  
No meio de seu pavor:  
Ai que destino cruento!  
Que fatal e firme amor!

— E então, senhor — disse-lhe Luiz — , em que está pensando?

— No amor fatal... É uma bonita lenda!

— E não pensa na mãe-d'água, naquela formosa fada que roubou o coração de Manoel à infeliz Maria? Assim mesmo há pouco vosmecê como que duvidava destas cousas...

— E em que tempo aconteceu aquilo, e em que lugar?

— Nesta praia, e quanto à era não sei... Mas, se não me engano, meu avô contava que conhecera os desgraçados amantes, e que o caso fora tão falado, que tornou-se a cantiga dos poetas e logo mais de toda a gente.

— E onde soluçava Maria?

— Acolá embaixo, defronte daquele morro que vosmecê está vendo. É dali também que saem penosos soluços em noites de tormenta, como afiançam os que moram perto e como reza a cantiga:

Quando a noite é de terror,  
Quanto soluço na praia  
Não escuta o pescador...

E et cetera... Dizem que é assim mesmo.

Meia hora depois eu passeava, em mago enlevo, no lugar indicado, adivinhando na movediça areia as pegadas da infeliz Maria, e pedindo às verdes ondas que me revelassem todos os mistérios daquele extremoso e funesto amor, cuja lenda tanto me impressionara.

## IX

O sol descambava no ocidente.  
Salve, ó melancólicas tardes da praia!





Cantavam os passarinhos em despedida, e para escutá-los calara-se o vento nas palmas.

Os pescadores já enrolavam as linhas e velas, e interrompendo o concerto dos barcos, juntavam a ferramenta pelo chão dispersa. Outros, rodeando as jangadas que encalhavam, entre-tinham-se no exame da pesca.

E como tudo ouvindo e observando, o velho oceano abafara os seus roucos soluços e preguiçoso rolava na areia.

Ao mesmo tempo algumas crianças o importunavam pulando e sorrindo em sua margem.

— Saíam, meninos, retirem-se — dizia o oceano —; não me importunem na hora do meu repouso.

— Tem paciência, bom velho; espera que vou primeiro mergulhar naquela onda...

— Escuta, meu velho, ralha com esta vaga que me derrubou agora...

— Ao menos, senhores, calem-se, que eu quero ouvir aqueles pescadores.

Retirados, outros meninos de pé na praia, mergulhavam a vista no horizonte, procurando ver na risca surgir a vela da jangada do pai querido, ou irmão adorado.

E as mulheres, agora à sombra dos alpendres, concluíam as tarefas ou conversavam, também fitando os mares.

Entre as crianças encontrei os filhos de André.

— Então — lhes disse —, onde está a mamãe?

— Está fazendo renda no terreiro a conversar com o tio Anselmo.

— E quem é o tio Anselmo?

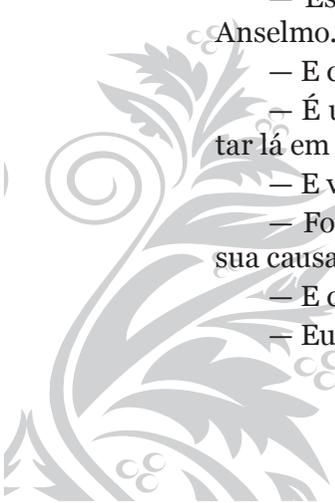
— É um velho pobre e aleijado, que algumas vezes vai jantar lá em casa...

— E vocês vieram aqui esperar o papai, não foi?

— Foi... Ele nunca volta no mesmo dia, mas virá hoje por sua causa...

— E quem lhe contou?

— Eu ouvi a mamãe dizer...





- Você é muito sabido, Antoninho!
- Olha, Antônio! — grita o Joaquim.
- Onde, menino?
- Aquela, homem, aquela que vem adiante das outras!
- Ai... sim... já vi! Quem sabe se não é ela mesmo...

Reparei também e vi na linha dos mares quatro ou cinco velas.

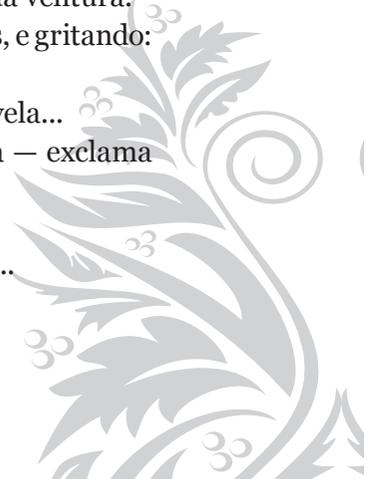
Eram pontos brancos, como garças a pairarem sobre as águas, que lentamente cresciam, brilhando aos últimos raios do sol.

Entretanto, nas areias da praia, quantos olhos os não contemplavam cheios do mais carinhoso amor! É que em breve, transformados em jangadas aqueles pontinhos brancos, trariam às pobres famílias, além do pão quotidiano, o seu arrimo, o objeto constante de seus afetos e mimos. E então, quanta saudade a extinguir-se em corações extremosos; quanta alegria a renascer vivace!

Oh, vinde, pois, nas asas do vento, barquinhos da ventura! Que vos guiem os anjos do céu às areias onde vos aguarda o repouso. Vinde sem demora, que extinto o fogo do lar, vos espera para acender-se animado. Pois não sentis no seio estremecer ansiosa a vossa equipagem, fitando as casinhas do coqueiral? Das casinhas vos contempla risonha a mimosa consorte com seu filhinho ao colo. O menino mergulha a mãozinha nos cabelos soltos da jovem mãe, e ela mergulha os olhos nas vagas pedindo-lhes o seu bem amado. E na praia, muitas crianças vos firam com seus olhinhos verdes e brilhantes como as ondas ao meio-dia. Vinde, pois, sem demora, ó barquinhos da ventura.

As crianças me interromperam, batendo palmas, e gritando:

- Eu bem dizia que era ela... eu bem dizia...
- É ela mesmo... Lá está a cruz encarnada na vela...
- Homem, tomara que o papai traga uma soia — exclama Chiquinha com muita graça.
- Para que você quer uma soia, ó Chiquinha?
- Para perguntar-lhe se a maré vaza ou enche...
- Por que, benzinho?





— Pois você ainda não viu como a soia tem a boca torta?  
— Sim? Ainda não reparei...  
— Pois tem... Tomara que o papai traga uma, para eu lhe mostrar...

— Por que a soia tem a boca torta?  
— Ora, por quê? Quem não sabe da história?  
— Conte, Chiquinha, que eu não sei...  
— Pois foi assim. Um dia Nossa Senhora passou no mar e perguntou a soia: "Soia, a maré vaza ou enche?" — E a soia não quis responder e fanhosa arremedou Nossa Senhora, dizendo: "Soia, a maré vaza ou enche?" — E por isso ficou com a boca torta...

— Bem feito! — gritou Joãozinho — quem mandou ela arremedar Nossa Senhora?

E ainda eu me ria da inocente história da Chiquinha, quando encalhou na praia a jangada de André.

Corremos logo todos e ajudamos a empurrá-la para o lugar do costume.

André não tinha feito má pescaria, apesar da sua pouca demora nos mares; e por isso, conversando primeiro alguns instantes comigo, começou alegre a esvaziar o samburá, sacudindo o peixe na areia e respondendo aos companheiros que o interpelavam.

Um velho, à vista do monte de peixe, disse:

— Sempre é verdade, ó André, que — mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga.

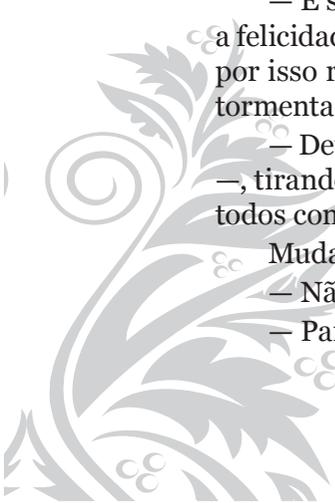
— É sim, meu amigo — respondeu André —, porque Deus é a felicidade, e quem sem Ele anda não pode contar venturas... E por isso rogo-lhe a todo o momento que não me abandone nas tormentas da vida.

— Deus te conserve sempre assim, André — concluiu o velho —, tirando o chapéu ao falar em Deus, no que o acompanharam todos com fervoroso respeito.

Mudando a conversa de assunto, perguntei a André:

— Não trouxe alguma soia, meu amigo?

— Para que vosmecê queria uma soia?





— Para uma encomenda — respondi com os olhos em Chiquinha.

— Pois infelizmente não quiseram vir... Talvez não acertasse com a isca, o que quase sempre acontece aos bocas tortas...

Rimo-nos, achando graça na resposta e eu disse a Chiquinha:

— Não se desconsolle; fica para outra vez.

E acabada a arrumação da jangada, isto é, pago o dizimeiro, dados alguns peixes aos camaradas, e vendidos outros aos fregueses, carregamos o resto para a casinha — eu, os meninos e a boa Joana, que viera ao encontro do marido.

André conduziu às costas os acessórios da jangada.

## X

Sentado à porta e fumando sossegado em seu cachimbo, encontramos Anselmo, o pobre e aleijado velho, hóspede da caridade de André e Joana.

— Boas noites — lhe dissemos todos ao entrarmos.

— Deus lhe dê as mesmas — respondeu o velho.

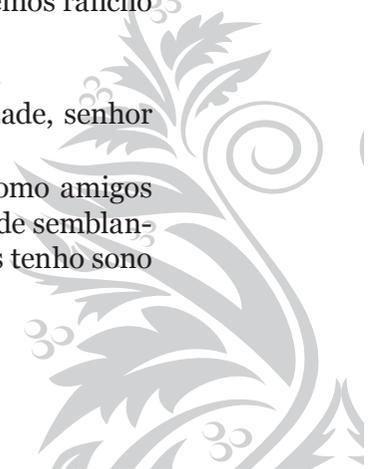
E levamos o peixe à cozinha, onde Joana tratou logo de escamar e cozinhar o necessário para jantar e de escalar e salgar o resto. André ao mesmo tempo arrumou os objetos que trouxera, e depois de mudar a roupa, afagar os filhos e conversar um instante com a mulher, acendeu o cachimbo, saiu para o alpendre e sentou-se perto de mim e do velho aleijado.

— Anselmo — disse André apresentando-me ao velho —, este senhor arranchou-se em nossa casa e, já lhe demos rancho no coração...

— Pois o amigo de meu amigo é meu também...

— E eu aceito com o maior prazer a sua amizade, senhor Anselmo.

— Então, nada de cerimônias, conversemos como amigos velhos... Eu cá não gosto de meias palavras, e nem de semblantes carrancudos... Talvez, não acredite, senhor, mas tenho sono quando não estou à minha vontade...





— Encanta-me esta franqueza — respondi eu —: também sou assim.

— Pois topou um bom camarada — disse André —; este Anselmo, apesar de pobre, velho e enfermo, está sempre contente e satisfeito.

— Estou sempre bem, porque estou bem comigo...

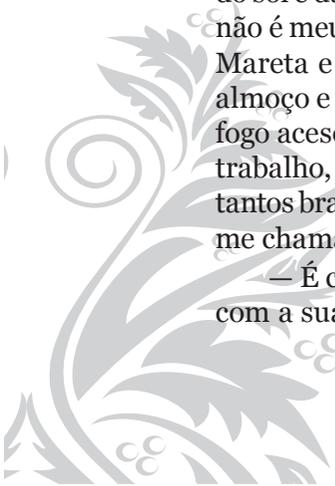
— Tem razão, senhor Anselmo — disse-lhe eu —, o homem que não sofre n'alma o espinho do remorso, que nunca fez mal aos seus semelhantes e cuja vida foi sempre regida pelos santos preceitos da religião, está bem consigo, com a sua consciência — com este juiz severo que Deus colocou dentro de nós, e por isso vive tranquilo... sem temor, porque quem não deve, não teme. E que importam as asperezas do caminho a quem vai para uma festa? E, pois, que importam os contratempos e as enfermidades a quem, descarregado de culpas, se dirige àquele céu estrelado, mansão das eternas delícias?

— É assim mesmo, senhor; não deve ter cuidados quem marcha para um tribunal com seus papéis em ordem, e confiado não só na justiça de seu julgador, como também na sua misericórdia. Mas... não deixando uma cousa pela outra... não posso ver passar sem reparo uma palavra que ali o André me aplicou...

— Qual foi essa palavra, ó Anselmo?

— Chamaste-me pobre... pobre a mim, o homem mais rico destas praias! E estás rindo, André? Pois dize lá: "Não me pertencem estes mares e aqueles matos? Não disponho desta casa e de todas as outras para descansar e resguardar-me dos rigores do sol e da chuva? E não é meu o peixe que há pouco trouxeste? E não é meu também o que pesca o Bernardo, o Marcelino, o João Mareta e todos os outros? Não tenho sempre a mesa posta ao almoço e ao jantar, a roupa lavada, o cachimbo cheio de fumo, o fogo aceso para me aquecer, e tudo o mais que preciso? Já não trabalho, não é? Mas, não deu-me o bom Deus em ti e nos outros, tantos braços para trabalharem para mim? E tudo isto possuindo, me chamaste pobre! E para que maior riqueza neste mundo?"

— É como vê — disse-me André —, ninguém mais satisfeito com a sua sorte. Quando podia trabalhar, não perdia instante,





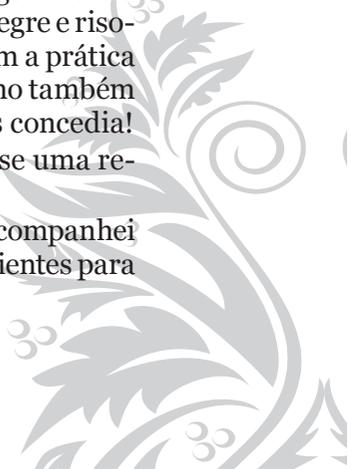
e todos os seus teres dividia com os necessitados; e hoje que está velho e enfermo, e que nada possui, divide-se a si próprio por todos nós. Grande seria o meu contentamento, senhor, se Anselmo de mim tudo aceitasse... porém, qual! Eu e Joana nos cansamos de pedir... E sabe o que ele respondia? — "Não queiram tudo para si... é preciso também contentar os outros... Irei lá jantar algumas vezes e comerei muito... e não digam mais nada... que não lhes toca pequeno quinhão!" — E eu e Joana nos calamos... Que remédio senão contentarmo-nos com tão pouco?

— E então? — acrescentou Anselmo. — Pois havia de privar aos outros de serem caridosos para comigo? Não gostava eu, quando trabalhava e possuía alguma cousa, de ter à minha mesa sempre um necessitado, e com ele repartir os meus suores, como agora o fazeis com este velho e com alguns outros? Não corria outro dia a tua mulher para socorrer a Madalena, que doente gemia numa rede? Não voavas tu nos mares ainda há pouco tempo para salvar o Vicente que atacado de câibras estava a afogar-se? E por que corria a tua mulher, e por que tu voavas? Não era para gozar da grande delícia da caridade? Pois assim como gostas desse manjar do céu, os outros gostam, e por isso deve ser ele repartido por todos.

Eu estava encantado com o que ouvia e presenciava. Tudo para mim era novo! Acostumado a ver nas ruas da cidade, despedir-se grosseiramente ao pobrezinho cego, que um vintém pedia pelo amor de Deus — e isto por aqueles que acabavam de assinar avultadas quantias para jantares, bailes e outros festins da vaidade — parecia-me impossível aquele quadro da mais angélica caridade, e ao mesmo tempo da felicidade na indigência! Não era ali o mendigo um importuno, e sim um amigo: não era também uma criatura gemente e desconfiada, e sim alegre e risinha, porque estendia a mão àqueles que consideravam a prática do bem, a divina caridade, não só uma obrigação, como também mercê e contentamento que a Bondade suprema lhes concedia!

Oh, e tudo isso não era encantador! E se não fosse uma realidade... que sonho delicioso!

Interrompendo minhas meditações, ergui-me e acompanhei André e Anselmo, que os meninos reclamavam impacientes para o jantar, ou ceia que nos esperava na mesa.





Reproduziu-se então a cena do almoço.

Sentamo-nos, e cada qual como que procurava vencer ao seu vizinho, tamanho era o apetite e a ligeireza com que desciam e subiam as colheres.

Joana estava contentíssima! E não era para menos, porque a disposição e prazer que em todos via, provavam que não se houvera ela mal no tempero da comida. E por isso os acompanhava gostosamente, atendendo mais complacente que nunca, aos filhinhos, que de vez em quando protestavam com os pratos vazios.

— Ora, a mamãe botou tão pouco...

— E ainda quer mais, ó Joãozinho? Você já comeu muito...

— E tem razão, Joana, que o comer está excelente! — observa André.

— É que a sioba estava gorda, homem... Há tempos que você não traz do mar um peixe assim.

— Ó papai! — grita a Mariquinhas — você não sabe de uma cousa?

— De que, filhinha?

— O Joãozinho hoje buliu na sua tarrafa...

— É mentira, papai... nem pendi para as bandas dela...

— Foi, papai... Papai, me dê aquela espinha para eu chupar.

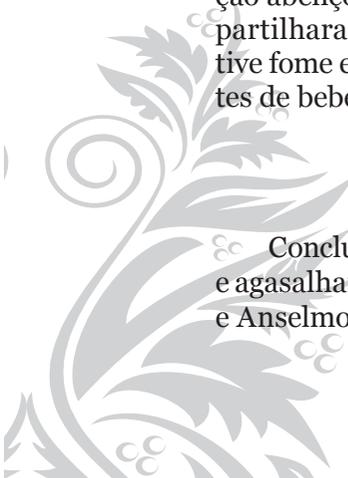
— Eu logo vi que o que ela queria era isso...

— Ah Mariquinhas — diz-lhe Anselmo —, você primeiro agrada o papai para depois lhe fazer o pedido, hein? Como é sabida!

E nessas inocentes práticas decorreu suavemente a hora da mesa, concluindo-se pela fervorosa prece — a hora daquela refeição abençoada, porque na pessoa do pobre e aleijado Anselmo, partilhara Aquele, que julgando dirá aos ricos e orgulhosos: "Eu tive fome e não me destes de comer... Eu tive sede e não me destes de beber... Eu estive nu e não me destes de vestir..."

## XI

Concluído o jantar e ceia, Joana tratou de arrumar os pratos e agasalhar os filhos, para voltar à nossa companhia, e eu, André e Anselmo — todos fumando — reatamos o fio da conversação.





— De que idade casou-se, senhor André? — perguntei-lhe eu.

— Ainda muito rapaz... Desde criancinhas, eu e Joana nos queríamos, e por isso nossos pais entenderam que não deviam demorar o casamento. E fizeram bem; porque, em tão boa hora o diga, ainda não me arrependi. Acredite, senhor: até hoje, Deus louvado, não tive um desgosto, e nunca o dei também à minha mulher.

E passamos a conversar sobre outras cousas — sobre a pesca, as jangadas, as estações e alguns incidentes da vida das praias.

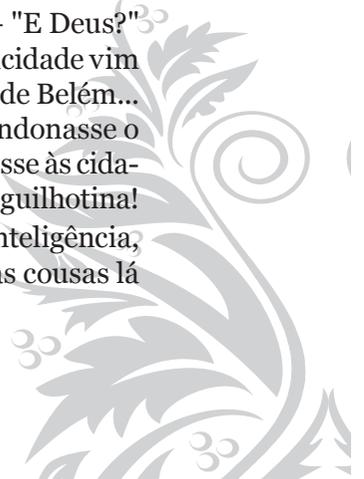
Depois, tomando por tema a felicidade, e comparando o homem dos ermos ao das cidades, borboleteamos nos campos da fantasia, às vezes abandonando a coerência e nos embrenhando afoutos no melindroso assunto.

— Encontrei — disse eu a Anselmo —, encontrei a felicidade quando já a não esperava...

— Onde encontrou-a vosmecê?

— Nesta rude casinha, no meio desta praia quase deserta. E não se riam, não... de balde procurei-a nas cidade... E o que encontrei? O avarento guardando, como um cão morto à fome, o cofre de suas joias; o usuário arrancando sem dó os farrapos da penúria, e especulando com a angústia; o ambicioso urdindo intrigas, mentindo e caluniando para alcançar seus fins; a inveja enlameando a virtude; o vício envenenando a inocência; o luxo e vaidade desolando as família; o patronato vendando os olhos da justiça; o forte esmagando o fraco; o oprimido odiando o opressor; a impostura dominando audaz; a hipocrisia substituindo a fé nas preces; as aras do tempo profanadas pelos comícios políticos... enfim, a luta incessante das paixões, do homem com o homem, do bem com o mal, do inferno com o céu! — "E Deus?" — me perguntareis vós. — Deus é a felicidade... e a felicidade vim encontrar nesta choça, tão humilde como o presépio de Belém... E se Ele hoje, como outrora, na pessoa de Jesus, abandonasse o presépio, onde o adoravam reverentes os pastores, e fosse às cidades, sabeis o que aconteceria? Levá-lo-iam sem pena à guilhotina!

Todos sorriram, trocando entre si um olhar de inteligência, que talvez dissesse: "Ora, história da Carochinha... as cousas lá não são tão feias como ele as pinta..."





— É certo — acrescentou Anselmo — que a vida da multidão torna os homens maus, assim como a do retiro os torna bons. É como lá diz o outro: — Muita gente junta não se salva...

— Pelo seu falar, parece-me — disse-me André — que vosmecê ainda acaba mudando-se para aqui...

— Venha, senhor — exclamou a boa Joana —, venha morar descansado entre nós, fora desses barulhos lá da cidade.

— É tarde, senhora Joana; eu devera ter nascimento aqui, ou vindo na idade da inocência e ignorância... A cidade é um pântano, cujos miasmas nos envenenam a alma, matando-lhe a flor da ventura. E pois, como poderia à cândida florinha volver o viço, se envenenada mirrou-se, se o vendaval das paixões e desenganos arrancou-as d'haste e as turbas calcaram-na aos pés sem dó em seu tripudiar insano? O que traria para entre vós, senão descrença e cruéis amarguras?

— Mas, não sabe que essas amarguras encontrariam muitas consolações? — disse-me André com o acento da mais cordial amizade.

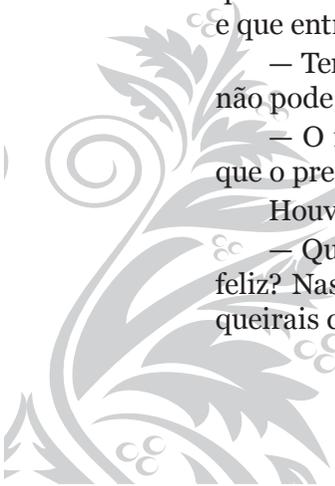
— Sim... mas, o passado? Quem mo varreria da mente? Quem me restituiria a crença... a confiança... as ilusões da inocência, que a perfídia e crueldade dos homens, as lições amargas do infortúnio, as contrariedades e dissabores me roubaram d'alma? E não viriam o veneno de tão profundas chagas, a recordação dolorosa das decepções, turbar-me a todos os instantes o presente, privá-lo da tranquilidade, como ao lago da praia o vagalhão dos mares? Além disso, e os hábitos... essas necessidades que se adquire na civilização, que se tornam condições de vida, e que entretanto não caberiam nos ermos?

— Tem razão — disse Anselmo — ; a planta dos alagadiços não pode crescer nos altos.

— O infeliz — acrescentei —, não pode quebrar as cadeias que o prendem à desventura...

Houve uma pausa e depois prossegui:

— Que motivos tem o habitante destas praias para não ser feliz? Nascido e criado nos ermos, sob quatro palmas dos coqueirais que o cercam, tendo ante os olhos sempre o majestoso





quadro do oceano e das florestas, e sob a cabeça aquele céu azul e estrelado, não vive sossegado e ditoso, embalado pela fé no seio da inocência e da ignorância?... E como não ser assim, se não vê as grandezas dos ricos para invejá-las; se não conhece as maldades dos homens para odiá-las, e seus vícios para contaminar-se; se o não atordoa o zumbido da mentira e das intrigas; se não ferem-no constantemente as calúnias, as injúrias e deslealdades; se o não escravizam e torturam os caprichos extravagantes da sociedade; se, finalmente, não respira aqueles miasmas que nas cidades nos atrofiam e matam? Pouco precisa trabalhar, porque de pouco precisa para viver... No seio da natureza vive, e a natureza só lhe fala em Deus, nesse Deus em cuja misericórdia ele crê e confia — que é o seu médico nas doenças, seu consolador nas tristezas d'alma, seu santelmo nas tormentas... o desvelado Pai que dia e noite lhe vigia os passos.

— E aí do que despreza aquele bondadoso Pai! — interrompeu-me André apontando o céu. — É verdade, senhor; a religião é a fonte das consolações; e por isso, só em seu seio pode o homem encontrar a felicidade que é possível neste mundo...

— Que a felicidade perfeita — acrescentou Anselmo — somente existe na mansão divina... é a recompensa dos justos...

E continuamos... e continuamos assim, até que chegou a ocasião de nos darmos as boas noites, e de procurarmos no brando ninho do repouso, as forças indispensáveis às novas lidas.

No outro dia pela manhã, despedi-me da pobre e venturosa família, abraçando-a apressadamente, para que ela não visse duas lágrimas, que teimosas me assomavam aos olhos em desafogo da mais sincera saudade.





## **DIA DE FEIRA**







## I

Era ao alvorecer de um domingo, na vila da Pacatuba...

Agrícola e florescente, a Pacatuba é uma linda dona, que sabe distribuir as horas de seu domingo com as preces, os seus arranjos caseiros, e as teteias de seus enfeites. Cristã, ouve devotamente a sua missa, com os olhos fitos na imagem sacrossanta e o coração elevado ao bom Deus; mãe de família, ei-la depois no mercado com o seu distrito e os vizinhos, a vender os frutos do trabalho, e a comprar o pedaço de pano para a camisinha do filho, o purgante para o doente, a farinha, a carne, os temperos e tudo o mais de que precisa a despensa de uma providente dona de casa; e rapariga, procura amor, enfeites e perfumes, não esquecendo as doces práticas d'amizade, as visitas à comadre e outros entretimentos da vida aldeã.

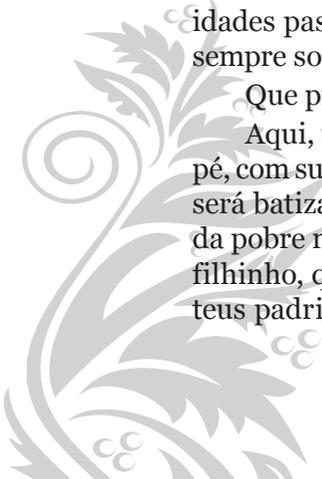
E como as horas correm ligeiras, no meio do contentamento, aproximando o momento saudoso da despedida, de um adeus até a feira do seguinte domingo!

Raiava, pois, um desses alegres dias; e eu passeava a cavalo nas estradas da vila, aspirando o perfume das flores e contemplando enlevado a natureza, que então ostentava ufana seus imensos primores.

As balças, osculadas pela aragem matutina, deixavam cair no capinal os orvalhos de suas ramagens, e os passarinhos gorjeavam os hinos d'alvorada, enquanto o riachinho soluçava entre as pedrinhas de vale, como a criança quando acorda longe dos mimos maternos. E ao mesmo tempo, criaturas de todas as idades passavam na estrada, ora conversando, ora cantando, e sempre sorrindo.

Que pitoresco quadro!

Aqui, uma família inteira — homem, mulher e crianças — a pé, com suas roupas domingueiras, dirige-se à missa finda a qual será batizado o recém-nascido, que vai choramingando no seio da pobre mãe, que docemente o acalenta dizendo: “Não chores, filhinho, que hoje receberás as águas do batismo e a bênção de teus padrinhos. Não chores, para que não te aborreçam, e não





te achem feio, meu bonitinho...” — O pai ri-se fitando o novo mimo de seu amor, e os outros filhos correm adiante brincando na viagem.

Ali, o lavrador tangendo prazenteiro o seu cavalinho, que conduz o alqueire de milho, ou arroz, ou as arrobas de algodão, colheita de seu roçado — daqueles duzentos passos de lavoura, que tanto suor lhe arrancara do rosto no meio de penosas fadigas.

Além, duas moças com seus lencinhos de cambraia amarrados na cabeças, suas argolas douradas nas orelhas, e suas voltas de aljôfar ao pescoço, passam conversando jubilosas, talvez em procura do mancebo de seus afetuosos sonhos.

— Olha, Madalena, esta noite tive um sonho... tão bonito que me fez chorar de contentamento...

— Com quem sonhaste, ó Luzia? Sou capaz de jurar que foi com o José Coelho...

— Não conto, não, mulher; se contar não se realiza... Ai, quem dera que hoje o encontrasse...

Perto ouve-se a voz saudosa do violeiro que vai cantando e tocando, talvez convidado para uma função:

“Vou me embora, vou me embora,  
Senhores, não canto mais!  
Vou armar a minha rede  
Entre suspiros e ais...”

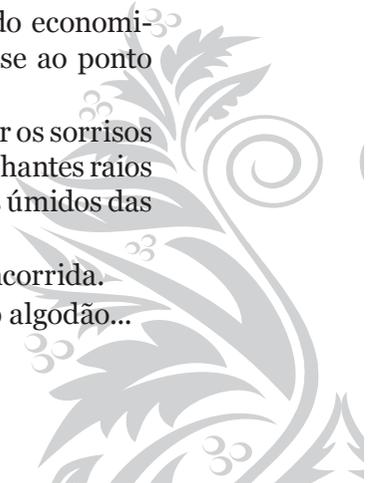
Em seguida caminha tropeçando o enfermo e indigente velho que, arrimado ao seu bordão, espera colher nas ondas de povo o vintém da caridade, por entre os vinténs dos prazeres vãos.

E logo após o guarda nacional fardado, levando economicamente os coturnos pendurados ao dedo, dirige-se ao ponto da revista.

Entretanto despontara o sol, e sorrindo-se ao ver os sorrisos dos singelos campônios, mandara alguns de seus brilhantes raios iluminar as casas do mercado, enxugar os alpendres úmidos das lágrimas da madrugada, e avisar os mercadores:

— Preparem-se, que hoje a feira será muito concorrida.

— Armem as balanças... muito algodão... muito algodão...





— O povo vem alegre conversando e quem alegre conversa vai pagar suas dívidas...

— Alvissaras, senhores, alvissaras, que não faltará a farinha e muito menos a rapadura...

E certa de uma boa feira, a Pacatuba varre as suas lojas, banha-se em suas vertentes, alisa os longos cabelos, e veste-se do melhor modo para receber os fregueses, os obreiros de seu engrandecimento.

## II

Quase ao entrar nas ruas da vila, encontrei João e Marcolina, tangendo possuídos da maior alegria o seu castanho carregado de algodão; e cumprimentei-os comovido, porque sabia a causa daquele contentamento, que brilhava em seus negros olhos como as estrelinhas do céu em serenas madrugadas.

Era o sorriso após os prantos — o dia de sol que espanca as trevas do mais proceloso inverno.

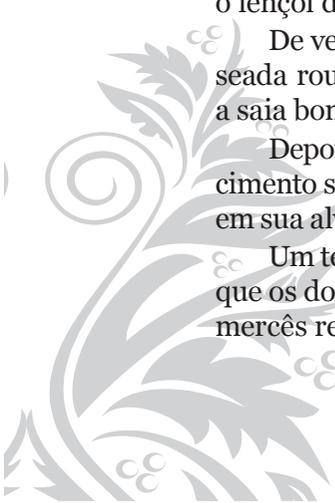
Ah! e como é enternecedora e ao mesmo tempo formosa a convalescença das amarguras! Como a felicidade radia no rosto daquele que ainda há pouco se estorcia nos aguilhões do infortúnio!

João trajava umas calças de riscado americano, camisa de algodãozinho muito alva, e chapéu de palha de carnaúba enfeitado de fita azul; e Marcolina, uma saia de chita de palmas amarelas e cabeção de cassa arrendado, em que descansava seu rosário de cruz dourada, não lhe faltando as argolas de ouro, e o lençol de largos babados.

De vez em quando Marcolina olhava com orgulho para a asseada roupa de João; e João com orgulho também olhava para a saia bonita de Marcolina e os sacos que o castanho conduzia.

Depois, Marcolina reparando em sua saia, fitava com reconhecimento seus negros e rasgados olhos em João; e João reparando em sua alva roupa, do mesmo modo fitava os seus em Marcolina.

Um terceiro olhar completava a manifestação do sentimento que os dominava, e esse pertencia ao céu — era a gratidão pelas mercês recebidas do bom Deus.





Até o castanho parecia partilhar o bom humor de seus donos. Tendo recebido integralmente, antes da partida, a sua ração de milho, marchava então garboso com oito arrobas de algodão herbáceo como se mais leve fora a carga.

E qual a causa de tamanho contentamento?

É uma história muito singela e dolorida que lhes ouvi uma noite, por entre lágrimas, e que não sei contar. Todavia, para que fique ao menos registrada nestas memórias, vou resumí-la do melhor modo possível.

— João trabalhava a jornal em terras do Rio Formoso, onde residia há mais de ano. Duas patacas por dia e à sua custa! Por muita economia que Marcolina fizesse, esse dinheiro apenas chegava para carne e farinha — se era tão pouco!

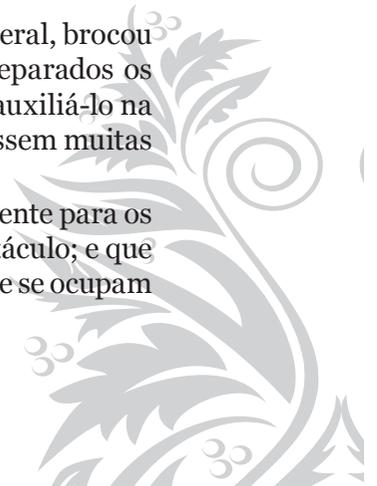
Mas, no meio de tão minguados recursos, doce esperança lhes acenava no futuro, prometendo-lhes dias melhores. João conseguira de seu patrão um tacho de terra para roçado, e desde logo meteu mãos ao serviço, nele empregando-se quando lho permitiam o patrão e a necessidade de ganhar o pão como jornaleiro.

Era o seu primeiro roçado naquela terra, que preferia às praias em que nascera, porque nestas faltava-lhe o trabalho que ali encontrara abundante, e portanto, os meios de realizar para sua família os gozos de uma vida independente, embora à custa de muitas fadigas e suores.

Animado, pois, de tão nobres sentimentos, João trabalhava com entusiasmo, sem descanso, sem um esmorecimento sequer, com o ardor febril do poeta que inspirado escreve o poema, em que antevê o monumento de seu renome.

Desse modo em pouco tempo, com admiração geral, brocou e derrubou o seu roçado; e alguns dias depois, preparados os aceiros, convidou a mulher e alguns vizinhos para auxiliá-lo na queima, a fim de que esta fosse completa e não ficassem muitas coivaras.

É um dia de festa a queima do roçado, mas somente para os homens do campo, acostumados a tão penoso espetáculo; e que apenas pensam no resultado pecuniário, como os que se ocupam na matança das reses.





Mas, para o poeta, o filósofo, o homem sensível e amante da natureza, é um quadro de luto e de profunda angústia.

A floresta estorce-se dolorida num leito de chamas. Os galhos gemem, soluçam, gritam, agonizam, como que pedindo socorro; os reptis silvam e correm no meio do fogo; as aves voam piando medrosas, e abandonando seus ninhos à destruição; e as labaredas avançando sempre, rugidoras, horríveis, implacáveis como os demônios da ruína!

Horas depois... está tudo consumado! Resta a cinza, o pó do luto da morte, em troco de virentes ramagens, de tão lindos festões, de tanta seiva e vida!

Então, como que a natureza ergue-se ante a penosa desolação e exclama qual mãe amargurada: “Homens cruéis! o que fizestes do filho de minhas entranhas — de meu arvoredor frondoso —, dos ninhos de minhas aves, da frescura de minhas relvas e ribeiros? Pois quê! não sabíeis que aquelas árvores me custaram anos... que me custaram séculos de não interrompido labor?! E todavia sem dó, tudo reduzistes a cinzas em poucos dias; tudo trocastes por meia dúzia de alqueires de arroz, que não durarão tanto como os frutos da minha floresta! Deus! Meu Deus! é certo, pois, que me condenastes eternamente a esta luta penosa — a criar, a construir com afã, sem trégua, sem repouso, para que os homens destruam em caprichosos momentos, sem compaixão, sem necessidade às vezes, a minha obra de muitos séculos?!”

Perdoe-me o leitor este desvio.

Parece-me que se a senhora Natureza tivesse imprensa e jornal, alcançaria mais escrevendo artigos contra o governo que não facilita ao pobre povo da lavoura o ensino e os meios de arar e adubar o terreno, aproveitando assim o mesmo chão para as plantações de todos os anos, sem destruir portanto as matas; e contra os homens abastados e instruídos, que se associam, como na América do Norte, para realizar melhoramentos de tamanha importância, que o governo esquece em sua inércia e desamor aos interesses nacionais. Nos referidos artigos, podia a publicista lembrar que não podemos dispensar madeiras de construção e lenha; que ambas estas cousas vão progressiva e espantosamente





se extinguindo; e que nesta marcha chegaremos ao estado de importar lenha do estrangeiro, como já importamos palitos, tábuas, arroz e toucinho. Lembraria mais que muitos ribeiros têm secado, e as águas de outros diminuído consideravelmente, tudo devido à destruição das matas; e que o solo exposto aos raios caniculares torna-se-á seco e estéril, e difíceis consequentemente as chuvas, na opinião dos professores da matéria. E abundando nestas e noutras considerações a propósito, a senhora Natureza conseguiria melhores resultados efetivamente, do que com sentidas exclamações, ou nênicas da mais profunda tristeza.

Mas, volto à história.

### III

Queimado e encoivarado o roçado, dispunha-se João a cercá-lo, e a confiar-lhe as sementes ao cair das primeiras chuvas, quando o acaso, ou o destino embargou-lhe os passos, interrompendo-lhe cruelmente os seus lidares agrícolas.

Deu-se o fato assim. Voltando do serviço uma tarde, encontrou João em sua palhoça um comboieiro vindo das praias, e este contou-lhe que deixara seu irmão Anastácio morre-não-morre de uma doença, que mais parecia feitiço do que outra cousa — acrescentando que o enfermo falava sempre no irmão ausente, com ânsia de vê-lo antes da viagem para a outra vida.

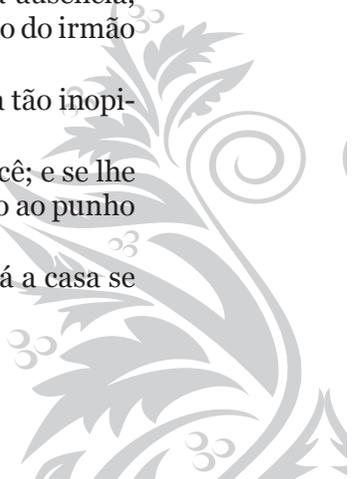
Ora, o que havia de fazer o pobre João?

Pedi cinco mil réis emprestados ao patrão, e entregando dois à mulher, para com eles arremediar-se em sua ausência, cuidou em seguir com os três que restavam, em auxílio do irmão de sua alma.

Marcolina, apesar do transtorno que lhe causava tão inopinada viagem, foi a primeira a aconselhá-la.

— Vá, João, que o Anastácio pode precisar de você; e se lhe não der remédio, dará ao menos a consolação de vê-lo ao punho da rede nos últimos instantes.

— E você, mulher e o nosso filho... Quem suprirá a casa se eu demorar-me?





— Nós nos arremediaremos como Deus for servido.

João calou-se, e acrescentou depois:

— Se eu não voltar logo, é porque o Anastácio está ruim. Neste caso, se lhe faltar o mantimento, fale com o patrão; e se ele não der o preciso, você empenhe aquele par de cadeados...

Feita a arrumação, isto é, botando uma camisa e umas ceoulas dentro da rede, João amarrou-a e pô-la a tiracolo; e de alpargatas e cacete partiu, volvendo olhos saudoso à esposa e filho, e para o lado do seu roçado.

No fim de quinze dias voltou João; mas, em que estado, meu Deus! Deixara seu irmão enterrado, e ele, o desgraçado, tendo apanhado umas maleitas, a custo poderá vencer o caminho e alcançar o seio de sua família, tão fraco e enfermo se achava.

A doença prolongou-se, e exaurindo-lhe as forças impossibilitou-o do trabalho, prendendo-o ao leito das dores.

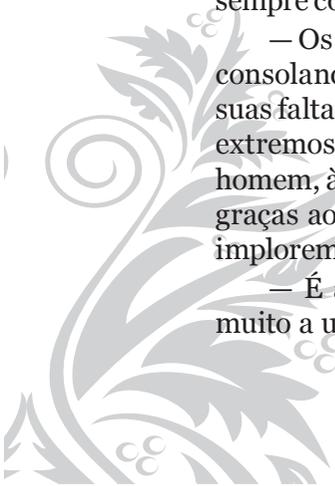
Avalie agora quem puder as privações e amarguras da pobre família. Acostumada ao salário de João para as despesas quotidianas, este lhe faltara completamente. Bens não possuía, e bastantes vezes importunara o patrão pedindo dinheiro emprestado.

Tornou-se depressa completa a sua indignência. O filhinho já não tinha um molambo para cobrir o descarnado corpo; Marcolina possuía apenas uma saia, que mesmo em si enxugava, quando a lavava; e João tudo isto contemplava, gemendo enfermo, e partilhando os sofrimentos da família.

Em tamanha miséria, porém, em vez de se entregarem ao desespero, eles tudo encaravam com a mais completa resignação, sempre com a oração nos lábios, a fé no coração e os olhos no céu.

— Os maus tempos passarão — dizia muitas vezes Marcolina consolando o marido —; o pai castiga o filho para corrigi-lo de suas faltas, mas depois compensa-o de suas dores com afetuosos extremos. E Deus é o misericordioso Pai. Pequeno é o castigo, homem, à vista de nossos grandes pecados; e por isso rendamos graças ao Pai que nos poupa, e arrependidos de nossas culpas imploremos o seu perdão.

— É assim, gente, é assim — tornava João —; mas, custa muito a um homem ver sua mulher e filho em penúria, desejar





supri-los de um tudo, e não poder levantar-se e dar um passo! Ah, dói-me somente vê-los padecer, que, quanto a mim estou conformado com a vontade do Altíssimo.

— Não exagere, João, as nossas precisões. O que nos falta e mais desejamos é a sua saúde. Sim, e tenho fé em S. Francisco das Chagas que em pouco tempo você estará perfeitamente bom. Já hoje não lhe deram as *malditas*, e espero que não voltarão mais.

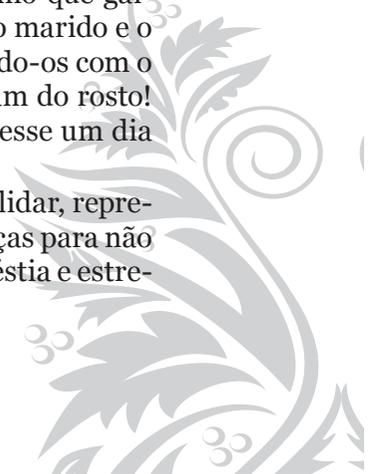
E Marcolina alegrava o semblante para animar o marido, e muitas vezes ria-se procurando ocultar as mágoas, ria-se quando a fome lhe devorava as entranhas, para que João não se afligisse; ria-se quando apunhalada pela dor desejava chorar; e reunindo as forças quase exaustas, trabalhava sem descanso a fim de poder comprar o remédio para o enfermo, e o comer da família.

Neste empenho, todo o tempo que lhe sobrava do tratamento do esposo, empregava ela na colheita do arroz ou algodão, ou nas farinhadas dos vizinhos, procurando assim ganhar alguns vinténs, enquanto uma piedosa velha, que morava perto, se encarregava de seu filho. E mais fazia ainda. Nas horas, ou momentos que podia furtar a essas lidas, corria ao roçado — àquele roçado que João começara tão animado e prazenteiro, e em que ela, sem que lho dissesse, continuava ocultamente a trabalhar, planeando uma surpresa ao querido de sua alma, no dia em que lhe voltasse a saúde. Era este um segredo, que ela pedia a todos que lho guardassem, e a premeditada surpresa um relâmpago de felicidade, que longe brilhava por entre as trevas de seus dias.

Que dedicação extrema!

Quantas vezes, vencendo as doenças e cansaços, não se entregava Marcolina às lidas com ânimo varonil, como que galvanizada pela necessidade imperiosa de sustentar o marido e o filho, de quem era então o único arrimo, alimentando-os com o fruto de suas fadigas, com os suores que lhe corriam do rosto! E o que seria deles, se lhes faltasse ela, se esmorecesse um dia naquele labutar penoso e incessante?

Entretanto se João, reparando em seu afanoso lidar, repreendia-a docemente, e lhe pedia que poupasse as forças para não arruinar a saúde, com que singeleza, mimo de modéstia e estremecido amor ela lhe respondia:





— Hoje por mim e amanhã por ti — é ditado dos antigos, meu João. Ora escute, muito mais não fazia você por mim? Não trabalhava todo o santo dia, ao sol e à chuva, para dar-me o necessário, e satisfazer os meus menores desejos, enquanto preguiçosa eu descansava em casa? É justo, pois, que ao menos um pouquinho lhe dê em pagamento de tão grande dívida. E, responda — assim como as alegrias, não devemos repartir as lidas e os dissabores?

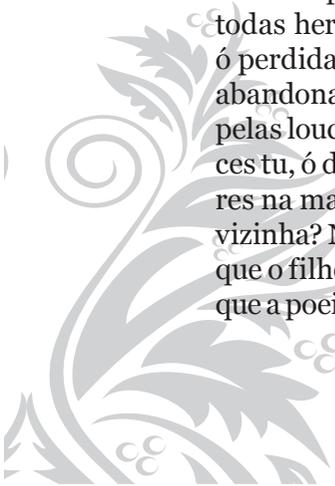
— Mas, gente, você se atira demais ao serviço...

— Ora... quem não vê é como quem não sabe. Sou mais preguiçosa do que pensa, João... Não faço nem a quarta parte do que devera fazer, acredite...

Quem poderia vencer tamanho heroísmo? E quem ao contemplá-lo deixaria de crer na virtude e na existência de um Deus infinitamente grande e misericordioso?!

Vinde, ó cétricos, e admirai nesta pobre mulher o símbolo da esposa cristã — da criatura que espera, crê e ama, com os olhos em Deus —, da flor da virtude, enfim, que resistindo aos vendavais das paixões, às seduções do ermo, e às tentações do infortúnio, brota, viça e cresce, forte pela crença, e derrama os seus divinos eflúvios! E entretanto vós, embrutecidos pelos vícios, passais indiferentes no meio da multidão, ou gemeis no leito das dores sempre isolados e infelizes, porque vos falta a religião, essa consoladora mãe que nos embala em seu colo, entoando os hinos dos puros afetos.

Mulheres! Por que vos desviais tantas vezes dos santos deveres de esposa e mãe? Por que, como Marcolina, não vos tornais todas heroínas de amor e dedicação?... Por que desprezaste tu, ó perdida, o lar da família pela lama dos prostíbulos?... Por que abandonas tu, ó leviana, os mimos de amor do esposo e filho, pelas loucuras da valsa e vanglórias dos salões?... Por que esqueces tu, ó descuidada, as obrigações domésticas, para te empregares na maledicência, ou em distrações pueris em casa da ociosa vizinha? Não vês que o esposo enfermo reclama os teus cuidados; que o filho pede-te amparo e carinho; que o fogo do lar se apaga; que a poeira cobre os móveis; que o cupim assenhoreia-se da casa,





e que esta desabará com a felicidade possível neste mundo?... Oh, apartai-vos dos maus caminhos, vós todas, e enquanto é tempo, retomai a senda da virtude, realizando a missão sublime que na terra vos confiou o bom Deus!

#### IV

Aliviado das maleitas, João sentia pouco a pouco as forças lhe voltarem, e com estas o desejo ardente de trabalhar e desonerar a sua virtuosa mulher do penoso encargo de sustentar a família. E Marcolina, apesar de magra e alquebrada, opunha-se à vontade do marido, rogando-lhe que completasse a convalescença, evitasse uma recaída que lhe podia ser funesta.

— É cedo, João... Você ainda não cumpriu todo o resguardo. Não se agonie, homem, que tempo não lhe faltará depois para labutar ao cabo da foice e da enxada.

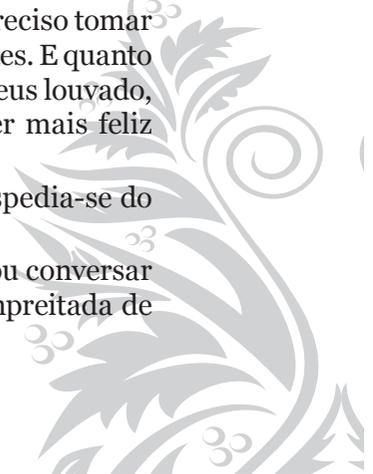
João escutava-a, com olhares de terno reconhecimento, e depois murmurava tristemente:

— Quem viu-a... e quem a vê... Não sei qual de nós, mulher, estará mais fraco... precisará de mais repouso... Onde as carnes que lhe enchiam o seio e as faces, e aquela mocidade que brilhava em seu rosto como a estrela d'alva no azul do céu? Tudo se acabou! Tudo calcou impiedoso o tufão da miséria... de tão longo infortúnio! Ei-la agora mais doente do que eu, caindo de cansaço... e todavia lidando sempre, sem consentir-me ao menos que a ajude a carregar a cruz!...

— Deixe-se desses flatos, homem — replicava docemente Marcolina —; a doença enfraqueceu-lhe o juízo. É preciso tomar sustância para pensar melhor, e trabalhar como dantes. E quanto a mim, não há razão para cuidados. Tenho saúde, Deus louvado, e hoje que o vejo restabelecido, sinto-me a mulher mais feliz deste mundo.

E sorrindo-se botava um pano na cabeça e despedia-se do marido, entregando-lhe o filho e dizendo:

— Converse agora com este mocinho, que eu vou conversar com a enxada, que me espera para acabar uma empreitada de





limpa; mas, não lhe conte, João, aquelas histórias tristes que me estava contando, senão ele chora...

Raiou finalmente o dia tão fervorosamente desejado por João, em que Marcolina permitiu-lhe um passeio nos campos, para, como dizia ela, endurecer-lhe o corpo e prepará-lo às lidas.

Era uma manhã de maio, e tão perfumosa e alegre como quase todas as desse mês de flores, consagrado à adoração da Virgem.

Marcolina, com o filho ao colo, caminhava risonha ao lado do marido, estremecendo de contente, e respondendo às perguntas como mãe extremosa.

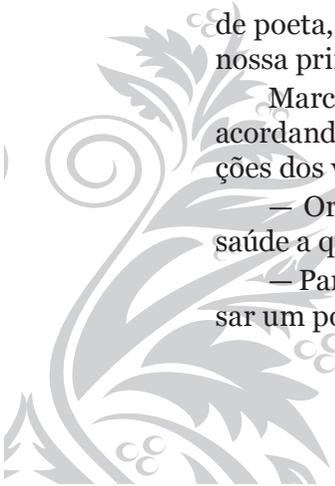
E que deliciosos enlevos, que suaves comoções não sentia João, fitando aqueles campos verdosos, de que o privara a doença por tantos meses? Como tudo lhe parecia novo, emanando fragrâncias e harmonias, que ele desconhecia, e julgava do céu? Ataviara-se acaso a natureza para receber-lhe a visita? Em sua longa e penosa ausência, estudariam acaso os passarinhos aqueles melodiosos gorjeios, que o arroubavam; destilariam as flores aqueles olores, que lhe inebriavam a alma; e enfeitar-se-iam as plantas com aquela roupagem verde-escuro, que o embevecia? E como o sol brilhava esplêndido, difundindo ondas de luz, de calor e vida! E como os arroios do vale murmuravam misteriosamente por entre as algas de sua margem! E como as flores balouçavam graciosas, ao suspirar dos euros matutinos! Não seria tudo isto um sonho... um delírio de sua imaginação fraca e febril?

Que avalie as comoções do pobre João, aquele que, convalescente de prolongada enfermidade, e possuindo uma alma de poeta, passeou nos campos em manhã de maio — tempo de nossa primavera.

Marcolina cumprimentava sorrindo a todos que encontrava, acordando o marido de seus êxtases para responder as felicitações dos vizinhos e conhecidos.

— Ora, Deus louvado — dizia um —, voltaram os dias da saúde a quem dela bem necessitava.

— Parabéns, Marcolina — dizia outro —, agora pode descansar um pouco; e era já tempo, mulher...





Passados os primeiros arroubos, João começou a reparar nos roçados que encontrava, apreciando os serviços feitos e o estado das plantas.

— Bem limpo está este roçado do Alexandre, e o legume promete recompensá-lo. Que mandiocal bonito!

— Aquele não é o do João Nogueira! Olha, o preguiçoso vai deixando o *pai Luiz* (mato) tomar-lhe a roça...

E entristecendo, acrescentava:

— Quem sabe, mulher, se a doença não é causa deste abandono?... Quantos, ao passar pelo meu roçado, e desconhecendo o que me sucedeu, não zombarão também chamando-me preguiçoso?

Marcolina sorriu-se e seus olhos faiscaram de alegria.

Chegava o momento da surpresa que ela com pertinácia incrível planeava, e conseguira preparar. Ia auferir o prêmio de suas fadigas, no júbilo, que causaria àquele que em sua mocidade adorara como o mancebo de seus sonhos, e então amava duplamente como esposo e pai de seu filho.

E, pois, disfarçando o sentimento que a dominava, disse ao marido:

— Se não receasse, João, entristecê-lo neste primeiro passeio... Mas, não... Seria magoá-lo sem necessidade...

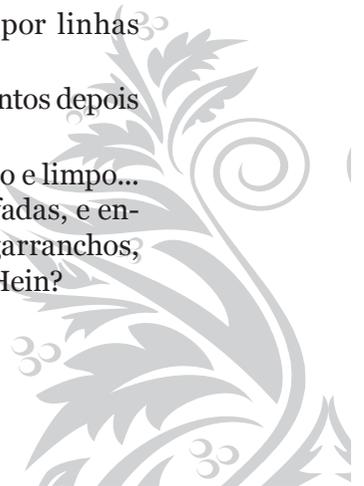
— Queria ver aquele infeliz roçado, não é, Marcolina? Pois vamos... Não me vê tão resignado? O que me resta senão consolar-me com a minha sorte? Deus assim o quis — e quem sabe, mulher, se para poupar-me maiores dissabores?

— É assim mesmo, João: Deus escreve certo por linhas tortas...

E caminhando para o roçado, acrescentou momentos depois com ingenuidade infantil:

— Agora, João, se nós achamos o roçado plantado e limpo... Quem sabe? Não contam por aí tantas histórias de fadas, e encantamentos? Que diria você se, em vez de moitas e garranchos, encontrasse algodoeiros, milho, arroz e mandioca. Hein?

João rindo-se afetuosamente, respondeu:





— Que sonho extravagante, gente... Você tem lembranças de menina... Fadas e encantamentos? Quem acredita hoje em semelhantes mentiras?

Momentos depois, soltando um grito de assombro, trepava-se João na cerca do roçado, e via realizado aquilo que julgara um sonho extravagante.

Era esta a surpresa que lhe preparara a laboriosa esposa.

Descrever o que então passou-se seria tentar o impossível. Há cenas que não se descrevem; e sentimentos cuja expressão eloquente é o silêncio.

Marcolina, quando me contou esta história, disse-me apenas, sobre a surpresa o seguinte, por entre os mais espontâneos risos:

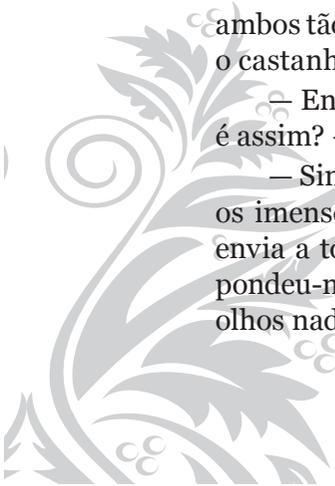
— Ia-me custando caro tal brincadeira; e eu me arrependi deveras de não ter prevenido ao João... Coitado do homem; quase endoidece de alegria, e contudo chorava como uma criança, a beijar-me e a abraçar-me, a olhar sempre para mim e para as plantações, sem dizer palavra...

— E desde esse dia — concluiu ela depois de curto silêncio —, Deus se compadeceu de nós e nos fez esquecer os sofrimentos e angústias. João tomou conta do roçado, e este nos deu com que pagar as nossas dívidas, e trouxe-nos a fartura à casa. Pareceu um milagre! Nunca se viu em duzentos passos de terra tanto arroz e tão bonito herbáceo. Mas, nada é impossível a Deus, e sua misericórdia não tem limites.

Foi esta a história que eu ouvira à Marcolina; e foi por sabê-la e recordá-la, que enterneci-me quando encontrei-a com o marido, ambos tão asseados e amigos, a caminhar para a feira, tangendo o castanho carregado de algodão ainda do poético roçado.

— Então, dirigem-se à feira para vender o seu algodão, não é assim? — perguntei-lhes eu depois de cumprimentá-los.

— Sim, senhor; e ouvir a santa missa para agradecer a Deus os imensos benefícios que, por sua infinita misericórdia, nos envia a todos os momentos, apesar de nossos pecados — respondeu-me Marcolina —, volvendo-me seus negros e rasgados olhos nadando em singela e inocente felicidade.





E conversando mais um pouco, entramos na vila, ouvindo do sino a primeira chamada da missa, e na praça o rumor do povo, que já se aglomerava.

## V

Enchia-se gradualmente a casa do mercado, recebendo de vez em quando ondas de povo pelas três estradas que ali terminam — três artérias que comunicam ao coração da vida o sangue, o calor e a vida.

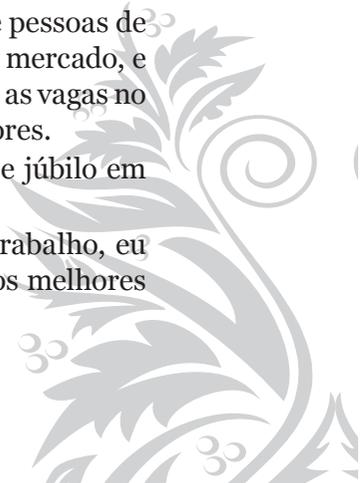
Era a hora da enchente; ao meio-dia seria a preamar, e das três da tarde em diante a vazante. Os adeuses de despedida dos lavradores substituiriam os primeiros cumprimentos. Todos voltariam aos seus campos — àquelas serranias cobertas de viçosos cafezais, e àqueles vales ricos de algodoeiros e cereais diversos; e a Pacatuba, a donosa vila, ficaria como sempre deitada indolentemente aos pés de sua mãe, a serra d'Aratanha, ora a espreguiçar-se em seu leito de canas e relvas, ora a banhar-se no cristal de seus ribeiros, embalada pelas harmonias da natureza e das máquinas industriais, e saudosa, esperando a feira seguinte.

Naquela ocasião, porém, a formosa vila, com seu vestido bonito, seu cabelo penteado e salpicado de flores, e seus atavios de moça, estremeia de contente, corada e risonha como a noiva que espera o bem-amado; e o bem-amado era o seu distrito, que com os vizinhos e amigos pressuroso convergia para seu seio, trazendo os produtos de suas lidas.

Efetivamente grupos e grupos de lavradores, de pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, já povoavam o mercado, e no pátio deste confundiam-se, baralhavam-se, como as vagas no oceano movediços — inconstantes e variando em cores.

E que animação no comércio, que entusiasmo e júbilo em todos!

Salve, ó festim industrial; e a vós, ó filho do trabalho, eu vos aperto a calejada mão, e neste dias vos desejo os melhores negócios e os mais puros contentamentos!





Contemplemos agora o quadro.

Sacos, malas e caçuás de rapaduras, farinha, frutas, louça de cozinha, fumo, cereais — de produtos enfim do lugar e das vizinhanças da serra, praias e alagadiças — encham metade dos alpendres e pátio. Noutra metade, a carne fresca e estaleiros da salgada; e no meio de tudo isso os tabuleiros de arroz-doce, de broas e bolos, e os potes de garapa e aluá com suas taças prontas para combaterem os ardores do sol.

No centro do largo, os animais descarregados repousam e observam tudo, mergulhados em profunda meditação como verdadeiros filósofos.

E o povo entra, sai, compra, vende, conversa, ri-se, questiona, abraça-se e por entre esses rumores a nota soluçosa e gemebunda da cantiga e rabeça do cego mendigante; e os brados dos vendedores:

— Laranjas doces! Quem me compra estas laranjas?

— À pataca... à pataca... farinha muito alva e torrada!

— Chega, gente, que o fumo bom está se acabando!

— Carne gorda!... Estou queimando; estou entregando por todo preço...

— Mangabas... mangabinhas e muricis das praias!

Aqui dirige-se um cargueiro ao rico lavrador que passa:

— Patrão, quem tem farinha barata sou eu... Já estou dando a quatorze.

— Homem, não é isto farinha dormida na prensa?

— Não senhor; se vosmecê quer, prove e verá que não está azeda...

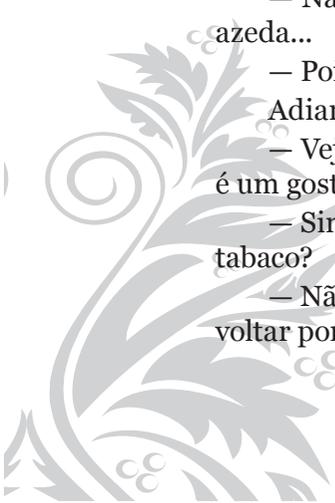
— Pois bem, meça lá meia quarta neste saco.

Adiante o dono do fumo encarece a bondade deste:

— Veja que corte macio! Cheire lá... Isto faz cinza alva, que é um gosto...

— Sim, senhor; este fuminho não parece mau: será bom de tabaco?

— Não só de tabaco como de cachimbo. Se comprá-lo há de voltar por ele, como muitos têm voltado.





— Tomara eu, que já vivo atordoado com fumo ruim! Corte lá meia vara, homem...

Perto o cargueiro da louça, batendo com os dedos na jarra, exclama:

— Isto é de barro muito bom, patrão; esfria água demais e não *reve*...

Enquanto o dono das rapaduras as elogia, afiançando que adoçam facilmente o café, pois são de canas maduras; e o mesmo fazem os demais oferecendo os seus gêneros.

Nas lojas a animação não é menor... O povo enche as calçadas, passando de balcão a balcão, e os caixeiros e patrões, medindo a chita, o madapolão, e o algodãozinho, e mostrando os objetos procurados, de vez em quando levam à gaveta a importância do vendido — os vinténs do lavrador ou jornaleiro.

— Olhe, esta chita não larga... É percales... Minha mulher fez vestido dela. Isto a cruzado é dado! É só para apurar dinheiro...

— Venha cá... Pegue na fazenda... Ofereça ao menos! Não cuide que é salgada. É francesa e da melhor.

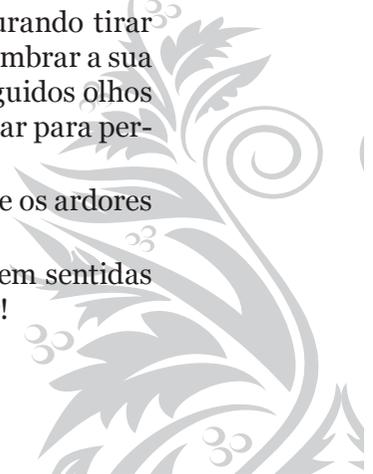
— Quer ver o madapolão de camisa? Ainda ontem recebi-o da cidade.

— Veja se lembra-se de mais alguma cousa. Não quer um lenço de chita para amarrar a fazenda?...

Estas e outras práticas se escutam; e ouvindo-as, esta menina compra um frasco d'água de colônia e pede agulhas; outra se agrada de uma chita de flores encarnadas para vestido, ao passo que a velha escolhe a roxa para sua saia e conta quatro vinténs por um rosário; aquele rapaz examina as facas, experimentando-lhes a têmpera com a unha; e outro resinga procurando tirar por menos o chapéu de feltro, com que espera deslumbrar a sua namorada. Ao mesmo tempo esta, volvendo os lânguidos olhos de morena, noutra loja compra um vidro de macassar para per-fumar os cachos, e com eles atraí-lo às núpcias.

Cenas iguais por toda a parte — por toda a parte os ardores da vida comercial da formosa vila.

E viessem então os senhores poetas exclamar em sentidas estrofes no meio daquela multidão: — Viver é amar!





Talvez lhe respondessem assim os honrados negociantes, os homens práticos ou *ralados* do mundo, como diz o vulgo:

— Ora, qual! Deixe-se de cantigas... Viver é enganar! Desde que acorda até que adormece, o que faz a criatura humana se não enganar uma à outra? E quando o consegue, por que se alegra tanto, e se julga ditosa? para que se enfeita a mulher; e procura se distinguir o homem? Ora, diga lá: em que se ocupam presentemente todos neste mercado? O comércio o que é senão um pobre diabo esfregando os olhos para ver, e um espertalhão a sacudir-lhe cinza para que não veja? E no meio de semelhante jogo, não é que vivem as artes, as indústrias, e todos os produtos do engenho humano? E a política, e tudo o mais, enfim...

Deus me livre de entrar em tal labirinto. Que aceite, ou condene estes princípios quem puder examiná-los, que eu, sem cortejá-los, ao menos, esgueiro-me por entre os transeuntes, receando que me averbem de suspeito como vassalo de Apolo.

## VI

Nos alpendres e lojas encontram-se os amigos e não são raros os diálogos do mais cordial afeto.

— Olá, Antônio! Então já não conhece a gente? Venha cá, homem, venha dar-me notícias suas!

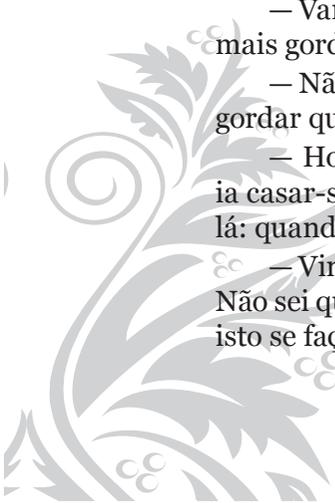
— Ah, senhora Joaquina, não lhe tinha visto... Perdoe... Como vai de saúde, e o senhor Thomaz e a obrigação?...

— Vamos vivendo, Deus louvado... E você, Antônio, cada vez mais gordo e bonito, hein?

— Não caçoie com a gente, senhora Joaquina... Não pode engordar quem labuta como eu, de sol a sol.

— Homem, antes que me esqueça, contaram-me que você ia casar-se com a filha da Maria Pinto. Não me encubra... Diga lá: quando é a festa?

— Vim hoje falar com o senhor vigário para correr os banhos. Não sei quando será, senhora Joaquina, mas tenho vontade que isto se faça até meados do mês que entra.





— Obra com juízo, Antônio; é uma rapariga pobre, mas trabalhadeira e bem criadinha...

Perto, uma mulher moça e triste conversa baixinho com outra mais idosa, e furtivamente enxuga os olhos, que malgrado seu nadam em sentidas lágrimas.

É o livro de um coração que se desfolha, a página dolorida de um romance de amor que se relê por entre suspiros.

— Foi isto, minha tia, que eles fizeram — diz ela concluindo a sua confidência —, intrigaram-no e conseguiram vê-lo embarcado para a guerra do Paraguai... Mas, Deus é justo!... Eu fiquei a lidar sozinha, quase abandonada e chorando, quando esperava casar-me e ser feliz com ele. Ainda, contudo, não perdi a esperança... Tenho fé em Maria Santíssima, que hei de vê-lo voltar para estancar-me as lágrimas à vista de nossos perseguidores... O que é certo, é que não terão o gosto de ver-me por aí derramada, como desejam... Deus me perdoe se minto. Coragem não me falta para ganhar com meus braços o bocado... Nossa Senhora há de compadecer-se de mim...

E mais não pude ouvir, por causa de um gordo e rico lavrador, que ralha a dez passos com um de seus trabalhadores, que faltara ao compromisso — ou letras do contrato...

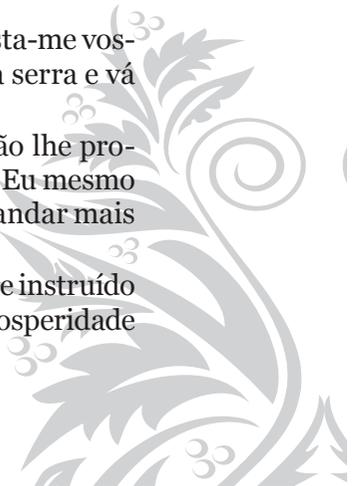
— Ora, isto também é demais! Pois vosmecê, senhor Eusébio, achou-me pronto para servi-lo em seus vexames; tomou o meu dinheiro para pagar-me em serviço na serra, e lá não tem aparecido! Não se lembra que ainda não acabei o batimento dos cafeeiros, e já começou a apanha?...

— E aqueles dias que eu dei na limpa das capoeiras novas, o patrão já botou na conta?

— E então? já não fizemos conta depois disto? Resta-me vosmecê quinze mil e quinhentos, e quanto antes suba à serra e vá trabalhar-me... Basta de mangar comigo...

— Não se zangue, patrão; a semana que entra não lhe prometo; mas, na outra espere por mim, querendo Deus. Eu mesmo tenho vontade de acabar com estes biquinhos; e para andar mais depressa irá a mulher apanhar café.

Conversamos agora um pouco com um inteligente e instruído velho, que além descansa, e que extasiado admira a prosperidade





da formosa vila, que ele viu nascer à sombra da majestosa serra d'Aratanha.

— Diga-se alguma cousa, senhor Batista, sobre o passado de nossa Pacatuba, deste abençoado torrão, que o velho sábio Agassis afiança ter sido nos primitivos tempos uma geleira... Ora, uma geleira! — um monstruoso sorvete!... E dizem contudo que é cálida a filha de um sorvete!...

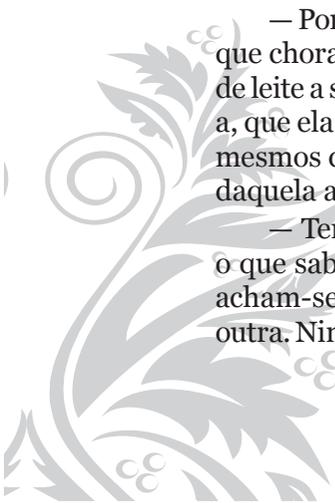
— A Pacatuba — respondeu pausadamente o velho — é uma lágrima que se transformou em um sorriso! Que me importam opiniões de sábios? Eles mesmos não sabem às vezes a quantas andam. Dizem e se contradizem, e nesse turbilhão de ideias escrevem livros, ou reproduzem os antigos, e vestindo-os a seu modo iludem os tolos e dão que fazer à imprensa... Se um publica trezentas páginas a provar que não existe inferno —, outro responde-lhe com quatrocentas a descrever as caldeiras de Pedro Botelho. Se são escritores da moda, as tais publicações tornam-se novidade — compra-se e fala-se naquilo por algum tempo, para depois inventariar-se constituindo herdeiras as traças e baratas. Quanto a livros, meu amigo, só leio um, que para mim vale mais que todos — a Bíblia... o livro da verdade — que passará intacto por entre as gerações até a consumação dos séculos...

O velho estava em seu elemento... Naquele terreno ninguém lhe resistiria a palestra; e pois, em vez de contrariá-lo, procurei volvê-lo ao ponto da partida — as recordações históricas da vila.

— Mas, não deixando uma cousa pela outra, por que, senhor Batista, disse que a Pacatuba era uma lágrima transformada em um sorriso?

— Porque nasceu da desoladora seca de 1845, de mendigantes que choravam no desespero da fome. Serviu-lhe de aia, ou ama de leite a serra d'Aratanha; e com tamanho carinho amamentou-a, que ela depressa tornou-se galante menina, e hoje, graças aos mesmos desvelos, ei-la moça, risonha e rica, brincando aos pés daquela a quem tanto deve.

— Tem razão, meu amigo, comparou bem. Agora conte-me o que sabe da história d'Aratanha e Pacatuba, pois mãe e filha acham-se tão ligadas, que não pode-se falar numa esquecendo a outra. Ninguém melhor sabe aqui destas cousas do que vosmecê...





— Seria impossível o contrário; nesta terra criei-me, cresci, gozei os melhores anos da vida... e vou roendo os mais desenxabidos... Mas, quer saber-lhe a história, não é? Pois escute-a, que não se enfadará, tão curta é ela!

## VII

Principio pela Aratanha, como mais velha.

Até 1790 esta serra — cujo nome talvez se originasse da abundância do camarão aratanha em seus rios — pertenceu às terras devolutas, que se denominavam realengas, isto é, propriedade de El-rei nosso senhor.

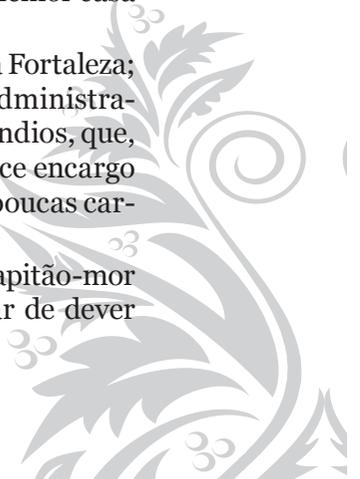
Nesse ano, porém, o governador interino da capitania, capitão-mor Antônio de Castro Viana, passando o governo ao efetivo, requereu como recompensa de serviços uma sesmaria em dita serra; e sendo deferido, veio no mesmo ano apossar-se, o que efetuou fazendo casa e roçado no lugar hoje conhecido por Limão.

No ano seguinte, julgando desvantajosa esta situação, abandonou-a, e veio estabelecer-se pouco distante, ali no sítio Aratanha-velha. Não sei a razão de tão repentina mudança, meu amigo, pois o primeiro lugar situado não é inferior ao segundo — mas, lá diz o adágio, que mais sabe o tolo no seu, do que o avisado no alheio.

O que é certo, é que Viana tanto gostou da segunda situação, que fez muitos roçados e encheu-os de legumes, canas, jaqueiras, jambeiros, laranjeiras, bananeiras e outras fruteiras, e construiu uma espaçosa morada, que veio a passar então pela melhor casa de campo da capitania.

Entretanto o capitão-mor não se mudou da vila da Fortaleza; mas passava uma parte do ano no sítio, onde, sob a administração ativa de um feitor, trabalhavam muitos cativos e índios, que, fazendo prosperar a lavoura, tomavam também o doce encargo de comer-lhe os produtos, dispensando para o dono poucas cargas de frutas e legumes.

Onze anos depois — em 1801 — lembrou-se o capitão-mor que era tempo de morrer e como isto fizesse, apesar de dever





grande quantia à Fazenda real, esta, na ausência de outros bens, sequestrou sem demora a bela Aratanha com todas as suas pertenças, não esquecendo os negros comedores de seus produtos; e mandou pôr tudo em praça logo no seguinte ano.

Cousas daquele tempo! Ninguém compareceu para licitar, ao passo que agora atrás do mais miserável imposto aparecem dezenas de cidadãos de gravata limpa!

Então o atual governador mandou chamar seu avô, meu amigo — o tenente de ordenanças Albano da Costa dos Anjos — e pediu-lhe encarecidamente que se apresentasse como arrematante, pois que era ele rico e tinha filhos para dotar com aquela propriedade, formandos-lhe assim um excelente patrimônio.

Seu avô morava em Arronches, onde à sua custa construiu aquela igreja, que hoje vai sendo reparada e acrescentada por esforços de um dos netos — o senhor Manoel Albano — tão empenhado agora pela prosperidade daquele povoado, como outrora o velho tenente Albano.

— É verdade, senhor Batista; e diga-me, não é na porta principal dessa igreja que foram sepultados os meus avós?

— Sim; e alguns de seus tios. Essa sepultura pertencia à família Albano, cujo chefe construíra a igreja. Mas, ouça o resto:

Tais razões expendeu o governador, que o velho seu avô apresentou-se e, fazendo favor arrematou a sesmaria d'Aratanha, que era de três léguas e compreendia a serra, a casa e benfeitorias — tudo enfim pela quantia de quatrocentos e setenta mil réis, pouco mais ou menos!

No mesmo ano mudou-se seu avô para a situação arrematada, trazendo a família e quarenta escravos, que então possuía; e deu maior impulso ao trabalho, ocupando-se, especialmente, pouco depois, da plantação de algodão em grandes roçados, que para esse fim derrubou nas faldas da serra. E para transporte de seus gêneros, em 1803 mandou abrir uma estrada daqui para a Fortaleza, cujo único caminho até então compunha-se de tortuosas veredas que prendiam os arraiais. É a estrada velha — que ainda hoje serve, apesar de nova, aberta em 1863 por ordem do presidente José Bento.



— E aquelas grandes cruzes de madeira nos lugares Munguba, Pavuna, Genipabu, Tapiri e Taperoaba?

— São testemunhos do fervor religioso de seu avô. Foi ele que fê-las erguer, não só para que servissem de marcos, como também de lugares de oração aos viandantes e moradores.

Tão acertada julgou a direção dessa estrada em 1813, ou 1814, o governador Manoel Inácio de Sampaio, que aproveitou a toda quando nesse ano ordenou a abertura da primeira via de comunicação para a vila de Montemor-novo, hoje cidade de Baturité.

Nestas condições, seu avô conseguiu safras maiores de duas mil arrobas, e a ser por isso considerado o primeiro agricultor da capitania.

O preço do algodão regulava naquele tempo de quatro a cinco patacas a arroba — moeda forte, constante de pesos de setecentos e oitocentos réis, que atualmente chamamos patações.

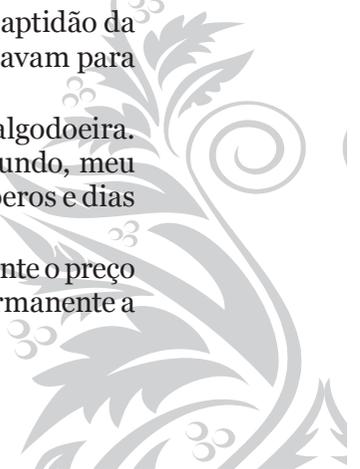
Vê, pois, meu amigo, em que maré de felicidade se achava seu avô. Para aproveitá-la o velho alargou tanto as plantações nas faldas da serras e planície, que em 1810 viu-se obrigado a fazer aquela casa, que agora abandonada desaba ali embaixo na fazenda e logo para ela mudou-se, colocando-se, pois, no centro dos algodoais e facilitando a colheita, preparo e remessa de seus produtos ao mercado.

Esse estado próspero continuou até 1822 ano em que seu avô deixou de existir. E passando serra e benfeitorias ao domínio de sua avó, a quem tudo coube em inventário feito em 1823, por se terem os filhos inteirado em outros bens do casal, começou desde logo a marchar aquela propriedade agrícola para sua extinção.

Não era o mau destino que persegue quase sempre os casais quando lhes morre o dono; e nem falta de cuidados e aptidão da viúva e seus filhos. Causas naturais e invencíveis atuavam para aquele atraso.

Ventos nocivos talavam impiedosos a indústria algodoeira. Chegara a hora de sua adversidade, porque neste mundo, meu amigo, tudo, até as plantas da lavoura, têm dias prósperos e dias adversos.

Nesse nefasto ano de 1822, baixou consideravelmente o preço do algodão nos mercados europeus, e tornando-se permanente a





depreciação desse gênero, o desânimo difundiu-se entre os produtores. E logo aumentou-se, porque no mesmo ano, os algodoeiros que até então viçavam frondosos foram atacados de duas moléstias, sendo uma no tronco e a outra nas maçãs. A primeira é a que ainda hoje existe com o nome de mofo, ou piolho. Então chamavam-na cinza. A segunda era apelidada seca-maçãs, porque o seu resultado era secar e derrubar as maçãs do algodoeiro.

Para mais agravar essa situação, mingavam as matas nas proximidades das fábricas, dificultando-se pela distância a abertura de roçados, colheita e transporte.

Eram, pois, males sobre males. A lavoura, que navegava em mares de rosa, combatida então por tão contrários ventos, começou a retrogradar espantosamente, apesar dos esforços de seus operários.

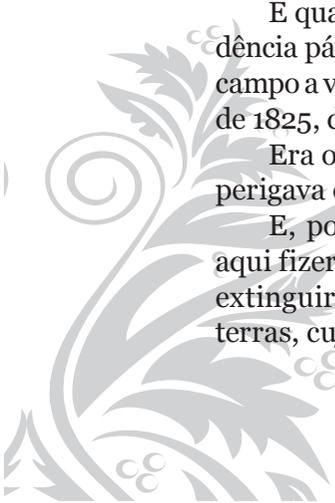
E entretanto, meu amigo, novos tropeços aguardavam-na, para embargar-lhes aqui os já cansados passos.

Os movimentos políticos da independência, e logo depois os da República do Equador, envolveram seu pai e tios, que eram os proprietários principais d'Aratanha e Pacatuba, e obrigaram não só a eles como aos demais homens do campo, a trocar a enxada pela espingarda, e outros a ocultar-se nas grutas da serra, fugindo ao patíbulo e aos cárceres. Assim, pois, as lidas agrícolas foram imediatamente trocadas por lutas sanguinosas, e as canções do trabalho esquecidas pelos hinos ardentes que, no delírio da febre revolucionária, os patriotas entoavam em torno das árvores da liberdade

E quando, mais calmos os ânimos pela firmeza da independência pátria, e fim das lutas civis, se preparavam os homens do campo a voltar aos seus labores, eis que rebentou a desoladora seca de 1825, debandando-os em procura dos meios de subsistência.

Era o golpe mortal do destino sobre a nossa lavoura, que já perigava desalentada.

E, pois, o excelente estabelecimento agrícola que seu avô aqui fizera, e a riqueza que este deixara a seus herdeiros, quase extinguíram-se, restando somente a todos a propriedade das terras, cujo valor então era diminuto.





— E não havia — perguntei eu — algum povoado aqui, nas proximidades da serra?

— Existia aquela velha Guaiúba, que além procura esquecer as amarguras de seu longo passado nos mexericos e intrigas do presente; e que nesse tempo tendo prosperado com a indústria algodoeira, com esta caíra para não mais erguer-se.

Aqui na Pacatuba apenas moravam alguns índios, e a família Albano.

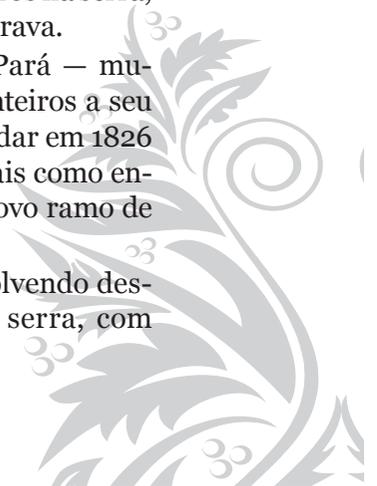
Mas, ouça o resto da história. Findos os horrores da grande seca, seu pai e tios, inteiramente desanimados na lavoura do algodão, e desejando ardentemente reconstruírem suas fortunas, hesitavam, cogitando dos meios de mudar de plantação, aufferindo assim de suas terras lucros mais crescidos.

Sonhava-se com a lavoura de café, que já se ensaiava no sul do império, e este sonho especialmente os preocupava, sugerido sem dúvida pelo fato que lhe vou contar. Nos movimentos políticos de 1824, de que falei há pouco, tendo ido à serra de Baturité, por amor desses mesmos movimentos, seu tio Domingos da Costa, ali viu no sítio Mucaípe, propriedade do capitão Antônio Pereira de Queiroz, alguns cafeeiros ao redor da casa — nascidos de sementes vindas do Cariri, para onde tinham ido de Pernambuco, conduzidas por comerciantes sertanejos. Não só neste como naquele lugar, essas plantas não passavam de objetos de mera curiosidade — o uso do café era estranho na província e ninguém se decidira a estendê-lo e aproveitá-lo.

Seu tio Domingos obteve então oito libras pouco mais ou menos de sementes, e voltando plantou-as em canteiros na serra, e aqui em baixo na Serrinha, onde nesse tempo morava.

Logo depois, pretendendo mudar-se para o Pará — mudança que não efetuou —, Domingos deu esses canteiros a seu irmão João da Costa, e este aproveitando-os fez mudar em 1826 as plantas para o sítio Boaçu, em cima da serra, mais como ensaio do que com intenção firme de constituir um novo ramo de lavoura para si.

Pouco tempo depois, seu pai, meu amigo, resolvendo desprezar a lavoura da planície e mudar-se para a serra, com





o fim de empregar-se na cultura do café, que lhe parecia de próspero futuro, e consultando os irmãos a respeito, estes o desanimaram completamente, qualificando de loucura semelhante lembrança.

Todavia seu pai, que era homem empreendedor e de vontade forte — desprezando as observações de seus irmãos, embrenhou-se na serra e cuidou sem descanso em realizar o plano que elaborara sua fértil imaginação.

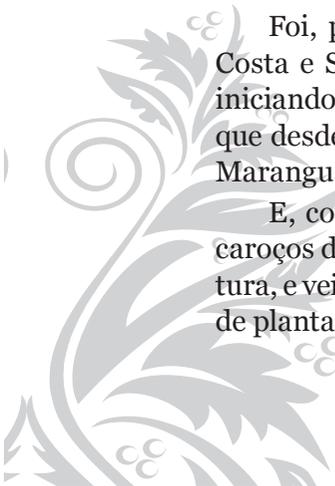
Você há de saber, por lhe ter ouvido sem dúvida, a interessante história do sítio da Boa Vista! Quanto não sofreu ele, trabalhando ao sol e à chuva, com poucos braços, dormindo nas grutas, sem recursos pecuniários — vencendo em suma obstáculos de toda a natureza para sair-se bem do que empreendera, e confundir assim os irmãos que lhes tinham augurado maus resultados!

Derrubados os matos e preparados os roçados em 1839, seu pai encheu alguns de cafeeiros e outros de canas; preparou engenho para a moagem destas; e auferindo algum lucro, adquiriu forças para alargar as plantações de café, e remover os tropeços que lhe embargavam os passos.

Como que a Providência condeou-se de seus esforços e quis compensá-lo de tamanhas fadigas. O que é certo é que seu pai, meu amigo, prosperou depressa, e em poucos anos pôde começar aquele bonito sobrado, que ali demora ufano entre coqueiros nas faldas d'Aratanha, e teve a satisfação de mandar as primeiras sacas de bom café ao mercado da Capital.

Foi, pois, aquele inteligente e laborioso José Antônio da Costa e Silva — quem primeiro vendeu café nesta província, iniciando assim esse importante ramo de nossa indústria, no que desde logo o secundaram seus irmãos e os agricultores de Maranguape e Baturité.

E, cousa interessante! Baturité que nos dera os primeiros caroços de café, não teve depois semente para começar sua cultura, e veio pedi-la à Aratanha, arrancando-lhe muitos milhares de plantas ou mudas!





## VIII

— Agora, a história da Pacatuba — disse Batista, tomando uma pitada de cheiroso caco.

Como lhe disse, a Guaiúba era o único povoado destas paragens e dava nome ao distrito, de que era sede, e que fora criado em 1834.

Além de alguns índios, somente parentes seus aqui residiam, disseminados em três ou quatro casas.

Veio então a terrível seca de 1845, com seu cortejo de horrores, assolar a província inteira. Você era bem criança nesse tempo, e por isso pouco se há de lembrar das cenas horripilantes desse lutuoso ano. Pois saiba que ainda hoje sinto calafrios ao recordá-las. Bandos e bandos de mendigos desciam do sertão procurando meios de salvação, e quantos não caíam e expiravam nas estradas; quantas donzelas não entregavam aos desalmados o tesouro da honra por um punhado de farinha; quantas mães desnaturadas não vendiam seus filhos por um bocado que lhes aliviasse as agonias da fome — enfim quanta nudez, e crimes, e calamidades!

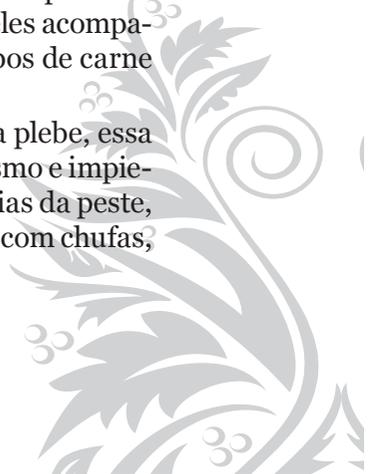
As criancinhas expiravam coladas aos peitos maternos, procurando debalde extrair uma gota de leite daqueles cálices secos crestados.

Até as avezinhas, extenuadas e alucinadas pelos raios ardentíssimos do sol, caíam batendo nos troncos despídos de toda a folhagem.

Somente os urubus encontravam pasto abundante por toda parte! Esquálidos coveiros — em bandos também, eles acompanhavam os mendigantes e sepultavam em si os trapos de carne que sobejavam da miséria.

Os indigentes eram apelidados de retirantes e a plebe, essa plebe cruel que ri e dança e folga, e tresanda de cinismo e impiedade em todas as grandes desolações, entre as agonias da peste, da guerra e da fome — os recebia nas ruas da cidade com chufas, e cantigas da mais torpe irrissão!

Reproduziam-se os horrores da seca de 1825.





Por toda a província as cenas da mais consternadora devastação, os brados de misericórdia! as preces entoadas por entre soluços... e as convulsões da morte!

Grandes, bem grandes eram as culpas do povo, para que a Justiça suprema o condenasse a tamanhas flagelações.

Pois foi nesse amargurado ano, meu amigo, e por isso no meio dos prantos da orfandade, que nasceu a Pacatuba.

Algumas famílias de retirantes, encontrando auxílios caridosos em nossas casas rurais, imploraram e obtiveram trabalho, e aqui ficaram — apegando-se à verdura d'Aratanha, verdadeiro oásis então no meio dos desfolhados e estorricados campos do sertão.

Em breve construíram choupanas neste lugar, preferindo-o à Guaiúba por serem mais importantes os sítios deste lado da serra.

Assim tornou-se o povoado — começando por uma colônia de emigrados do infortúnio.

E como tivesse exercido a caridade, acolhendo os desgraçados em seu seio, Deus compensou-o desde logo, com a mais rápida prosperidade. Acrescia que seus novos operários, acossados pela indigência — resultado do ócio e imprevidência do passado —, compreendiam então a necessidade de trabalhar, não só para manterem-se no presente, como para prevenirem-se ou escaparem a novas calamidades que porventura sobreviessem.

Em poucos anos, pois, os tetos de palmeira transformaram-se em telhados — construiu-se aquela capelinha que você ainda viu ali no largo, e surgiu o comércio para ativar o progresso da nova povoação.

E tão ligeiro foi o seu crescimento, que já em 1848, na administração do Dr. Fausto de Aguiar, apresentou-se a Pacatuba provando superioridade à velha Guaiúba, não só na edificação como na indústria e comércio, e requerendo para si a sede do distrito, o que lhe foi facilmente concedido com grande desgosto da sobredita velha.

Nesse mesmo tempo estendia-se a lavoura do café na serra d'Aratanha.



E de 1850 em diante, tendo prosperado muito esse ramo agrícola, tornou-se fonte de intensa riqueza para a povoação. A serra, coberta de frondosos cafezais, exigia centenas de braços para a colheita, e os habitantes das praias e arraiais circunvizinhos procuravam-na atraídos pelo lucro, e parte deles construía choças e aqui ficava residindo.

Imensas vantagens auferiram os lavradores d'Aratanha nesse decênio, construindo os bonitos sobrados de seus sítios — e algumas fortunas se criaram —, apesar das demandas e hostilidades de aventureiros que, comprando pequenas partes da serra, ainda não demarcada, pretendiam apossar-se de muito — alucinados pela cobiça e cegos de ambição, sugerida pela importância e riqueza da nova indústria.

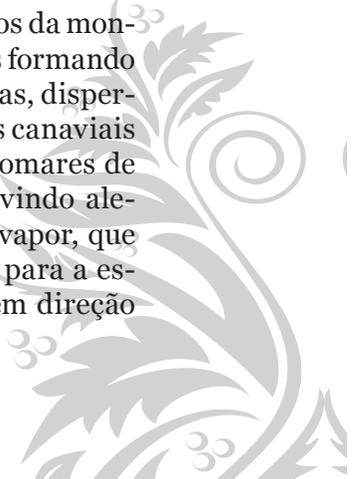
Em 1862, atacados de uma moléstia cruel, enfraqueceram os cafeeiros e diminuíram consideravelmente as suas safras.

Era a política cafeeira que caía, dando lugar a outra facção.

O Poder Moderador chamou logo ao ministério o algodão — esse chefe que jazia quase desprezado e esquecido, desde a sua queda fatal de 1822.

Então o velho Bismark da lavoura, fazendo roçar e queimar as suas capoeiras, reclamou o auxílio dos agricultores, mudando da serra e alistando em suas fileiras os mais ambiciosos; e pouco depois conseguia grandes safras e preços fabulosos, e elevar a Pacatuba à altura em que a admiramos — nisto ajudado pelos canaviais, indústria da borracha, e outros auxiliares de menor importância.

Finalmente, ei-la agora orgulhosa, a Pacatuba, com suas cento e tantas casas de tijolo e cinco sobrados, afora os da montanha e casas de taipa dos arredores; suas trinta lojas formando o quadro de seu animado mercado; além das tabernas, dispersas; seus dois rios, que deslizam à sombra de viçosos canaviais e coqueiros; sua Aratanha coberta de cafeeiros e pomares de variadas frutas, circulando graciosos edifícios; ouvindo alegre o hino do trabalho no som de seis máquinas a vapor, que servem de motores à sua indústria; olhando ufana para a estrada normal da província, que lhe corta as ruas em direção





aos mais importantes centros produtores; pavoneando-se com seu diploma de vila e freguesia obtido em 1869, enquanto não lhe vem o de cidade pela via férrea que breve espera: e fazendo figas ao ciumento Maranguape, que ela aborrece, como formosa e rica pupila ao velho, besuntão e tolo, tutor que enamorado a persegue.”

E rindo-se concluiu Batista deste modo a sua história, enquanto eu cismava impressionado pelo que lhe ouvira, como que vendo em sonho desfilar as sombras de meus ascendentes — desses honrados e antigos lavradores, patriotas denodados e homens de crenças inabaláveis; e como que lhes ouvindo bradar-me na toada gemedora da montanha e no rumorejar da florescente vila: — Filho, trabalhai, que o trabalho enobrece e é preceito divino. Não dissipeis vossos suores, para que possais socorrer os pobres e adquirir a independência e tesouros de bênçãos para vossos descendentes. Sede honrado e crede em Deus, porque na desonra e descrença não brota a flor da ventura. Jamais esqueçais que a pátria é mais que o berço da infância — é a mãe carinhosa que nos embala em seu colo. E assim, tendo por farol os nossos exemplos, podereis passar a vossos filhos o nome que vos legamos —, enobrecido pelo trabalho, pelo patriotismo e pela virtude...

E apertando a mão de Batista, continuei a observar a feira em seus agitados e pitorescos movimentos comerciais.

Quadro indescritível!

A palavra triste da viúva, que ao parente ou amigo contava o passamento do esposo, era sufocada pela frase estridente do vendilhão, ou pelos prazenteiros cumprimentos dos que se encontravam após longa ausência, enquanto as práticas dos lavradores confundiam-se com as suspirosas queixas ou insolências do ébrio infeliz que caminhava ao cárcere; e o grito de alegria da criança, a brincar no pátio, misturava-se com a voz plangente do mendigante a recordar seus males!

Quem poderia, pois, descrever assim reunidos e baralhados em um quadro de instantes, todos os sentimentos humanos, e as notas que os exprimiam, em diferente escalas, nessa variada e grande orquestra?



## IX

Houve uma hora em que diminuiu consideravelmente a agitação do mercado — a hora da missa conventual.

Grande parte da população correria ao templo, ao escutar a terceira chamada do sino — outra ficara por ter ouvido já a missa da manhã — e poucos, felizmente poucos, por tatearem cegos nas trevas do indiferentismo, desconhecendo as doces emoções da fé.

Depressa enchera-se a igreja, em cujos altares recendiam frescas e fragrantas flores colhidas ao amanhecer.

E depois de pronunciar em alta voz os atos de fé, esperança, caridade e contrição, que o povo ouviu e repetiu fervoroso, o vigário paramentou-se e começou o santo sacrifício da missa, por entre cânticos repassados de unção, que entoavam os fiéis.

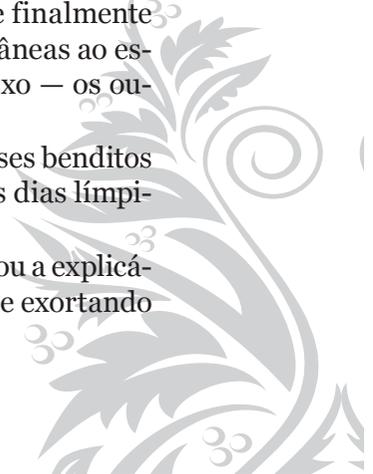
Que encantadora singeleza!

Quem não sente as mais suaves comoções, assistindo à missa na aldeia, e ouvindo aqueles benditos tão ingênuos e melífluos, coados no sentimento religioso, e repassados da eloquência da fé? Os santos benditos que aquelas donzelinhas, de joelhos e com os olhos fitos na Virgem, cantam com acentos da maior devoção, acompanhadas dos velhos, e com eles formando uma harmonia mais tocante e agradável ao Menino do presépio de Belém, do que as músicas voluptuosas que ressoam nos luxuosos templos?...

Sim, mais agradável a Jesus, disse, porque foi assim que o adoraram os pastores no presépio, e depois o povo em sua peregrinação na terra, até o dia cruento do calvário; porque a voz sincera e cândida do coração do povo, lhe soa mais doce do que a dos cânticos comprados a mercenários músicos; e finalmente porque a simplicidade e singeleza são mais consentâneas ao espírito do cristianismo, do que os esplendores do luxo — os ourupéis da vaidade.

E que recordações gratas não nos despertam esses benditos inocentes; como brandamente nos transportam aos dias límpidos de nossa infância?

Finda a leitura do evangelho, o sacerdote começou a explicá-lo em linguagem chã e ao mesmo tempo eloquente; e exortando





os seus paroquianos para que resistissem às tentações do anjo maldito, recordou-lhes as que sofrera Jesus, após o batismo:

— Recebendo as águas do batismo, deixou Jesus as margens do Jordão, e cheio do Espírito Santo, esteve no deserto sem comer nem beber durante quarenta dias e quarenta noites.

Depois de tamanho jejum, permitiu o Espírito Santo que Jesus sentisse fome e que por isso o demônio tivesse ocasião de o tentar.

Veio o demônio e disse a Jesus:

— Tens fome, e se és Filho de Deus, dizei a estas pedras que se convertam em pão.

— Nem só o homem vive de pão — respondeu Jesus —, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.

Logo o demônio, tomando Jesus, levou-o a Jerusalém e colocando-o no pináculo do templo, disse-lhe:

— Se és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, porque está escrito que Deus mandou aos seus anjos que tivessem cuidado de ti e que te guardassem, e que te sustivessem em seus braços, para não magoares talvez o teu pé em alguma pedra.

Jesus respondeu com outra citação da Escritura:

— Dito está: Não tentarás ao Senhor teu Deus.

Insistindo ainda, o demônio transportou Jesus a um alto monte, e mostrando-lhe em um momento todas as nações do mundo, falsamente lhe disse:

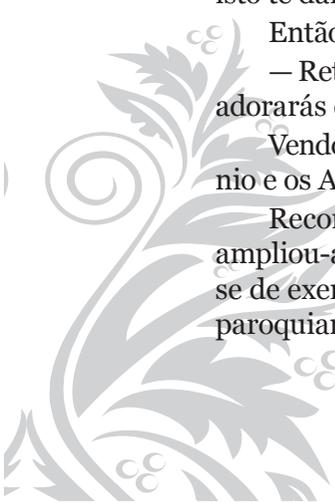
— Dar-te-ei todo este poder, e a glória destas nações, porque elas me foram dadas, e eu as dou a quem bem me parece. Tudo isto te darei, se me adorares prostrado na minha presença.

Então Jesus tornou-lhe com ar soberano e divino:

— Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás.

Vendo deste modo frustrados os seus ardis, retirou-se o demônio e os Anjos serviram a Jesus com comida e refeição corporal.

Recordando esta passagem dos santos Evangelhos, o vigário ampliou-a com graciosa e enternecedora simplicidade, servindo-se de exemplos tirados da vida agrícola e dos costumes de seus paroquianos — desprezando portanto os argumentos intrincados





e as citações empoladas do abade Fulano, do doutor Sicrano, e do cardeal Beltrano, com que tolos pregadores fatigam às vezes a atenção de seus ouvintes, dos rústicos campônios, que não podem compreendê-los, e que entretanto veem com pena estragar-se assim as sementes da parábola.

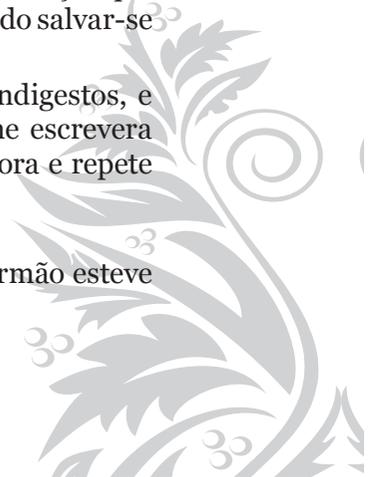
Gostei, pois, do sermão, porque fora apropriado ao lugar e ao auditório, e tivera por modelo o Evangelho, esse Tesouro inesgotável de simplicidade e eloquência religiosa.

E permita-se-me que aqui o diga. Entendo que a prédica d'aldeia devia ser objeto de mais aturado estudo nos seminários; que devia-se preparar cuidadosamente os jovens pregadores, que depois se espalham pelos povoados do sertão, ensinando-lhes a linguagem chã e a maneira de se fazerem compreendidos do auditório do campo, a fim de conseguirem grandes vantagens na propaganda das santas doutrinas do cristianismo. Convinha, pois, que o catequista tivesse sempre em vista o modo por que Jesus falava às massas populares, e, como o divino Mestre, enunciasse os mais profundos princípios teológicos, pregasse toda a doutrina de seu ministério, em singelas parábolas, na linguagem dos ouvintes, de sorte que estes pudessem contar em casa a seus filhos o que ouviram na igreja, o que lhes ficou gravado n'alma. Aquele que para tanto não tivesse a necessária inteligência, melhor seria limitar-se a ler simplesmente no púlpito um capítulo do Evangelho em cada domingo; e destarte efetivamente alcançaria mais do que os pedantes que com os olhos arregatados para o analfabeto caboclo, apenas conhecedor do manejo da enxada, falam-lhe do abade Gaume, como se ele o conhecesse, e emaranham-se em seguida numa intrincada argumentação que decoraram, e em que se perdem, fugindo e procurando salvar-se logo nas exclamações plangentes.

E qual o resultado de semelhantes sermões indigestos, e mesmo dos excelentes sermões que Monte-Alverne escrevera para a Corte, e que o capelão de boa memória decora e repete no púlpito d'aldeia?...

Nenhum, certamente.

— Mulher, diz a aldeã à sua companheira, o sermão esteve bonito, mas eu não entendi nada.





— Nem eu, criatura; aquilo era grego, ou a tal língua do inglês...

— E que bicho será aquele *Goume*, de que ele falou, ó gente? — pergunta o caboclo velho à mulher.

— Eu sei lá, homem! Há de ser animal das outras terras...

E enquanto assim o apreciam seus ouvintes, o pobre pregador em casa cuida que muito conseguiu na prédica, e prepara outra estirada igual para o seguinte domingo.

Basta e perdoe-me Deus este reparo — ditado unicamente pelo amor que no fundo d'alma consagro à religião cristã.

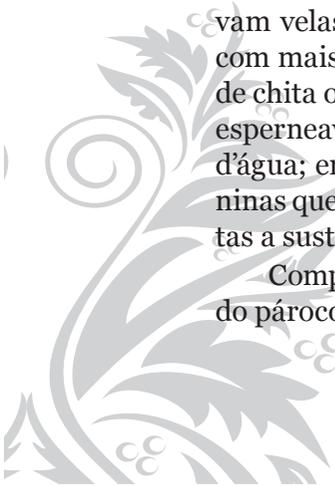
Concluindo o sermão, o vigário passou a ler os proclamas; e então, que olhares furtivos entre os moços; que atenção nos velhos, e quantos lampejos de contentamento no rosto dos interessados!

Talvez interiormente, lá no mais recôndito do coração, murmurasse a donzela: "Quando chegará a minha vez? Tomara que o Serafim acabe o roçado e a casa para pedir-me... Não pensei que a Rita casasse primeiro que eu... Enfim o Antônio resolveu-se a reparar o mal que fez à Rosa..."

E todos os outros talvez apreciassem do mesmo modo as anunciadas bodas, recordando precedentes e tirando as necessárias consequências.

Depois da missa teve lugar a cena dos batizados na sacristia. Dois ou três padrinhos matutos, com seus paletós muito engomados e tesos, gravatas intrigadas com os colarinhos — coletes mal abotoados e recordando os antigos *quartinhos* —, seguravam velas acesas, juntos de outros da vila, e por isso vestidos com mais elegância. As madrinhas, com seus chales e vestidos de chita ou cambraia, dispensavam atenções aos afilhados, que esperneavam chorando zangados com o gosto do sal e frieza d'água; enquanto cintilava o contentamento nos olhos das meninas que os apresentavam, ufanas de tamanha honra, e dispostas a sustentar direitos de comadre quando lhos contestassem.

Completava a cena o júbilo dos pais; e a sincera gravidade do pároco.





E concluiu-a depois a satisfação do sacristão, quando teve de fazer os lançamentos e entrar na messe dos emolumentos e das generosidades dos padrinhos.

## X

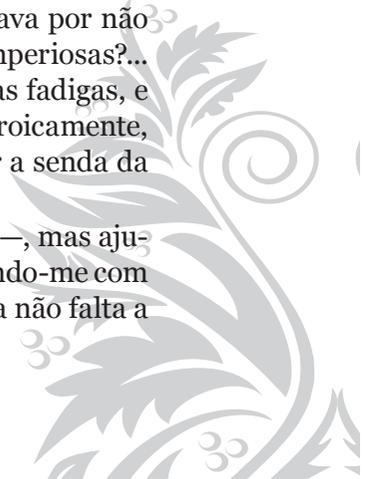
Dirigindo-me de novo à feira, encontrei na rua João e Marcolina, que voltavam da missa.

— Como lhe pareceu o sermão, senhora Marcolina — perguntei-lhe baixinho —; gostou muito, não?

— Ah, fez-me chorar... Parece que o senhor vigário lê no coração da gente... Disse tantas verdades... Tudo aquilo que ele contou, acontece, e vê-se todos os dias entre nós...

— Tem razão... E quer saber de uma cousa? Em todo o tempo daquele excelente sermão, lembrei-me da senhora... Não duvide... Recordei-me da história de seus últimos sofrimentos; da coragem com que trabalhava ao sol e à chuva, sem descanso, vencendo a fome e muitas vezes a doença, para ganhar o vintém necessário ao bocado e remédio do marido enfermo, e de seu filhinho. E então dizia comigo: — Com que vigor não lutou aquela mulher, moça e bonita, contra as tentações infernais, a fim de conservar intacto o tesouro de sua honra, e apresentar-se fiel e pura a seu esposo, quando este voltasse à saúde?... Quantas vezes no empenho de perdê-la, não procurou-a o demônio na pessoa do moço devasso e rico, e não lhe ofereceu pão, quando ela quase agonizava de fome; e não lhe ofereceu vestido, quando ela tiritava de frio; e não lhe ofereceu dinheiro, quando ela soluçava por não ter um vintém para prover as necessidades mais imperiosas?... E entretanto, repelindo os gozos do ócio na hora das fadigas, e o ouro no instante da penúria, ela resistiu a tudo heroicamente, e vencendo espinhos e agruras, continuou a trilhar a senda da virtude...

— É verdade — disse ela trêmula e enternecida —, mas ajudou-me Maria Santíssima dando-me forças, e cobrindo-me com seu divino manto. Implorava a graça de Deus, e esta não falta a





quem de joelhos e fervorosamente a implora. E rezando os atos de fé e de esperança, como que ouvia a voz do céu prometer-me muita abundância e alegrias, em recompensa dos meus sofrimentos, se eu não me arredasse do bom caminho... E não aconteceu tudo isso? A fartura e contentamentos, que me vieram depois, não são aquele pão corporal que os anjos serviram a Jesus depois das tentações, como nos contou o senhor vigário?... Ah, é bem certo o ditado: — Quem com Deus anda, com Deus acaba... Nossa Senhora, interceda por mim, para que eu sempre possa resistir às tentações do maldito e fugir dos maus caminhos...

E despediu-se, para concluir os seus arranjos e voltar a casa.

Duas horas depois concluía-se a feira — começava a vazante do mercado.

Como viera, retirava-se o povo em bandos, tangendo as cargas de mantimentos, ou os conduzindo às costas.

Os animais, interrompidos em suas meditações, e recebendo as malas e caçuás, volviam aos seus campos, como que dizendo: — Enfim! Enfim acabaram os tais senhores com a maçada!

Gradualmente desmanchava-se o quadro, como morro d'areia movediça, nas inundações. De vez em quando destacava-se uma porção e desaparecia. Do mesmo modo calavam-se as notas da grande orquestra.

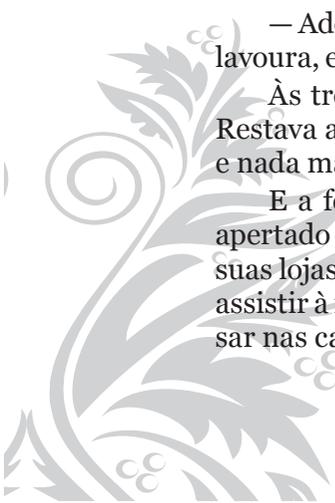
Agora os adeuses da despedida. Muitas ilusões desfeitas em corações juvenis e outras a despontarem vivaces. Em todos — as saudades. Saudades dos comerciantes, a verem partir seus fregueses — e destes, largando as folias do mercado.

As medidas pedindo repouso e as gavetas que as aliviassem...

— Adeus, ó filhos do trabalho! Sorrindo volvei aos campos da lavoura, e sorrindo vinde no domingo animar o nosso comércio.

Às três horas da tarde, despovoara-se de todo o mercado. Restava apenas nos alpendres muito serviço para as vassouras e nada mais.

E a formosa Pacatuba, a graciosa filha d'Aratanha, tendo apertado a mão de seu querido distrito e dos vizinhos, fechou suas lojas, endireitou os vestidos, e com seus caixeiros saiu e foi assistir à revista de seus guardas-nacionais ou passear e conversar nas calçadas sobre os acontecimentos do dia.







## **FOLHAS SECAS**







Os rapazes, fábricas da fazenda das Queimadas e de outras vizinhas, em torno da fogueira do alpendre, escutavam admirados a José Bernardo — o fama dos vaqueiros.

Era uma das noites de mais animada conversa, como sempre que o velho vaqueiro dispunha-se a dar à língua.

Velho, disse, porque José Bernardo já tinha mais de quarenta ferras como vaqueiro daqueles sertões. Poldros que amansara nos tempos de moço, já os urubus haviam comido e a terra lambido os ossos. E como testemunhas estavam aí os brancos cabelos, que lhe cobriam a testa como as crinas de seu ruço campeão.

Mas, voltemos ao caso. José Bernardo deitado em um couro fumava em seu cachimbo aparelhado de prata, presente de um cavalariano amigo, e respondia com toda a fleugma aos rapazes; e estes, uns de cócoras, outros sentados em cangas, couros e cangalhas, não se fartavam de interrogá-lo.

— Oh, rapazes, vocês me parecem reses atrás d'água nas ipueiras secas! Ainda não abri cacimba; tenham paciência e peçam chuvas a Nosso Senhor.

— Mas, tio José Bernardo, vosmecê ainda não contou um caso dos bons que sabe...

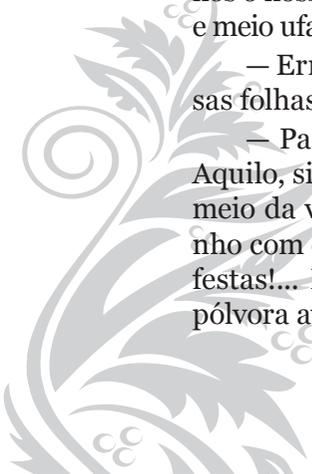
— Qual caso, nem meio caso! Casado fui duas vezes, e se mais não fui a culpa é de tua tia Francisquinha, que meninas não me faltavam pelos arredores.

— Já tu pegas com tuas graças, Zezinho — murmurou de dentro a velhinha —, isto é homem encartado...

— Estava ouvindo, minha velha? Pois vou contar a estes meninos o nosso casamento — disse José Bernardo com ar prazenteiro e meio ufano, olhando de esguelha a sua querida metade.

— Erra só o que faltava, homem; para que vais remexer nessas folhas secas?...

— Para eles aprenderem como se casava em nosso tempo. Aquilo, sim, é que era casamento! O rapaz agradava a dona por meio da valentia, furtava-a da casa dos pais, brigava no caminho com oito cabras cangaceiros, casava... e depois, olha lá que festas!... Dançava-se três dias com três noites e queimava-se pólvora até arrebentarem os bacamartes...





— Este homem não toma juízo, não... E vai contar estas histórias?...

— Ora, tia Francisquinha — disseram os rapazes —, deixe ele contar. Que mal faz? Conte, tio José Bernardo, conte...

— Então, gente, o que responde?

— Assanou os meninos e descarta-se comigo? Arranja-te como puderes, homem, que eu vou fiar o meu algodão.

Os rapazes riam-se baixinho; José Bernardo também, e Francisquinha não deixava de sorrir-se.

E tinham razão, porque mais unido casal ninguém conhecia naqueles sertões: era uma alma em dois corpos, dois riachos reunindo-se, formando um rio que sereno desliza pela várzea. Os faladores, que em toda a parte os há, somente diziam: — que o tio José Bernardo, das Queimadas, ainda namorava a tia Francisquinha, sua mulher. O velho quando isto sabia, ria-se a não poder mais —; e se a consorte dava cavaco, ele a consolava dizendo: "Deixe-os falar, minha velha; antes digam isto, do que inventem que vivemos à custa do alheio, ou que deixamos de nos confessar na quaresma..."

E ainda tinha razão, porque falsos destes é que, se não queimam como o carvão, tisnam muitas vezes as boas reputações.

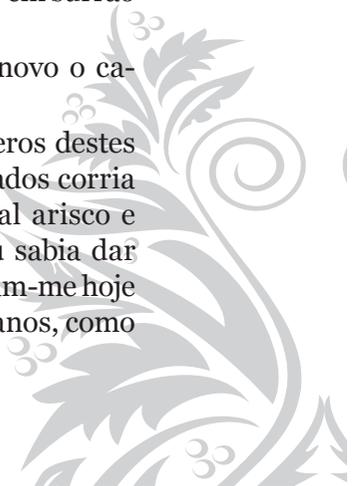
— Estão ansiosos pela história, como o gado em outubro pela rama, meus rapazes? — disse logo José Bernardo.

— Quem é que não gosta de ouvir o tio José Bernardo, meu Deus! Vosmecê fala de maneira que amarra a gente...

— Pior vai esta.... não me encha de vento: olhe que em surrão velho não soca-se o legume. Pois bem, escutem.

E o velho vaqueiro, enchendo e acendendo de novo o cachimbo, principiou sua história.

— No meu tempo fui um dos rapazes mais temeros destes gerais, e a fama de minhas proezas em serviço de gados corria pelo sertão. Quem tinha seu touro brabo, ou animal arisco e amontado, mandava logo chamar-me, porque só eu sabia dar voltas ao bicho, por mais mocambeiro que fosse. Restam-me hoje somente os sinais, que as valentias foram-se com os anos, como





folhas do mufumbo nas águas do riacho. Agora qualquer novilhote me faz correr e trepar até entre os espinhos do surucucu...

— Ora, qual, tio José Bernardo, poucos ainda se pegam com vosmecê.

— Não é tanto, que já não passo de um couro velho, que nem para alpargatas serve. Mas é certo que assim mesmo, não me troco ainda por umas figurinhas que andam aqui entrosando de valentões...

— Olhe lá... bem eu dizia...

— É que os tais valentões nunca viram bichos bravos, como os havia no tempo do Rabicho, do Orelhudo, do Bargado e de outros novilhos afamados. Então sim é que eu quisera vê-los aparelhados em campo. Mas, a raça daqueles acabou-se, meninos, acabou-se. Os novilhos d'agora são mais mansos que as vacas, e as vacas piores do que os cordeiros.

Os meus documentos são estas esfoladuras, que estão vendo. Esta, apanhei-a correndo na caatinga atrás do Orelhudo, num dia de sexta-feira quase de noite; esta outra foi no caminho de Pedra-de-fogo numa junta de gado. Tangia eu um magote, quando arranca uma rês e enfia deveras pelo mato. Então cheguei os ferros ao ginete sem lembrar-me que ele era melado claro, e o maldito não só faltou-me como despejou-se comigo na garganta dum serrote!

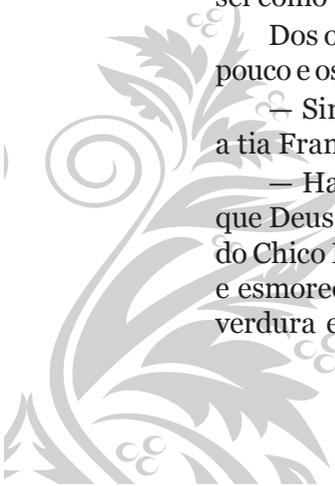
— E caiu, tio José Bernardo?

— Em pé, mas o terreno era despenhado, e por isso escorreguei e papoquei a cabeça no tronco d'uma ingazeira, que não sei como a não arrebentei.

Dos outros se eu fosse falar não acabaria hoje, que o tempo é pouco e os casos muitos. Vamos, porém, à história do casamento...

— Sim, a história do casamento do tio José Bernardo com a tia Francisquinha.

— Havia um ano que para sempre me deixara a Jardimina, que Deus haja, com uma filhinha nos braços, que é hoje mulher do Chico Leitão, do Poço-fundo. E o ano para mim passara triste e esmorecido, e não admira, porque acostumado aos invernos, verdura e flores do casado, via-me reduzido à seca, solidão e



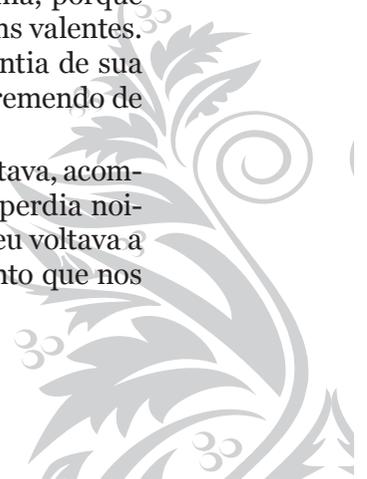


calamidades do solteiro. Eu estava como a rês em pasto estranho, e como a rês volta-se gemendo para o lado de seus pastos, eu suspirava recordando o passado; e não tenho vergonha de dizer, meninos, muitas vezes corriam-me as lágrimas de quatro em quatro pela cara abaixo, como a resina do cedro.

E assim devia ser, que a Jardilina fora um anjo que Nosso Senhor me emprestara e a vida que me deu uma aurora de junho. A minha vontade era a sua, e ela me queria tanto, que parecíamos galhos de um só tronco, ou um casal de rolinhas.

De manhã cedo acordávamos, rezávamos e cuidávamos em nossas obrigações, contentes e satisfeitos como quem nada deve. Se era pelo inverno, tirávamos o leite, almoçávamos, e enquanto ela fazia os queijos, eu saía para trabalhar com os gados, pedir campo, ou dá-lo aos vaqueiros vizinhos: procurar e conduzir ao curral a vaca que eu vira amojada e que por isso devia estar parida, ou para a junta dos bois de açougue. E se era tempo de seca, ela tratava das criações miúdas e dos bezerros enjeitados ou caruaras, e eu saía para as cacimbas ou logradouros onde fazia as retiradas, curava o gado doente, e cortava rama para o mais fraco. De volta, ela ao ver-me sorria feliz. Jantávamos conversando alegres e assim depois, sentado no meio de sola eu fazia peias e cabrestos e ela trazendo seu balainho de algodão punha-se a fiar. Contava-lhe então os sucessos do campo; ora a carreira por altos e baixos a todo pano, na espinhosa caatinga que me rasgara a véstia e o guarda-peito, e ferira-me o ginete; ora o arremeter do noviho, o encontro da cascavel ou da onça, etc. Escutando-me, ela estremecia aflita e rogava-me que não me atirasse a tantos perigos; mas não deixava de alegrar-se dentro d'alma, porque todas as mulheres, meus rapazes, gostam dos homens valentes. E têm razão, porque a força do marido é uma garantia de sua fraqueza, e ao lado dum maricas viveriam sempre tremendo de medo como varas verdes!

E como chorava a Jardilina, quando eu me ausentava, acompanhando a boiada para a feira! E como chorava e perdia noites de sono, quando eu gemia doente! O dia em que eu voltava a casa, à saúde, ou era um dia de festa e contentamento que nos recompensava das saudades e dores.





Outra grande festa era o dia da ferra. Ela vinha assistir no curral a divisão dos bezerros, e entre os que me tocava de sorte escolhia o mais gordinho para a filha.

Eu lhes conto estas cousas para vocês fazerem ideia do estado em que fiquei, perdendo a minha querida mulher.

Na verdade, é preciso ser doutor, e doutor dos mais letrados, para explicar o que me consumia na minha viuvez. Perdi o gosto do trabalho e passava o tempo malucando! E como não havia de ser assim se me faltavam aquelas carícias, se não tinha a quem contar as minhas proezas, se a minha casa era um deserto!

Era-me necessária outra Jardimina, para poder dar conta não só dos gados de meu amo da terra, como também da vida, que me dera a guarda o Amo do céu. E, Deus louvado, encontrei outra igual, porque a Francisquinha, justiça lhe seja feita, não fica atrás: é uma esposa de mão cheia como a Jardimina, e tão sua amiga que, longe de zangar-se se a elogio, ajuda-me a recordá-la com saudade.

Muitas vezes, observando a Francisquinha, assento de pedra e cal, e ninguém me tira disso, que vendo a minha tristeza, Jardimina pôs-se aos ouvidos de Nosso Senhor a rogar-lhe que me desse uma esposa igual a ela, e tanto pediu, tanto pediu que Ele para descansar atendeu-a logo, concendendo-me a Francisquinha.

Mas, deixemos os arroteios e vamos pelo caminho direito.

Eu andava banzeiro na viuvez, e os meus vizinhos e amigos com medo que eu variasse — pois o juízo da criatura é tão fino que não precisa muito para o perdermos —, me aconselhavam que procurasse mulher; que aquela vida não ia boa; que a fazenda assim não prosperava.

Convenci-me disto e botei o sentido e os olhos por planos e tombadores, com o ouvido alerta, procurando o mel da abelha.

Principiei por arrumar o meu corpo, que o desgosto desaranjara tanto que mais parecia um rancho de comboieiros do que outra cousa. Chico Paes, que entende desses negócios de cabelo, endireitou-me o topete e fez-me a barba; e o Antônio Maria Gomes, que trabalha bem em couros, aprontou-me uma véstia,



perneiras e guarda-peito de capoeiro, que o couro de bode não é para quem sabe correr na caatinga. Fiquei mesmo um Deus-nos-acuda, e comparando mal um S. Jorge no caminho das batalhas.

Assim, arreei o meu ruço de fama, avô do ruço pedrês e montando-o saí, andei e corri até que dei com o rasto que eu procurava, que era o da Francisquinha. Avistei-a, botei-lhe o cavalo e sem mais nem menos engracei-me dela.

A Francisquinha voltava de uma festa e vinha bonita que era um gosto. Sapatos de marroquim encarnado, vestido de chita de pataca, que naquele tempo era a mais fina, um colar demais de vara, umas arrecadas de estrelinhas, e uns sorrisos, uns olhares... e um jeitinho que endoideciam a gente. Ao vê-la, senti uns frios cá por dentro, que pareciam de maleitas e mal pude falar com seu pai, o senhor Feliciano de Queiroz.

— Deus o salve, senhor Feliciano de Queiroz, e a sua obrigação.

— A nós todos, senhor José Bernardo. Para onde se bota, que mal pergunto?

— Pergunta muito bem; saí para dar umas voltas no campo e vigiar os gados de meu amo.

— É bom zelar o que se lhe entrega. Então, como vão de crias este ano?

— Vamos bem e não indo, senhor Queiroz... vamos bem, porque apresentei oitenta e cinco bezerros à ferra, afora os de quatro vacas mocambeiras; e não indo, porque apareceu nestes últimos tempos uma gafeira nos bezerros, que os vai matando: inda ontem perdi três!t

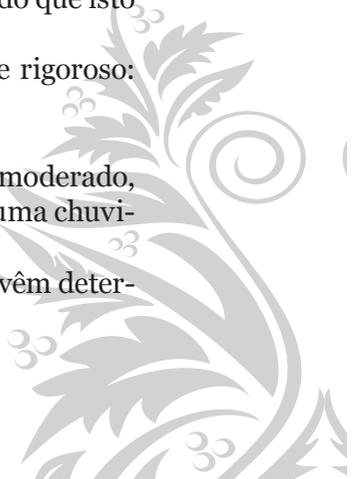
— Homem, lá por casa tem sido o mesmo. Eu cuido que isto é alguma erva ruim que o gado está comendo.

— O que é verdade é que o inverno foi bastante rigoroso: lavou o pasto e o enfraqueceu demais.

— Todavia, antes assim, do que a seca.

— Mas, senhor Queiroz, o melhor é um inverno moderado, porque o pasto cresce e fica com sustância; e depois uma chuvinha em outubro para fazer a rama.

— Lá isso é verdade; mas, o que quer? As cousas vêm determinadas de cima...





Disse ele apontando o céu, enquanto eu não tirava os olhos da Francisquinha. Emparelhara o meu cavalo com o de seu pai, e estirava a conversa para melhor observá-la. Francisquinha vinha à garupa segurando-se com uma mão na cintura do pai, a outra descida, e os olhos baixos. E sua mãe vinha ao lado num castanho escuro. Os cavalos caminhavam a passo.

— Então, já sabe que os chimangos caíram?

— Ouvi dizer, senhor Queiroz; ontem passou lá por casa um portador do capitão Pereira e levava esta notícia.

— Enfim caíram estes judeus, que tantas desgraças nos trouxeram.

— Não penso assim, porque, como vosmecê sabe, nasci chimango e se ando torto — quem torto nasce, torto morre.

— Ah, é verdade, não me lembrava que vosmecê era do tal partido. Não falemos mais nisto. O tempo mostrará quem anda errado.

Tive pena, rapazes, daquele caranguejo ser pai da Francisquinha; porque se não fosse, a resposta estava pronta. Eu o escalava de cima abaixo, e havia de mostrar-lhe quem eram os judeus, que crucificaram a Nosso Senhor Jesus Cristo; e lembrar-lhe que o primeiro caranguejo que houve no mundo, como me afiançou o vigário, foi Judas Iscariotes, que por sinal vendeu o divino Mestre por trinta dinheiros!

Mas engoli a palavra, olhando para a Francisquinha, e conversei noutras cousas até que chegamos a casa, que era perto, e nos separamos.

— Adeus, senhor Queiroz; perdoe a má companhia.

— Ora, vosmecê é que tem a perdoar alguma falta de minha parte.

— Nenhuma, senhor Queiroz; adeus. Adeus, senhoras donas. Até logo.

Francisquinha corou, respondendo-me baixinho; e os velhos disseram:

— Se Deus quiser...

Cheguei então os ferros à barriga do cavalo, e saí correndo como quem corre atrás de boi na vargem. E desde aquele momento assentei que devia casar-me com a Francisquinha, desse no que desse.





— Com uma carangueja, tio José Bernardo — murmuraram os rapazes.

— Qual carangueja, meninos; carangueijos tinha-os ela de sobra em casa e o que lhe faltava era um chimango: quem é que deseja o que possui? Por isso ou não, o que é verdade é que mulheres... ninguém as entende! Francisquinha era chimanga de chapa; é o que queriam saber, não é?

— Está ouvindo, tia Francisquinha? — gritou um dos rapazes.

— Deixa-me lá, menino, que tenho mais que fazer! respondeu ela de dentro da casa.

O velho sorriu-se, puxou e tragou duas fumaças e continuou:

— Eu andava deveras apaixonado e procurando veredas para o namoro. Todas as tardes, baralhando no meu ruço de fama, fazia-o riscar no terreiro da casa do senhor Queiroz; e dava saída às minhas visitas, ora perguntando por uma vaca que por aqueles campos pastava, ora dando novas de uma rês catingueira, ou pedindo campo, ou água, etc. Algumas vezes via a Francisquinha, e pelos ares com que me aparecia conheci que estava também mordida pelo amor.

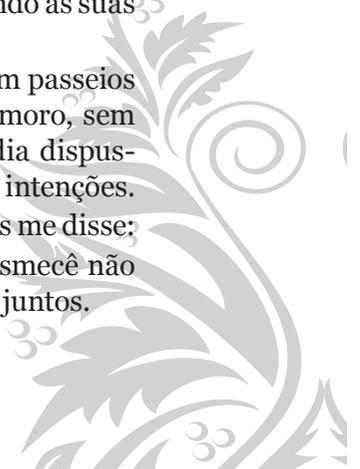
O senhor Queiroz continuava a tratar-me bem; e se desconfiava do caso não dava mostras e nem me fazia cara feia; e nem podia, pois se éramos da mesma a cor, éramos também dos mesmos possuídos e até parentes por parte do defunto meu pai.

Mas, havia uma diferença entre nós e grande — a de partido; e como vocês sabem aqui pelo sertão é mais fácil faltar chuvas em abril do que mudarmos de ideia. Não somos como os homens lá da cidade, que viram e reviram todos os dias, segundo as suas conveniências.

Voltemos, porém, à história. Em idas e vindas, em passeios e olhares, já quatro meses rolava eu com o meu namoro, sem atrever-me a falar ao senhor Queiroz, até que um dia dispus-me, e puxando conversa dei-lhe a entender as minhas intenções.

Coçando a cabeça, pôs-se ele a considerar e depois me disse:

— Vou cuidar para lhe dar a resposta. Como vosmecê não ignora, estes negócios não se decidem assim aos pés juntos.





— Sei, senhor Queiroz, e espero, mas lembre-se que vai decidir da minha vida. Não é por me gabar, mas aqui não vejo quem trabalhe mais do que eu e possa dar a uma dona o trato que ela merece.

— Pois, sim, homem; falaremos depois a respeito.

E retirei-me cheio de esperança, porque o Queiroz me devia muitos favores em serviços de gados, e não recebera mal a minha proposta. Todo o sertão sabia do negócio e todo o sertão já dava-me os parabéns e convidava-se para a festa.

Mas, o demônio da política veio meter-se no meio, e dismantelar tudo!

Havia uma eleição e o povo foi chamado para dar votos na vila. Queiroz recebeu uma carta do delegado, que era um caranguejão dos quatro costados, que lhe pedia a gente toda da terra; e eu recebi também uma de meu amo, que era chimango às direitas, dizendo-me que não faltasse com os amigos.

— Ai, ai, ai! — resmungaram os rapazes por essa não esperava vosmecê, tio José Bernardo!

— É certo, meninos: mas o maldito mete-se sempre no que anda direito, para rir-se nas profundas...

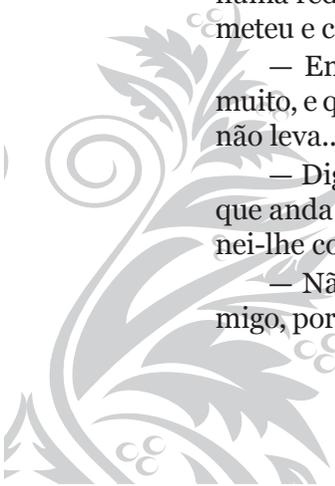
O senhor Queiroz pôs-se em campo e não tirou mais a sela do cavalo. Não parecia o mesmo, tão demudado estava pela paixão da política: convidava a todos e brigava com todos que não prometiam acompanhá-lo! E eu pelo manso ia-me arranjando como podia, fugindo de encontrar-me com ele, por causa da Francisquinha.

Porém, como lá diz o outro, saiu-me o ano bissexto. Um dia, passando no terreiro do senhor Queiroz, topei-o no copiá, deitado numa rede. Salvei-o incontinenti, e ele sem responder-me, arremeteu e cresceu para cima de mim com estas palavras:

— Então, senhor José Bernardo, já sei que tem cabalado muito, e que leva a gente toda deste sertão! A mim é que vosmecê não leva... fique logo certo disto.

— Diga-me por favor, senhor Queiroz, quem é o habilidoso que anda lhe contando estas histórias para nos intrigar? — tornei-lhe com a prudência de um santo.

— Não são histórias... não, senhor. O Menezes não vai comigo, porque vosmecê o chamou... Antônio da Lagoa-de-dentro,





o mesmo... Chico da Tapera, já se sabe... Manoel de Vargem-alegre, nem falemos... Mas, vosmecê está muito enganado comigo, e é porque quer... Havemos de ver no fim quem sai vitorioso... e fique certo que gastarei até a última cabecinha de gado!

E continuou com um rosário de razões, que eu respondia com prudência; entretanto, encarnado como casca de croá, ele arremetia mais do que novilho nos mocambos.

Ah, se não fosse a Francisquinha, meus rapazes, aquele dia era o da minha desgraça! Já me saía fogo das orelhas e escurecia-me a vista...

Mas, por causa dela aguentei tudo, e sem faltar o respeito a seu pai, retirei-me quando me disse que dali em diante não daria em sua casa nem fogo e água a chimango!

— É: "Adeus, sombra das flores".

— Ah, sim... pois ouçam:

"Adeus, luz da bela aurora,  
Adeus, fresca da manhã,  
Adeus, esperança vã  
De quem triste geme e chora;  
Adeus, que vi-me fora  
De teus mimosos amores...  
Adeus, pois os teus primores  
Para mim tiveram fim,  
Adeus, florido jardim,  
Adeus, sombra das flores!"

— E a segunda?

— É: "Do jardim da primazia".

— Pois ouçam:

"Já se ausentou o meu siso,  
Já lá se vai meu prazer,  
Perdendo teu bem-querer,  
Perdendo meu paraíso!  
O que serei sem juízo...  
Ai, rosa d'Alexandria?  
Da vida foge-me o dia,





Como foge o meu sentido...  
Adeus, ó cravo escolhido  
Do jardim da primazia!"

- Muito bem, muito bem, tio José Bernardo; agora as outras:
- Não me recordo mais, rapazes... A terceira principiava...

"Adeus, meu galante sol,  
Adeus, planeta brilhante,  
Adeus, fino diamante,  
E risca lá do teu rol  
Este amor...  
Este amor..."

Não acerto com o resto, meninos; já se acabou a minha memória...

— Ora, tio José Bernardo, como vosmecê se esqueceu de uma obra destas...

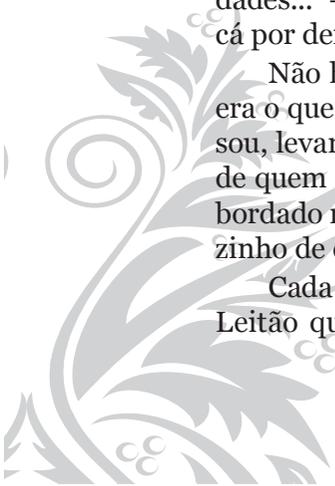
— A poeira dos anos, meus rapazes, estragou-me o entendimento: já não presto para essas cousas. Naquele tempo, sim, eu não tinha inveja de quem soubesse obras, e dançasse um baião e um coco inchado... Mas hoje, só sei rezar o meu rosário e isto mal.

— E a tia Francisquinha, não gostou da obra?

— Ao cabo de três dias, o rapaz voltou e me contou que a Francisquinha chorou quando leu a obra e depois lhe dissera: "Diga a ele que meu pai está ainda zangado e que ele foi a causa... que nunca me esquecerei dele... e que estou me acabando de saudades..." — E outras palavrinhas, meninos, que me refrescaram cá por dentro, como chuvas de janeiro ao campo esturricado.

Não havia dúvida, não, a Francisquinha me queria bem, e era o que me faltava saber. Dali em diante o rapaz não descansou, levando e trazendo recados, obras em verso, e mimosinho de quem se estima. Às vezes era um lencinho com um Cupido bordado no meio e corações e setas; e outras vezes um coraçãozinho de queijo... e iguais finezas.

Cada vez mais enfeitado, e farto de esperar, pedi ao Manoel Leitão que fosse à casa do senhor Queiroz, e na conversa o





apalpassem sobre o meu casamento com sua filha, a fim de conhecer as suas tenções a meu respeito. Manoel Leitão foi, e deu uns toques sobre este tanto; e a resposta do velho não podia ser mais cruel: despachou-o, declarando debaixo do sério que não casaria sua filha com chimango, que no seu entender era pior que o carrapato!

À vista de semelhante despacho, decidi-me a furtar a Francisquinha, e mandei-lhe no mesmo dia um recado. Ela respondeu-me que muito lhe custava abandonar pai e mãe, porém que por mim daria até a própria vida, e que me procuraria no canto do curral, junto do chiqueiro dos bezerros, à primeira cantada do galo.

Arranjei o necessário, e dando boas rações de milho aos cavalos e preparando as armas, fui buscá-la na hora aprazada, acompanhado de seis camaradas dos mais valerosos. Tomamos chegada devagar e com toda a cautela, e nos escondemos num capão de mato, que perto havia, donde via-se o curral e toda a casa do senhor Queiroz. E ali estávamos de espreita, quando vi um vulto branco sair da casa, e caminhar para o curral. Não havia dúvida, era ela... Deixei no mato os camaradas, e aproximando-me para tomá-la à garupa, topei... ah, não sei como não mordi o chão de raiva!

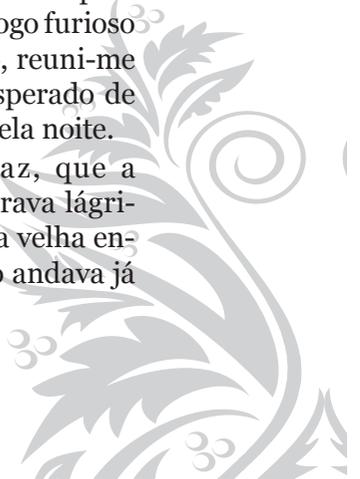
— Quem era então, tio José Bernardo?

— A mãe de Francisquinha, que desconfiando dos modos da filha, viera espiar à roda da casa!

— Ih!... Por essa não esperava vosmecê! E o que fez ela?

— Foi um barulho, que parecia o fim do mundo! A velha pôs-se a gritar; os cachorros avançaram, e o velho acudiu logo furioso como um trovão... E eu, chegando esporas ao cavalo, reuni-me aos companheiros, e com eles sai fumando, e desesperado de minha vida, porque mais nada podíamos fazer naquela noite.

No outro dia soube, por contar-me o rapaz, que a Francisquinha estava trancada na camarinha e chorava lágrimas a punhados; e que a razão do sucedido fora ter a velha encontrado a filha a entrouxar a melhor roupa; e como andava já com a orelha em pé, adivinhara o resto.





— Oh tirana sorte — exclamei fora de mim! — E as lágrimas vieram-me aos olhos como reses à porteira quando se abre.

Na mesma ocasião mandei à Francisquinha uma obra, que assim principiava:

"Romper ferros, romper brenhas  
Não acho ser valentia,  
Para roubar-te, açucena,  
Do poder da tirania."

No dia seguinte voltou o rapazinho, o mensageiro da minha açucena, e disse-me que ela continuava encarcerada, mas que me mandara esta embaixada: "Diga-he que a janela da camarinha está pregada, porém vou trabalhar a fim de arrancar os pregos; que venha receber-me à meia-noite debaixo da janela, pois, aconteça o que acontecer, estou determinada a acompanhá-lo, seja para onde for!

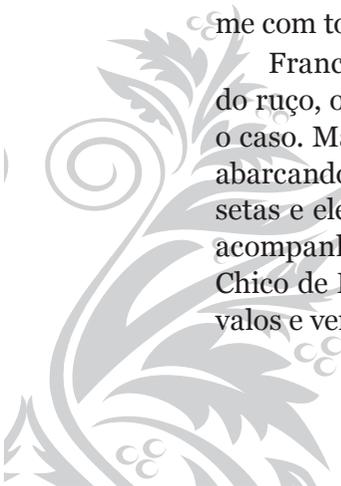
— Homem, a tia Francisquinha era dura! Sim, senhor; não tinha medo de nada! — exclamaram os ouvintes.

— Ainda vocês não viram nada, rapazes; ouçam o resto. Tomei as informações todas a esse tanto, e botei portadores para os camaradas, e milho aos cavalos.

À meia-noite lá me achei disposto a derramar até a última pinga de sangue em defesa da rosa dos meus pensamentos. Matar-me, era o mais que podiam fazer; e que me importava viver sem ela?

Como na primeira vez, arrumei os camaradas e, só, cheguei-me com todas as cautelas ao lugar do ajuste.

Francisquinha abriu a janela, e quando saltava à garupa do ruço, os cachorros arrancaram e a gente da casa pressentiu o caso. Mas, já era tarde. Ela agarrou-se à minha cintura, e eu abarcando com as pernas a barriga do cavalo, prantei-lhe as rosetas e ele fechou carreira, veloz como o vento. Os camaradas acompanharam-me na mesma conformidade, dizendo-me o Chico de Barros: "Depressa que o velho mandou chegar os cavalos e vem na batida."





Ainda não tínhamos caminhado muitas léguas, quando ouvimos o tropel da cavalcada do Queiroz. As barras vinham quebrando... E então, ao chegarmos à cocuruta de um alto, botei os olhos para baixo e vi lá na entrada duma varjota porção de cabras do Queiroz. Corriam como uns danados, e por isso nós apertamos a carreira, para ver se ganhávamos a situação do Menezes, onde eu queria depositar a Francisquinha.

Mas, o meu ruço já pouco esticava, e certamente os cabras nos alcançariam em pouco tempo. Portanto, combinando a respeito, preparamos os bacamartes, e esperamos no meio da estrada, em posição conveniente; e não custaram os cabras, porque estavam quase em cima de nós.

Chegados que fosse, disse Manoel Gomes, como chefe do bando:

— Senhora dona, viemos buscá-la por mandado do senhor seu pai.

— Não vai daqui enquanto não morrermos todos! — disse eu sem detença, olhando para o cabra.

— Eu lhe mostro se ela vai ou não...

— Havemos de ver, senhor Manoel Gomes! Vosmecê não me conhece ainda, apesar de ver-me todos os dias; mas, hoje se desengana...

— Não gastemos o tempo com razões, senhor José Bernardo... Dona, apeie-se e vamos...

— Diga a meu pai que não há forças humanas que me façam voltar! — tornou-lhe a Francisquinha.

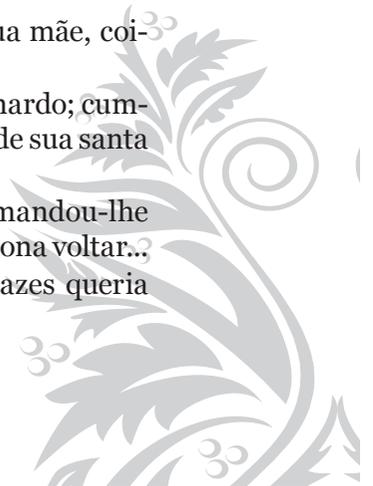
O cabra vendo-a assim determinada disse:

— Mas, dona, seu pai morrerá de desgosto e sua mãe, coitada... ficou em termos de perder o juízo.

— É minha sina acompanhar o senhor José Bernardo; cumpro a minha sina: Deus Nosso Senhor fará o que for de sua santa vontade! — respondeu Francisquinha.

— Tem razão, senhora dona; porém seu pai mandou-lhe dizer que dá consentimento para o casamento, se a dona voltar...

— O cabra era ladino! — murmuraram os rapazes queria ensiná-los, não é, tio Bernardo?





— Era, e todos nós conhecemos a lábia e lhe furtamos o corpo. A Francisquinha continuou a sustentar aos pés juntos que não voltaria, e então o cabra depois de algumas razões, mudou outra vez de tom, declarando:

— Pois, dona, quer queria quer não, há de acompanhar-me, que é ordem de seu pai...

— Só depois de morta... Morro, e não me entrego, senhor Manoel Gomes; fique certo disto!

— A tia Francisquinha era temera! — exclamaram os ouvintes.

E eu acrescentei:

— Morreremos todos com mil diabos, senhor Manoel Gomes. Camaradas, escarnemos as armas!

E dito e feito: escarnamos os bacamartes e cada qual estava mais determinado. E pondo-nos em franquia, gritei:

— No primeiro que der um passo para diante, papoco fogo...

Os cabras não fizeram ação; e como nos vissem dispostos, e tivessem recomendações ou medo, deram de rédea aos cavalos e voltaram, declarando antes o Manoel Gomes:

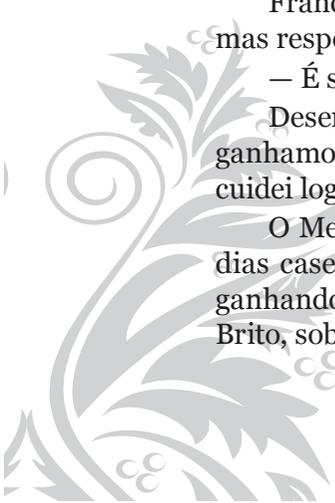
— Não é por medo, meus senhores, que voltamos. Estimamos a dona e não queremos desgraças. — Dona, adeus: antes tudo, que vê-la morta. Ajudei a criá-la; carreguei-a nos meus braços; e por isso não tenho coração para maltratá-la. Não quer voltar? Pois não volte. Eu contarei a seu pai a sua resolução e farei por consolá-lo. Adeus.

Francisquinha derramou uma lágrima, ouvindo o Gomes; mas respondeu-lhe como no princípio:

— É sina, cumpro.

Desembaraçados então, continuamos a marcha e depressa ganhámos a casa do Menezes. Aí depusitei a Francisquinha e cuidei logo nos arranjos para o casamento.

O Menezes era amigo do vigário, e por isso dentro de três dias casei-me, meus rapazes, vencendo assim esta batalha, e ganhando a aposta que eu fizera com meu vizinho Antônio de Brito, sobre esse tanto.





— E não houve festa, tio José Bernardo?

— Nem é bom falar nisso! Queimou-se pólvora que fazia medo, dançou-se três dias com três noites encarriadas. O aluá e a branca já corriam no terreiro; e os tocadores da viola e da rabeça ficaram afrontados por muito tempo. E não foi só isto. Eu e a Francisquinha, a pedido do Menezes, saímos a campo para nos tirarem o chapéu, e então os camaradas viram-se doidos, meninos. Eu no ruço, e ela num castanho corredor, empurramos na vargem, velozes como o pensamento; e a outra gente atrás pega-não-pegas, e sem poderem pegar-nos. Depois, quando estávamos cansados da brincadeira, deixa-mo-nos agarrar...

— Quem tirou o chapéu da noiva?

— Foi o Menezes; e o meu, o João da Baixa-d'areia. Nunca me ri tanto em dias da vida.

— E depois a tia Francisquinha não foi pedir a bênção ao pai?

— Foi em companhia do Menezes e do vigário. O velho não quis a princípio vê-la; pôs-se duro e renitente; porém o vigário e o Menezes deram-lhe as dedicadas e tanto rogaram, e tais cousas disseram, que o velho rendeu-se, declarando que abençoaria a filha, mas que não queria ver-me nem o rasto! A Francisquinha entrou e ajoelhando-se pediu a bênção ao pai e à mãe.

— Deus Nosso Senhor te abençoe, filha desnaturada! — exclamou o pai.

— Abençoada sejas de Deus e da Virgem Maria! — exclamou a mãe, e chorando soluçava com a Francisquinha.

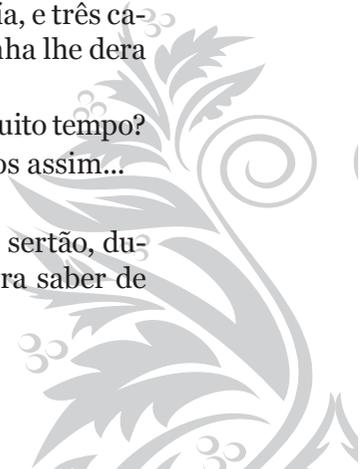
Depois desta cerimônia, a Francisquinha voltou, e no outro dia mandaram-lhe a roupa, o ourinho que ela possuía, e três cabeças de gado, crias de uma bezerra que sua madrinha lhe dera no dia do batizado.

— E o velho ficou espinhado com vosmecê por muito tempo?

— Dois anos e quatro meses e cinco dias rolamos assim...

— E como fizeram pazes?

— Quem foi, rapazes, que não fez pazes aqui no sertão, durante as missões do senhor frei João? Querem agora saber de uma cousa?





— O que é, tio José Bernardo?

— Entrou por uma porta e saiu pela outra: manda o rei, meu senhor, que me conte outra. Adeus, que é tarde e vou ver se agarro o sono.

— Ora, tio José Bernardo; podia contar-nos ainda outros casos...

E como o velho vaqueiro se levantasse, todos fizeram o mesmo, que o galo já cantava, e a tia Francisquinha, acabando de fiar o algodão, esperava o velho para o terço.







## **NOITE DE NÚPCIAS**





## I

Era já muito tarde, seguramente dez horas da noite, e ainda passeávamos ao longo da praia.

Os pescadores dormiam em suas casinhas.

O Pecém, esse pequeno arraial marítimo, estava naquela hora submerso em profundo silêncio. De vez em quando, apenas os choros da criancinha acordada em sua tipoia, ou o latido do cão à porta de seus amos, denunciavam a existência de uma povoação nessas paragens. Se isto não fora, diríeis talvez uma aldeia abandonada pelos errantes filhos da selva.

Eu e Antônio, o pescador que me acompanhava no passeio noturno, muitas vezes parávamos, nos sentávamos no morro, e calados contemplávamos o arraial em seu remanso, e o mar em seu agonizar sem tréguas.

Gosto de passear assim em deserta praia. Nada mais belo, mais imponente, mais sublime para mim, em todo o universo, do que o mar nos lugares ermos.

Não me lembro do que senti à primeira vez que o avistei. Talvez pouco me impressionasse, porque nasci ouvindo sua gemedora e monótona toada e cedo acostumei-me a vê-lo da calçada de minha casa.

Depois...

Menino, saltei muitas vezes rindo e folgando na praia, no meio de alegres companheiros; e então apenas reparava naquele alvo e macio banco de areia, como que de propósito preparado para os brinquedos da manja, ou tempo-será: — talvez senti gratidão para com o bom Deus por tê-lo feito. E moço, passeei em suave meditação.

Encantava-me o mar, admirava sua grandeza; mas, perto estava a cidade com seus rumores; — aqui os barqueiros, os pescadores; além os navios, o vapor, a despoetizá-lo, a marear-lhe a beleza e a sufocar as melancólicas notas de suas vagas.

Um dia, porém, visitei-o no deserto. Fiz a viagem por campos arredados de sua margem, e procurei-o no lugar Taíba, naquele pedregulho vermelho que o invade, provocando-lhe as iras.



Era ao descair da tarde. Os passarinhos voavam ao redor do pouso. O sol escondia-se longe, atrás das montanhas. E a gaivota deixara o ranchinho da praia, onde saltitara durante o dia procurando surpreender os peixinhos.

Atravessei um grande morro de mais de meia légua de largura, e com um grito de assombro parei ante o mar, ante o maravilhoso quadro que se descortinava a meus olhos!

As vagas quebravam-se raivosas nas rochas brancas e furadas do cerro, invadindo os antros e uivando como onça surpreendida na furna. O vento zunia com força, puxando-me os cabelos e a roupa, arrancando-me o chapéu; e a seu impulso passava a areia, desfaziam-se aqui os morros e formavam-se além.

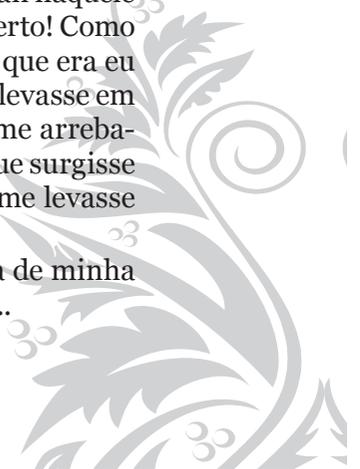
Em frente, as ondas agitadas, buliçosas, rugidoras — o mar, o infinito d'água; ao redor, o areal sem termo, despovoado de verdura; em cima, o céu azulado a desmaiar, a escurecer-se: por toda a parte o deserto.

Fiquei parado por muito tempo — estúpido, completamente estúpido. Não pensava, não tinha sequer uma ideia a esvoaçar-me na mente. Olhava para aquilo sem compreender... como que sem vida, sem sentidos...

Na imensidade de um sentimento qualquer — dor, alegria ou espanto —, fico sempre assim: para-me talvez o sangue nas veias e minh'alma adormece. Depois, despertando do êxtase ou torpor, se a sua causa foi a angústia, corre-me opimo o pranto pelas faces; se a alegria, brota-me o riso nos lábios; se o espanto, as ideias vovem, o pensamento trabalha rápido.

Acordando então, senti um terror indizível: o medo trespassou-me a medula dos ossos. Era quase noite, e eu ali naquele ermo areial, junto daquele mar bravio, e também deserto! Como me conheci pequeno em frente daquela grandeza! O que era eu senão miserável argueiro? Receei que o vendaval me levasse em suas asas, que as ondas crescessem... crescessem e me arrebatassem da terra para esmigalhar-me nas penedias, que surgisse daqueles abismos um monstro... uma avantesma, e me levasse para as grotas do fundo ao mar...

Passado esse terror infantil, filho da consciência de minha pequenez, veio a reflexão, o raciocínio, a admiração...





Saudei em maviosos hinos do coração aquele mar sem fim, as carpidoras vagas, o areal branco e móbil, os rochedos vermelhos, a renda de nevada espuma que enfeitava o verde manto do oceano, a humilde conchinha da praia, o vento, a solidão... finalmente Deus, o prodigioso autor daquelas belezas.

E deixando a Taíba, poucas horas depois eu passeava no Pecém, onde me encontra o leitor, e onde tudo isto eu recordava, ao lado do pescador Antônio.

Era lindíssimo o luar.

As águas brilhavam e mais ainda o peixe que pulava brincando de vaga em vaga. E nós conversávamos despertando de vez em quando o tetéu, nos alagadiços vizinhos.

Ouvindo um de seus assustados gritos, disse-me Antônio:

— O tetéu não dorme, é a sentinela do bosque.

— Como é o tetéu, senhor Antônio?

— Pois não o conhece?

— Não; somente o nome.

— Então escute: o tetéu é um passarinho de cor arroxeadada como a da rola, papo preto, encontros brancos; e tem no alto da cabeça uma pena maior, assim a modo de penacho. Seu biquinho é comprido e preto cinzento. Põe dois ovos no chão limpo, e apenas come lodo e bichinhos d'água. Quase não dorme; passa a noite com um pé erguido e as asas abertas: quando cai o pé ele desperta e o mesmo acontece se fecha as asas, pois estas têm um ferrãozinho que o fere. Assim não pode pegar no sono e; ao menor barulho grita, e voa dos alagadiços onde vive.

— E não pousa nas árvores?

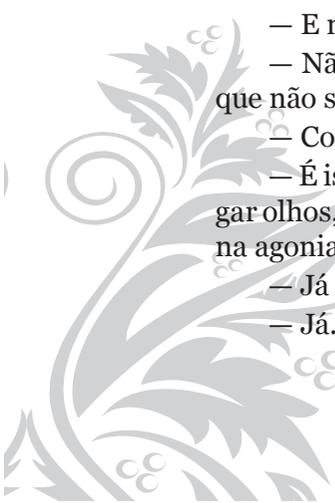
— Não, senhor, que ele não pode; tem os dedos tão curtos, que não se seguram nos galhos...

— Coitado, está sempre velando...

— É isto mesmo — vê anoitecer e amanhecer quase sem pregar olhos, como o pobre ferido n'alma pela dor, ou estorcendo-se na agonia da fome.

— Já sentiu alguma vez dor muito grande, senhor Antônio?

— Já... muito... muito...

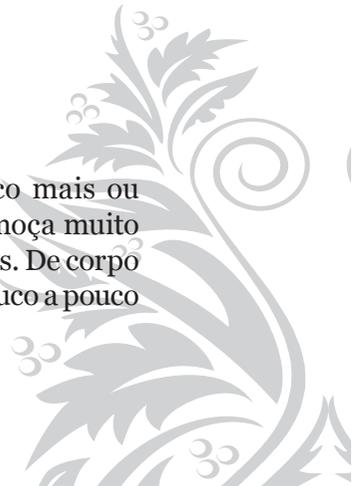




- Aqui mesmo?
- Naquela palhoça que ali embaixo o vento rasga sem pena.
- Faz-me um favor?
- Dois e três... vosmecê manda, não pede.
- Conte-me a história dessa grande dor.
- Não é melhor ficar para amanhã?
- Agora. O silêncio convida; e ninguém nos interromperá a não ser o tetéu, o símbolo do cuidado incessante. Está com sono?
  - Ora, meu senhor... os jangadeiros acostumam-se a não dormir. Este que vosmecê está vendo seria muito feliz se tivesse de Padre-Nossos para sua alma, as noites passadas em claro, no meio das ondas, com o anzol n'água, sem pescar um coró. Há dias de completa infelicidade para o homem do mar. Os filhinhos choram com fome, a esposa alonga a vista pelas vagas, ansiosa esperando a jangada; e o pobre, na solidão das águas, debalde prepara a linha, muda de lugar e suplica a Deus um peixe ao menos... Nada. Parece que o demônio vira-se em tubarão para perseguir a tudo que se aproxima do anzol. Ai, e que tristeza e desânimo no pobre, quando com o samburá vazio e a quimanga limpa, volta à tarde para sua casinha!
    - Mas, conte-me a história.
    - Vou contar-lhe a do meu infeliz amor. Escute. Está vendo aquela casinha cercada de coqueiros, acolá na volta da praia?
      - Que tem um jataí ao lado, não é?
      - Sim, senhor, aquela mesma; pois foi lá que sucedeu isto que vou contar-lhe.
- E contou-me o seguinte.

## II

Eu andava com os meus dezessete anos, pouco mais ou menos, quando me engracei de Carolina. Era uma moça muito bonita, senhor, e mais do que todas para os meus olhos. De corpo mimoso e franzino — parecia-me uma sombra, que pouco a pouco





vai desaparecendo, um sonho da madrugada, uma visão que não sei explicar. Seu olhar era preguiçoso e terno como a luz do sol no poente; e o sorriso ligeiro e esperançoso como relâmpago ao longe em tempos secos. Mas, algumas vezes, senhor, esse olhar brilhava ardente como o areal ao meio-dia; e o sorriso estalava contente como a chuva de abril, ou igual aos sorrisos de menino. Isto acontecia pouco, pois o natural dela era a tristeza.

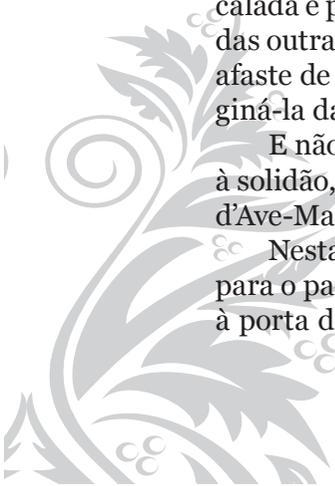
Carolina morava com sua mãe, que era uma pobre velha muito chegada a Deus e dada com todos. Seu pai morrera de maleitas, deixando unicamente a pobre casinha e o costume do trabalho. E, Deus louvado, nada lhes faltava, porque mãe e filha, fazendo rendas, cosendo, ou fiando, bem sabiam ganhar o bocado com o suor do seu rosto. Demais, a velha era parteira e entendida em mezinhas, e por isso todos a serviram para tê-la em suas enfermidades.

Ninguém censurava Carolina quanto à sua honestidade. Não, senhor. Em suas visagens, em seu viver diferente do das outras, sim, é que reparava-se e muito! Tinham-na visto em noite de luar, sozinha pela praia, com os cabelos soltos, ora a soluçar penosa, ora a cantar umas toadas ternas; e havia até quem afiançasse que a descobrira nas ondas em uma noite de grande tempestade! Queriam alguns que ela tivesse comunicação com as almas penadas; e outros, que estivesse com o júizo meio desmantelado! Mas, tudo isto dizia-se baixinho para que a velha não ouvisse, e zangada se negasse depois ao curativo dos doentes.

Eu não acreditava nestas cousas, senhor. Para mim, a Carolina não era mais do que uma menina triste por natureza, calada e pensativa, que mais gostava de viver só, do que na folia das outras. Como vosmecê não ignora, basta que uma pessoa se afaste de seus costumes, não viva a seu jeito, para o povo imaginá-la da maneira mais extravagante.

E não me enganava. Carolina nascera propensa à tristeza e à solidão, e isto tornava-a formosa como a tarde nos momentos d'Ave-Maria.

Nesta hora de sombra e saudades, em que a gente volta-se para o passado, ela largava o trabalho e passeava pela praia, ou à porta da casinha sentava-se com os olhos fitos nas ondas. E





eu a procurava então, e quase sempre calado sentava-me perto, a mirá-la sem faltar-me, como o menino à vela da jangadinha de seu pai na linha do mar.

Sem que eu lho dissesse, Carolina compreendera o amor que me queimava o coração, e se não o correspondia como eu quisera, senhor, não deixava de tratar-me bem e ouvir-me com toda a atenção. Mas, quando na conversa eu lhe dava a entender o meu estado e desejos, ela suspirava sem responde-me, e derramava um dos seus olhares lânguidos em meu rosto e depois sobre os mares. Tratava-me como se eu fora seu irmão e a velha chamava-me seu filho.

Não me bastava tão pouco, para matar a sede que me devorava a alma. Ardente e apaixonado, perto via a felicidade; e minha vontade, pois, era correr... para não gastar tempo no caminho. E que me importava a pobreza, os contratemplos, o mundo... tudo?... Possuindo Carolina, eu seria o homem mais venturoso da terra e... não sei dizer o que sentia, o que se sente nessa idade! Vosmecê passou sem dúvida por tudo isto, conseqüentemente compreende o que não lhe posso explicar.

Entendi-me, pois, com a velha; e esta sorrindo-se assegurou-me sua aprovação, aconselhando-me todavia que falasse com franqueza à Carolina, para saber — do sim, ou não.

Falei... Trêmulo e confuso supliquei a Carolina que decidisse logo de minha sorte... E ela estremecendo respondeu-me:

— Gosta de ver-me, de acompanhar-me nos passeios, de conversar comigo?

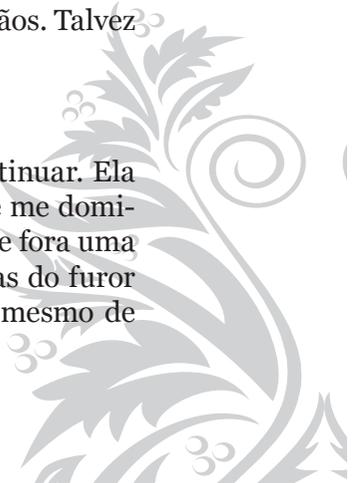
— Sim, Carolina, sim...

— Pois continuemos como até hoje. Sejamos irmãos. Talvez mais tarde...

— Carolina! e por que não agora?

— Cale-se... Não diga mais nada... me obedeça...

E olhou-me com tanta graça, que não pude continuar. Ela tinha um poder sobre mim, senhor, um poder... que me dominava. Ao menor de seus desejos eu obedecia, como se fora uma ordem do céu. Até seria capaz de lançar-me às ondas do furor de uma tormenta, de precipitar-me nas chamas, e mesmo de





esfaquear-me a seus pés se ela mo ordenasse! Não é exageração, senhor. Ainda hoje não sei como era aquilo... e muitas vezes matinando o juízo levo horas e horas a procurar uma razão para esse tanto.

Calando-me, fiquei a seu lado algum tempo, triste e desanimado. Olhávamos ambos para o mar, que perto agonizava sem esperança. Depois tocando-me levemente com sua delicada mãozinha, riu-se com inocente alegria, e me disse:

— Está zangado comigo, não é? Mau!... Por que é mau?

Eu suspirei apenas. Então, mudando de tom, quase séria, ela acrescentou:

— Ama-me... e não pode esperar! Por que tão depressa?... Pense primeiro para não se arrepender depois. Olhe, às vezes a gente procura uma flor... É tão bonita; seu perfume tão doce... Apanha-se a flor, a pobrezinha emurchece, e no outro dia seca abandonada no campo...

— Não diga isto, Carolina! Escute: não há força no mundo que me faça deixar de amá-la! Você me governa. Minha vida é sua! O que quer que eu faça, Carolina?...

— Ama-me então muito, não é?

— Sim, Carolina, muito, muito!

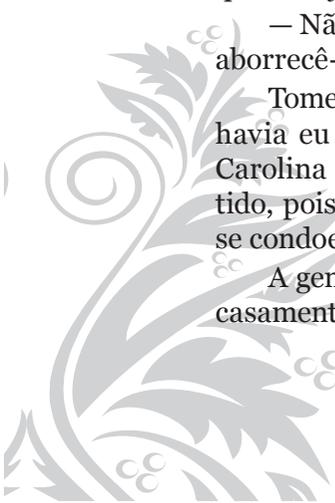
E ela calou-se, calou-se pensativa, e se eu deixava escapar algumas palavras, estas caíam na areia e nem ao menos o eco as respondia.

Contei à velha o resultado da minha empresa, instando para que me ajudasse. Falou-me assim:

— Não é bom vexá-la, não; Carolina é meio esquisita e pode aborrecê-lo. Continue como vai, que o tempo fará o resto.

Tomei este conselho, que outro não tinha a tomar. E que havia eu de fazer, senhor? Se teimasse em pedir-lhe o sim, Carolina tomaria desgosto e me fugiria talvez. O melhor partido, pois, era esperar que aquela mulher diferente das outras se condoesse de mim.

A gente da praia certamente reparava na demora de nosso casamento e o que dizia não sei. E tinha razão, porque aqui esses





negócios não se demoram: — o rapaz enamora-se da rapariga e dito e feito, casa-se logo.

Entretanto eu continuava a esperar, pedindo a Deus que encurtasse o tempo de tamanha delonga.

Como já contei a vosmecê, Carolina no meio de sua tristeza habitual tinha horas de uma alegria de menino. Corria então na praia atrás da folha que o vento levava, provocando-me para o mesmo, e rindo-se da menor cousa. Pobre criança! Com que singeleza e graça ela me dizia:

— Olhe, Antônio, tenho vontade de descer ao fundo do mar para ver as sereias... Vivem cantando entre as flores de seus jardins. Seus palácios são de uma beleza que não podemos imaginar, não são? — Repare como aquela vaga abraça-se com a outra... Ai, desmancharam-se depois do abraço! O amor... escute: não, não escute... Sou uma doida, não é, Antônio? — A nambu está marcando as horas. Conte. Uma, duas, três, quatro, cinco... Cinco sorrisos da nambu são cinco horas. Quem ensinou a nambu a marcar assim as horas? — Tenho inveja da gaivota que voa de mar adentro... Vai passear nas outras terras, não é, Antônio? Dizem que as outras terras são tão formosas...

E falando nas outras terras, ela recaía em sua meditação, e mandava-me embora.

— Por que já não me quer em sua companhia, Carolina?

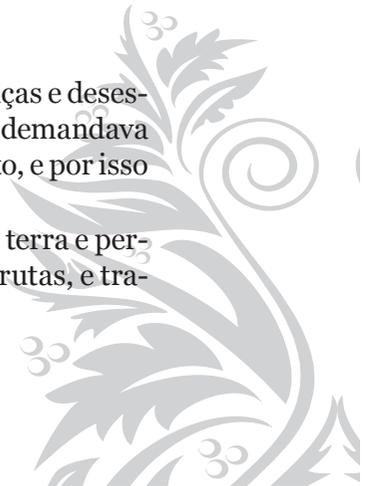
— Nada... não diga nada; faça o que lhe mando...

E eu me retirava agastado e triste sem poder compreendê-la.

### III

Vivíamos assim, nesta incerteza, nestas esperanças e desesperanças, quando arribou a esta praia um navio, que demandava o porto da Capital. Precisava de um pequeno conserto, e por isso devia demorar-se aqui uma semana.

Os marujos, como costumam, saltaram logo em terra e percorreram todas as casinhas, procurando bebidas e frutas, e travando relações com as famílias.





Tornou-se isto a novidade desta praia.

Todos falavam em tal; no agrado dos marujos, nos presentes que faziam e recebiam, nas visitas ao navio e no parente ou antigo conhecido que haviam encontrado.

Cada qual, senhor, tinha a sua história a contar, a sua opinião a respeito, e um elogio para os marujos que sem pena gastavam, e mais ainda mandavam encher os copos.

Infelizmente não escapou dessa revolução a casinha do jataí! Os marujos visitaram-na e um deles, o comandante ou mestre do navio, moço bem apessoado, puxando conversa com a velha, descobriu não sei como, que ainda vinha a ser seu parente!

Quando eu soube disto, senhor, doeu-me o coração como se o tivessem arrojado com uma corda. E desde então, largando o trabalho pus-me a rondar aquela casinha, com medo que me roubassem a felicidade.

E Carolina reparando agastou-se e ordenou-me que mudasse de vida!

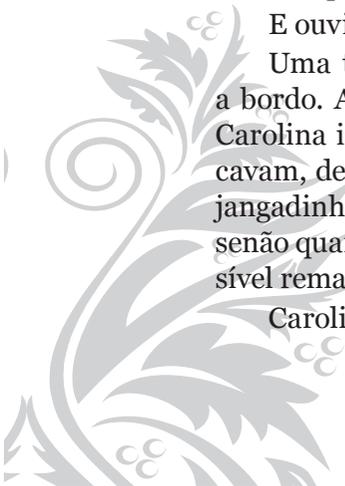
Mas, o que havia de fazer? Diga-me vosmecê... O que eu havia de fazer se um presentimento cruel, um ciúme devorador me alucinavam?...

Todos os dias o tal marujo vinha a terra e todo tempo passava na casinha do jataí... A velha recebia-o com agrado, tratando-o por sobrinho, aceitava seus mimos e preparava-lhe o comer; e Carolina não se fartava de indagar por essas terras desconhecidas... da outra bando do mar... que o velhaco do primo pintava como se pinta o céu.

E ouvindo-o, ela ficava como que triste e pensativa.

Uma tarde o comandante as convidou para um passeio a bordo. A velha não queria ir — tinha receio de enjoar; mas Carolina instou tanto, que... poucos momentos depois embarcavam, demandando o navio. Eu estava então pescando numa jangadinha da costa e tão distraído, que não dei fé do escaler, senão quando poucas braças distava, quando já não me era possível remar e fugir de um quadro que me trazia o desespero.

Carolina ao ver-me gritou batendo palmas e sorrindo:





— Antônio... está dormindo, Antônio! Ande... venha também passear no navio...

Eu não respondi, senhor, que meus beijos tremiam como no frio das maleitas.

— Ande, Antônio — continuou ela —, que maluco aquele, nem responde a gente!

— Está dormindo e sonhando com os peixes — disse o comandante.

E voltando-se para mim, acrescentou:

— Camarada, acorda e pesca para me venderes teus peixes!

— Prefiro lançá-los ao mar.

— Que paspalhão!

— Infame! vem dizer isto perto! — tornei-lhe furioso.

— Não repare no que ele diz, meu primo... o pobre rapaz anda com a bola virada — acudiu Carolina.

— Coitadinho! — concluiu o comandante com faceirice.

E riram-se todos da graça, afastando-se de minha jangada, e eu fiquei soluçando, senhor, e pedindo a Deus uma tormenta que nos esmagasse a todos... que soltasse raios e ordenasse aos mais desenfreados ventos que descessem, trouxessem as nuvens mais negras, remexessem as ondas e nos afogassem todos — a mim com tamanha angústia, àquela mulher com a sua ingratidão, ao marujo com a sua perversidade e à velha com seu criminoso descuido! Nosso Senhor me perdoe este e outros pensamentos maus do meu desespero.

Era noite quando voltaram do navio, Carolina quase desmaiada, segurando-se no braço do comandante, e a velha do outro lado, bastante abatida pelo enjoo. A velha dizia:

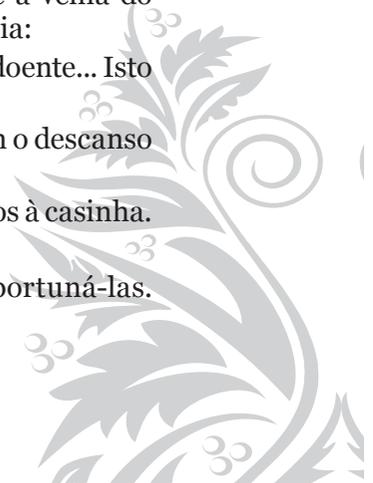
— Eu bem não queria ir, Carolina! Agora cairás doente... Isto só pelos meus pecados...

— Não foi nada — tornava o comandante —, com o descanso isto passa; amanhã Carolina acordará boa...

Eu os escutava escondido e assim acompanhei-os à casinha.

O comandante logo se retirou dizendo:

— É preciso que descansem... não quero importuná-las. Amanhã voltarei para conversarmos.





Eu andava, senhor, em termos de perder o juízo. Já uma semana passara e o navio ainda no porto! E cada vez mais curtas as visitas do comandante à casinha do jataí e mais estreita a amizade!

Ao mesmo tempo eu procurava encontrar-me só com o meu rival. Queria provocá-lo... brigar com ele e matá-lo ou ser morto! Mas, porque ele desconfiasse, ou porque Nossa Senhora do Amparo, minha madrinha, me socorresse, nunca achei ocasião para tal. Ah, se eu tivesse podido... Deus me perdoe, o meu ódio àquele homem era tão grande como o meu amor à Carolina, e maior que o meu amor... nem sei!

Quando voltaram do navio, e logo que se retirou o comandante, entrei na casinha, mais do que nunca sombrio e pesaroso.

Nunca viu, senhor, ao aproximar-se a tormenta, como a costa torna-se escura, triste e horrível? Assim meu coração.

Carolina sentada junto à sua rede, pensava calada, enxugando, para que a mãe não visse a lágrima que lhe corria dos olhos e a velha, recomendando-lhe que se deitasse, preparava-se para sair a visitar uma doente que ela tratava perto.

Assustaram-se quando entrei, vendo talvez em meu rosto a tempestade que no coração estalava.

Disse-me logo a velha:

— Estou muito zangada com você, Antônio... Como é que sem razão tratou há pouco daquele modo a meu sobrinho?

— Carolina é a culpada — respondi estremecendo.

— Eu? — disse Carolina enraivecendo-se rapidamente — pois tenho culpa de sua malcriação? Que há de dizer o primo, sabendo que estimamos e damos entrada em nossa casa a um homem tão grosseiro?

— Tem razão, Carolina; além do que tem feito... mais o insulto!

— O que é que ela tem feito? — acudiu a velha. — Tratar bem ao primo? Há nisto algum mal? Pois era para você andar cheio desses ciúmes? Antônio, o homem ciumento não pode fazer feliz a mulher com quem se casa, porque do ciúme nascem as maiores loucuras...





Ciúme... cega, que não enxergava o precipício a seus pés!

— E faça eu o que tenho feito ou mais ainda, o que é certo é que não lhe devo contas! — continuou Carolina. — O que lhe prometi? Disse-lhe acaso, que correspondia ao seu amor? Ora... também muita impertinência aborrece a gente!

Era tremendo o golpe; eu não o esperava. Desatei a chorar, a soluçar como criança...

Condoída por isso, a velha mudou de tom e procurou consolar-me.

— Seja homem, Antônio, deixe estas fraquezas para as mulheres e meninos... Não repare no que disse Carolina; são arrufos por causa de seu ciúme... Ela não deixou de amá-lo, e Nossa Senhora não permita que eu morra sem os deixar casados.

E eu sem atender às consolações da velha, dirigi-me à porta e soluçando ainda disse à Carolina:

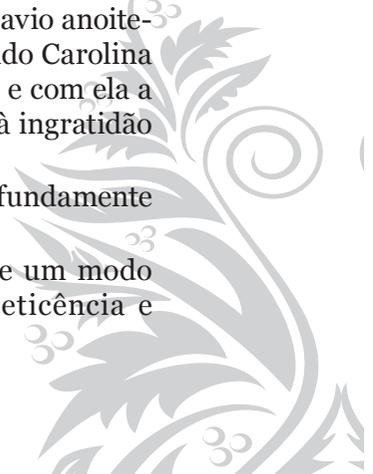
— Pois bem, Carolina, não hei de aborrecê-la mais com as minhas impertinências, e nem você se envergonhará daqui em diante de meus modos grosseiros. Mas, Deus enxerga até na mais escura noite e lê nos corações. Ele conhece todo meu amor, quais as minhas intenções... Que não me perdoe as culpas, se não penso somente em sua felicidade, minha felicidade também. Um dia, Carolina, você há de arrepender-se; talvez bem tarde... Adeus... Não saio querendo-lhe mal, porque isto me é impossível... mas vou chorar longe — onde meus soluços não a importunem.

E saí sem esperar a resposta, e só Deus sabe o quanto sofri então.

Para encurtar a história, senhor, não tardou em realizar-se a desgraça que meu coração pressentia. Um dia o navio anoiteceu e não amanheceu no porto. Saíra à noite, levando Carolina para essas terras estranhas, terras de seus sonhos, e com ela a vida da imprevidente velha, que não pôde resistir à ingratidão da filha e minha ventura, o encanto de minh'alma!

E Antônio interrompeu aqui a sua história, profundamente comovido, e com os olhos nadando em lágrimas.

Momentos depois, contou-me o resto, mas de um modo tão singelo, tão original, com tanto suspiro, reticência e





unção que, embora me esforçasse, não poderia reproduzi-lo com fidelidade.

Fá-lo-ei, pois, livremente.

#### IV

Carolina acreditara nos protestos do marujo. Este, notando a sua fatal inclinação para as viagens, além de assegurar-lhe o casamento, falava-lhe sem cessar das terras estranhas — dessas outras terras em que ela pensava dia e noite e que surgiam em seus sonhos de adolescente como oásis do mais ditoso afeto.

— Sim, Carolina, verás as cidades... Como são bonitas as cidades! Ruas de palácios deslumbrantes... músicas... divertimentos por toda a parte! Irás ao teatro...

— E o que é o teatro?

— O teatro é o que há de mais divertido e lindo neste mundo! Muitas moças de ricos vestuários; uma música deliciosa que arrebatava... enfim, homens e mulheres a representarem acontecimentos da vida, como se aquilo fosse real! Nem eu sei dizer-te — só vendo!

— Deve ser muito bonito, não é?

— Muito! E os bailes? Nem é bom falar nisto...

— Fale, diga como são os bailes...

— Dourados salões, enfeitados de cheirosas flores, e nestes os moços dançando com as moças. O sangue da gente ferve nas veias... Luzes sem conta... parece dia... O coração estremece de entusiasmo ao som dos instrumentos...

Os olhos de Carolina brilhavam então como estrelas em noites de estio, o seio arfava-lhe e ardente o hálito entreabria-lhe os lábios trêmulos de comoção.

— Mas, não poderei ir a esses bailes, pobre como sou!

— Casarei contigo e possuo bastante para comprar-te sedas e levar-te aos bailes...

— E se me enganar?

— Carolina! Não digas isto nem por graça... Juro-te... juro-te por alma de meu pai...



Carolina acreditou, porque depois de semelhante juramento, o duvidar seria um crime. Jurar por alma de um finado, principalmente sendo este pai ou mãe, é convencer de uma vez o povo, porque o povo considera tal juramento o mais sagrado, a prova mais robusta da verdade. Mas o embarcadão era — *desabusado* —; conhecia as pessoas que pretendia iludir e por isso servira-se daquele ardil, apesar de ser ainda vivo seu pai.

Todavia, Carolina acrescentou:

— E por que não casamos antes de partirmos?

— Não entendes disto, meu amor! Não sabes que para casar-se uma pessoa que mora fora do lugar, precisa de muitos papéis? Carolina, tu não confias em mim.. Pois bem, fica em tua casinha de palha, na tua pobreza, na solidão desta praia, calcando com os pés a felicidade que te ofereço... Eu não te aborrecerei mais... Irei longe, embora gemendo de saudades, abafar no coração o amor que me inspiraste e nunca mais verás o meu rosto!

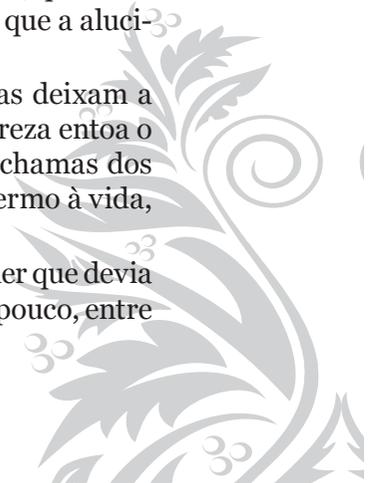
— Não... não fale assim! Em sua companhia quero ir... irei até o fim do mundo! Mas, dói-me deixar minha mãe sozinha naquela palhoça... O que será dela sabendo que parti... que a filha ingrata abandonou-a para sempre?

— Chorará a princípio, mas depois, quando souber que a filha está casada, rica e feliz, sorrir-se-á de alegria. Tu lhe escreverás e eu virei buscá-la para partilhar de nossas venturas.

Carolina não pôde resistir à tentação. Além da eloquência do sedutor, da afeição que este lhe implantara n'alma, uma força invencível a impelia ao abismo — seu gênio romântico, essa ânsia de luzes, rumores e harmonias —, esse desejo imenso, que sempre nutrira, de ver as outras terras e essas riquezas que a alucinavam nos devaneios de sua mente abrasada.

Há organizações assim. Mariposas que levianas deixam a suave solidão das selvas, de seus lares, onde a natureza entoa o hino dos brancos e santos amores, e procuram as chamas dos prazeres veementes; e nelas se precipitam, pondo termo à vida, como o louco infeliz na violenta voragem do rio.

Convulsa e lagrimosa, Carolina pôs o pé no escaler que devia conduzi-la ao navio e momentos depois viu pouco a pouco, entre





as sombras da noite, afastar-se a terra onde nascera, o lar de sua infância, o chão da sepultura de seu pai!

Meu Deus! E não ouviste, Carolina, os gemidos saudosos daquelas selvas, daquelas auras, daquelas vagas, daquela natureza enfim tão acostumada a ver-te, tão conhecida tua!

— Os homens — diziam as vagas — nos chamam falsas: maior é a falsidade dos homens! Carolina, Carolina, por que te fias dos homens?

— Em nosso colo — murmurava o areal — crescestes brincando; macio leito encontravas em nosso seio: por que o desprezas, Carolina, pelos espinhos?

— Nós segredávamos em teus ouvidos — sussurravam as auras — os inocentes mistérios das ramagens; brincávamos sorrindo nas tranças de teus cabelos: por que nos deixas, Carolina, pelo bafejo funesto das turbas?

— Enfeitava-te o roupão e os cabelos — dizia a flor das praias —, deliciava-te com a fragrância saudável do meu cálice: por que me trocas, Carolina, pelas venenosas flores da cidade?

— A pura e cristalina água de minhas veias — suspirava o rio — não banhava-te o delicado corpo? Por que me esqueces, Carolina, pelo soro infausto dos tremedais?

De manhã já não via-se no horizonte a vela do navio. Carolina desaparecera para sempre.

Então, os passarinhos acordando saltaram nos galhos da ubaia, passaram às palmas do coqueiro e cantando perguntaram:

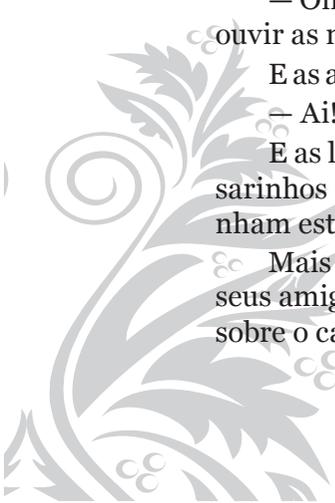
— Onde está a Carolina que não vem passear na praia, para ouvir as nossas cantigas?

E as auras, o rio, as vagas, as areias, responderam chorando:

— Ai! Carolina fugiu para sempre de nossos lares.

E as lágrimas da manhã caíram sobre a folhagem; e os passarinhos descantaram nênias em vez das ledas cantigas que tinham estudado para Carolina.

Mais tarde um mancebo soluçava em desespero, rodeado de seus amigos, e na cruz do tabuleiro os coveiros socavam a terra sobre o cadáver de uma pobre velha.





E as selvas, o rio... toda a praia cobrira-se de luto e tristeza.

## V

A história das perdidas, das míseras filhas do povo que se deixam fascinar pelas sereias malditas do pecado, é quase sempre uma só. Todas acreditaram nas chamas de uma paixão constante, na sinceridade de uma promessa, e viram-se depois, coitadinhas, desprezadas por aqueles cujos anelos satisfizeram e de quem esperavam a reabilitação ante os altares.

— Uma manhã — na cidade da Fortaleza — Carolina recebeu um bilhete de seu amante — um bilhete de despedida. Partia o marujo em seu navio e grosseiramente declarava à infeliz que, certo de sua perfídia, abandonava-a a seus venturosos rivais.

Além do repúdio, a injúria e o escárnio!

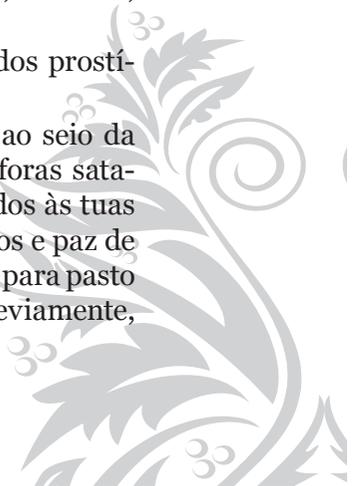
Carolina chorou amargamente. Uma noite e um dia, sem dormir, sem comer, passou entregue à mais penosa desesperação, indecisa sobre o que fizesse, qual o caminho que devera trilhar.

Como aflige a incerteza!

— Volve, Carolina — lhe dizia ao ouvido o seu anjo da guarda —, volve ao seio dos teus. Madalena pecou, e ninguém mais pura no céu. As lágrimas da contrição apagam as culpas e divinizam a alma. A virtude é a luta, o esforço... a vitória contra o mal. Deste o primeiro passo no terreno escorregadio dos vícios; reúne as forças... ânimo... retrograda e todos nós entoaremos hosanas nos coros celestes! Purificada pelo arrependimento, volve, Carolina, à mansão dos justos, aos pés de Jesus!

E no outro ouvido murmurava-lhe o demônio dos prostíbulos:

— Louca, louca! o que pretendes fazer? Volver ao seio da família? A estúpida gente da praia fugirá como se foras satanás! Pedir amparo à sociedade? Ela cerrará os ouvidos às tuas súplicas; as mães tremerão pelo sossego de seus filhos e paz de seus consortes; os homens preferir-te-ão nos alcoices para pasto de seus desejos brutais; e todos, condenando-te previamente,





mandar-te-ão embora sob um chuva de pedras dos mais ferinos insultos! Refugiar-te nos templos, banhar com prantos contritos a laje das aras? Lá, acotovelando-se a multidão te apontará motejando, cruel, implacável! Motejadora, como outrora ela conduziu ao patíbulo aquele Cristo cuja Imagem plantou agora em seus altares... Cruel, como o açoite, cuspiu, feriu e crucificou! Implacável, como profana hoje seus templos, despreza seus mandamentos, desrespeita a sua Imagem! — Por toda a parte a injúria e a miséria, enquanto aqui a abundância, o luxo e os prazeres! Queres amor? Formosos, ricos e apaixonados mancebos to oferecem... Queres vingança? Esgota-lhes o ouro, arruína-os, impele-os ao crime... Queres esquecimento? À festa, às danças, às orgias!... Carolina, Carolina, que deliciosos dias começam para ti nas alegrias da cidade!

Passava então pela porta um pescador do Pecém, que viera vender uma carga de peixe salgado.

Carolina o conheceu e chamou.

— Carolina... aqui! Perdoe-me se a trato assim, era costume...

— Trata-me como era costume; sou a mesma para os patrícios e conhecidos...

— Mas, tão chorosa, menina! apesar de morar numa casa como esta, onde pelo que vejo nada lhe falta!

Carolina não respondeu, e enxugando as lágrimas disse-lhe depois:

— Chamei-o para pedir-lhe um favor, senhor Joaquim...

— Fale, Carolina, dou-lhe a minha palavra... farei o que pedir-me.

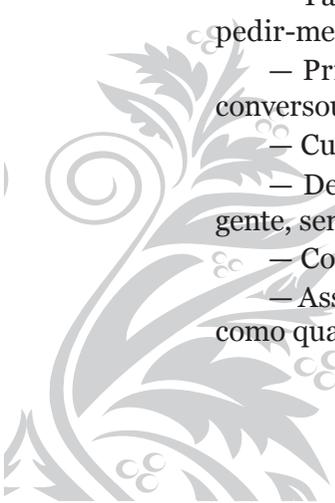
— Primeiro, quero que não diga na praia que me viu, que conversou comigo....

— Custa! mas já lhe prometi!

— Depois... que me dê notícias de lá: como deixou aquela gente, senhor Joaquim?

— Com saúde, Deus louvado; e a menina como passa?

— Assim... Diga-me mais, senhor Joaquim, a praia está ainda como quando saí?





— Aquilo vai no mesmo, menina... De manhã muitos pescadores saem para o mar, outros ficam concertando as jangadas, as redes e a tapinambaba; as mulheres sentam-se à almofada; os velhos olham para as ondas recordando seus tempos; e as crianças saltam vadiando na areia. De tarde voltam os pescadores; rodeiam todos a jangada para ver o pescado; voltam-se a casa, bota-se o peixe no fogo, come-se, reza-se e dorme-se para no outro dia recomeçar esta lida...

— E as casinhas?...

Carolina queria perguntar por sua mãe, mas faltava-lhe a coragem. Fazendo, pois, um esforço, continuou:

— E as casinhas... nada há de mais ou de menos?

— Há de mais a tristeza de Antônio, que, depois que a menina saiu, tanto geme pesaroso no trabalho como no descanso. Esteve por um triz... ninguém pensou que escapasse... E de menos, aquela santa criatura, que Deus haja, que tamanha falta nos tem feito...

— Quem? — tornou Carolina empalidecendo trêmula.

— Pois a menina ainda não soube?...

— Nada... depois que saí, não vi mais ninguém das praias.

— Sinto ser eu quem lhe dá esta notícia... Pois estas cousas... Custa dizer! Porém a menina deve consolar-se com a vontade do Altíssimo...

— Mas, diga... o que aconteceu?

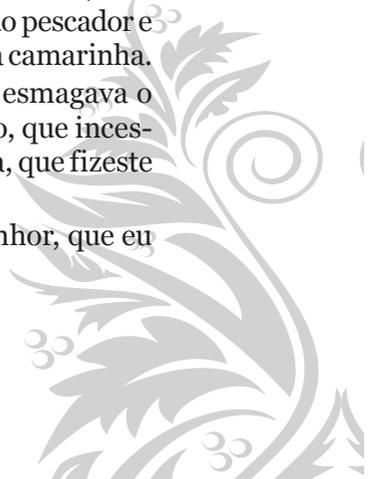
— Vou dizer-lhe... No dia em que a menina saiu, sua mãe... não pôde resistir ao desgosto... deu alma ao Criador.

Pálida como o cadáver, com os olhos secos e ardentes, e os lábios convulsos, Carolina ergueu-se, apertou a mão do pescador e balbuciando uma desculpa, um adeus, retirou-se à sua camarinha.

Quem poderia descrever a dor imensa que lhe esmagava o coração? O terror que lhe infundia a voz do remorso, que incessantemente bradava-lhe aos ouvidos: "Filha, maldita, que fizeste de tua mãe?"

— Meu Deus! uma lágrima ao menos... Dai, Senhor, que eu chore!

Mas, a fonte das lágrimas tinha-se esgotado.





Restava um soluçar nervoso, estridente como o som da catadupa entre os rochedos.

Ao longe gemia o sino anunciando Ave-Maria.

Carolina então lembrou-se da oração da infância; daquela singela prece que, inocente e pura, ajoelhada na areia da praia, e com os olhos fitos na rósea nuvem do ocidente, tantas vezes rezara junto de sua mãe. E correndo descalça, abriu impetuosamente o baú, tirou uma Imagem da Virgem, colocou-a sobre uma banca, ajoelhou-se e envolta em seus longos cabelos, por acaso soltos, procurou repetir essa prece singela.

Diríeis, se a vísseis, a imagem da pecadora arrependida — dessa formosa Madalena do Evangelho, que banhara com suas lágrimas os pés de Jesus e os enxugara com seus cabelos.

Mas, faltava-lhe a contrição de Madalena, e por isso de balde tentou rezar! Confundia as frases, trocava as palavras, suas ideias baralhavam-se.

Julgou enlouquecer.

E pois, coberta de frio, suor e cheia de pânico terror, guardou a Imagem, correu para a cama, deitou-se, cobriu os olhos com as mãos, e recaiu em profunda meditação.

Que tremenda luta em seu espírito!

Triunfou, enfim, o gênio das orgias.

Duas horas depois, Carolina abria a porta da camarinha e, sem uma lágrima, porém mais pálida, dizia à Rosa, sua criada:

— Rosa, hoje há baile de Carnaval; quero ir... ajuda-me a preparar um vestido.

Pronunciava a última palavra quando já pronta para o baile, entra Esméria, moça desenvolta que a visitava como vizinha.

— Quero ir ao baile, Esméria, mas falta-me um vestido.

— Arranja-se depressa, meu bem... Rosa, vai comprar umas meias cor de carne... Dá-me um vestido para fazer pregas, pois quero-te de saio, à fantasia, meu amor...

E, à meia-noite, entre as perdidas, no meio da crápula e do deboche, Carolina pulava nas danças, bebia cerveja, e ria-se como se estivesse louca.



Desgraçada! No mal procurava o remédio do mal; na orgia supunha esquecer seu crime e abafar a foz do remorso que, ferina como a ponta do punhal, ecoava sempre em seu coração: "Mulher, que fizeste de tua virgindade? Ingrata, que fizeste do puro e santo amor de Antônio? Filha maldita, que fizeste de tua mãe?"

## VI

Carolina celebrizou-se nos lupanares. Mancebo nenhum pôde jamais compreendê-la.

De uma sensibilidade esquisita, inconstante, leviana, caprichosa e extremamente romântica, ela impressionou a todos que infelizmente a conheceram.

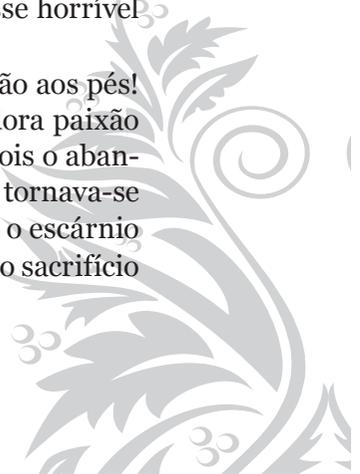
Irava-se quando deveria estar calma; chorava quando se esperava o riso em seus lábios; ria-se quando a supunham triste e cantava nos momentos de maior amargura.

Viajou muito. Esteve em Pernambuco, na Bahia, no Rio de Janeiro e em outras províncias. Seu gênio não lhe consentia a quietação; pedia-lhe luzes, danças, rumores, festas e sobretudo viagens — essas outras terras que ela sonhara tantas vezes embevecida em sua adolescência.

Com a mesma facilidade com que mudava de terra, mudava de amantes e sentimentos. Borboleta volúvel das campinas, passava de flor a flor, de gozo a gozo, aborrecendo agora o que mais desejara há pouco, para querer o que então evitara.

Todavia, nem sempre podia vencer o tédio — esse horrível companheiro da saciedade dos prazeres.

E então, ai daquele que vinha depor-lhe o coração aos pés! Carolina, com alegria satânica, acendia-lhe abrasadora paixão n'alma, subjugava-o, arruinava-o, trucidava-o e depois o abandonava sem pena! O incauto mancebo, por sua causa, tornava-se mau filho, mau cidadão, um miserável! E entretanto o escárnio e o desprezo eram a recompensa de sua dedicação, do sacrifício de sua probidade!





Cansada da maldade, volvia depois Carolina aos afetos; mostrava-se solícita, afável e carinhosa; e muitas vezes descendo ao tugúrio do pobre, possuída do inefável deleite da caridade, derramava ouro e recebia bênçãos.

Mas, tudo passava depressa como a vaga no alto mar; o anjo transformava-se em demônio — mergulhava-se de novo no charco imundo dos vícios.

Infeliz criatura!

E não te lembravas, Carolina, de que nem sempre serias moça, terias a formosura — imã que atrai os mancebos — e o ouro preciso às tuas loucuras?!

Um dia...

Começou a reação. Carolina viu-se abandonada, esquecida, gasta no vórtice infernal da prostituição.

Muitos que fervorosos a cercavam, agora evitavam-na com asco; e se casualmente os encontrando na rua a desgraçada lhes dirigia uma palavra, eles fugiam dando-lhe as costas com desumano desprezo.

Mudou outra vez de terra, mas não mudou de sorte. Moça nos anos, era velha nos vícios; e estes, como o furacão desolador que varre os campos, tinham-lhe roubado a beleza das formas, o mino e graça das feições.

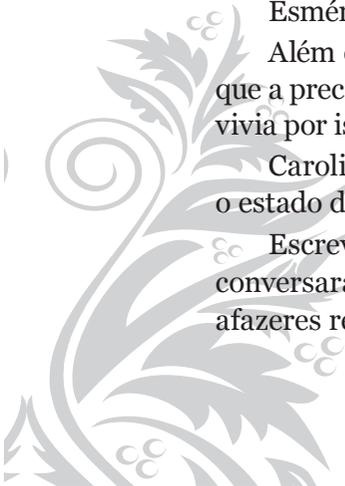
Neste estado voltou à sua província natal, à cidade da Fortaleza, e foi pedir hospedagem àquela Esméria que a acompanhara em sua primeira noite de orgia.

Esméria quase a não conheceu.

Além da mudança que se operara no rosto de Carolina, ela, que a precedera na senda fatal, tocava o extremo da indigência e vivia por isso constantemente ébria.

Carolina chorou aterrada, antevendo bem próximo para si o estado de sua amiga.

Escreveu logo a seus antigos amantes. Alguns apareceram, conversaram pouco tempo com estranha frieza, e pretextando afazeres retiraram-se, para não voltarem mais.





Entretanto, balda dos meios de subsistência, Carolina lhes escreveu segunda vez, pedindo pequenas quantias emprestadas.

A resposta foi desanimadora. Alguns não estavam em casa; e outros devolveram-lhe, sem ler, o seu bilhete.

Então, desvairada pela angústia, a desgraçada procurou a todo transe esquecer a sua situação.

Embriagou-se.

Rapidamente — sôfrega, volúvel, caprichosa e leviana — desceu os degraus da miséria, como subira os da libertinagem. De uma casa asseada passou a uma espelunca; de vinhos finos a aguardente; de amante de primeira ordem aos da infame ralé.

Completava a sua abjeção.

Faltava a doença e a doença não tardou; funesta, esmagadora — com o seu cortejo de dores, sede, fome, frio, mágoas, solidão e dissabores — abriu-lhe a porta do sofrimento extremo e apon-tou-lhe a dura cama do vagabundo, do indigente, do miserável!...

Oh! basta, Deus de justiça e clemência! Suspendei o castigo que pesa sobre aquela desventurada! Basta! Não ouvias, Senhor, aqueles gemidos penosos, coados nas chagas de um coração dilacerado? Não vedes, como corre em bagas o suor da agonia sobre aquele rosto macilento, queimado na chama das orgias, e sulcado pelo padecimento? Ah! misericórdia, Senhor! Minorai-lhe a pena, suavizai-lhe a contrição, e chamai-a logo à mansão dos arrependidos!

Era cedo ainda; longo fora o seu afinco ao pecado — longa devia ser a sua expiação.

Porque... como escreveu Isaías:

“Porque o Senhor dos exércitos é o que fulminou este decreto: e quem no poderá invalidar? Também a sua mão está alçada: e quem na fará apartar?”



## VII

Agora, espírito meu, leva-me às praias do Pecém; voa n'asa da graciosa gaivota dos mares e por entre as palmas dos coqueiros e os colmos da pobre gente, procuremos Antônio, aquele coração tão apaixonado quanto desditoso.

Os pescadores voltaram do mar; e já suas jangadas encailharam n'areia, onde rolam brincando seus filhinhos, como as vagas quando repousam os ventos e a natureza descai em melancólica cisma.

Que pitoresco quadro te enleva, oh minh'alma, no singelo e humilde arraial da praia?!

É quase sol posto.

Os velhos, os meninos e os curiosos rodeiam a jangada e examinam o samburá, interrogando o pescador. Se aquele veio vazio, todos retiram-se desanimados, enquanto triste e carrancudo o pobre homem enrola a vela e arruma os demais acessórios do seu barco. Se acontece o contrário, aperta-se a roda; o jangadeiro tira o peixe e o sacode n'areia, todos acompanham com os olhos seus movimentos; aparece o dizimeiro e recebe a importância do imposto; os compradores surgem; e meia hora depois com seus filhos carrega o marítimo o resto do peixe para sua casa, enquanto novas rodas se formam nas jangadas que sucessivamente encaham.

Ao mesmo tempo há a narração dos acontecimentos da lida.

Este conta o perigo que afrontara, em alto mar, lançando-se n'água para não perder o peixe que, desgarrado do arpão, boiava morto a poucas braças. E aquele que durante a noite, vira um vulto alvo como a espuma resvalar sobre as ondas.

— Homem, isto não era senão uma alma do outro mundo. Quem sabe se não queria pedir-te um terço?

— Ou fada que te queria levar aos seus palácios encantados...

— Ou alma ou fada, o que é certo é que eu rezei o credo três vezes e ela desapareceu.

— Fez bem, rapaz, podia ser o demônio.

— E nas casinhas, no alpendre daquelas palhoças cercadas de boas-noites brancas e vermelhas, à sombra dos coqueiros?



As mulheres guardam as almofadas ou a roupa que conservavam; escamam o peixe, botam a panela no fogo e preparam a refeição da família — jantar e ceia ao mesmo tempo. Enquanto os homens, que não foram ao mar, que ficaram endireitando a jangada, trançando as redes e tarrafas, ou torcendo ao longo da praia a linha do anzol, terminam seu trabalho, volvendo ao colmo — que o sol sumira-se e descem as sombras da noite.

É de uma tristeza indizível a hora do crepúsculo na praia! Tudo emudece, mesmo o vento, para que se escute somente a vaga em seu gemer sem termo.

Até as avezinhas calaram-se, voltando ao lugar de seu repouso.

— Vamos aos nossos tugúrios, vamos, que demais já saudamos o pôr do sol; vamos descansar para amanhã recomeçarmos as nossas lidas.

E as avezinhas, embrenhando-se nas matas, voam saudosas do areal querido.

Um homem rezava chorando, na tosca cruz de madeira, enfeitada de raminhos, que no tabuleiro marca o cemitério do arraial.

— Amante infeliz, como nos enternecem as tuas lágrimas! Todas as tardes te encontramos assim e rogamos ao bom Deus que te minore as penas. Adeus, amante desventurado, adeus!

Disseram as avezinhas e passaram.

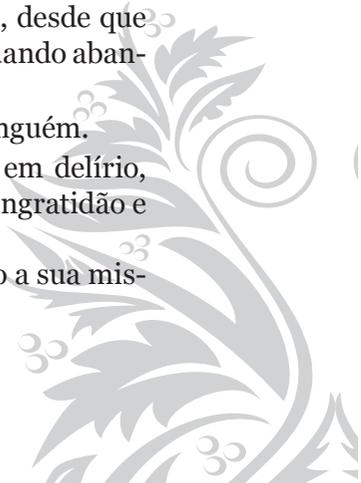
E o homem era Antônio.

Todos os dias voltava do mar mais cedo que os outros e vinha àquela hora rezar na sepultura da mãe de Carolina, desde que recobrou as forças, após a doença que o assaltou, quando abandonado pela virgem de seu primeiro e único amor.

Quem julgou que ele escapasse? Certamente ninguém.

Oito dias cozeu-se em febre; oito dias passou em delírio, falando somente em Carolina, exprobando-lhe sua ingratidão e chamando-a entre amargurados soluços.

Morre somente o homem quando tem cumprido a sua missão na terra.





Escapou; mas, como foi longa a sua convalescência! Quantos dias, fraco, cadavérico, tentou sair, saber do destino de Carolina e acompanhá-la!

A piedosa gente da praia, os espectadores daquela cena dolorosa, queriam tanto a vítima quanto aborreciam o algoz. Rodeavam-no, pois, de carinhos, o consolavam incessantemente e receosos de que fugisse em procura da ingrata, esforçaram-se por convencê-lo de que ela embarcara para outra província.

À instâncias dos amigos reunia-se a voz imperiosa do dever. O que seria de seus pais, miserandos velhos, sem o seu arrimo — o seu Antônio?

Resignou-se portanto o rapaz, e dispôs-se a ser antes que tudo bom filho.

O que, porém, não conseguiram dele, foi que tomasse estado de casado, escolhendo mulher entre as virtuosas raparigas do arraial.

— Não... pelo amor de Deus não me falem nisso... Seria crueldade roubar essas raparigas às suas alegrias para uni-las às minhas tristezas — casar o pranto com o sorriso... E não mentiria eu a Deus, não abusaria da inocência da donzela que me aceitasse por esposo, prometendo amá-la, quando já não posso amar?

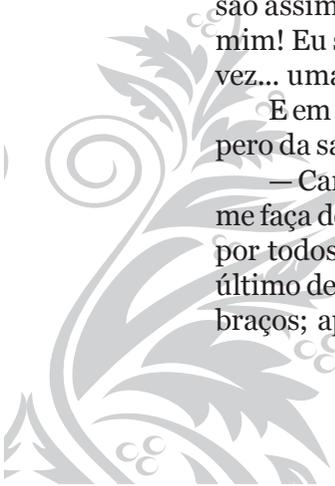
— Antônio — responderiam as velhas —, quem sabe se uma louca esperança... É preciso tomar juízo, rapaz.

Ele se calava, mas, no íntimo d'alma murmurava apaixonado:

— Têm razão... não sabem o que é amar com toda a força do coração... fazer desse amor a sua alegria, sua esperança, a sua consolação — o sol de seus sonhos e desejos... Quase todos não são assim: amam facilmente, e facilmente esquecem. Mas, ai de mim! Eu sou dessas raras criaturas que nascem para amar uma vez... uma única vez... com febre e dedicação extrema...

E em solitário passeio, ao lugar, horas havia em que no desespero da saudade, como que alucinado ele bradava fitando o mar:

— Carolina... Carolina! Amar-te-ei sempre! Não há poder que me faça deixar de amar-te! Veja-te embora perdida... desprezada por todos... desfigurada pelo sofrimento, coberta de lepra... no último degrau da infâmia... Ainda assim! eu abriria para ti meus braços; apertar-te-ia ao seio; teria palavras consoladoras para





teus ouvidos... Que importa que severo te condene o mundo; que Deus do céu troveje maldições sobre tua cabeça; que se conspire a natureza inteira? Que me importa a tua ingratidão, a mágoa ferina que me deixaste? Nada abalará minha constância... Abandonada por todos, Carolina, me verás a teu lado mais carinhoso... amando... amando-te sempre!

O tempo não para, não espera, não descansa; vai passando indiferente aos acontecimentos, às gerações que se sucedem, e às suas dores e sorrisos. "Demora-te!" — grita-lhe o feliz. "Apressa teus passos!" — suplica-lhe o desgraçado. E a sua pêndula a mover-se do mesmo modo, e a areia de sua ampulheta a escorregar com a mesma placidez. Porque Deus, o supremo Arquiteto, assim ordenou, e sua lei é imutável; porque desde o argueiro à montanha, do átomo ao homem, foi traçado um círculo de ferro — que não poderá transpor — ao mundo, a esta obra de seis dias, de seis épocas, de um instante talvez...

Mas, aonde tu me levas, ó imaginação, ó companheira inseparável de minhas noites? Espera o momento das canções e deixa-me agora, com simplicidade e calma, continuar este episódio da vida do povo.

Alguns anos passaram-se; algumas vezes os cajueiros floriram e deram frutos e as águas do inverno umedeceram as areias da praia.

E nunca as avezinhas que ao sol posto volviam aos colmos, deixaram de encontrar Antônio ajoelhado à cruz do tabuleiro — cemitério do arraial. Mais duas sepulturas visitava ali — as de seus pais, de seus velhos amigos.

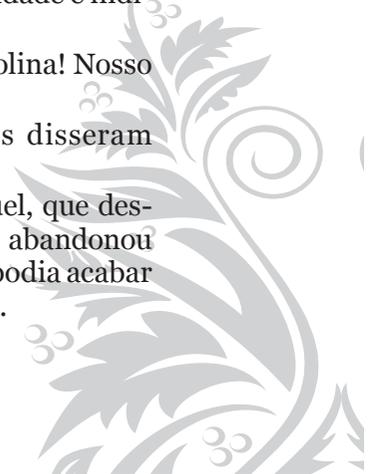
Soube-se então da miséria de Carolina.

Alguém, que viera da cidade, que vira a enfermidade e indignância da infeliz, horrorizado contava o seu estado.

— Coitada — disseram todos —, coitada da Carolina! Nosso Senhor se condoa dela...

Mas, depois, recordando suas culpas, todos disseram também:

— Sofre o castigo de seus pecados. Mulher cruel, que desprezou amor como o de Antônio; filha ingrata, que abandonou sua velha mãe e lhe causou a morte Carolina — não podia acabar bem. A justiça divina é certa: tarda, mas não falta...





Antônio, apesar de lho ocultarem, tudo soube e sem dizer palavra desapareceu uma noite, levando os vinténs que pudera ajuntar, o produto de suas economias.

O desventurado corria em auxílio da mulher de seu único amor. Era seu destino amá-la eternamente: cumpria o seu destino.

## VIII

Nublada e triste descaía a tarde.

Como eram outrora melancólicas as tardes de minha cidade natal, tuas tardes, ó linda Fortaleza!

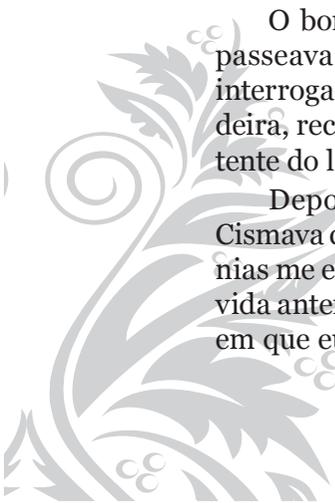
Não possuías nesse tempo calçadas ruas, não tinhas carruagens nem rumores, nem pianos nem tantas casas e muito menos esses novos costumes... Mas, melhor do que tudo isto, ó minha querida cidade, plácido era o teu viver; singelos teus costumes, faceiro; o teu traje de aldeã; inocentes os teus folgares campestres; macio o teu leito de areias; doce o teu silêncio; encantadora a tua tristeza; e melodiosa a tua orquestra — de notas perdidas da canção das vagas, do caminhante, do jangadeiro e das crianças!

A estas notas, muitas vezes confusas, indefinidas e sempre saudosas, casava-se a da corneta que o soldado tocava ao longe, em exercício, a do pequeno sino do Rosário e a do pesado carro do camponês, ou o quebro do passarinho nos ares, ou o canto do galo dos vizinhos.

Eu era pequeno e morava em casa de meu avô.

O bom velho, de calça e camisa e suspensórios cruzados, passeava compassadamente na calçada; eu o acompanhava, interrogando-o de vez em quando; e se passava a preta quitandeira, recebia o meu bolo de milho e ia saboreá-lo alegre no batede do lar.

Depois... eis-me a cismar; a cismar em quê?... Eu sei? Cismava como os meninos — triste porque aquelas vagas harmonias me enlevavam, me transportavam como que a dias de uma vida anterior, a um mundo de que eu viera... a uma outra cidade em que eu habitara antes de nascer nesta... ou me recordavam





harmonias que minh'alma escutara outrora, presa noutro corpo, na mesma rua talvez, em ocasião semelhante...

O sino anunciava Ave-Maria; meu avô rezava comigo, todos rezavam; e os que passavam nos davam as boas-noites.

E eu volvia às minhas cismas, até que as sombras desciam à terra.

E agora... onde aquelas melancólicas harmonias, aqueles passarinhos que voavam cantando, aquelas tardes tão nossas, ó cidade em que nasci, ó minha linda Fortaleza?

Tudo acabou-se, como acabaram-se os dias de minha infância, tudo a civilização matou.. resta somente a saudade!

Mas, a que vem esta recordação? Por que mo perguntas, curioso leitor?

Seria acaso aquela tarde nublada uma das de outrora?

Não; mas tão semelhante... Como que a cidade civilizada calou-se um instante para que eu me lembrasse da cidade pequena e singela de minha meninice.

Dispensa-me, leitor, mais explicações e ouve o resto da história...

Nublada e triste descaía a tarde.

Aflito chamava o sino aos fiéis, para acompanharem o Viático; pouco a pouco reuniam-se eles no templo e a Irmandade tomava as suas opas.

— Vinde, vinde, cristãos, que a vida foge ao enfermo — gritava o sino.

— Senhor — murmurava o doente em sua cama —, vinde, vinde a mim que vos espero anelante.

— Como tardam os Irmãos! — exclamava impaciente o vigário, contando os presentes e mandando apressar os toques.

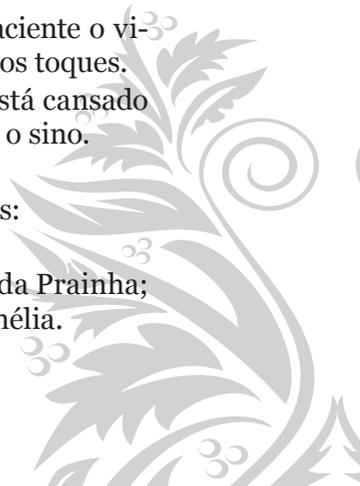
— Vinde, vinde, cristãos que o senhor vigário está cansado de esperar e a vida foge ao enfermo — acrescentava o sino.

Os devotos encaminhavam-se à igreja.

Ouçamos estes dois que aqui vão tão apressados:

— Sabes para quem vai sair nosso Pai?

— Ouvi dizer que para uma mulher do Outeiro da Prainha; uma Carolina que há três anos morou ali na rua Amélia.





— Conheci. Era uma rapariga de gênio diabólico, e que entretanto esteve aqui nos galarins da fama. Depenou muito franguinho, e fez chorar a muita mulher casada. Mas, não tinha embarcado para o sul?

— Andou por lá, e volta em lastimoso estado: indigente, enferma, velha, feia... Coitada, deu até para embebedar-se!...

— É este o fim das mulheres perdidas... Loucas! correm pelo caminho dos vícios; cruéis, despedaçam corações, arruinam fortunas, pervertem a mocidade, perturbam a paz dos consortes; e depois, ei-las a voltar pelo caminho da miséria; e a pagar no mais penoso sofrimento a dívida imensa de culpas. E assim deve ser. Ai da humanidade se também nesta vida não fossem castigados os maus, e premiada a virtude. A reação é tão necessária quanto infalível. É preceito divino: — Quem com ferro fere...

Chegaram. A campanha bradava à porta da igreja:

— Andem, meninos, andem, que eu vou sair para anunciar nas ruas a passagem do Santíssimo.

— O Senhor vigário tirou do sacrário o Corpo sacrossanto de Jesus Cristo; corram, pecadores, corram para acompanhá-lo rezando.

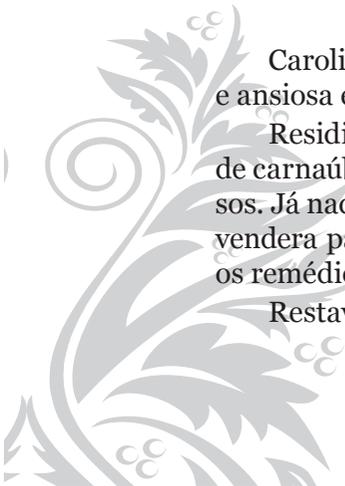
E os sinos repicaram à saída do Santíssimo, e a campa e os devotos o acompanharam, louvando Aquele que, sendo o rei dos reis, descia ao albergue do indigente, para consolá-lo em sua angústia e dar-se em penhor de sua redenção.

## IX

Carolina, lívida e magra como a morte, ouvia os sons do sino e ansiosa esperava a comunhão.

Residia no Outeiro, em velha e arruinada casinha de palhas de carnaúba, que nem sequer a resguardava da vista dos curiosos. Já nada possuía: suas joias, seus vestidos, seus baús... tudo vendera para embriagar-se, para comprar o alimento e depois os remédios.

Restavam-lhe somente aqueles panos sujos e rotos que a





cobriam, a rede em que estava deitada, a palhoça que lhe servia de casa... e nada mais!

Era completa a sua indignação!

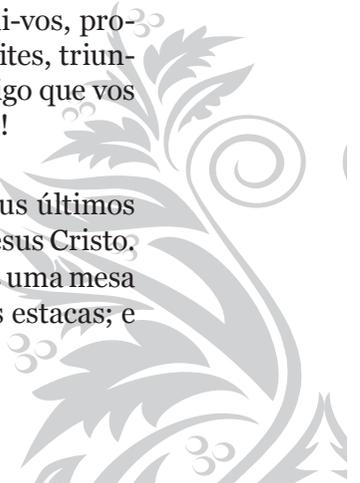
E quem diria?! Quem pensaria que aquela Carolina, formosa, rica, procurada, querida, adorada, que aparecia no teatro e bailes, como uma rainha, que prodigamente sacudia punhados de ouro na voragem dos vícios, acabasse assim?

Jovens inexperientes, meninas incautas! Vede em Carolina a imagem fiel da mulher que transvia-se no caminho dos seus deveres; daquela que se deixa seduzir pelo demônio da concupiscência; da prostituta, enfim! E fugi aterrada! E quando o vosso namorado vos pedir uma entrevista, lembrai-vos de Carolina e respondi: "Só devo falar-vos perante meu pai e minha mãe." E quando vos escrever, lembrai-vos de Carolina, e entregai a carta a vosso pai. E quando vos convidar para fugir, prometendo-vos casamento e expendendo razões que o forcem a dar semelhante passo — lembrai-vos de Carolina e no seio da carinhosa mãe, ou aos pés da Virgem Santa, ocultai-vos da tentação. Sim, não vos esqueçais nunca de Carolina, comparando a sua vida horrorosa, misto infernal de vícios e dores, com a de Joana, cujos dias escoam-se suavemente como flores em tranquilo arroio, ao lado do esposo que a adora, entre os filhinhos que afagam-na carinhosos, à sombra do pacífico lar, na prática das virtudes — admirada dos vizinhos, venerada por todos e abençoada por Deus. Seja Carolina um espectro pavoroso que vos fecha a porta dos lupanares, e Joana o anjo risonho que vos aponte o éden delicioso da felicidade doméstica, a mansão dos puros afetos.

Fracas sois? Procurai forças na religião; ajoelhai-vos, pronunciai fervorosas preces, que depois, valorosas Judites, triunfareis dos ardores de vosso temperamento e do inimigo que vos quer arrastar ao medonho despenhadeiro das trevas!

Lede agora o resto desta amargurada história.

Piedosa vizinha, que tratava de Carolina nos seus últimos dias de expiação, preparara a choça para a visita de Jesus Cristo. Pouco havia a fazer. Varreu o chão; encostou às palhas uma mesa que pedira emprestada; amarrou um lençol em duas estacas; e





forando o rústico altar, colocou sobre ele uma cruz de pau, que frei Vidal benzera, e que ela possuía como relíquia daquele santo missionário. E depois, como lhe permitiu a sua pobreza, procurou ocultar a miséria da roupa da enferma.

Entrou o Santíssimo.

— A paz do Senhor seja nesta casa.

— E em todos que nela habitam.

O Padre, descansando o cibório no altar, aspergiu a todos dizendo o salmo:

"Tu me borrifarás com o hissopo e serei purificado: lavar-me-ás e me tornarei mais branco que a neve.

Tem piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericórdia."

Carolina abriu os olhos, fitou-os na divina Espécie, e movendo os descorados lábios, balbuciou imperceptivelmente uma prece.

— Senhor, eu não sou digna que Vós entreis em minha humilde morada, mas dita a vossa santa palavra, minh'alma será salva.

Ou, talvez, aqueles salmos que o rei poeta, em penitência austera, pronunciara inspirado:

"Aparta o teu rosto dos meus pecados: e apaga todas as minhas maldades.

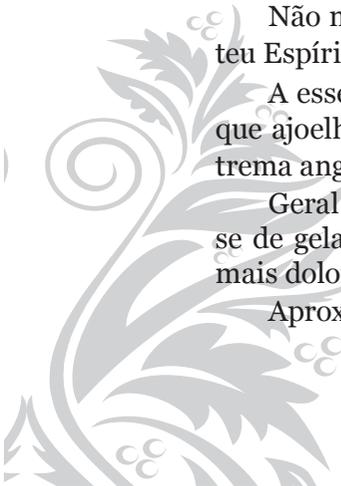
Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova nas minhas entranhas um espírito reto.

Não me arremesses da tua presença: e não tires de mim o teu Espírito Santo."

A esse tempo, um pobre homem que viera entre os fiéis, e que ajoelhado estava, desatou a soluçar como possuído de extrema angústia.

Geral foi a surpresa, e maior para a enferma, que molhando-se de gelado suor, estremeceu convulsa como ferida na parte mais dolorosa do coração.

Aproximou-se o Padre e lhe disse baixinho:





— Minha irmã, sente-se melhor?

— Melhor, senhor vigário, melhor; a voz impiedosa que me acusava incessantemente, calou-se... sinto-me tão aliviada...

— E depois da confissão, não se lembrou de mais alguma falta? É tempo de reconciliar-se. A misericórdia de Deus favorece-a, prolongando-lhe a vida quanto é preciso à purificação de sua alma. Quer que a escute?

— Sim, senhor vigário; desejo falar; mas que nos ouça somente aquele que chora — disse ela apontando o homem que soluçava — o desgraçado Antônio.

Retiraram-se os demais fiéis.

Podes acaso, ó minha pena, descrever o que se passou então?...

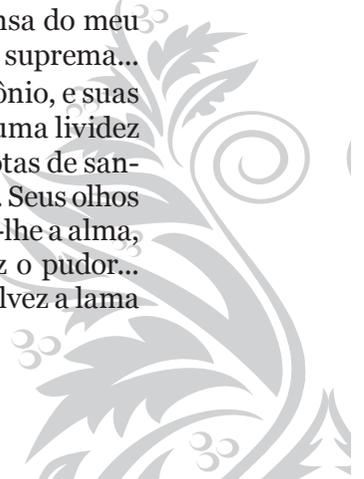
— Senhor vigário — exclamou a enferma exaltando-se —, eu fui algoz deste homem! Enganei-o prometendo-lhe a felicidade de seu amor; embalei seu coração sincero em falsa esperança; e depois, calcando aos pés o seu afeto, zombando de seus sonhos, escarnecendo de suas doces ilusões, abandonei-o sem dó quando ele já não podia amar a outra, quando já não podia ser feliz sem mim...

— Carolina! — interrompeu Antônio — eu lhe perdoo... Nunca condenei-a... Era destino... Resignados nos conformemos sempre com a vontade do Altíssimo...

— Bem-aventurados — acrescentou o padre entre lágrimas — bem-aventurados os que choram arrependidos, porque serão salvos...

Agora, Carolina — continuou Antônio — ante Deus do céu que nos escuta, eu lhe peço uma graça... a recompensa do meu sofrimento... Carolina, seja minha esposa nesta hora suprema...

Carolina estremeceu como quando avistara Antônio, e suas faces, já tão pálidas como os círios, tornaram-se de uma lividez espantosa e depois coraram. Como que as últimas gotas de sangue afluíram-lhe ao coração, e dali correram ao rosto... Seus olhos volveram-se brilhantes... Uma luta tremenda abalava-lhe a alma, um desses mistérios que não se descrevem... Talvez o pudor... porque o vícios, porque o crime têm o seu pudor... Talvez a lama





tenha pejo de misturar-se com a linfa cristalina da rocha... Não sei. Como que sinto, que adivinho o que, em rápido instante, passou-se em Carolina, mas não posso exprimir.

Nesse misterioso instante a desventurada exclamou:

— Eu?!... Eu, a pecadora das ruas... a mulher infame da multidão?

— Minha filha! — interrompeu o Padre — cale-se, não condene sua alma. A contrição expurgou-a de pecados... não a macule outra vez... Suplique o perdão a Deus, por ter duvidado de sua clemência...

— Meu Deus — murmurou ela se acalmando —, meu Deus, pesa-me de vos haver ofendido e vos prometo, Senhor, nunca mais pecar...

Momentos depois, o Padre chamava os Irmãos, dava a comunhão à enferma e forçado por tão imperiosas circunstâncias, casava os desventurados amantes, assumindo embora grave responsabilidade.

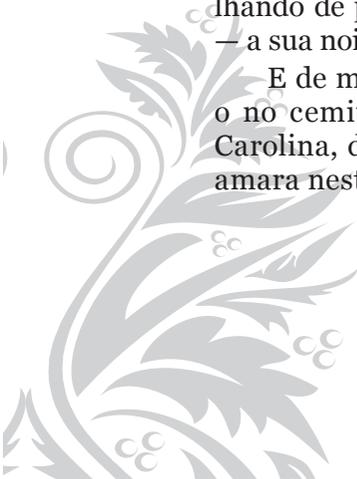
Muitos choraram comovidos por aquele sublime quadro; e mais chorariam se vissem o seguinte.

Carolina expirou, uma hora depois de casada, apertando a mão do esposo e derramando em seu rosto um olhar tão saudoso e terno como o último lampejo do sol no ocaso.

Esse olhar consolara Antônio, além de um certo prazer que acompanha sempre a prática da virtude, a realização de um desejo santo.

Amortalhado o cadáver, Antônio sentou-se junto, e, ora recordando embevecido as cenas de seu amor, ora beijando e molhando de pranto aquela mão regelada... assim passou a noite — a sua noite de núpcias.

E de manhã, quando o sol surgia dos mares, encontrou-o no cemitério, cavando a terra e sepultando o corpo de Carolina, de sua bem-amada consorte, da única mulher que amara neste mundo.







## SENHOR DAS CAÇAS







Era uma noite de farinhada.

Para adiantar o serviço do dia seguinte, combinara-se um serão, e neste raspava-se a mandioca, ouvindo-se alegres cantigas ou casos vistos e presenciados pelos circunstantes, ou dessas longas histórias que o povo guarda na memória para entretenimento de suas noites.

É uma das cenas mais animadas do trabalho agrícola a — farinhada.

Aqui mulheres, homens, crianças, em torno à tulha de mandioca, raspam-na com suas quicés, estabelecendo entre si uma luta — a que chamam *botar capote* —, raspando alguns a mandioca até o meio para que os outros acabem de raspá-la. E por isso, que afã, que ligeireza na lida; quanto dito espirituoso e quanta léria e sorriso ao vencido, principalmente se este é o que *botava capote!*

De vez em quando chegam as cargas; aumenta a tulha e os cargueiros dão recados dos arrancadores, ou respondem aos preguiçosos, se ainda há muita mandioca arrancada.

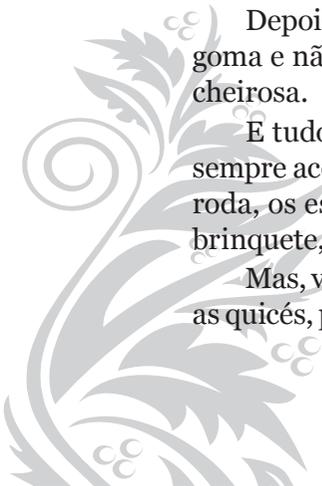
Adiante, os puxadores, de camisa atada à cintura, alagados de suor, puxam a roda cantando com as pausas apropriadas àquele trabalho, como o fazem os remadores ou falando à cevideira que lhes pede ligeireza e azeite nos mancais do rodete.

Perto o forneiro, assentado ao banco do forno ou em pé junto deste, a mover o rodo em todas as direções, ora animando os carregadores da lenha e lhes pedindo mais fogo, ora a gritar por massa ao encarregado da prensa e ao peneirador.

Depois, cada qual faz o seu beiju, espreme seu bocado de goma e não deixa de comer o seu punhado de farinha quente e cheirosa.

E tudo isto por entre as toadas, as pilhérias, as narrativas, sempre acompanhadas da orquestra que formam os zunidos da roda, os esguichos do rodete, os gemidos da vara da prensa no brinquete, e o tom das quicés na mandioca.

Mas, voltemos ao serão da farinhada, onde apenas trabalham as quicés, pois que o forno, a prensa e o rodete descansavam para





recomeçarem suas lidas ao quebrar das barras da madrugada, depois que os galos cantassem a terceira vez.

Estava animado o serão e todos dispostos não só a dar à língua, como a vencer a grande tulha de mandioca que no meio da casa erguia-se afrontando as quicés. Maria das Dores com a ponta do lençol enrolada ao pescoço, Chica Pereira com um pano amarrado à cabeça e Madalena vestida com uma camisa de homem para resguardar o cabeção de rendas, botavam capote a Zé Gomes, ao Raimundo da Josefa e ao João Marreca e o mesmo entre si faziam a Rosa dos Tabuleiros, Gonçalo da Silva, a Rita Lavandeira, Manoel Mateus e os demais trabalhadores. Os cachimbos passavam de mão em mão e uma vez ou duas apareceu inesperadamente na roda uma botija de aguardente, por lembrança do dono da farinhada e foi recebida com alegria, e com maior alegria esgotada.

— Eu não gosto desta bicha, gente: faz-me mal à cabeça — disse Maria das Dores, e cuspiendo e fazendo uma careta, emborcou a xícara.

— E mais é que não achou espinho... hein, comadre? — observou o João Marreca piscando o olho à Rosa dos Tabuleiros.

— Eu também não gosto, mas bebo por penitência, que tenho bastantes pecados — acrescentou Manoel Mateus.

Todos riram e mais animados continuaram a palestra.

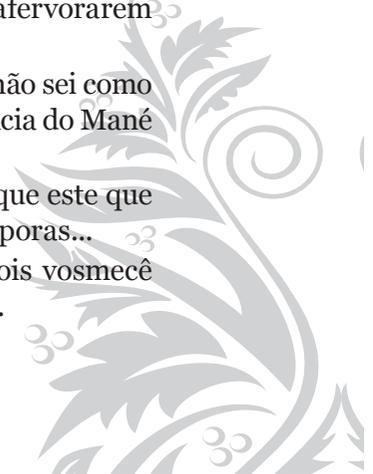
Falava-se então em caiporas, aventuras de caçadas e encantamento.

Cada qual contava a sua história ou declarava o seu pensamento a respeito, e alguns opunham dúvidas para afervorarem a discussão.

— Eu não acredito nestas cousas, minha gente, não sei como se acredite nisto — exclamava com muita graça a Inácia do Mané Coco.

— Pois deve acreditar, senhora Inácia; e saiba que este que aqui vosmecê está vendo já teve negócio com os caiporas...

— Que está dizendo, senhor João Marreca? Pois vosmecê está falando sério? — tornou-lhe a Rita Lavandeira.





— É o que disse, e fiquem certas de uma vez que eu não minto.  
— E ninguém diz menos disto — acudiram os ouvintes.  
— Eu sei!? — acrescentou em tom duvidoso a senhora Inácia  
— mas às vezes a gente vê cousas em sonhos que parecem realidades...

— Sim, senhora, mas saiba vosmecê que eu tive amizade com os caiporas por muitos meses.

— Não duvido da sua honrada palavra, senhor João; o que não posso é acreditar em bruxarias e feitiços... é gênio meu.

— Ora... é porque você não viu como a mulher do Rufino morreu botando baratas pela boca, por causa de feitiço que lhe botaram — respondeu-lhe Chica Pereira.

— E o filho do Inácio, que quase vai-se de um mau-olhado que lhe botou a...

— Que é isso, Rosa? Não fale de quem já deu contas a Deus...

— Mas, nos conte, senhor João, a história das amizades que teve com os caiporas, pediu-lhe o Raimundo da Josefa.

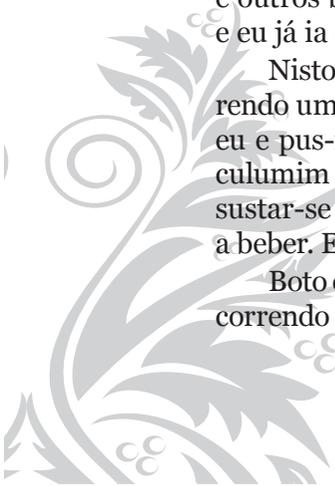
— Eu lhe conto, embora a senhora Inácia ria-se de mim. Que me importa? O mundo está cheio de incrêus e quem quiser que o endireite...

Mas, escutem... Uma vez, ainda era eu bem rapaz, fui esperar na bebida, ali perto do serrote do Bolo. Era meio-dia em ponto, e o sol estava de queimar a gente. Trepei-me na espera, junto de um grande poço e armando minha rede, deitei-me com a espingarda atravessada nas pernas, e pronto para o primeiro movimento.

As veredas estavam fundas. Muitos bichos bebiam de noite e outros bebiam de dia. Mas o tempo passava e nada aparecia; e eu já ia desconfiando da minha sorte.

Nisto botei os olhos para a banda do serrote, e vi descer correndo um caboclinho muito esperto. — "É o tal caipora!" — disse eu e pus-me a espíá-lo, com o coração meio sobressaltado. E o culumim chegou, olhou para a espera, deu fé de mim, e sem assustar-se dirigiu-se ao poço e tirando água com as mãos começou a beber. E eu vendo a tenção dele!

Boto outra vez os olhos para o serrote e vejo vir outro caipora, correndo como o primeiro. — "Temos outro — disse eu — pior





vai-se tornando o negócio!" — E bem não tinha chegado este, o outro apontou para mim; e ele sem fazer caso foi ao poço e tirando água com as mãos começou a beber.

Então o primeiro caipora levantou-se, e subindo os paus da espera veio assentar-se à beira da minha rede...

— Que susto não teve vosmecê, senhor João! — exclamaram as mulheres. E o que fez ele?

— Não gostei da graça, e tive vontade de empurrá-lo, mas felizmente lembrei-me que o tal culumim é valoroso, e podia matar-me. Demais eram dois, e quem sabe se não viriam outros? E logo o culumim virou-se para mim e pediu-me fumo.

— É o que ele queria; eu vi desde o princípio que a tenção dele era esta — disse Chica Pereira.

— Eu dei-lhe um pedaço bom, e ele tirando debaixo do sovaco um cachimbinho, encheu-o, quebrou um garrancho, roçou um pedaço no outro, fez fogo e o acendeu, num abrir e fechar de olhos.

— Ah, excomungado! — disseram os rapazes.

— E depois?

— Depois me disse: "Daqui há pouco virá beber um bando de caititus, e entre eles verás um grande e esbranquiçado; não atires neste. Deixa todos beberem, e depois mata o que quiseres para te arremediar com tua família.

— Não quero caititu — lhe tornei —, o que desejo é um veado capoeiro para minha mulher que está doente.

— Pois então espera mais um pouco, que eu vou botar veados para cá. E toma este assobio, e quando quiseres caça sopra três vezes.

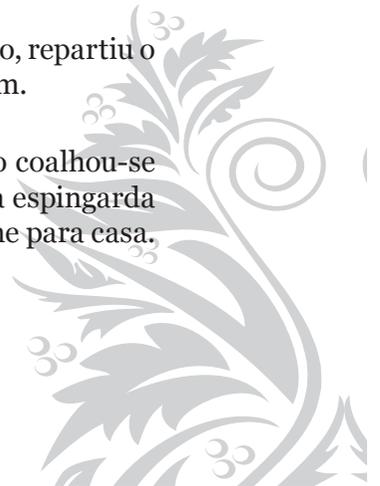
E dizendo isto desceu ligeiro como um fura-coco, repartiu o fumo com o outro e ambos correndo desapareceram.

— E cumpriu o prometido, senhor João?

— Não se meteu meia hora, Raimundo. O poço coalhou-se de veados, cada qual o mais bonito; e eu botando a espingarda ao rosto matei o melhor, e sem detença empurrei-me para casa.

— Homem, esta...

— E o assobio, senhor João?





— Guardei-o na patrona, e desde então sempre que precisava, assobiava três vezes, aparecia-me o caipora e tudo me saía a jeito. Mas um dia... não sei que rumo tomou o caipora; cansei de assobiar e ele nunca mais me apareceu!

— E não viu outros depois, senhor João? — perguntou Madalena.

— Não, senhora, somente estes. E quem quiser, ria-se, que se ri de uma verdade.

— Pois eu, gente — disse Manoel Mateus —, nunca vi e nem desejo ver os caiporas; porém conheci um velho que era muito amigo deles e por isso tinha artes... Credo... Nem gosto de me lembrar dessas cousas...

— O Zé de Goes, meu tio?

— Este mesmo, menino. O diabo do velho era *artista!*

— E o que ele fazia, senhor Manoel?

— De todas não me lembro, mas uma... parece que a estou vendo. Trabalhávamos na limpa de uma capoeira, quando uma cascavel mordeu o pé de um dos rapazes.

— Dá cá um pau — gritaram todos.

— Não precisa — disse o velho.

E cuspiu em cima da cobra e com pouco ela revirava morta no chão.

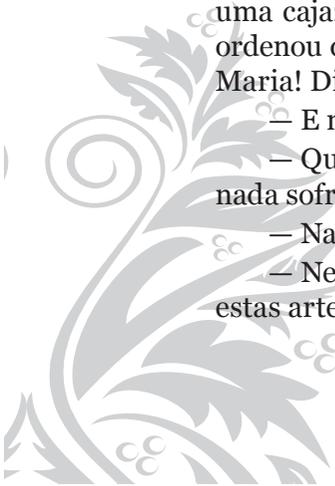
Depois... Virgem Maria! ?Ele perguntou ao rapaz se queria que o curasse e se para tal se sujeitava ao que lhe fosse ordenando. O rapaz respondeu que sim, e o velho assobiou e apareceu cobra de toda a diversidade. Virgem Maria! Eu me trepei por uma cajazeira arriba com medo de tanto bicho feio. E o velho ordenou que uma das cobras mordesse o pé do rapaz... Virgem Maria! Dito e feito...

— E morreu o rapaz?

— Qual! Continuou a trabalhar ao cabo da enxada como se nada sofresse.

— Nanja eu que desse meu pé!

— Nem eu! Virgem Maria! E diziam que o velho aprendera estas artes com os caiporas...





— Só sendo! — exclamaram alguns dos ouvintes.

Os outros riram-se baixinho e olharam curiosos para o velho Gonçalves da Silva, como procurando saber a sua opinião a respeito.

## II

Gonçalo era autoridade na matéria.

Seus cabelos tinham embranquecido nas caçadas; e as chamas do fuzil de sua lazarina queimaram-lhe as pestanas e diminuíram-lhe a vista, em mais de mil casos perigosos, de que salvara-se milagrosamente.

Era o mais velho dos caçadores, e o mais escopeteiro e afamado entre todos os daquelas serranias.

Conhecia a vida dos bichos, sabia de cor e salteado os seus costumes, adivinhava-lhes o rasto, as veredas e as tocas, e por isso ninguém tão feliz como ele em suas continuadas correrias.

Uma circunstância mais concorria naquela ocasião para tamanho respeito ao velho; e era que Gonçalves da Silva tivera seus encontros com um caipora, além de muitas visagens e misteriosas cenas nas matas virgens da montanha. Ninguém ignorava essas cousas e por isso os rapazes instantemente pediram ao velho, que ainda uma vez as contasse.

— Não vejo nesta terra quem melhor saiba dessas cousas do que o tio Gonçalves...

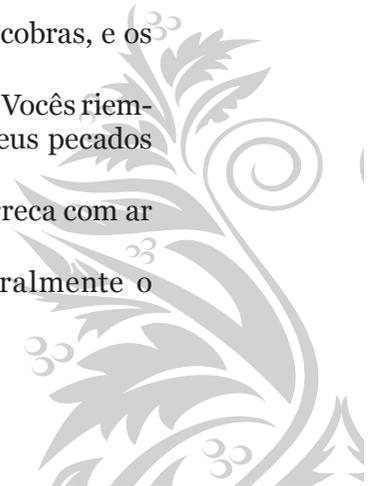
— Já tu vens, Manoel! Não podiam acabar tuas conversas sem meter-me no meio.

— E o que lhe parecem, meu tio, o curador de cobras, e os caiporas do senhor João Marreca?

— É que — quem não vê, é como quem não sabe. Vocês riem-se, porque nunca viram o que em desconto dos meus pecados tenho presenciado nestes matos.

— Gosto de ouvir falar assim — disse João Marreca com ar de triunfo.

— Quem sabe, sabe — acrescentou magistralmente o Raimundo da Josefa.





— É verdade, tio Gonçalo; mas agora nos conte a história do que lhe aconteceu com os caiporas ali na serra.

— Inda mais esta, rapaz! Pois já não te contei isto tantas vezes?

— Sim, senhor, e quem se cansa de ouvir aquela história? Foi decerto um caso medonho, capaz de estatalar o mais temero! Vosmecê é homem de coragem, meu tio!

O velho caçador, como todos os filhos de Adão, gostava da lisonja; era esse o seu fraco; e por isso coçando a cabeça com o cabo da quicé, espalhou na roda um olhar de satisfação e orgulho, disposto a corresponder à fineza do rapaz.

— E não é mentira, não, Manoel, que se me faltasse a coragem, eu não passaria, como passava na mocidade, dias e semanas no meio daquelas serras, nos lugares mais esquisitos.

— Mas, agora — interrompeu Madalena sorrindo-se maliciosamente — vosmecê não vai a esses lugares nem que o matem...

— Saia-se daí, que você não sabe o que diz — respondeu-lhe o velho desconfiando. Intrigado com o caipora, seria uma loucura embrenhar-me naquelas grotas para ajustar contas com um inimigo tão feroz como ele. O que é preciso é rezar e não empregar meu tempo em tafularias, como muita gente que eu conheço...

— Em mim não assenta a carapuça, tio Gonçalo — respondeu Madalena rindo-se para disfarçar o despeito.

— É assim mesmo, tio Gonçalo; vosmecê tem razão; mas vamos ao caso...

— Deixemo-nos mais de histórias, rapaz, que já é tarde, e além disso ali a senhora Madalena pode caçoar a seu jeito...

— Ora, primo! — replicou Maria das Dores — pois você não conhece o gênio da Madalena! Conte lá, que estou morta por ouvi-lo.

— Conte, tio Gonçalo, conte...

E o velho não podendo resistir a tantos pedidos, acendeu o cachimbo, e após alguns momentos de pausa falou assim, dirigindo-se a todos.

— Eu não gosto de contar estas cousas... sim, senhor, não gosto! Há gente que, sem mais nem menos, ri-se dos casos sérios,



como que duvidando. E sabem por quê? Aposto que não sabem; pois é porque, como lá diz o outro, nunca saíram mais longe do que o terreiro; e nascem e morrem desconhecendo o que há de assombroso por esses matos de meu Deus.

— Tal e qual; falou como quem sabe, senhor Gonçalo da Silva  
— disse um velho que perto raspava mandioca.

— Quanto a mim, nasceram-me quase os dentes nas brenhas da serra em perigosas caçadas, e em que tempos? Não havia ali e nem por aqui uma só casa; a mais vizinha era a do João de Goes na distância de três léguas e meia...

— E das boas, tio Gonçalo!

— É verdade, são léguas que valem pelo dobro. Mas, como ia contando: nesses tempos... eu andava pelos vinte e dois ou vinte três anos, e meu emprego era somente caçar. Possuía uma lazarina... e que arma, rapazes! Parece-me que as boas espingardas também se acabaram.

— Como acabou-se o algodãozinho americano encorpado, e a chita de cores fixas. Hoje em dia não há chita que não largue, primo.

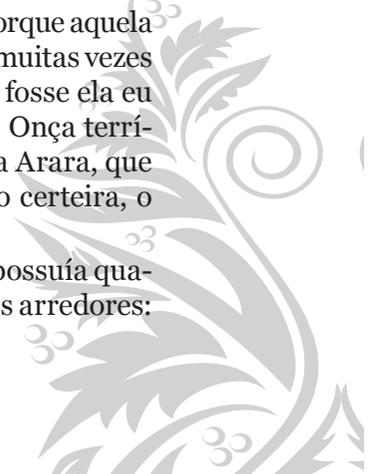
— É assim, prima Maria; as cousas têm mudado completamente e, por infelicidade, para pior.

A rapaziada quis protestar mas, para não interromper a história, deixou sem resposta a queixa da velhice.

Gonçalo continuou:

— Quando eu levava minha espingarda ao rosto, via a queda. E eu por isso amava-a mais do que à minha mulher; e saibam que marido algum já amou tanto a sua cara metade como eu à minha Lauriana, que Deus haja. E devia ser assim, porque aquela espingarda não só dava-me o bocado como também muitas vezes salvou-me a vida. Uma vez, principalmente, se não fosse ela eu teria morrido nas garras de uma suçarana audaz. Onça terrível! fez tais voltas e reviravoltas ali no Boqueirão da Arara, que se me mentisse fogo a lazarina, ou se não fosse tão certa, o Gonçalo da Silva teria sido carniça!

Mas, vamos ao caso. Além de tão boa arma, eu possuía quatro cachorros de caça, que melhores não havia nestes arredores:





o Sereno, o Leão, o Veloz e o Rompe-Ferro. Aquela cadela da Josefa do Córrego dos Moços é bisneta do Veloz e é pena que dos outros se perdesse a raça.

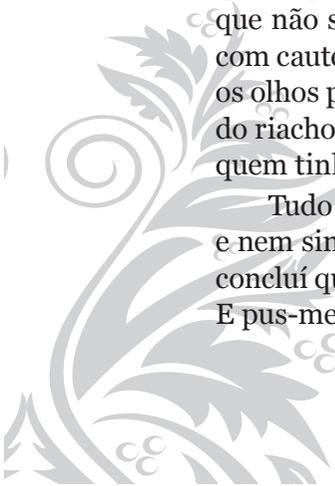
Sim, senhor... Eu, quando saía de casa, não voltava senão quatro ou cinco dias depois e sempre carregado de caça fresca e seca. Levava a rede às costas para esperar os veados, a cabaça d'água, a farinha, o algodão ou artifício de tirar fogo, no ombro a lazarina, na cintura a patrona e a faca e na cabeça uma carapuça de couro de preguiça. E assim empurrava-me pelo mato adentro, ora trepando-me pelos despenhados da serra, ora rompendo os fechados, e ia esperar os bichos ao meio-dia nas bebidas e à noite nas comidas, para tal armando minha tipoia nos galhos das árvores ou fazer mondés, armar os quixós, cavar os fojos, ou arrancar tatus nos buracos.

Lembro-me agora de uma que me aconteceu nas esperas. Escutem lá, que eu vou contá-la pelo alto.

Uma madrugada... A névoa envolvia a serra e aumentara a escuridão, de modo que não se enxergava a dez passos. Eu estava deitado em minha rede, numa espera muito alta e perto de um riacho, e tão tresnoitado, que dormia a bom dormir. Mas, embora tresnoitado, quem não acordará ao menor rumor em matos tenebrosos? Foi o que me aconteceu.

No melhor do sono, despertei ouvindo quebrar paus secos perto da espera. — "Não tem dúvida — disse eu — é bicho, e grande!" — E senti logo um estremecimento no coração, porque, rapazes, não há caçador, por mais acostumado que seja, que não se perturbe ao aproximar-se a caça. E então pegando com cautela na minha lazarina, engatilhei-a devagar, e botando os olhos para a banda do barulho, vi como que um vulto à beira do riacho. Não tive mais demora, não; papoquei-lhe fogo, como quem tinha vontade, e fiquei a observar o efeito.

Tudo calou-se ao redor; e olhando bem, não vi mais o vulto e nem sinal de cousa alguma. À vista disto, entrei a maginar, e concluí que atirara em vão e que o rumor não passara de sonho. E pus-me a esperar com os olhos arregalados, e nada!





Desenganado já, e quando as barras vinham quebrando, desliberei-me a descer da espera; e, escorregando pelos paus abaixo, fui beber água, que estava morto de sede. Mas lá me ficara a cuia, e por isso deitei-me de bruços sobre o riacho entre duas grandes pedras, e assim bebia, quando... oh, que susto, minha gente! Botei os olhos para um lado e vi entre dois paus uma onça como que armando o salto para agarrar-me. Não tive demora, não; dei um pulo, mais de modo tão desastrado que bati com o joelho direito na pedra e imprensado fiquei sem poder erguer-me.

Considerem agora o meu vexame, a minha aflição!

Não podia, sem firmeza na perna, levantar-me de pronto e nem tirar os olhos de cima da onça; e esta sempre na posição de saltar na minha goela! O que devia eu fazer? Gritar seria tempo perdido, pois o lugar era deserto e, além disso assanharia mais a fera. Rezei, pois, o ato de contrição e esperei a morte, que não podia tardar.

Passados alguns instantes, que me pareceram anos, foi clareando o dia, e, tendo eu melhorado um pouco, e vendo que a onça não se mexia, levantei-me devagarinho, sempre com os olhos nela, e aproximei-me...

Oh, rapazes, acontecem neste mundo cousas à gente! Pois não querem saber? A onça estava morta! Naquele tiro, ferira-a eu no coração, no momento em que ela ia pular o riacho, e por isso ficara a bicha enganchada entre os dois paus, naquela posição. E eu a pensar que estava viva!

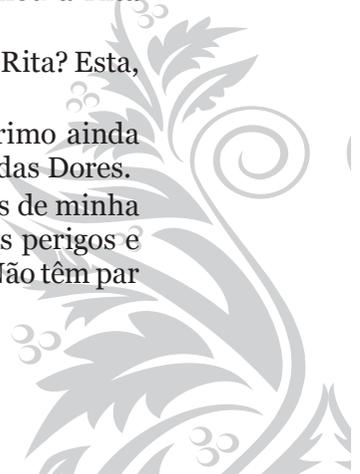
— Sim, senhor! E que susto não raspou vosmecê! Não era para menos — disseram os ouvintes.

— Minha gente, eu morria de medo! — exclamou a Rita Lavandeira.

— E se te acontecesse outra, que me aconteceu, ó Rita? Esta, sim, foi de arrepiar as carnes...

— Mas, não tarda acabar-se a mandioca e o primo ainda não contou a história do caipora — observou Maria das Dores.

— É verdade. Se eu for contar todas as aventuras de minha vida de caçador, um mês é pouco; pois não menores perigos e sustos tive muitas vezes nas brenhas daquela serra. Não têm par e nem conta! Mas, vamos à história...





### III

— Um dia e foi numa sexta-feira! eu caçava no coração da serra acompanhado dos meus cachorros, quando dei com um bando de queixadas. Tratei logo de persegui-lo sem descanso, e assim embrenhei-me, indiferente ao rumo que seguia. O Rompeferro e o Veloz brigavam bonito com os queixadas e os outros dois não os largavam. Não sei porque atrasei-me um pouco e os perdi de vista, mas sempre ouvindo o barulho adiante...

Eis se não quando, rapazes, apenas ouço gritarem os meus cachorros como se estivessem apanhando! Não havia dúvida, estavam açoitando os meus bichinhos! Quem seria? Gente não era possível, que naquelas paragens não passava viva alma. E por isso meus cabelos se arrepiaram tanto, que mais pareciam de cuandu assanhado, do que de criatura humana. Considerei um instante — que remédio se não fazer das tripas coração? Reuni pois as forças, tomei ânimo e, engatilhando a espingarda, empurrei-me para o lado onde gritavam os cachorros, como quem tem vontade de se desempulhar, embora com risco de vida.

Quando cheguei... oh, que raiva e pena senti ao mesmo tempo, minha gente! Os cachorros grunhiam, e rolavam no chão debaixo do chicote de um caipora cruel!

— De um caipora, tio Gonçalo? — exclamaram os rapazes.

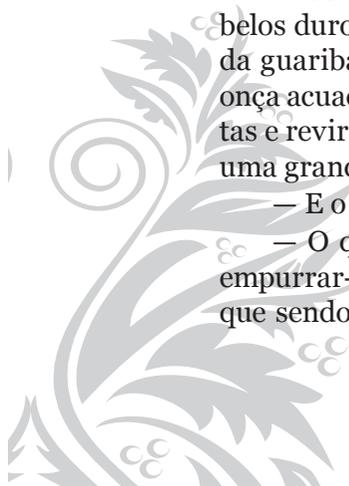
— Sim, de um caipora! Não sei como não morri, tamanha foi a minha ira.

— E como era o tal caipora?

— Como todos os outros: um culumim de cor escura, de cabelos duros como os de porco e dentes alvos e afiados como os da guariba. Os olhos pareciam dois tições acesos, ou olhos de onça acuada na furna. Montava um grande caititu, e dando voltas e reviravoltas por entre os meus cachorros, os açoitava com uma grande chibata de japecanga.

— E o que vosmecê fez?

— O que havia de fazer, gente? Vontade não me faltou de empurrar-lhe uma bala no bucho; porém felizmente lembrei-me que sendo os caiporas encantados, de nada valiam as minhas





balas. Talvez as aparasse para sacudi-las depois em meu rosto. Então disse em comigo mesmo: "Gonçalo, o melhor é não dar sinais de zanga e procurar a amizade do caipora." Meu dito, meu feito. Tomei chegada e cortesmente tirando a minha carapuça salvei-o dizendo:

— Perdoe por esta vez os meus cachorros, senhor caipora.

Ele, suspendendo o castigo, fitou-me irado — e pouco a pouco se acalmando perguntando-me:

— Quem és tu?

— Eu sou o Gonçalo da Silva, pobre caçador carregado de família, e moro lá embaixo no talhado das Marizeiras.

— E que andas aqui fazendo?

— Senhor, eu ando caçando uns bichinhos para comer com a minha mulher e filhos.

— E não sabes que estás nos meus domínios, e que sou o senhor das caças desta serra?

— Não sabia, senhor; mas fico sabendo.

— E não sabes também que ninguém pode caçar nestas florestas sem a minha licença?

— Não sabia, senhor; mas fico sabendo.

— E não sabes também, que todos os caçadores são obrigados a pagar-me tributo pelas caças que me roubam?

— Não sabia, senhor, mas fico sabendo.

— E não sabes também, que mato aqueles que se negam ao pagamento, e os como assados no moquém de minhas grotas?

— Não sabia, senhor; mas fico sabendo.

— Pois, bem, o tributo é um grande pedaço de fumo...

— Mas, senhor, eu não sabia, e por isso não o trouxe.

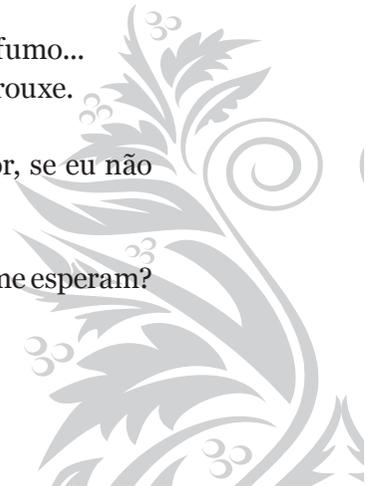
— Pois morrerás.

— E o que será de minha pobre mulher, senhor, se eu não voltar à casinha das Marizeiras?

— Não me importa; tu morrerás.

— E meus filhinhos, senhor, as criancinhas que me esperam?

— Não me importa; tu morrerás.





— Mas, eu lhe prometo, senhor, voltar amanhã e trazer-lhe o dobro do tributo.

— Tu me enganarás, Gonçalo, tu me enganarás.

— Não o enganarei, senhor, eu lhe afianço.

— Tu me enganarás, Gonçalo, tu me enganarás.

Eu estava mais morto que vivo! O que seria de mim naquelas gerais, no poder do feroz encantado, para quem não havia balas, nem faca, nem forças humanas capazes de o dominar? E onde tiraria eu o fumo para lhe pagar o tributo? Não me restava, pois, se não ir à garupa do seu caititu para as grotas escuras e ser comida assada no moquém.

Assim pensava eu com tristeza, enquanto o senhor-das-caças fumando em seu cachimbo, ocupava-se em apanhar perto algumas plantas medicinais.

— E para que essas plantas, tio Gonçalo?

— Para curar os bichos feridos, menina, os bichos que escapam dos caçadores. O caipora é o melhor dos vaqueiros, trata com muito zelo o seu gado e cura-o com plantas virtuosas, que ele pila nos almofarizes, por suas mãos abertas nas pedras.

— Por isso é que há na serra tantos buraquinhos nas pedras, assim a modo de pilão...

— Foram feitos pelos caiporas. Mas, vamos ao caso...

Tristemente imaginava eu, quando o caipora virou-se para mim, e em tom mais calmo e brando me disse:

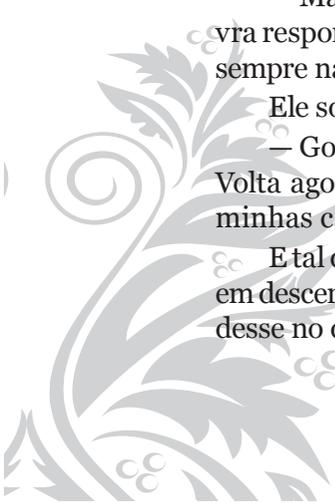
— Então, Gonçalo, então?

— Mate-me logo, senhor, pois que não confia na minha palavra respondi com inteira submissão, lembrando-me de que quase sempre nada é mais forte que a humildade.

Ele sorriu e tornou-me:

— Gostei de ti, Gonçalo; e por isso confiarei em tua palavra. Volta agora para casa, e amanhã virei aqui receber o preço de minhas caças.

E tal dizendo, empurrou-se pelas brenhas adentro, e eu cuidei em descer logo por via das dúvidas, mas disposto a cumprir o trato, desse no que desse, para não ficar privado das caçadas da serra.





A Lauriana não me esperava naquele dia, e pois assustou-se quando arrebentei em casa, sossegando quando lhe disse que voltara atrás de pólvora, porque tinha derramado a que levava para o mato.

Nada contei-lhe do sucedido, receando amedrontá-la; e comprando duas varas de bom fumo, larguei-me à primeira cantada do galo em procura da serra.

O caipora chegou igual comigo.

— Voltaste, Gonçalo, e bem fizeste em voltar.

— Sou pobre, senhor, mas não sei faltar ao prometido. Aqui tem o fumo e desejo que o ache de seu gosto.

O senhor das caças o recebeu, e enchendo e acendendo o cachimbo, começou a fumar com sinais da mais completa satisfação.

— Podes caçar em todos os meus domínios, Gonçalo; dou-te licença e protejo-te, porque cumpriste com a tua palavra.

— Obrigado, senhor, muito obrigado.

— Uma coisa, porém, te peço, Gonçalo: atira sempre com segurança para que a caça não fuja ferida, e assim tenha eu o trabalho de curá-la, ou morra pelos matos, perdendo-a tu e eu, porque deste modo não servirá para ti e nem para mim.

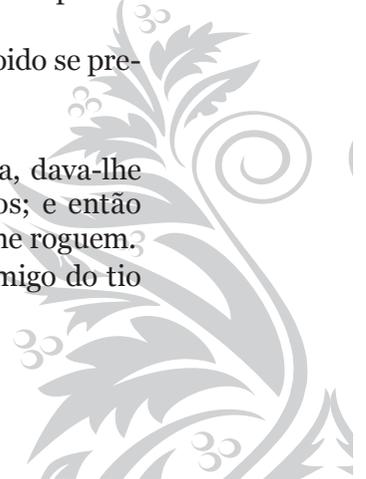
E daí em diante, quando eu ia à serra, voltava carregado da melhor caça. Parecia um encanto, rapazes! Como que o caipora, para proteger-me, vaquejava e reunia os seus gados nos lugares em que os esperava. Eu era, pois, o caçador mais afortunado, o mais afamado entre todos do pé da serra; e como a ninguém contara esses negócios, asseverava-se geralmente que só pautas com o demo podiam tanto!

Que me importavam esses ditos? Seria eu um doido se pretendesse tapar a boca do mundo.

Agora o que querem?

Sempre que subia à serra, encontrava o caipora, dava-lhe fumo, e conversávamos como dois amigos íntimos; e então aprendi cousas que nunca ensinarei, por mais que me roguem.

— E por que o tal caipora tornou-se depois inimigo do tio Gonçalo? — perguntaram as raparigas.



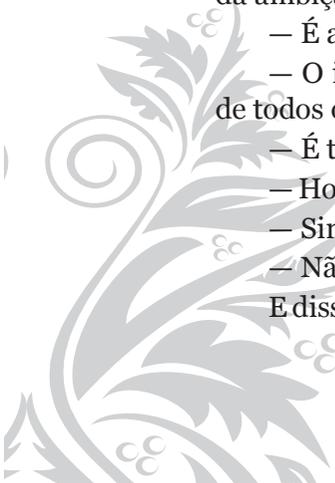


- Ah, isto é história muito comprida... Fica para outra vez.
- Não, primo, conte agora!
- Ora, prima Maria, pois não vê que está quase toda raspada a mandioca?
- Ainda falta uma porção... Conte, tio Gonçalo, conte! — pediram com instância os rapazes.
- Arre lá! Que dores de barriga são vocês! Pois bem, eu vou contar o resto da história, porque encerra uma lição... um exemplo para os ambiciosos...
- Isto é bom: presta atenção, ó Rita — disse João Marreca.
- Que é isso? Quem ouvi-lo há de pensar que eu sou ambiciosa! Pois se engana: ninguém mais contente com a sua sorte do que eu.
- Nanja eu; antes queria ser muito rico...
- E restabelecendo-se pouco a pouco o silêncio, o velho caçador contou como interrompera suas relações com o senhor das caças, isto é a história da Lagoa encantada.

#### IV

Um dia me disse o caipora:

- Gonçalo, o homem indiscreto, que não sabe guardar um segredo, não merece confiança, e sim desprezo.
- É assim mesmo, senhor; eu penso do mesmo modo.
- Gonçalo, o homem que se deixa dominar pelo demônio da ambição não merece estima, e sim a maldição.
- É assim mesmo, senhor; eu penso do mesmo modo.
- O indiscreto arrisca o seu amigo, e o ambicioso é capaz de todos os crimes...
- É tal e qual, senhor, é tal e qual!
- Homem, o caipora era um vigário! — exclamou Zé Gomes.
- Sim... senhor! — acrescentaram os outros.
- Não interrompam! — ralhou a Chica Pereira.
- E disse mais o senhor das caças — continuou o velho caçador:





— Quem sabe, Gonçalo, se mereces a minha confiança e a minha estima?

— Não duvide de mim, senhor, que me ofende.

— Pois bem, vou experimentar-te; mas se revelares o meu segredo e se fores tentado pelo demônio da ambição, nunca mais me apareças, nunca mais! Que, indigno de minha amizade, empregarei contra ti as armas mais ferinas.

E depois acrescentou:

— Escuta. Vou dar-te a riqueza; vou mudar a tua pobreza em abundância; mas, vê lá! Não sejas o algoz de teus semelhantes, só porque tens os meios de seres o seu benfeitor! E nunca te esqueças de que o rico não é mais do que o depositário do ouro de muitos pobres, e por isso entre eles deve dividi-lo, em suas necessidades, como bom amigo e fiel tutor. Acompanha-me agora.

E montado em seu caititu, enfiou pelas brenhas, e eu o acompanhei, ora subindo os mais altos penhascos, ora descendo aos mais profundos abismos. E que lindos arvoredos carregados de flores e frutos e de viçosa e escura folhagem; que abundantes riachos ladrilhados de pérolas e diamantes; que longas campinas cheias de veados, de antas, tamanduás e outros bichos da serra, atravessamos nós!

Parecia um sonho meus rapazes, um sonho prodigioso!

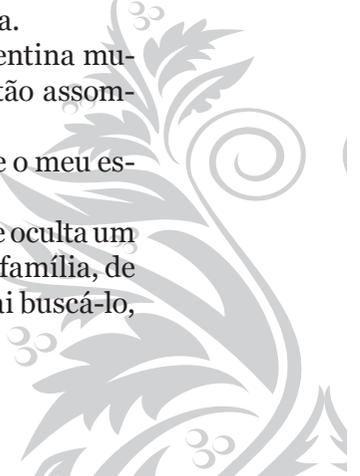
Ele caminhava adiante em seu caititu e eu o acompanhava como fora de mim, de espanto em espanto!

Assim, depois de muito caminhar, atravessamos um grande corredor, escuro como noite de inverno e como que aberto nos rochedos, e desembocamos numa lagoa, cercada das mais formosas matas e sombreada por uma grande gameleira.

Ah, minha gente, não sei como não caí pela repentina mudança do escuro para a luz, não só do dia como de tão assombrosa beleza!

O senhor das caças parou e deixando moderar-se o meu espanto, disse-me:

— Gonçalo da Silva! eis a Lagoa encantada! Aqui se oculta um grande tesouro; e eu to ofereço para felicidade de tua família, de teus amigos; e dos pobres que à tua porta baterem. Vai buscá-lo,





vai. Da raiz daquela gameleira desce uma grossa corrente de bronze ao fundo das águas. Puxa-a, planeando a caridade, e desde logo sentindo o seu deleitoso prazer, que arrancarás um caixão cheio de ouro. Mas, se tentar-te o demônio da ambição, de balde, ó Gonçalo da Silva, procurarás arrancá-lo! As águas, os peixes e as raízes reunir-se-ão para prendê-lo, para zombar de teus esforços! E se revelares a alguém este mistério... treme, treme de minha vingança.

E sem mais nem menos, o senhor das caças açoitou o seu ginete, e trepando-se pelos despenhadeiros mais a pique, desapareceu a meus olhos.

Fiquei só.

A princípio estendi alucinado a vista por todo aquele prodigioso quadro, e depois, fatigado pela viagem e estremecimento do coração, sentei-me numa pedra e pus-me a cismar ou a sonhar com os olhos abertos.

Não é possível, prima Maria das Dores, descrever tanta beleza, como a que vi na Lagoa encantada... Não, minha gente, não se pode pintar, nem mesmo fazer-se ideia de tais maravilhas! Contudo, eu vou ver se posso contar algumas cousas... Escutem.

A mata mais verde, mais frondosa, mais bonita, que já os olhos de criatura viram neste mundo, cercava aquela grande lago. De um lado erguia-se a gameleira que o caipora me apontara, e do outro estendia-se verde-escuro juncal; e por toda a parte lindíssimas flores exalando deliciosos perfumes.

Da lagoa corria um riachinho por entre seixos alvos como a névoa, e água era cristalina como as chuvas do céu.

Um ventozinho fresco, ou como lá diz o outro, a brisa, viera encrespar docemente as águas e brincava por entre as flores; e também por entre elas passarinhos de penas azuis, verdes, encarnadas, douradas e prateadas voavam alegres cantando uns cantos que... iguais somente devem ser os dos serafins do Altíssimo! E peixes de todas as cores e tamanhos vinham à tona d'água, como que para escutar os passarinhos.

Esqueci-me de contar, minha gente, que no meio da lagoa havia uma ilha, com o mais primoroso jardim e uma gruta de madrepérolas.



Pois bem, eu contemplava todos esses abismos de beleza, quando vejo erguer-se das águas uma moça alva e corada, de cabelos compridos e soltos, colo feiticeiro... enfim de uma formosura sem igual!

— Era uma mãe-d'água, tio Gonçalo?

— E o que havia de ser, ó rapaz, senão a mãe-d'água? Depois apareceu outra, e mais outra, e dirigindo-se todas à ilha, coraram-se de flores, e começaram a tocar uns instrumentos desconhecidos, ao mesmo tempo dançando e cantando...

Ah, prima Maria das Dores, Madalena, compadre Zé Gomes, nunca vi moças tão lindas, e nem danças e cantigas como aquelas!

Eram decerto mães-d'água, que tinham deixado no fundo do lago os seus palácios de cristal e vinham brincar à luz do dia.

Eu estava embasbacado, rapazes, e mais ainda fiquei quando vi, ao som daqueles cantos, as árvores, as flores, os juncos e os rochedos movendo-se; os peixes pulando; os passarinhos saltando e batendo as asas; e tudo como que dançando compassado, como se fosse gente!

E dançando cantaram por muito tempo.

Depois, descansaram um instante e, fitando-me, continuaram dizendo-me assim em suas melodiosas cantigas:

— Ergue-te, Gonçalo, oh, venturoso, é tempo.

— Quanto ouro levarás, e no ouro vai a opulência.

— Levantarás um palácio na vargem; e no palácio dançarão as belas.

— Terás criados sem conta; e sem conta serão tuas festas.

— Comprarás sedas para tuas amantes; manas, sejam suas amantes.

— Comprarás perfumes e joias para tuas queridas; manas, sejam suas queridas.

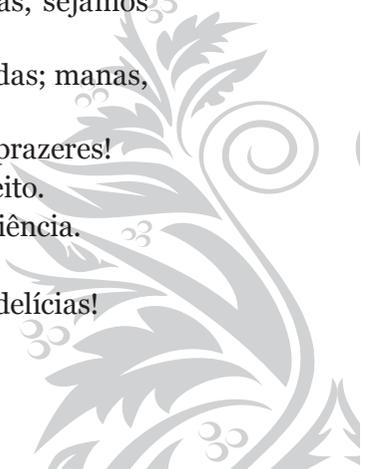
— Quanta riqueza, Gonçalo; Gonçalo, quantos prazeres!

— Todos te respeitarão; porque o ouro é o respeito.

— Todos te obedecerão; porque o ouro é a obediência.

— Todos te louvarão; porque o ouro é a lisonja.

— Quanta riqueza, Gonçalo; Gonçalo, quantas delícias!





- Terás os manjares mais finos; porque o ouro tudo compra.
- Terás mimosas donzelas; porque o ouro tudo vence.
- Terás, enfim, o que desejares; porque o ouro tudo alcança.
- Quanta riqueza, oh Gonçalo; no cofre pesam as moedas.
- E tantas são as moedas, quantos besouros nos ares.

E milhares de milhares de besourinhos dourados surgiram das águas e escureceram o tempo.

Um momento depois, fadas e besouros, oh, prima Maria, haviam desaparecido. Tudo estava calado. Botei então os olhos ao redor e somente vi a lagoa, a gameleira, as matas, as flores, a ilha e os passarinhos, no mesmo estado em que os encontrara; porém eu, minha prima, estava inteiramente mudado.

Uma fome cruel me roía as entranhas — a fome dos prazeres; uma sede fatal me consumia — a sede da riqueza! Levantei-me, então, e pus-me a andar como doido.

— Gonçalo — dizia eu mesmo comigo —, serás em breve muito rico, Gonçalo! Não caçarás mais para comer, e sim para te divertires. Terás uma espingarda de ouro, uma patrona enfeitada de diamantes, um polvarinho de cristal.. e um palácio, e as moças mais formosas, e banquetes e danças... As melhores fazendas serão tuas... os melhores sítios, os maiores roçados! Comprarás estas terras... as mais rendosas propriedades... Todos te respeitarão... Crescerá a tua riqueza... Aumentarás os teus gozos... Gonçalo, serás em breve muito rico, Gonçalo!

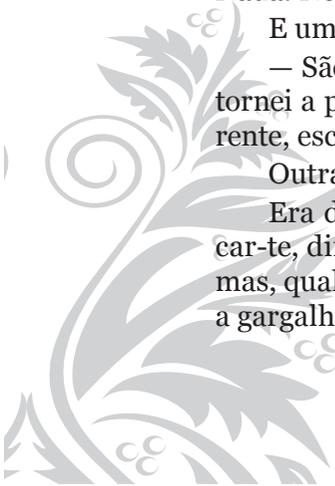
E sem mais demora corri para a gameleira, e agarrando a corrente de bronze que prendia o tesouro, puxei-a com força. Nada! Nem ao menos alui...

E uma grande gargalhada estrondou nos ares.

— São as mães-d'água que zombam de mim — pensei eu e tornei a puxar, a puxar... até que desalentado caí junto da corrente, escumando de cansaço e raiva.

Outra gargalhada estrondou nos ares.

Era demais! Bradei desesperado: "Dinheiro, hei de arrançar-te, dinheiro!" — E agarrei-me à corrente a puxar, a puxar... mas, qual! Desta vez, oh rapazes, caí mais depressa, e maior foi a gargalhada que estrondou nos ares.





Então, sem lembrar-me do que ouvira ao senhor das caças, eu disse comigo mesmo: "Gonçalo, estão caçoando de tua fraqueza: corre lá embaixo, e convida dois ou três camaradas para te ajudarem a arrancar o caixão..."

E meu dito, meu feito...

— E não lhe ordenou o senhor-das-caças, tio Gonçalo, que não revelasse o mistério de seus domínios? — interrompeu Madalena.

— Eu só me lembrava, menina, da riqueza, daquele grande caixão de ouro. O demo da ambição me tinha revirado a bola...

Mas, como ia eu contando, disposto a descer, enchi o seio de frutas, e saí botando uma no chão a cada passo, para acertar quando voltasse.

E outra gargalhada estrondou nos ares e um bando de anuns apareceu e começou a comer as frutas que eu deixava cair.

Não sei como não morri de raiva!

Enxotei os anuns atirando as pedras que pude apanhar, e eles voaram, mas voltaram logo em maior número.

Assim contrariado, botei fora o resto das frutas e arrancando a faca, saí cortando a casca das árvores para assinalar a passagem.

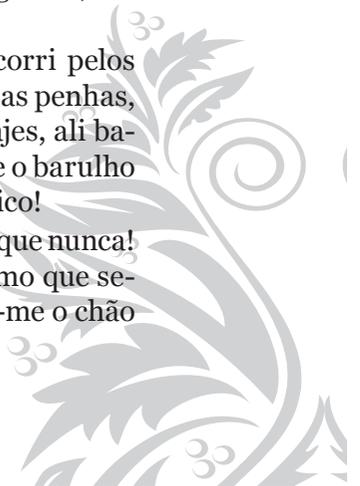
Mas, ainda não havia eu dado dez passos quando, olhando para trás, vi os talhos desaparecerem das árvores e ouvi...

Oh, vocês não podem fazer ideia do barulho infernal que então estrondou nos ares!

Eram gargalhadas, toques de sinos e caixas de guerra, assobios, gritos... enfim, o diabo a quatro!

Não tive mais demora, não; azoado e furioso corri pelos matos adentro, sem direção, ora trepando as mais altas penhas, ora rompendo espinheiros, aqui escorregando nas lajes, ali batendo nos troncos — cada vez mais atordoado, porque o barulho me acompanhava... crescia... tornava-se mais diabólico!

E anoitecera de todo, e a noite era mais escura do que nunca! Já não enxergava as grotas, o lugar que pisava, o rumo que seguia... e sempre a correr, a correr... até que, faltando-me o chão





nos pés, caí... em medonho boqueirão... rolei nos ares... e fiquei pendurado nuns ramos, sobre horroroso abismo!

Mais penosa, pois, tornou-se a minha posição.

Naquelas profundezas soluçava um rio por entre as rochas; e os galhos que me seguravam, estremeciam... vergavam e... de vez em quando estalavam. Eu não podia mexer-me... Qualquer movimento bastaria para fazer-me cair, e morrer despedaçado naquelas rochas...

Oh, ainda hoje se me arrepiam os cabelos!

Eis senão quando, minha gente, em vez do barulho que me perseguia, estouram os trovões, fuzilam os relâmpagos e zune o vento com força embalando-me sobre o abismo! E no meio da tempestade, aparece um bando de molequinhos montados em capivaras, lançando fogo pelos olhos, faíscas pelas ventas, arreganhando os dentes, rodeando-me e cantando, acompanhados de novas gargalhadas:

— Bacos... ba... bacos; bacos... bacos...

— Gonçalo, cadê teu ouro? Teu ouro virou xenxém!

— Gonçalo, por que caíste? Gonçalo, por que subiste.

— Bacos... ba... bacos; bacos... bacos...

E assim continuaram, fazendo-me caretas, sempre ao som das gargalhadas, enquanto uivava a tempestade...

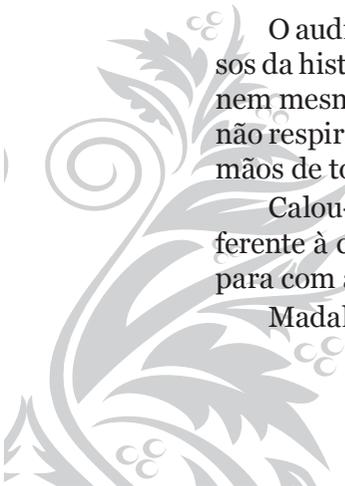
Depois... estalavam os galhos... e caí perdendo os sentidos!

## V

O auditório ouvira gelado de terror aqueles lances angustiosos da história do tio Gonçalo. Ninguém ousava interrompê-lo, e nem mesmo mover-se para não perder uma palavra. Como que não respirava-se, e houve ocasião em que as quicés pararam nas mãos de todos.

Calou-se o velho, e pôs-se a limpar o seu cachimbo, indiferente à curiosidade geral, ou esperando talvez uma pergunta para com a resposta fechar o conto.

Madalena não pôde conter-se.





— Então, tio Gonçalo, e depois?

— Clareava o dia quando acordei, ardendo em febre, ali na cajazeira grande do riacho.

Levantei-me ainda atordoado, e empurrei-me para casa, dando graças ao Altíssimo por ter escapado daquela embrulhada.

Adiante encontrei o Mané Coco, que saía para uma pescaria de gereré, e contando-lhe o sucedido, disse-me ele embalando a cabeça:

— Hum... hum... hum... Estas artes de caipora... Eu já as conheço! Quase a mesma graça já fizeram eles comigo uma noite. Eu logo vi, senhor Gonçalo, que as suas caçadas nos esquisitos daquela serra vinham dar nisto!

E chegando em casa nada contei a Lauriana, para não afligi-la, mas lembrando-me das agonias da ambição, lidas e dissabores da riqueza, achei tão doce, tão suave, tão cheia de sossego a pobreza entre os afagos da família, que não pude deixar de exclamar dentro do coração: — Quem quiser ser rico, que o seja, que a mim não faz inveja!...

— Eu, da minha parte, quero ser muito rica, mas da graça do meu divino Jesus — acrescentou Maria das Dores.

— E o caipora não tomou mais vingança contra vosmecê, tio Gonçalo? — perguntou a Rita Lavandeira.

— Talvez ainda me espere nas brenhas da serra para isso, Rita; porém eu lá não voltei.

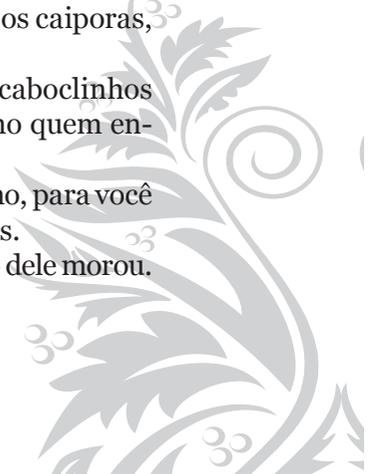
— É verdade que vosmecê só caça aqui no plano, e pelo pé da serra?

— E nem era eu tolo para caçar lá em cima; nesta não caía. Naquele dia protestei não continuar a amizade com os caiporas, e nem subir mais às brenhas esquisitas da serra.

— E faz bem, compadre Gonçalo, que os tais caboclinhos são levados da breca! — disse o João Marreca, como quem entendia do negócio.

— Mas devia acontecer o que lhe aconteceu, primo, para você não ser ambicioso! — observou-lhe Maria das Dores.

— O ambicioso nunca medrou, e nem quem junto dele morou. É ditado dos antigos — acrescentou o Zé Gomes.





E como já não havia mandioca para raspar e estivesse acabada a história, concluiu-se o serão, e todos ergueram-se, dando-se as boas noites e retiraram-se os que moravam distante, para suas casinhas, e os outros, para as suas tipoias.

Um instante depois apenas se ouvia ao longe a voz de Gonçalo da Silva, que no caminho de sua choça cantava a lenda do caipora:

"...Cuidado, caçadores, cuidado, que o senhor-das-caças campeia agora na serrania inculta."





## **CLARA**







Eu mesmo não sei por que chorava Clarinha. Vestida de noiva e com o cabelo enfeitado de flores da laranjeira do quintal, fugira aos convivas, e fora por alguns instantes ao menos derramar seus prantos num canto da casinha.

Desgostos não os tinha ela, que meigamente correspondia ao amor de Luciano, do venturoso noivo, que lá fora sorria entre os seus amigos. Talvez saudades de sua mocidade, de seu lar, de seu viver de donzela; sim, e quantas recordações se misturam nessa hora suprema com os receios dum porvir desconhecido!

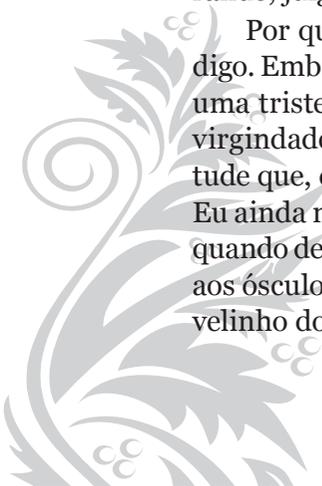
— Passarinhos da campina — dizia talvez — não mais ouvirei naqueles enlevos de virgem os vossos cantos. Vou casar-me, meus passarinhos: em breve os cuidados do lar não me deixarão momentos para escutar-vos, em breve a voz do esposo, o pranto dos filhos, em vez daquelas ilusões suaves que me despertavam à tardinha os vossos gorjeios. Adeus, meus passarinhos.

— Florinhas do vale, já não preciso de vós para ornar as minhas tranças. Ao romper d'alva não correrei mais a dar-vos os bons dias, a beijar-vos, e convosco enfeitar o meu roupão; não procurarei, ao cair da tarde, conhecer o futuro desfolhando-vos, oh florinhas do camará, e nem mandar-vos com recados de amor ao moço dos meus sonhos. Adeus, minhas florinhas.

— Lar da infância, límpidos ribeiros, minhas florestas, minhas borboletas, meus cismares, e vós, oh minhas ilusões, adeus... também adeus para sempre!

Não sei se ela dizia lá consigo tudo isto, mas, ao vê-la chorando, julguei que o dissesse.

Por quê? Me perguntas tu, linda menina que me lê: eu to digo. Embora realidade de um sonho delicioso, o casamento tem uma tristeza que dilacera o coração da mulher. É esse adeus à virgindade d'alma e do corpo; é este adeus às ilusões da juventude que, como as águas da vertente, fogem e mais não voltam. Eu ainda não vi uma noiva que não chorasse, assim como a rosa quando de manhã desabrocha, e, estremecendo rubra, se entrega aos ósculos do beija-flor, aos afagos da brisa, e em breve ao torvelinho do rio, ou aos ímpetos do furacão...





Mas, deixemos estes cuidados e procuremos saber porque Clarinha desfazia-se em pranto, uma hora antes de seu casamento.

— Aqui, Clarinha, e chorando! — dizia Maria de Jesus, sua amiga de infância.

— Ai, Maria de Jesus, não digas a ninguém que me viste chorando, que estas lágrimas me envergonham. Chorar quando vou ser feliz, é loucura, não é? É... eu o sei, eu o sinto... mas...

Cada vez chorava mais a Clarinha.

— Mulher, tu me escondes alguma cousa — tornou-lhe Maria de Jesus, sentando-se ao seu lado —: conta-me... anda... reparte comigo tua dor...

— Já não choro... olha, estou me rindo! — E Clarinha, enxugando o pranto, forcejava por sorrir, mas o pranto lhe corria ainda abundante pelas faces.

— Eu pensei — disse Jesus já principiando a chorar —, eu pensei Clarinha, que tu eras minha amiga, mas agora vejo que me enganei... não te confias em mim... pois, sim... adeus, não quero mais te incomodar.

— Não me abandones também... olha, eu mesma não sei... mas lembrei-me de Bernardino e pus-me a chorar. Se ele voltasse, Maria de Jesus, que diria vendo-me unida a outro?

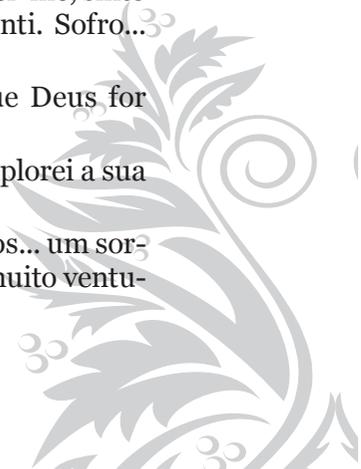
— Mas... ele já não existe, como sabes; Clarinha, há seis anos assentou praça e partiu para o sul; e tu sempre constante o esperaste, até o dia em que, voltando alguns de seus companheiros, deram-nos a notícia de sua morte. Choraste muito então... mas agora é preciso sorrir... brincar.

— Escuta, Jesus, não sei o que está para acontecer-me, sinto apertos no coração como nunca na minha vida senti. Sofro... sofro muito, e não sei a razão!

— Não te amofines, mulher; acontecerá o que Deus for servido...

— Eu já rezei um rosário à Virgem Santa... já implorei a sua misericórdia!

— Estão nos chamando... Vamos, enxuga os olhos... um sorriso... Nada de tristeza. Confia em Deus, que serás muito venturosa, minha amiga.





Agora, enquanto Clarinha enxuga as lágrimas para apresentar-se aos convidados, eu quero dizer ao ouvido dos leitores duas palavras, uma cousa que ainda não contei.

Luciano, o venturoso noivo de Clarinha, era irmão de Bernardino, do primeiro amante dessa menina, que agora sentia apertos de coração.

Ainda crianças, amaram-se, ardentes como o sol do sertão.

Se Clara levava o seu potinho à lagoa para enchê-lo d'água, lá encontrava Bernardino para ajudá-la, e carregá-lo mesmo até uma oiticica que pouco distava da casinha de Clara. E, caso notável, se esta ia à tarde cortar lenha na mata, lá encontrava o Bernardino com o feixe de lenha já pronto, com ele se sentava e punha-se a conversar. E que conversas as suas! Não diziam muitas palavras; levavam o tempo a dar compridos ais, a fitarem-se de vez em quando, com ternura e paixão — ela a enrolar e a desenrolar o cordãozinho da saia, e ele a amassar e a desamassar as beiras do chapéu, e ambos de olhos fitos no chão. Depois, ao anoitecer, retiravam-se gemendo de amor.

Amavam-se assim, e cresciam, aproximando-se do venturoso dia em que Bernardino, já de casinha feita, e roçado, deveria pedir Clarinha a seu pai, o bom Manoel Matias, que o estimava como se fora ele seu filho.

Mas, o homem propõe e Deus dispõe. Um dia Bernardino foi recrutado. O subdelegado, homem mau e rancoroso, tendo de limpar suas plantações, mandou chamá-lo: Bernardino não pôde dar os dias de serviço que a autoridade exigia, e, cousa muito comum, na ocasião mais oportuna, foi recrutado.

Manoel Matias envidou todos os seus esforços para libertar seu futuro genro, correu à casa de seus compadres, chorou aos pés do vigário e dos juizes, enquanto Clarinha, debulhada em prantos rezava à Nossa Senhora e fazia-lhe ardentes promessas.

Não valeram, porém, os esforços de Manoel Matias e as promessas de Clarinha: um mês depois, de farda às costas, e sobre esta o cantil, a mochila e o bernal, embarcava Bernardino para o Rio de Janeiro.





A despedida foi tocante e o pranto da família durou longo tempo.

Passaram-se anos e anos, e nada de Bernardino. Clarinha chorava saudosa, e tinha esperança. Coitadinha, esperava-o todo o dia e chorando contava seus pesares aos passarinhos, às brisas, às florestas e aos ribeiros que haviam sido testemunhas de seus amores. Aqui — dizia ela passeando à tarde no vale —, aqui confessou-me ele o seu amor... Ali, sentamo-nos nós naquela manhã e então ele contou-me... À sombra desta árvore... foi que...

E nestas recordações derramava Clarinha as lágrimas de seus negros e lânguidos olhos.

Eis senão quando um dia aparecem soldados vindos do sul, e dão-lhe a notícia da morte de Bernardino. Clara adoeceu, esteve às portas da morte, tão grande foi sua dor.

Depois...

Este depois aqui me tira a poesia da história, mas é forçoso dizê-lo, porque não imagino — conto o que aconteceu.

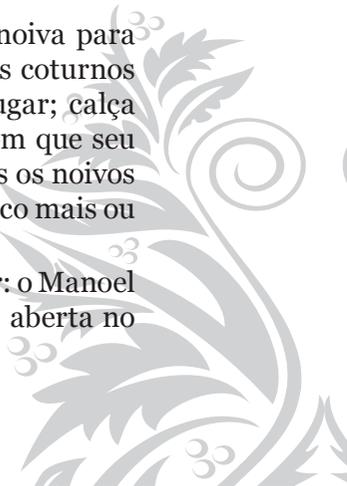
Depois, como as minhas leitoras, como todos nós, resignou-se Clarinha, e com a resignação apareceu pouco a pouco a autora de uma nova afeição.

Clara reparou involuntariamente que o irmão de Bernardino, o Luciano, gostava dela e não era dos mais feios. E Luciano involuntariamente também notou que Clara reparava nessas cousas. Não sei bem como se entenderam eles, o que é certo é que alguns meses depois raiou o dia, em que principiamos: — Clara ia casar-se com Luciano.

Vamos agora ao terreiro.

Lá fora o noivo e os convidados esperavam a noiva para conduzi-la à igreja. Luciano estava bonito; tinha uns coturnos que por cinco patacas comprara ao sapateiro do lugar; calça branca; colete de cor duvidosa; e vestia a casaca com que seu avô casara; casaca que há muitos anos servia a todos os noivos da povoação e arredores. Os padrinhos trajavam pouco mais ou menos no mesmo gosto.

Entre os convidados reinava a liberdade no trajar: o Manoel da Luzia primava com sua camisa de chita riscada, aberta no





peito, e de colarinho à moda dos marinheiros; o José Tapera não lhe ficava atrás, com seu chapéu de palha enfeitado de fitas encarnadas; Raimundo do Lagamar estava orgulhoso com seu paletó de cassineta engomada, e assim os outros.

Apareceu Clarinha, acompanhada das madrinhas e de suas amigas de infância e todos numa voz gritaram: — Viva a noiva! — Todos a aplaudiam, julgando-a a mais venturosa de todas as donzelas; e Luciano fitava-a com olhos devoradores. Entretanto Clarinha estava triste, e se a muito custo conseguia desfolhar um sorriso, lá vinha uma lágrima teimosa cair grossa e pesada em seu colo moreno.

Chegou o momento de saírem para a igreja. A noiva ao lado das madrinhas caminhava adiante, e logo após o noivo e os convidados que entusiasticamente gritavam: — Vivam os noivos! Vivam os noivos!

Chegaram à igreja. Já o vigário os esperava paramentado à porta principal. Entraram e começou a cerimônia.

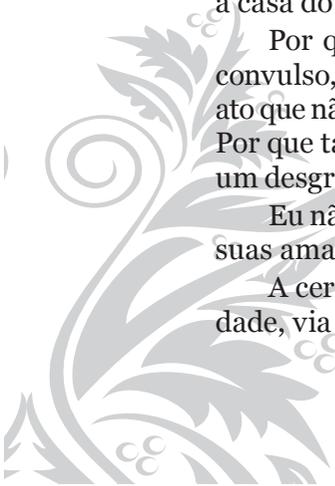
E não reparou alguém num forasteiro que orava perto, e que ao vê-los estremeceu como se fora mordido por uma cascavel? Era um pobre homem mutilado, disforme, de longas barbas, coberto de andrajos e pós, e revelando em seu cadavérico rosto fundas dores, continuados sofrimentos. Há meia hora que entrara e se ajoelhara em oração, depondo no chão o seu bordão de enfermo e caminheiro.

Donde vinha, para onde ia e quem era, não procuraram sabê-lo o vigário e sacristão, quando o viram entrar: era, pelo que parecia, um mendigo que passando em viagem, vira aberta a casa do Senhor, e não esquecera o seu dever de bom cristão.

Por que, porém, estremeceu, e agora erguendo-se, ficara convulso, e com semblante torvo e olhar amargurado, assistia ao ato que não longe se celebrava? Por que batia-lhe tanto o coração? Por que tanto interesse, tanta palidez? Seria acaso um louco ou um desgraçado; um consorte traído ou um amante desprezado?

Eu não respondo, porque agora não o devo; deixemo-lo com suas amarguras e assistamos ao casamento.

A cerimônia prosseguia. Luciano, trêmulo de amor e felicidade, via realizado o sonho doirado de sua vida.





— Marido de Clarinha, ele, o Luciano? Ele que julgava tanta ventura impossível? E já não era um sonho; era um fato: saindo da igreja já podia dizer: "Clarinha é minha mulher." — Depois, em sua casinha de palmas de carnaúba... que vida então... como amaria extremoso a sua Clarinha! De manhã acordaria com ela ao cantar das graúnas... Como as graúnas cantariam bonito nessas suaves manhãs! Correria ao roçado; e lá, que saudades de Clarinha!... Voltando diria: "Clarinha, não posso viver longe de ti!" — Que sorrisos os seus... Talvez o acompanhasse à tarde... e que amor, que extremos d'amor! Depois os filhos... Quem não deseja ter um filhinho? — "Parece-se tanto contigo — diria Clarinha, com seu olhar de ternura. — "Sim, mas estes olhos são os teus, Clarinha." — Seus pais seriam os padrinhos... e que festas no batizado! Todos viriam saudá-lo, a ele, ao Luciano... O menino dormiria numa redinha ao lado da sua; e se acordasse à noite, ele não deixaria Clarinha erguer-se, levantar-se-ia mesmo, e com todo o jeito o tiraria da rede para levá-lo aos peitos maternos.

Assim pensava Luciano, trêmulo de amor e de felicidade.

Entretanto Clarinha chorava, chegando às vezes a soluçar.

Admirados os convivas perguntavam a si porque tanto chorava a noiva.

Clarinha mesmo não sabia porque chorava: amava Luciano, casava-se com ele por vontade sua; mas tanto se lhe apertava o coração, que não podia deixar de chorar.

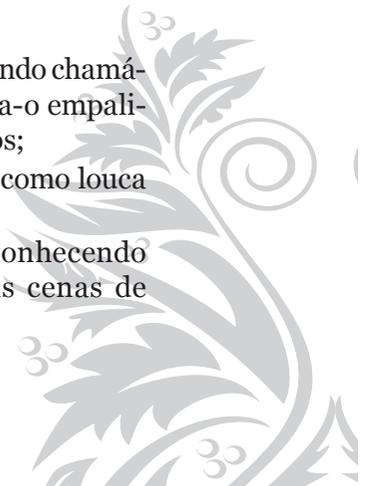
Acabada a cerimônia, saudavam todos aos noivos, e já se preparavam para sair quando o ruído de uma queda, acompanhado de longo gemido, despertou a atenção de todos.

Era o mutilado que, desmaiando, caíra.

Correram todos e cercaram-no piedosos, procurando chamá-lo à vida; nesse empenho aproxima-se Clarinha, fita-o empalidecendo muito, e logo prorrompe em gritos e soluços;

— Bernardino! É ele... meu Deus! meu Deus! E como louca arrancava os cabelos.

Ao escutá-la, todos emudeceram de pasmo reconhecendo Bernardino no mísero mutilado e recordando as cenas de amor de outrora.





Era ele, sim, que, voltando de seu longo cativeiro, vinha cumprir a palavra dada à virgem de seu primeiro e único amor, e que, antes de abraçar seus parentes, indo à igreja, voto que fizera em horas de grande angústia — presenciara o casamento de sua noiva com Luciano, com esse irmão que ele tanto estimava.

Tornando a si, ergueu-se Bernardino, e trêmulo e soluçoso, dirigiu-se à Clarinha, segurou-lhe a mão, uniu-a à de Luciano e, abraçando-os, disse-lhes:

— Sejam felizes, meus irmãos, tanto quanto tenho eu sido desgraçado!

— Perdoai-me... Perdoai-me, Bernardino! — bradou Clarinha, pondo-se de joelho.

— Irmão, mata-me... sou o culpado! — gritava Luciano, ajoelhando-se também.

E os circunstantes choravam dizendo:

— Bernardino, aqui afirmaram que havíeis morrido no sul.

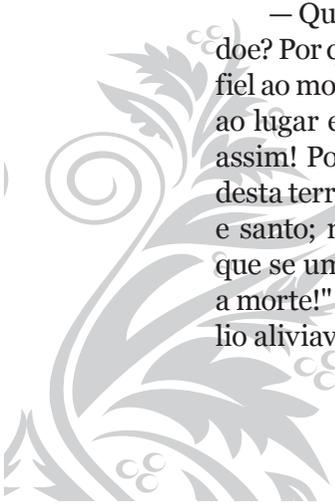
Enquanto o vigário, não podendo também reprimir as lágrimas, exclamava:

— Meus filhos, não desesperéis... coragem, resignação...

Bernardino então se tornou ardente e às vezes terrível; já não tinha lágrimas nos olhos; parecia sentir em si horrível luta entre os sentimentos generosos que a princípio manifestara e os anelos de vingança e as dores de tão ferino golpe.

Depois falou assim, e falando era às vezes sarcástico, às vezes doloroso, e às vezes tinha um sorriso gelado nos lábios:

— Queres, irmão, que te mate... e tu, Clara, queres que te perdoe? Por quê? Não havia eu morrido no sul, meus amigos? Quem é fiel ao morto? Quem morre não se vinga, nem mesmo pode voltar ao lugar em que o atraíam, o desprezam... Mas não é sempre assim! Por Deus do céu que não! Pobre soldado, chorando parti desta terra — onde me ficava a felicidade em um amor extremoso e santo; mas partindo ouvi um juramento... diziam-me: "Vai... que se um dia voltares me acharás fiel... sempre, sempre fiel até a morte!" — Fui-me cheio de esperança. Embarquei. No meu exílio aliviava-me as dores d'alma saudosa esse divino bálsamo — a





esperança. Eu dizia: "Espera, meu coração, espera, que um dia serás venturoso." — Esperei muito, e sempre firme, e sempre constante. Se era tarde, eu dizia: "A esta hora suspira ela recordando-se de minhas palavras, à sombra do arvoredo do vale." — Se era noite, eu dizia: "Sonha em mim..." — Se rompia a aurora, eu dizia: "Acordou chorando de saudade..." — E eu também cismava à tarde, sonhava à noite, e acordava chorando... Ah, ah, ah... Era um doido, sim... um pobre doido... Tão doido que perguntava à brisa se a escutara... e fitava a lua, para nela encontrarem-se nossas vistas... Depois morri, não foi assim? E então minha alma, já liberta, volve aos lares, entra no templo... e vê a infidelidade, a traição. Oh! mas os mortos também se vingam... também...

Dizendo isto Bernardino avança terrível; mas de repente, como por encanto, levou desesperado as mãos aos cabelos e exclamou em soluços:

— Sou muito desgraçado! Meu Deus... meu Deus! Não receeis, Clara; nada receeis, meu irmão... Sede felizes... mas longe... que eu não posso ver-vos... Não posso... Adeus!

E logo retirou-se, correndo em direção ao rio que perto passava, sem que lhe sustassem os passos, pois grande era o pasmo de todos.

Então Clarinha, alucinada, seguiu-o gritando:

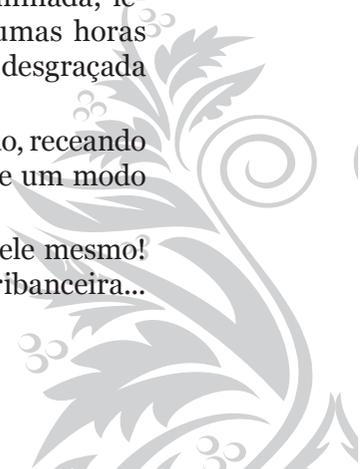
— Bernardino... Espera... Vai morrer... Quem o salva... Bernardino! Bernardino!

Imediatamente correram todos para o rio, a fim de prevenir um suicídio, mas chegaram tarde: ao longe, levado pela correnteza, era Bernardino nas ânsias da morte.

Clarinha, vendo morrer Bernardino, caíra fulminada; levaram-na desmaiada para sua casinha, e ali, algumas horas depois, despertou... rindo, gritando, e chorando: a desgraçada enlouquecera.

No dia seguinte vi-a furiosa; haviam-na amarrado, receando que fosse precipitar-se ao rio, e então ela gritava de um modo tão doloroso, que dilacerava o coração:

— Deixe-me... quero ir ao rio... Bernardino! É ele mesmo! eu o vi... lá corre... seguem-no... depressa... chega à ribanceira... oh! é tarde... morreu! morreu o meu Bernardino!





Não pude ouvi-la por mais tempo, que o pranto me sufocava.  
E Luciano? — me perguntarão agora.

Por muitos dias ninguém soube notícias suas; desaparecera o infeliz na hora em que supunha chegar sua ventura.

Algum tempo depois, assistindo eu ao embarque dos Voluntários, chegou-se a mim um homem pálido e desfigurado, apertou-me a mão e disse-me:

— Adeus... vou procurar a morte por entre as balas...

Então conheci-o, era o desgraçado do Luciano que, como Voluntário da Pátria, marchava para a guerra, em demanda do esquecimento eterno de suas desventuras.

— Vai — disse-lhe eu —, vai, que as dores do coração não se curam na paz dos ermos... Vai, e lutando contra o vil paraguaio que nos ultraja, procura além do esquecimento e consolações, ganhar louros para esta terra que nos viu nascer! — Triunfar ou morrer! — seja a tua divisa, e teu fim a glória da pátria; adeus.

E abracei-o chorando, enquanto os hinos do entusiasmo popular saudavam, em seu adeus, os Voluntários da Pátria.







## **AMOR-DO-CÉU**







Frecheiras! Como és formosa, oh singela virgem das praias do norte!

Como sorrindo despertas ao raiar d'aurora, ouvindo o melodioso gorjeio de tuas aves e o inocente murmúrio das auras nas palmas de teus coqueiros.

Na melancólica hora do crepúsculo da tarde, por que te descaí a fronte em misteriosa cisma? Acaso escutas enternecida a triste endecha de teus mares?

Oh, salve virgem singela das praias do norte.

Tu és o diamante perdido no deserto.

És o oásis que o extenuado caminheiro depara naquele areal alvíssimo.

És uma ideia, um sonho, a visão da felicidade naqueles morros sem fim.

Que imenso coqueiral circunda-te e que bonitas casinhas te enfeitam.

Nas casinhas tuas filhas trabalham cantando.

Na areia brincam as criancinhas.

Perto rugem as vagas e pelas ribas folgam pulando as gaivotas.

Frecheiras! como és formosa, oh Frecheiras!

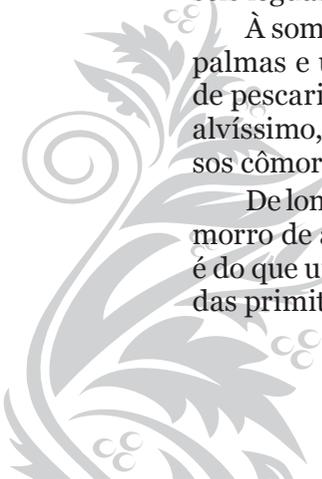
Eu te saúdo, singela virgem das praias do norte.

\*\*\*

Frecheiras é uma pequena povoação de pescadores, vinte e seis léguas ao norte da Fortaleza.

À sombra dos coqueiros ocultam-se suas rudes casinhas de palmas e uma ou duas de telhas. Em frente, o mar, os currais de pescaria e as jangadas; dos outros lados, um areal imenso e alvíssimo, sem vegetação e arrumado pelo vento em caprichosos cômoros.

De longe, Frecheiras é um ponto verde no meio de um grande morro de areia, e nos recorda os oásis do deserto. E nada mais é do que uma aldeia de gente mui pobre, que pouco ainda difere das primitivas.





Seu viver não se altera.

Durante o dia os homens pescam até completarem o necessário ao seu alimento e da família. Isto feito, voltam ao colmo e deitam-se na tipoia, fitando a mulher, que perto faz rendas em sua almofada ou os filhinhos que mais longe lançam suas pequeninas jangadas no maceió da praia.

Durante a noite conversa-se com os vizinhos, reza-se e dorme-se sob as quatro palhas, sem o menor cuidado, enquanto lá fora rugem os ventos, as ondas troando os ares.

A ambição, os usos e os prazeres da cidade são ali desconhecidos. Dois simples vestidos são bastantes e o pão de hoje: — o d’amanhã a Deus pertence.

Entretanto naquela palhoças, quem sabe? quantas vezes não se escondem as cenas do mais extremoso afeto! Quantas vezes não escapam delas gemidos dolorosos para se misturarem com os soluços da vaga! É que o coração humano é o mesmo em toda parte. Cofre de amor e de amarguras, ora se assemelha ao lago tranquilo e sereno do vale, ora ao mar revolto, nas convulsões da procela...

E cheguei a Frecheiras, cortando o fio destas suaves reflexões que me despertava a vista daquelas casinhas.

Era ao pôr do sol, em linda tarde de agosto.

Parei à porta de João Gomes, velho pescador, que eu há muito conhecia.

— Ó de casa!

— Ó de fora! Quem é?

— Um seu criado, senhor João Gomes.

— Ah, é o senhor? Criado seja de Deus e da Virgem Maria.

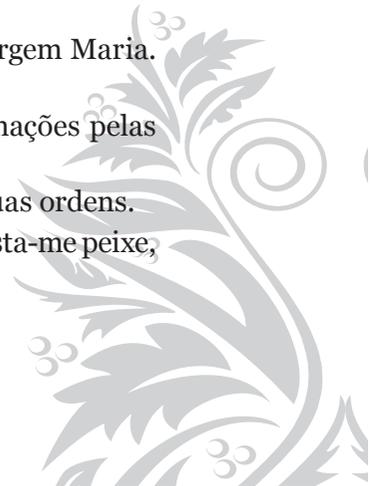
Apeie-se. Então, aqui?

— É verdade, amigo; volto de minhas peregrinações pelas praias e venho como costume pedir-lhe rancho...

— A casa não é capaz; porém está sempre às suas ordens.

— É muito capaz, senhor Gomes. Como sabe, basta-me peixe, rede e pela manhã uma tijela de café.

— Tudo temos, Deus louvado.





Apeei-me, com o que muito se alegrou o ruço animal que me trouxera, já exausto de tanto caminhar na areia solta da praia.

O velho armou no alpendre uma rede para mim e mandou pelo Totonho, seu filho mais velho, arrumar o meu cavalo.

A dona da casa, a senhora Mariana, veio logo cumprimentar-me, e após ela os filhos, que me cercaram sorrindo, admirados talvez de me ver naquelas paragens.

Noutras viagens notara que a minha presença era uma festa para aquela inocente família; mas, nessa ocasião, o riso servia apenas de véu para ocultar muita angústia e tristeza. Uma infelicidade, portanto, pesava sobre a pobre gente; restava-me penetrar-lhe o mistério e misturar minhas lágrimas com as de sua dor.

Encetei a conversa pelos meninos.

— Então, senhora Mariana, quantos?

— Oito... Se eu fora rica não teria tanto...

— Não sabe por quê?

— Não, senhor...

— É que o filho é o amigo, o arrimo e o consolo de seus pais na velhice; quem mais do que o pobre o necessita?

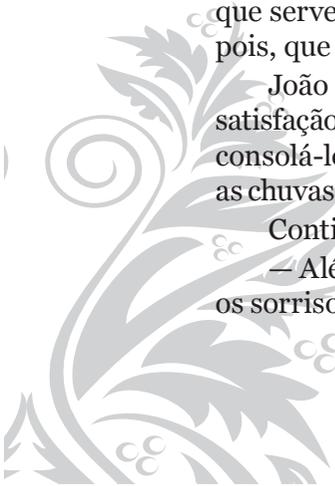
— Sim... mas quantas vezes são eles a causa de seus vexames e lágrimas?

— Assim como nos alegram e nos tornam ditosos. A ventura perfeita só existe no céu: somente lá a deliciosa rosa, a flor da pura fragrância, é sem espinhos. Este mundo não passa de um cadinho onde a criatura, como o metal, purifica-se para os eternos festins... A felicidade é um lampejo... uma visão momentânea que serve para nos reanimar no amargurado caminho. Ânimo, pois, que a enganadora miragem torna-se-á um dia realidade.

João Gomes e Mariana ouviam-me com interesse e talvez satisfação. Certo de que padeciam, eu procurava assim desde logo consolá-los. Parecia-me minhas palavras os reanimavam, como as chuvas do verão às plantas desalentadas pelos grandes calores.

Continuei:

— Além da esperança, da certeza de que após as dores virão os sorrisos sem fim, há um bálsamo que nos alenta nas lutas da





mágoa. É a lembrança de que mais padecem outros e que portanto razão não temos de nos queixarmos. Na verdade, choras porque te falta o pão! E o que fará Antônio, a quem falta não só o pão como a roupa e o teto, que tu possuis? Choras, porque um mês de febre reduziu-te à extrema miséria! E o que fará José, que perdeu seus bens e a vista — a possibilidade de readquiri-los? O que fará o miserando cego que ao sol e à chuva passa mendigando? O que fará aquele que se vê para sempre encarcerado pela ira de um instante? Estes, enquanto te lamentas, invejam tua felicidade. Por isso, em vez de queixumes, agradeçamos em todas as horas ao bom Deus a sua infinita misericórdia...

— É assim mesmo — murmurou João Gomes —, bem-aventurados são os que choram.

Mariana enxugava uma lágrima que, malgrado seu, fugira-lhe dos olhos. O velho ao vê-la mudara de semblante e para disfarçar a tristeza, levantou-se, olhou para o mar como quem procura divisar uma jangada, e depois, tirando da choça uma palhinha, sentou-se enrolando-a e desenrolando-a com os olhos baixos.

Mariana me disse:

— Não se admire de me ver chorando... Sofro por causa de filhos...

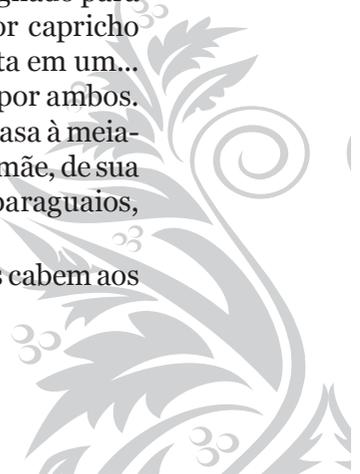
— Conheci-o, quando há pouco queixava-se, mas não há razão...

— Ainda não os tem... Mesmo se os tivesse não sofreria tanto como o pobre...

— E por quê?

— Porque o filho do rico não é recrutado, ou designado para a guerra, não vai à cadeia, sem crimes, somente por capricho das autoridades. O filho do pobre tudo sofre... Se vota em um... é perseguido pelo outro... e se não vota é perseguido por ambos. Nunca tem razão, e ninguém o escuta. Cercam-lhe a casa à meia-noite e sem pena o arrancam dos braços de sua infeliz mãe, de sua esposa, de seus filhinhos... E para quê? Para matar paraguaios, quando homens piores o perseguem!

— Todos sofrem, senhora Mariana. Se estas dores cabem aos pobres, outras não menores tocam aos ricos.





— Qual, meu senhor! Quem faz mal aos ricos?

— Os ricos têm contra si muitas vezes, além do mais, o próprio ouro e a posição na sociedade. Quantos, vendo no filho um jogador, um libertino, um infame — por causa da riqueza —, e em que fitam-se todos os olhos, não invejam chorando a obscuridade do pobre para ocultar sua vergonha?! E se ele procede bem, como não se magoa o pai, vendo-o contrariado em suas aspirações, acusado pela imprensa, injuriado e caluniado por seus adversários, pelos invejosos, pelos traficantes? Todos neste mundo choram. A sociedade é uma floresta onde tudo se lamenta, desde a mais rasteira erva à mais alta árvore. A ervinha diz: "Como sou infeliz! os animais me pisam, minhas companheiras me sufocam; tudo conspira contra mim... enquanto tu, ó árvore, livre de tais pesares, gozas a luz benéfica do sol e todas as ditas!" — Entretanto, ao mesmo tempo, a grande árvore exclama: "Meu Deus, como é feliz a ervinha em seu retiro: que vida sossegada passa, enquanto eu sofro os embates do vento e os abrasadores raios do sol... e me arruinam os furores da tempestade!" — Querem saber de uma cousa, meus velhos amigos?

— Sim, senhor...

— Ninguém tem razão de queixar-se: todos devemos conformar-nos com a nossa sorte. Há pouco, ao aproximar-me desta casa, eu invejava-lhes a vida...

— A nossa? Ora...

— E dizia: Que sossego nestas cabanas; que tranquilidade no espírito desta pobre gente! Quem me dera também fugir da cidade e vir habitar junto às ondas, numa choça, com uma jangadinha; minha esposa na almofada; meus filhos a brincar no terreiro... e eu sem cuidados, sem ambição, no seio do amor e da ventura!

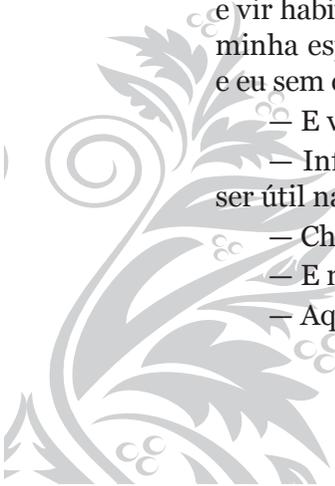
— E veio encontrar-nos bem tristes!...

— Infelizmente, sim; mas consola-me a esperança de lhes ser útil na adversidade.

— Choramos por causa de filhos...

— E não brincam eles ali tão contentes?

— Aqueles... pobres inocentes; porém a outra?





- Amor-do-Céu? a sua filha casada?
- Sim... hoje viúva, ou quase viúva...
- Como? Não repare em minha curiosidade...

Ouviu-se um soluço no interior da casa. O velho ergueu-se e comovido disse:

— Não fale nisso agora, minha velha... Vá buscar a ceia, que é tarde, e o senhor está com fome... Depois lhe contaremos tudo...

— Pois bem, lhe contaremos depois...

E retiraram-se para cuidar, sem dúvida, da ceia.

Eu estava deveras com fome, e por isso aprovei o adiamento da história. Entretanto, como alguma coisa devia fazer antes de me chamarem, pus-me a pensar em Amor-do-Céu, na bela rapariga que eu vira outrora tão alegre.

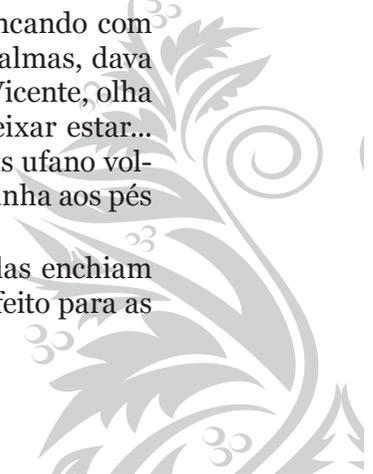
Maria era o seu nome de batismo; e Amor-do-Céu o sobrenome. Todos que a conheciam chamavam-na simplesmente Amor-do-Céu e nunca com mais acerto denominara-se uma criatura humana.

Menina, foi o mimo da praia; moça, o encanto dos mancebos, e esposa a veneração de todos.

Junto ao colmo de seus pais erguia-se o dos pais de Vicente, que era pouco mais velho do que ela, mas igual na ternura e delicadeza d'alma. Os velhos eram dois pescadores amigos, e eles dois meninos que se queriam. E, como os colmos, viveram sempre juntos na infância: correndo brincavam ao longo da praia ou no alpendre da casinha, ou naqueles morros d'alva areia, ou mais adiante à sombra das ubaias.

Na praia, Vicente disputava às ondas suas róseas conchinhas para Amor-do-Céu, e as ondas pulavam brincando com ele, enquanto a menina assustada o fitava, batia palmas, dava alguns passos para frente e voltava exclamando: "Vicente, olha a maré." — E Vicente respondia: "Deixa estar... deixar estar... que ela não me pega." — E ufano prosseguia, e mais ufano voltava com o chapeuzinho cheio de conchas que depunha aos pés de Amor-do-Céu.

Traziam as conchas para o alpendre, e com elas enchiam as casinhas — as casinhas que na véspera tinham feito para as





bonecas; ou se a maré baixara carregavam uma jangadinha — a jangadinha de Vicente — e punham-na nos pequenos maceiós, nos poçoelhos d'água tranquila que na praia ficavam.

Depois volviam aos morros, e, rolando por seus despeñhadeiros, atrás um do outro, riam-se na maior alegria. Ora, escondendo-se para Vicente procurá-la, a menina agachava-se atrás de um cômodo, e Vicente como quem não acertava, dizia depois de muito correr: "Amor-do-Céu, onde estás, que não te acho?" — "Não digo onde estou!" — gritava ela — e o espreitava surgindo pouco a pouco, até que se encontravam aplaudindo o caso com muitos risos.

Dos morros passavam ao matagal, e colhiam ubaias, muricis, ameixas, maracujás ou flores. Vicente subia às árvores para tirar os ninhos dos pássaros, e Amor-do-Céu procurava no chão os ovos da nambu e de outras aves preguiçosas.

Quando a noite os surpreendia, voltavam juntos aos colmos também juntos, e nas suas tipoias repousavam como dois anjos. No outro dia, a mesma vida, as mesmas cenas, os mesmos sorrisos.

Era um lindo sonho de que deviam despertar um dia, e despertaram infelizmente. Vicente já era rapazinho e os seios de Amor-do-Céu cresciam sob o cabeção de cassa.

Por que, meu Deus, os despertastes daquele inocente enlevo? Não era melhor que tivessem juntos voado para o céu, como juntos sorriam-se na terra? Seriam dois serafins mais para rodearem o vosso trono.

A menina tornava-se moça e sua beleza crescera com ela. Morena, a tez imitava o jambo, e a caravela muita vez lhe invejara a rósea cor das faces. Seus lábios eram rubros como o guajá e seus olhos verdes como as ondas, que sua mãe fitara sempre, como sempre ela as fitara. De seu olhar e sorriso nada sei, pois nunca os entendi: fascinavam o curioso para que não revelasse o mistério de sua candura.

Um dia... não sei porque, Vicente baixou os olhos, e estremeceu falando com Amor-do-Céu; e Amor-do-Céu corava, e também estremeceu como Vicente. Desde esse dia evitavam-se... porém de um modo que mais vezes se encontravam, para estremeecer corando.



Os velhos reparando nisto riam-se; e a outra gente da praia contemplava satisfeita aquele enleio.

Por fim, uma tarde talvez explicaram-se. Como, não sei, mas desde então conheceram que a lei que prendia a concha ao rochedo, os prendia na vida, e que se amavam como se ama entre os moços. Desde então... quem lhes poderia contar os suspiros, as confidências, os sonhos e enlevos, e mais demonstrações do primeiro e extremoso amor?...

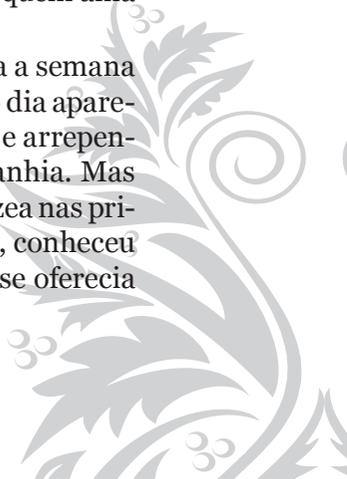
Mas já não gozavam daquela plena liberdade. Era necessário aprender a trabalhar, e seus pais não esqueceram esta necessidade. Amor-do-Céu teve uma almofada e tarefa de renda, e Vicente acompanhava seu pai nas lidas do mar, sobre a jangadinha de quatro paus.

No trabalho, porém, quantas ocasiões de se encontrarem, entenderem-se e prodigalizarem-se afetuosos cuidados! Do mar, as vezes que podia, olhava Vicente para a porta da casa adorada; e da porta, a moça olhava para o mar. E antes e depois também as vezes que podiam, eles, cada qual mais apaixonado, repetiam as frases de todos os dias.

E assim corria o tempo, e cresciam eles sem reparar em tal. Vicente estava homem e Amor-do-Céu moça feita. Neste tempo a madrinha de Amor-do-Céu, que morava na ribeira do Siupé, mandou pedi-la à comadre para com ela passar um mês. Mariana acedeu contente, porque deste modo sua filha receberia muitas vezes a bênção de sua madrinha.

Partiu Amor-do-Céu soluçando, e soluçando ficou Vicente. Era uma ausência de mês; mas um mês é muito para quem ama e nunca separou-se.

O caso é que o rapaz não pôde suportá-la, e finda a semana fugiu pelo caminho que seguira a rapariga; e no outro dia apareceu no Siupé. Pálida e chorosa estava Amor-do-Céu, e arrependida a madrinha de tê-la convidado para sua companhia. Mas viram-se... A moça reanimou-se como a planta da várzea nas primeiras chuvas; e a madrinha, que não era muito tola, conheceu o segredo, explicou-se, e aceitando o jornaleiro que se oferecia para a lavoura, prometeu interessar-se por ambos.





Dois meses depois casavam-se, com o assentimento de seus pais e contentamento geral; e a convite da rica dona estabeleciam efetivamente a sua residência naquela ribeira.

Por que não volveste, Vicente, para as casinhas de Frecheiras? Por que desprezaste a paz deste retiro, estas ondas que já te conheciam, estas areias e estas árvores que teus segredos sabiam? E tu, Amor-do-Céu, por que não aconselhaste o noivo amante? Se tu falasses, ele te escutaria e talvez estivessem agora bem sossegados na praia de Frecheiras!

Ambos desejaram voltar, mas deviam grande favor à madrinha, e ela instava tanto e lhes oferecia tantas conveniências, que não puderam resistir. Demais, Vicente, louco de ventura pela posse de sua querida, ambicionava riquezas para lhe depor aos pés, que não encontraria em Frecheiras. Aqui teria certo o alimento, a roupa, o sossego e mais alguma cousa com muito custo, ao passo que ali mais fácil seria o ganho. Faria um bom roçado para milho, feijão, arroz, e com o seu produto não só esperava manter-se do preciso, como comprar um colar e umas arrecadas para presentear a consorte, e talvez um cavalinho para levá-la à garupa, ao povoado nos dias de missa. Compraria também uma chapelinha preta e um vestido de chita fina para ela... E não se lembrava o pobre Vicente de que o homem propõe e Deus dispõe!

Assim eu pensava, docemente assim discorria enlevado pela imaginação, quando interrompeu-me João Gomes, chamando-me para cear.

Entrei. Na saleta, sobre um jirau coberto de esteira e duma alva toalha, me foi oferecido excelente peixe, caldo, farinha e um bule de café. Sentei-me numa mala que João Gomes arrastara para junto da rústica mesa, tirando antes a santa Imagem que nela guardava e ceei como costume em viagem, o que quer dizer: — comi muito.

Acabada a refeição e aceso o meu charuto, entabulei conversa com João Gomes, interrogando-o sobre a safra do peixe, o estado de sua jangada e redes de pescaria, e o mais que interessa aos homens do mar.



Mariana levava para dentro os pratos e a toalha e demorava-se.  
— A safra não tem sido boa por causa das tormentas...  
— Das tormentas?  
— Muita tormenta de ventos na costa e o mar sempre feroz; mas, Deus louvado, vamos nos arremediando...  
— E não é tempo dos pargos e tainhas?  
— É; porém os pargos estão vasqueiros... A tainha é que vai aparecendo.

Mariana voltou; e, aticando a candeia, que do jirau mudara para um caritó, disse:

— Amor-do-Céu, vem falar aqui com o senhor, anda, minha filha...

Calamo-nos, e eu fitei os olhos na porta. Amor-do-Céu saiu, apertou-me a mão e sentou-se com sua mãe perto de nós.

Pobre rapariga! Vê-la bastava para saber-lhe a mágoa. Seus olhos outrora vivos e ledos volviam-se tristes e amortecidos, como cansados de chorar; suas faces, cuja cor a caravela invejara, estavam pálidas e sulcadas, quase como a areia da praia quando baixa o mar. A última vez que a encontrara, ela ria-se alegre e graciosa como a verdejante ilha nas horas de bonança; e agora era a ilha após a tempestade.

Houve um instante de profundo silêncio.

— Já sei — disse eu — que padece muito, que uma grande dor veio feri-la no seu retiro...

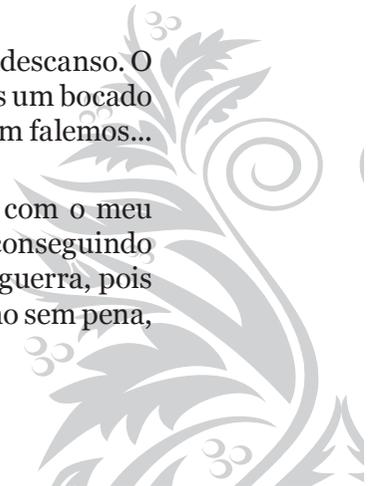
— Ai, sim... só Deus sabe quanto tenho chorado!

— Seus olhos o dizem, assim como a cor e sulcos do rosto. A dor é uma tempestade cujos vestígios não se apagam facilmente: ocultá-los, quem pudera?

— Coitada! — disse Mariana — tem penado sem descanso. O pobre do pai não pode pregar olhos e nem levou mais um bocão à boca: toma algum caldo a muito pedido... Eu?... nem falemos...

Mas, qual o motivo de tanto sofrimento?

— Foi um dos ricos do Suipé que se intrigou com o meu genro — disse-me João Gomes — e dele vingou-se, conseguindo do Capitão da Companhia que o designasse para a guerra, pois ele era infelizmente guarda-nacional. Amarraram-no sem pena,





roubando assim o esposo de minha filha, o pai de meus netinhos...

— E o único arrimo do velho Brito, que ali ficou chorando ao desamparo — acrescentou Mariana.

— O pai de Vicente, não?

— Sim, senhor. Mudando-se para o Suipé, de lá Vicente supria o pai de um tudo. O velho, coitado, quase entrevado numa cama, vivia do que lhe mandava o filho. Não faltava nada: a farinha, o feijão, o arroz, tudo tinha com fartura, Deus louvado. E Vicente vinha de vez em quando vê-lo e, nos dizia: "Não se esqueçam de meu pai; façam minhas vezes e se ele piorar mandem chamar-me, que eu virei na carreira." — Pobre rapaz, se queria tanto ao pai! E agora o que será do Brito? Nós não lhe faltaremos, mas sem o filho... ele nos deixará decerto.

— E não pediram a ninguém na cidade, não se empenharam pela soltura de Vicente?

— Muito — me disse Gomes — mas quem escuta os pobres neste tempo? Uns riem-se e outros nos contam as crueldades dos paraguaios...

— E os paraguaios talvez não sejam tão cruéis como eles! — tornou chorando Mariana.

— São piores que feras, senhora Mariana.

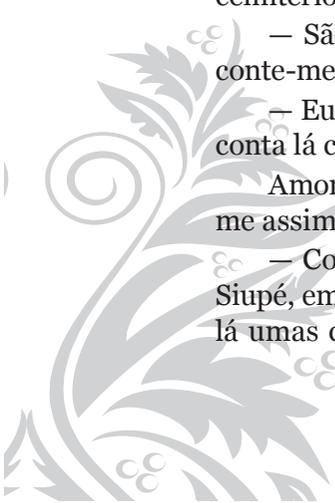
— Têm comido muita gente — respondeu-me ela —, eu o sei; mas os de cá não ficam atrás. Quanta mulher sem marido e filhos na orfandade... Quanto velho morrendo sem arrimo... e o cemitério a encher-se!

— São as conseqüências da guerra... Mas, senhor Gomes, conte-me pelo miúdo essa desgraça.

— Eu tenho andado tão azoado, que nem sei... Minha filha, conta lá como te roubaram o marido...

Amor-do-Céu, interrompida às vezes pelas lágrimas, contou-me assim a sua história:

— Como vosmecê sabe, nós morávamos para a bandas do Siupé, em terras de minha madrinha. Vicente plantava, e tinha lá umas criaçõezinhas de ovelhas e cabras, e duas cabeças de





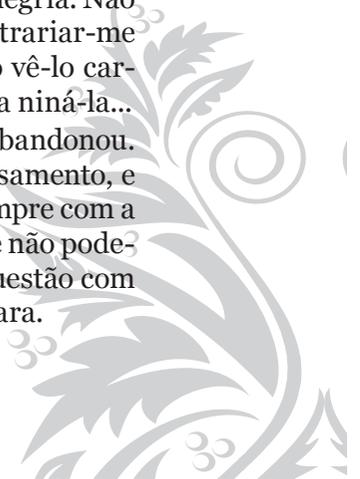
gado. Todos os anos ele abria um roçado de quatro cem-passos para legumes, em que labutava de manhã à noite, ajudado na broca e na derruba por alguns vizinhos, com quem trocava dias, como se costuma entre os pobres. No princípio, eu o ajudava nas lidas, ora nas coivaras, ora na planta e na limpa. Mas, depois tive o primeiro parto; e ele não consentiu mais que eu fosse ao roçado, para que o nosso filhinho não sofresse um só instante a minha ausência.

Nunca vi querer tanto a filho como ele. Se voltava da roça, tomava-me o menino, beijava-o e brincava até que a criança chorava... E ele arrependido e com pena! O filho era a menina de seus olhos: era o seu riso, como a chuva o prazer dos matos. E se o filho adoecia, Vicente não trabalhava e esmorecia mais do que meu pai no mar se vem a tormenta. E era preciso eu ralhar.

Minha madrinha nos estimava muito e só teve uma queixa de nós. Foi quando nos pediu o menino, que era seu afilhado, prometendo criá-lo e fazê-lo feliz... Tinha invejado o nosso filho. Eu calei-me, mas o meu coração apertou-se com força, e meu sangue quis parar nas veias. Vicente, porém, ficou sério e respondeu-lhe que antes lhe daria a vida. Minha madrinha ficou decerto desgostosa, mas nunca nos deu demonstração. Também já o Vicente poucas vezes a ocupava, porque os negócios lhe corriam direito, e nos davam com que nos arremediarmos, sem sermos pesados a ninguém. Antes, ele é que a servia, não tendo boca para dizer — não, quando ela o chamava para seus mandados.

Íamos assim vivendo, dando graças à Nossa Senhora pela paz e fartura de nossa casa, quando tive o segundo filho, que foi uma menina. Então Vicente só faltou endoidecer de alegria. Não se fartava de mirá-la, de compará-la a mim, e de contrariar-me se eu a achava mais parecida com ele. Era um gosto vê-lo carregando a filhinha e cantando ao punho da rede para niná-la...

Nesse sossego e felicidade Nossa Senhora nos abandonou. Porque, não sei. Nós não a ofendemos, nem por pensamento, e nem deixávamos de rezar o Ofício de madrugada, sempre com a maior devoção. São segredos do céu, meu senhor, que não podemos adivinhar. O que é certo, é que apareceu uma questão com o Vicente, que até aquele dia com ninguém questionara.





Foi assim. Perto de nosso roçado havia uma fazenda de gado do Tenente Melo; e muitas reses entravam dia e noite no roçado e esmagavam a roça. Vicente corria com elas e tapava os buracos da cerca, queixando-se algumas vezes ao vaqueiro, sem todavia maltratar as pobrezinhas, que não tinham culpa de andarem soltas. Vai senão quando, aparece morto um boi de carro, perto do roçado, e apesar de não ter ferimento e nem sinal de pancada, os vaqueiros gritaram a uma voz — que fora o Vicente! Era um falso, e Deus queira perdoá-lo àqueles homens. Vicente tem bom coração e é muito compadecido dos bichos. Quanta vez, como depois me contava satisfeito, ele não se empalhou dando água ao animal que morto de sede rodeava a cacimba cercada, e sem saber quem era o dono! Como poderia ele matar aquela rês? O mundo é assim mesmo, meu Deus.

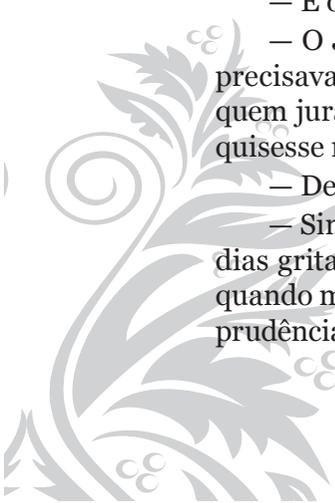
O vaqueiro contou a seu amo o caso, como bem lhe pareceu, e o tenente Melo acreditou na história, mandando logo recado ao Vicente e cobrando-lhe muito dinheiro pelo boi. Ora, vosmecê sabe, é muito duro pagar-se aquilo que não se comeu e nem bebeu. Portanto, Vicente com muita razão defendeu-se, provando sua inocência. Mas, recado vai, recado vem, aumentou a intriga, e eu já andava com as mãos na cabeça com medo de uma desgraça. E assim não cessava de pedir a meu marido que vendesse o que ali tínhamos, pagasse o tal boi, e voltássemos para Frecheiras. Ele me respondia que não receasse, pois estava disposto a suportar tudo por amor dos filhinhos e por mim, mas que não fugiria sem ter de quê. Antes me tivesse ouvido!

— E o que fez o tenente Melo?

— O Juiz não era de seu partido, e por isso, para nos citar precisava testemunhas. O tenente procurou por toda ribeira quem jurasse contra nós, e felizmente não achou ninguém que quisesse meter sua alma no inferno.

— Deixou portanto de cobrar o boi.

— Sim, senhor: mas ficou intrigado com Vicente, e todos os dias gritava que ele lhe pagaria caro o desaforo! O desaforo?... quando meu marido havia aguentado os seus insultos com uma prudência de santo! Mas ele, como rico, julgava-se com o direito





de pisar os pobres; e tinha razão, porque muito tempo não precisou para nos castigar... castigar a inocentes do modo mais cruel deste mundo!

— Qual foi o castigo?

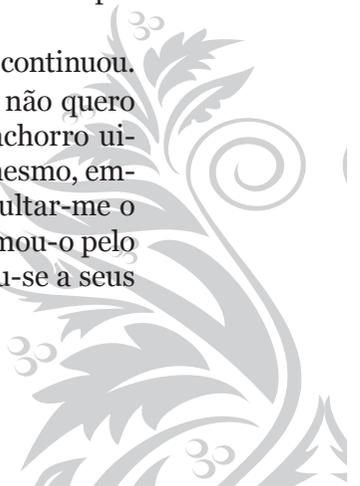
— O estado que dia e noite choro; este abandono... a infelicidade que me vai matando! Eu lhe conto. Vindo ordem da cidade para designar guardas, o tenente Melo entendeu que chegara a ocasião; e como era amigo do capitão da companhia de Vicente, empenhou-se sem descanso, até que conseguiu vingarse. Quando eu soube da ordem, pedi a meu marido que se escondesse, mas ele não quis, porque — quem não deve, não teme, e dizia-se que os casados com filhos não estavam sujeitos. Não estavam sujeitos!... E quem se importa com a lei aqui pelos matos? O forte vinga-se do fraco, e o grande do pequeno...

— Por toda parte é assim: a traíra engole a piaba nas lagoas e no mar o tubarão persegue as enchovas.

— Foi numa quinta-feira à meia-noite. Durante o dia, não sei porque estive tão triste, que não pude deixar de chorar muito. Vicente vexou-se tanto que perguntou-me por que chorava; e eu não soube responder-lhe. Era um chorar sem causa, e quanto mais chorava, mais vontade tinha de chorar. Até o menino estava triste e não vadiou como costumava. Parecia que morrera uma pessoa da família. Eu me lembrava aqui de Frecheiras, receando que alguém estivesse doente. Ai, como o coração da gente adivinha! Não atinava com o lugar donde me viria a desgraça, mas era certa, porque o coração não engana. É que eu ia ficar sem o meu marido, e meus filhos sem o seu pai... seu pai que os amava tanto...

Amor-do-Céu desatou a chorar soluçando. Depois continuou.

— Tudo nos anunciava a desgraça... Eu às vezes não quero acreditar em busões, mas nessa noite cruel até o cachorro uivava no terreiro, e a candeia estava triste... Vicente mesmo, embora me animasse e procurasse rir-se, não sabia ocultar-me o seu desassossego. Quando o cachorro uivou, ele chamou-o pelo nome, que é Leão; e Leão em vez de festejá-lo, deitou-se a seus pés, como que soluçando.





Fiquei mais medrosa e sem querer me veio à lembrança o tenente Melo. Então me pondo a considerar, tive tão grande presentimento que disse a Vicente:

— Vicente, toma um conselho, vai dormir no mato esta noite...

— Por quê? — perguntou-me admirado.

— Não sei porque... mas se tu fosses meu coração descansaria.

— Se é com medo que venham prender-me — tornou-me ele —, não vejo razão: não sou criminoso, e nem presto para recruta, pois tenho mulher e filhos...

Calei-me, que suas palavras eram sagradas para mim. Nunca teimamos, não só pelo muito amor que eu lhe tinha, como porque eu nunca vira teimar minha mãe e meu pai. E o exemplo dos pais passam aos filhos. Demais, Vicente era tão bom, que eu não poderia ser má. Calei-me, pois, e recolhi-me à camarinha, onde já os meninos dormiam. E ele, fechando a porta, me acompanhou, e ajoelhou-se a meu lado para rezarmos o terço do costume.

Ainda não tínhamos pegado no sono, quando a nossa casa foi cercada da tropa. Pelo barulho conheci que vinha muita gente, e à frente o tenente Melo. Ah, eu não lhe posso contar o que sofremos então. Só Nossa Senhora o sabe. Cercando a casa, o tenente gritou:

— Abre a porta, cabra, ou mando arrebetá-la já!

— Senhor tenente — disse Vicente —, a quem procura?

— Ao atrevido Vicente para matar bois no Paraguai — respondeu ele.

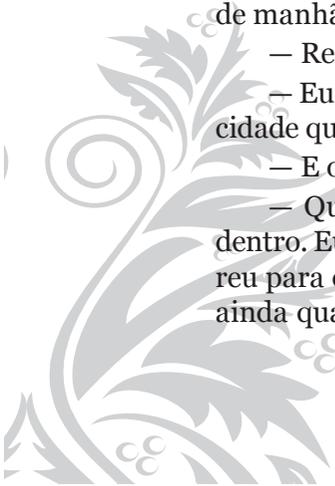
— Pois bem! é meia-noite e a casa do cidadão é inviolável: de manhã me entrego.

— Respondeu muito bem.

— Eu não sei onde o pobre tinha aprendido aquilo; talvez na cidade quando ia vender os legumes. Mas boca que tal disseste.

— E o tenente não respeitou a casa durante a noite?

— Qual, meu senhor! Zangou-se e mandou botar a porta dentro. Eu me levantei na carreira para vestir-me, e Vicente correu para o canto onde guardava a espingarda. Vendo isto saltei ainda quase nua, e agarrei-me com o meu marido, chorando e





pedindo-lhe por nosso amor, pelo amor de nossos filhos, por tudo que mais amava... que nada fizesse: se entregasse e tivesse fé na justiça divina. Atendendo-me, ele encostou a espingarda e prometeu-me sofrer com paciência aquele insulto, por minha causa.

Ah, nunca tive tanto vexame! O tenente Melo entrou logo com a tropa, igual a uma onça assanhada, e amarrou meu marido como se amarra um assassino! E nos descompôs a todos com os nomes mais injuriosos, como fora de si. Vicente apenas respondeu-lhe uma vez, lembrando-lhe Deus e a justiça do céu. E ele zombou de Deus e da justiça do céu! Os meninos acordando puseram-se a chorar que fazia dó; e eu soluçando pedia ao malvado homem que soltasse meu marido... Mas ele não me dava atenção e continuava a injuriar-nos.

Vicente quando ouviu o pranto dos filhos, estremeceu como se o tivessem apunhalado; e duas lágrimas lhe correram pelas faces. E o tenente ao vê-las disse à tropa: "Levemos já este diabo para chorar melhor na cadeia..."

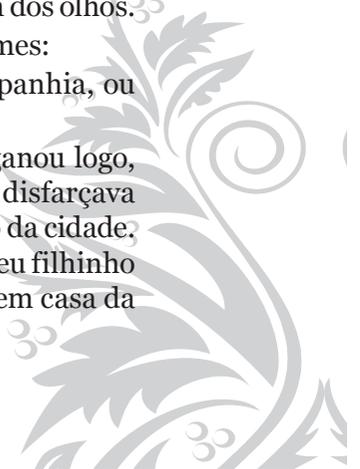
Chamar diabo ao Vicente... como custava ouvi-lo! E saíram, levando amarrado o meu marido... o pai de meus filhos... e a minha felicidade!... Ai, se a dor matasse, eu teria morrido então. Acompanhei o infeliz, mas ele vendo-me lembrou-me os filhos... os seus dois queridos filhinhos... e mandou-me voltar. Eu não sabia o que fizesse... Era tão grande o meu desespero que certamente teria ficado doida se meu pai não chegasse, como chegou de manhã. Foi Nossa Senhora que se compadeceu de mim...

Calou-se a infeliz já não podendo vencer o pranto que a sufocava. Ela e sua mãe soluçavam, enquanto eu e João Gomes em silêncio enxugávamos as gotas d'água que nos corriam dos olhos.

Passados alguns instantes, perguntei a João Gomes:

— E não foi entender-se com o Capitão da Companhia, ou com o Presidente na cidade?

— Fui; mas nada alcancei. O capitão me desenganou logo, declarando-me que as ordens eram fortes e que não disfarçava meu genro. Arrumei-me então para tomar o caminho da cidade. Minha filha queria acompanhar-me, mas não pôde: seu filhinho adoecera e ela mesmo não estava boa. Deixei-a pois em casa da





madrinha e ordenei-lhe que aí me esperasse. E com duas cartas, que minha comadre escrevera, segui atrás do preso.

Todos me diziam que era trabalho perdido, que o Presidente não disfarçava ninguém enquanto o Lopes e seus paraguaios não morressem; porém era meu dever dar todas as passadas a favor de meu genro. Malditos paraguaios, senhor, que nos têm roubado os melhores rapazes da terra!

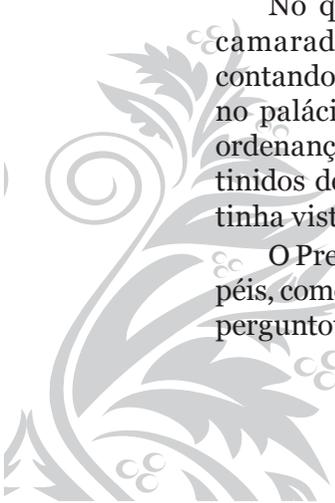
Cheguei à cidade, e como quem vai com fome ao mar, botei os anzóis logo n'água. Entreguei as cartas, e os homens ainda bem não as tinham lido, me declaravam que era impossível soltar o Vicente, porque o Presidente não atendia a pedidos. Impossível restituir o alheio... o marido de minha filha e o pai de meus netos! Em que tempo estamos, meu Deus?

Ouvindo os homens eu fiquei mais morto que vivo, e pus-me a chorar lembrando-me de voltar sem meu genro. Então deram-me um requerimento, e aconselharam-me que eu mesmo fosse apresentá-lo ao Presidente, e contar-lhe minha história.

Fui, pegando-me com todos os santos para que me valessem naquele aperto. No primeiro, segundo e terceiro dia os soldados não me deixaram entrar. S. Ex<sup>a</sup> não falava a ninguém. E como quem espera a maré, eu sentava-me na escada e levava todo o santo dia com os olhos pregados na porta, para ver se o homem aparecia; porém, nada... Os soldados entravam e saíam, e em lugar duma esperança, caçoavam comigo, dizendo-me que o Paraguai era muito bom; que deixasse seu genro ir... e outras lérias, que eu ouvia calado com medo de arriscar a sorte do preso.

No quarto dia, felizmente encontrei na feira-nova um camarada cá de Frecheiras, que ali tinha uma bodega; e contando-lhe minha vida, ele prometeu arranjar-me a entrada no palácio. E de fato arranjou-a logo, dando uns vinténs ao ordenança. Entrei com o coração nas mãos; e parecia-me ouvir tinidos de ferros e gemidos... mas era o terror, pois nunca me tinha visto em tais assados.

O Presidente estava sentado junto duma mesa coberta de papéis, como mesa de escrivão; e quando entrei levantou a cabeça e perguntou-me o que eu queria; mas tão carrancudo como o mar





em horas de tormenta. Ajoelhei-me logo a seus pés, narrando-lhe o sucedido e pedindo-lhe que me valesse.

— Levante-se e vá buscar um requerimento.

— Aqui está, senhor, o meu requerimento.

Ele pôs-se a ler e, enquanto lia eu olhava para aquela mesa cheia de papéis, como a praia de sargaço depois da tempestade, comigo mesmo dizendo: "Meu Deus, quanta sentença de morte ali... quanta lágrima de viúva e de órfão, e quantos desenganos nestes papéis se escondem como cascavéis em folhas secas!"

S. Ex<sup>a</sup> acabou de ler, dizendo-me que procurasse o despacho na secretaria e que me retirasse.

— Mas, senhor, não dá-me uma esperança?

— Procure o despacho na secretaria! — repetiu-me como quem não quer mais falar, e eu retirei-me meio desconfiado do caso.

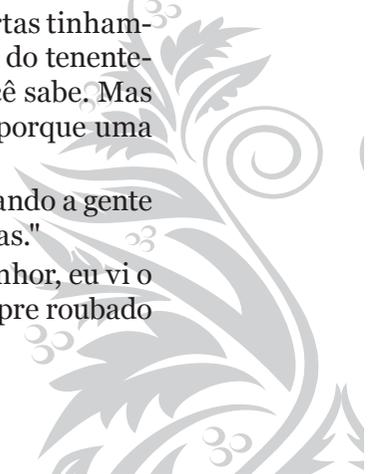
Muitos dias alisei o batente da secretaria atrás do despacho. Eu já não podia mais com tanta demora; não tinha levado muda e minha roupa estava um carvão. Vicente continuava no calabouço, e quando o visitava, pobre rapaz, chorava com vontade, falando na mulher e nos filhos, que ele amava mais... não sei o que diga!

No fim de uma semana consegui o dito despacho e mandei lê-lo. Rezava assim: *Informe o comandante superior*. Corri ao sobrado do comandante, e quando pude agarrá-lo, dei-lhe o papel e ele botou outro despacho: *Informe o comandante do batalhão*. Não havia dúvida, meu negócio corria mal, estava nos *informes*.

Neste dia chegou o vapor do norte; e quando estrondou tiro, senti uma pancada no coração com tanta força, como se me tivessem dado uma pedrada no peito. Os homens das cartas tinham-me dito já, que eu voltasse para levar a informação do tenente-coronel, que mora no Curral-grande, como vosmecê sabe. Mas eu demorei-me um bocado, para ver sair o vapor, porque uma voz no interior me ordenava que ficasse.

Então eu disse: "Me apronto e vou à praia, e quando a gente embarcar, de lá mesmo empurro-me para Frecheiras."

Fui... e logo nos primeiros que embarcaram, senhor, eu vi o Vicente! O Vicente escoltado, embarcado, para sempre roubado





de nosso seio! Oh, não sei contar-lhe a minha dor e ao mesmo tempo a raiva que tive do presidente!... Esse homem cruel me empalvara para enganar... Ai, o pobre sofre muito neste mundo!

Assim contou-me a infeliz família a história de sua mágoa. Todos choravam e suspiravam do mais íntimo d'alma; e eu comovido os consolava como podia naquela ocasião.

Era tarde quando me agasalhei em minha rede, e tão fatigado estava que logo adormeci.

No outro dia pela manhã, despedi-me de João Gomes, de Mariana, de Amor-do-Céu, dos meninos e daquela poética Frecheiras; e quando montei-me a cavalo, disse ao velho, que viera segurar-me o estribo:

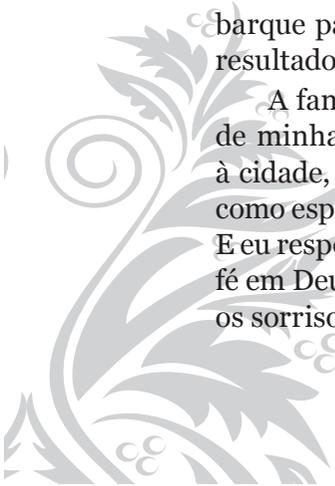
— Depois da tormenta, vem a bonança... Tenha fé na Bondade divina: ela tarda, mas não falta. Conto com alguns amigos e empregarei todos os meios de libertar Vicente. Creia e espere... Adeus.

E sem dar tempo ao agradecimento, cheguei as esporas ao ruço e parti.

Na Capital, escrevi a um amigo do Rio de Janeiro, que ali ocupava importante cargo, pedindo-lhe Vicente, como o maior favor que me poderia prestar. Minha carta foi a reprodução desta história. Impressionado como estava, descrevi a situação da pobre família de Frecheiras do modo mais eloquente, procurando assim comover o coração daquele a quem me dirigia.

Pelas informações que me deram na secretaria, Vicente seria encontrado ainda na Corte, porque tempo não havia de seu embarque para os campos da guerra. Portanto esperei ansioso o resultado do meu pedido.

A família de João Gomes ficara animada com a esperança de minhas últimas palavras. Sempre que de lá vinha alguém à cidade, mandava-me dizer o velho — que esperava em mim, como espera em Deus o legume que emurchece à falta de chuva. E eu respondia — que continuasse a rezar com devoção e tivesse fé em Deus e em Nossa Senhora, que sua alegria tornaria como os sorrisos de Job.





Depois de um mês e alguns dias, apareceu-me Vicente, de volta do Rio de Janeiro. Foi este um dia de festa para mim... um prazer para minh'alma!

"Aí vai o seu afilhado — respondeu-me o amigo — e faço votos por sua felicidade ao lado da encantadora Amor-do-Céu e dos honrados velhos, a quem apresentará os meus cumprimentos. Não custou-me dispensá-lo da epidemia dos pântanos do Paraguai. Mostrei sua carta ao general P... e sua leitura bastou: a inspiração que a ditou fez o milagre."

— E volta agora para o Siupé, senhor Vicente? — perguntei-lhe depois.

— Deus me livre; não poderia habitar onde fui tão desfeito e onde tanto sofri. Demais... já não tenho ambições. Antes quero ser pobre jangadeiro em Frecheiras, do que possuir grande roçado em outra parte.

— Já não quer então ser rico?

— Quero, mas da graça de Deus.

— Pense sempre assim, para não invejar as riquezas com as suas demandas e desgostos...

No outro dia partiu Vicente para o seio dos seus e eu fiquei imaginando a cena que daria lugar a sua presença. E comigo mesmo dizia: "Meu Deus! como é bom fazer o bem; como estou contente! Esta alegria é uma grande recompensa, que eu vos agradeço. Se todos soubessem disto... ninguém maltrataria por certo o seu semelhante, e seria assim respeitado o vosso santo preceito! — Amai ao próximo como a vós mesmo.





## O SERÃO







Que linda cena nos oferece o serão de uma pobre família dos campos, em noites calmas do estio — nos dias felizes em que ela não sente as flagelações da enfermidade, a penúria do necessário à vida!

Quem, ao menos uma vez, não contemplou comovido, esse quadro de tanto conchego e singeleza, de tão franco e sincero amor e de uma candura quase infantil?

Quem, ao menos na infância, não ouviu enlevado aquelas curtas e interessantes histórias, ora molhadas de sentidas lágrimas, ora misturadas de espontâneos risos; às vezes inspiradas pela superstição, outra ditadas pela verdade; já a recordação de um episódio da vida íntima, já a comemoração de uma guerra, de uma seca ou de outro acontecimento qualquer?

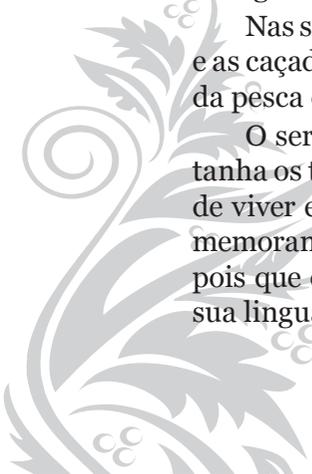
Tudo então é de uma simplicidade tocante, a começar pelo cenário.

E o cenário não é mais do que o apendice ou saleta da rude casinha de palmas, que modestamente se oculta entre o verdejante arvoredo, aqui no dorso do monte, ali em frente ao oceano, além nas orlas da campina, muitas vezes a mirar-se faceira na lagoa da várzea, com seus cortinados e de ramagens e trepadeiras e seu jardinzinho de flores silvestres ou cultivadas.

Se é no sertão, como se conversa alegremente sobre as vaquejadas, a coragem do moço na rápida carreira pelos precipícios, a emboscada da traiçoeira onça, a vitória alcançada contra o mocambeiro e bravo novilho, e outros casos dessa vida aventureira do vaqueiro do norte, igual em temeridades e heroísmos à do gaúcho das savanas do sul!

Nas serras, fala-se sobre as grandes enxurradas, as colheitas e as caçadas na floresta virgem; assim como nas praias, trata-se da pesca das tormentas e outros assuntos marítimos.

O sertão tem seus contos especiais, como a praia e a montanha os têm, extremando-os a diferença da natureza, do modo de viver e dos costumes. Iguais, porém, todos são, quando comemoram a vida íntima, quando são páginas do livro d'alma; pois que o sentimento é sempre o mesmo em toda a parte, e a sua linguagem uma somente.





Mas, deixemos essas considerações, e com o leitor assistamos ao serão que nas trevas da noite nos indica, lá muito ao longe, a chama vivace e alegre da fogueira do lar, na choça do povo.

Sem que nos vejam, contemplemos o quadro.

No copiar da casinha ardem três ou quatro achas de lenha; e junto conversa a pobre família, acabando de cear e de agradecer a Deus o pão daquele dia.

Maria da Conceição, velha de sessenta anos, contempla prazenteira ao redor de si, seu filho José, sua nora Antônia e quatro netos, que constituem a sua felicidade neste mundo.

Dos netos, dois são quase moços — Thomaz e Ana —, e dois, crianças — Marcelino e Simão.

Todos têm no pescoço um rosário, e neste, a medalha milagrosa, o bentinho, ou a medida do santo de sua devoção. Os homens vestem camisa e calça de algodão grosso; as mulheres, saia de chita e cabeção de madapolão; e os meninos, camisas remendadas e encardidas.

Estes interrogam de vez em quando a avozinha, calam-se para ouvi-la, remexem-se e dão mostras de grande curiosidade.

— Dá-me o divertimento, José —, diz a velha pedindo o cachimbo, que o povo assim denomina muitas vezes.

— Está, minha mãe... Marcelino, vai ver se ainda tem fumo no saquinho...

— Queira Deus tenha, homem — diz Antônia —, hoje dei ao Inácio da tia Rosa dois vinténs para comprá-lo na vila, e ele até estas santas horas...

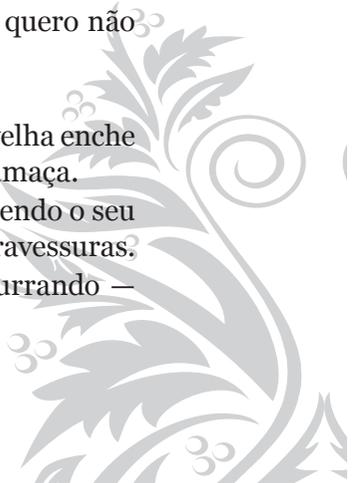
— Ora... como passarei sem fumo, gente! Antes quero não comer do que deixar de fumar...

— Mas, o Inácio não pode tardar homem.

Marcelino acha ainda algumas peles de fumo, a velha enche o cachimbo, encosta-lhe o tição e satisfeita puxa a fumaça.

Os meninos continuam a brincar e Antônia, torcendo o seu fuso, como que se engolfa no contentamento de suas travessuras.

— Minha mãe, veja o Simão, que me está empurrando — queixa-se um.





— É mentira, mamãe, é ele que me beliscou — responde o outro.

— Meninos! — ralha brandamente José — estes meninos não têm criação... Tomara ouvir...

— Deixa-os, José — diz a avó —, coitadinhos... pois em que idade devem eles brincar?

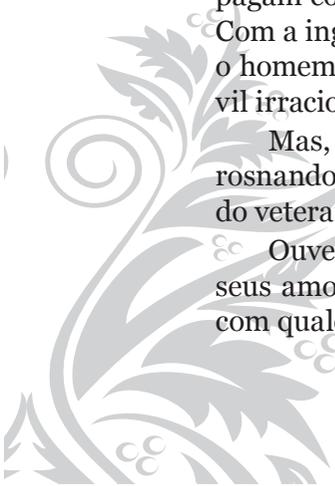
Ao mesmo tempo os outros dois filhos do casal, estranhos já aos folgares da meninice, mergulham nos sonhos encantados da adolescência.

Thomaz, um pouco retirado, afina a sua viola, o instrumento querido de sua alma, e Aninha, consertando uma saia, como que suspira enamorada, ouvindo os sons que se ensaiam nas douradas cordas.

O rafeiro do lar — o velho e dedicado Fiel — deitado sobre as patas, à entrada da casa, contempla a família com afetuoso olhar, e como que tomando parte em suas conversas e entretenimentos. E então? Não é ele o amigo e guarda de toda aquela gente? Não é ele que à noite vela, enquanto todos dormem, afastando as feras e intimidando os malfeitores? Quem mais do que ele ama e respeita a seus velhos amos, cuja mocidade testemunhou, acompanhando-os sempre, tão dedicado nas horas da abundância como nas da penúria? Quem mais carinhoso afaga aquelas crianças que ele viu crescer, que tantas vezes carregou, servindo de ginete, no meio de animadas folias? E agora, velho e enfermo, e por isso quase inútil, como não amará aqueles que o não desprezam, que o não deixam morrer à fome, que não lhe pagam com a ingratidão a sua amizade e os serviços doutroira? Com a ingratidão... com essa moeda infernal, com que às vezes o homem paga o benefício, assim tornando-se pior que o mais vil irracional e pois indigno da semelhança com o seu Criador!

Mas, eis que o velho Fiel, abandonando a cena, ergue-se e rosnando vai em direção à estrada. Quem despertaria a atenção do veterano guarda, da vigilante e experiente sentinela do lar?

Ouve-se a voz de Inácio, e Fiel, reconhecendo um amigo de seus amos, festeja-o contente, em vez de agredi-lo como faria com qualquer estranho que se aproximasse àquelas horas.





— Deus lhes dê boas-noites — diz Inácio, aparecendo na porta.

— A nós todos, Inácio; então já está de volta?

— Sim, senhor: venho chegando a casa, e passei aqui para dar o fumo que a senhora Antônia me encomendou.

— Deus lhe pague... É do bom?

— É do melhor que achei na vila. Os vinténs são pequenos, mas disseram-me que faz cinza muito branca.

— Então há de ser bom. Entre e abanque-se, Inácio.

— Já é tarde... e a mulher me espera.

— Ora, ainda é cedo, descanse um pouquinho.

— Pois bem, eu me sento, mas o Thomaz e Aninha hão de cantar aquela cantiga da *Louca de amor*... Gosto tanto de ouvi-la, senhora Antônia, que suponho que nunca me fartarei! — diz Inácio sentando-se e pondo ao chão uma trouxa, amarrada à ponta do cacete.

— É muito bonita, Inácio, é... dizem que foram feitos estes versos por um poeta da cidade... Anda, Thomaz, vem cantar e acompanhar a Aninha — acrescenta a velha.

— Ora, vovó, eu nem estava com vontade de cantar agora! — murmurou Aninha preparando-se entretanto para satisfazer a vontade do vizinho.

Tomaz preludia suavemente na viola a toada, e instantes depois, ele e sua irmã, cantam entoados as seguintes coplas, que todos, sem excetuar o velho Fiel, escutam calados e enternecidos.

### **Louca de Amor**

Cabelos soltos ao vento,  
Ao vento solto o vestido,  
Os pés descalços n'areia,  
Ai passeia  
Maria em sonho querido!





Pobre menina das selvas,  
Das selvas mimosa flor,  
Por que estremecees chorosa,  
    Qual a rosa  
Na sua aurora d'amor?

Bem cedo ainda na vida,  
A vida dera a José,  
Votara seus treze anos  
    Aos arcanos  
De uns quinze anos de fé.

E, como as rolas no prado,  
No prado — amantes e castos,  
Em casinhas de palmeiras,  
    Entre ateiras  
Cercadas de matapastos...

Quando acordavam n'aurora,  
N'aurora em meio de flores,  
À rude porta assomavam,  
    E coravam...  
Ai, que divinos rubores!

De inveja o sol desmaiava,  
Desmaiava a natureza,  
Calavam-se os passarinhos  
    Nos galinhos  
Por tanto amor e beleza.

Mas, é tão mau este mundo!  
O mundo os viu e invejou;  
Fez de José um soldado,  
    Desgraçado...  
Maria em prantos deixou!

— Soluças, Mariazinha? —  
Mariazinha a chorar!  
— Tu vais, José, desta terra? —





Para a guerra  
José chorando a marchar!

E as ondas quebram na praia,  
Na praia o vento a gemer,  
No vento a areia passando,  
E voando  
O tempo sem mais volver.

E José, sob as bandeiras,  
Bandeiras desta nação,  
Como gigante lutava,  
E cantava  
Nas horas do coração.

“Ai mocidade sem risos...  
Sem risos é o meu viver!  
Até me foge ora a morte...  
Oh, que sorte!  
Antes quisera morrer!”

Enquanto saudosa e triste...  
Triste penava Maria,  
E noite e dia cismando,  
Soluçando,  
Os seus encantos perdia...

O passarinho os carpidos,  
Carpidos dela, aprendia...  
Suspiros levava a aragem...  
E na vargem  
De pranto o arroio se enchia...

E as ondas quebram na praia,  
Na praia o vento a gemer,  
No vento a areia passando,  
E voando  
O tempo sem mais volver...





Eis se não quando uma tarde...  
Tarde saudosa de abril,  
Vê-se um navio nos mares...  
    Logo aos ares  
Voam foguetes a mil...

Que venceram brasileiros...  
Brasileiros, exultai!  
Findou-se o pleito tremendo,  
    E gemendo  
Morde o chão o Paraguai.

Mas, entre a hoste briosa,  
Que briosa volve ao lar,  
Aonde, José, aonde?  
    Pois s'esconde?  
José morrera a lutar!

— José morrera em combate,  
Combate de vida e morte! —  
Conta um soldado chorando,  
    Lamentando  
Aquela tirana sorte.

E logo dorido grito...  
Grito d'alma se escutou!  
Ai era a infeliz Maria...  
    Doudecia...  
Quem foi qu'então não chorou?

Quem não chorou quando triste,  
Triste canto ela cantava...  
A face sua enrugada...  
    E rasgada  
A saia que lhe restava?!

Quem não chorou quando a louca,  
Louca de mágoa e paixão...  
A sua sorte carpia,





E gemia  
Depois da amarga canção?

Oh basta, basta, viola!  
Viola, estás a chorar?...  
Ai, cala a terna toada,  
Magoada,  
Ai, basta de soluçar.

Calaram-se os juvenis cantores, continuando Thomaz ainda por alguns instantes a arrancar de sua viola, como que gemidos banhados em sentidos prantos.

E como as letras da triste cantiga, aquelas notas transpondo a porta do lar, iam expirar lentamente ao longe na deserta selva, misturando-se com os soluços do arroio, e brandos suspiros da aragem.

A natureza que circundava a casinha, era então queda e silenciosa; nem sequer a ramagem balouçando-se, interrompia a misteriosa mudez da noite.

E a família, ao findar o canto, ainda comovida, pôs-se a comentá-lo em singelas frases, ao passo que as mulheres enxugavam as lágrimas que lhes corriam dos olhos.

Depois despediu-se Inácio, e como era tarde, todos se ajoelharam, rezaram devotamente o terço, os pais abençoaram os filhos e cada um procurou a sua rede.

Mais alguns momentos, e a pobre família respousava sossegadamente, enquanto o velho Fiel velava na defesa do lar, correspondendo plenamente assim à confiança que nele depositavam seus amos.



## NOTAS DO AUTOR

Explico somente aqui os vocábulos que não encontrei no Dicionário de Moraes, sexta edição, ou que aí tem acepção diversa, e as frases que julguei de mais difícil compreensão.

### **A**

***As barras vinham quebrando.*** Principiando a alvorecer.

***Acabar com estes biquinhos.*** Pagar as dívidas pequenas, os bicos ou biquinhos.

***Agassis.*** O sábio naturalista americano Agassis visitou a Pacatuba em 1866, quando estive de passeio no Ceará. Foi nessa ocasião que ele emitiu sua opinião a respeito da formação do solo daquela vila.

***Aluá.*** Bebida de farinha de milho torrado, com água adoçada com rapadura.

***Almofada.*** Refere-se a em que se faz renda.

***Amojada.*** A vaca que está prestes a parir, o que se conhece pelo amujo.

***Andava com a orelha em pé.*** Desconfiado.

***Arapuca.*** Armadilha de varinhas para apanhar passarinhos.

***Arremediar.*** Remediar, suprir as necessidades.

***A sua custa.*** Trabalha o jornaleiro agrícola que não recebe alimento do dono do serviço.

***Atapu.*** Búzio grande, ou caramujo, que serve de trombeta. O jangadeiro toca o búzio para chamar os companheiros, ou para chamar fregueses ao mercado do peixe.



**Ateira.** Árvore frutífera que dá as atas. O mesmo que pinheira, como se denomina no sul.

**B**

**Baião.** Dança do povo.

**Banzeiro.** Alheio ao que se passa, meditando.

**Banco-de-vela.** Banco que serve para sustentar o mastro da grande e única vela da jangada.

**Banco-de-governo.** Banco à popa em que se assenta o mestre.

**Batida.** Rasto ou sinal da passagem do que se procura.

**Bebida.** Lugar onde os animais costumam beber água.

**Bicheira.** Grande anzol preso num cacete com que se puxa o peixe pesado para cima da jangada, a fim de não quebrar a linha.

**Bolina.** Tábua que, entre os dois meios e junto ao banco-de-vela, serve para cortar as águas e evitar que a jangada descaia para sotavento.

**Botei-lhe o cavalo.** Arremessei o cavalo.

**Brabo.** Bravo, indomado.

**Brinquete.** Peça da prensa, que espreme a mandioca reduzida à massa no rodete.

**Buzão.** Corruptela de abusão.

**Búzio.** Concha pertencente a molusco.

**C**

**Cabalar.** Agenciar votos na eleição.

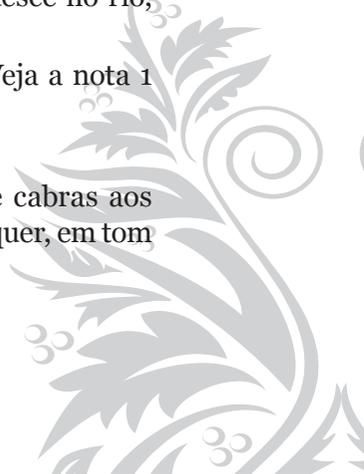
**Cabeça d'água.** A primeira porção d'água que desce no rio, por ocasião da cheia ou enxurrada.

**Cabeção.** Parte superior da camisa da mulher. Veja a nota 1 das Lendas e Canções.

**Cabeça de gado.** Rês.

**Cabra.** Indistintamente, entre o povo, chama-se cabras aos homens que andam descalços e muitas vezes a qualquer, em tom familiar. Veja anota 119 das Lendas e Canções.

**Caco.** Tabaco em pó, fabricado e usado pelo povo.





**Caititu.** Espécie de javali.

**Chapelina.** Chapéu usado pelas mulheres do sertão.

**Caipora.** De caa-pora caboclo bravo. Segundo a crença popular, o caipora é um caboclinho encantado que aparece nas florestas ermas, benigno para uns e maligno para outros, sobretudo para os que não lhe dão o fumo que ele exige. Tudo o que sabemos a respeito acha-se no conto O Senhor-das-caças.

**Cadê teu ouro?** Que é feito de teu ouro, onde está...

**Chegar a ferros ao cavalo.** Isto é, esporá-lo.

**Chimango e carangueijo.** Partidos políticos do Ceará. O primeiro é o liberal, o segundo o conservador.

**Cangaceiro.** Homem que carrega cangaço, isto é, armas em excesso, afetando valentia.

**Catinga.** Mato espesso e garranchoso do sertão; vem do indígena - caatinga, mato rasteiro.

**Campeão.** Cavalo do vaqueiro em que este campeia, isto é, anda no campo procurando ou tratando do gado.

**Cangapé.** Pontapé que ao mergulhar a criança ligeira e jeitosamente dá no companheiro dentro d'água, em animada brincadeira.

**Cantil, mochila e bernal.** Peças da equipagem do soldado.

**Capoeiro.** Refere-se ao veado deste nome.

**Capeta.** Demônio.

**Cargueiro.** Homem que tange o cavalo que conduz a carga.

**Carlina.** Tabuleta com furto, embaixo do banco-de-vela, em que se prende o pé do mastro, mudando-o de um furo para o outro, conforme a conveniência da ocasião.

**Carnaubeira ou carnaúba.** Palmeira do norte. Veja-se a nota 88 das Lendas e Canções.

**Carniça.** Animal que a onça mata, come parte e, guardando o resto para o dia seguinte, oculta-o na floresta. A onça faz carniça, esconde a carniça e nunca se esquece de voltar à carniça.

**Caravela.** Produção do mar que parece animal. Tem uma película cheia de ar, de linda cor de rosa, muito cáustica. Encontra-se sempre entre o sargaço que as ondas deixam na praia.





**Caritó ou caritó.** Pequena prateleira no canto da sala ou camarinha.

**Caruara.** Bezerro enfezado e doente.

**Cavalariano.** Homem que se emprega na compra e venda de cavalos.

**Caçadores.** Dois tornos pequenos, na proa.

**Cevadeira.** A mulher que cerva mandioca, isto é, aplica-a ao ralo do rodete.

**Columim.** Do indígena curumim. Criança ou rapaz da raça americana.

**Camboieiro.** O homem que dirige o comboio de animais carregados.

**Coco inchado.** Dança popular.

**Copiá.** Parte da casa.

**Coró.** Peixe.

**Cresceu para cima de mim.** Aproximou-se progressivamente, irritando-se e falando alto.

**Croá.** Abóbora vermelha.

**Cuia-de-vela.** Concha de pau com que se molha a vela.

## D

**Deixando o pai Luís tomar a roça...** Não sei por que o povo, galhofando, assim denomina o mato que abafa as plantas novas do roçado. Talvez a preguiça, ou fraqueza de algum pai Luís, cujo roçado perdeu-se por falta de limpas, ou capinas a tempo, desse lugar à alusão.

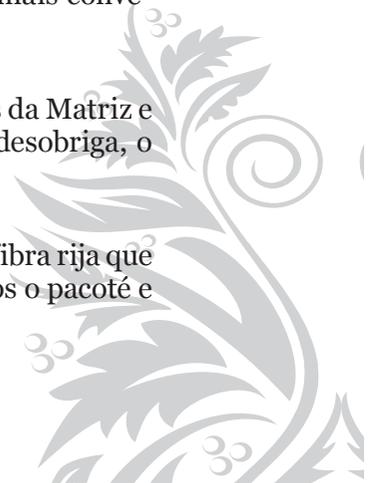
**Deram-lhe as dedicás.** Empregaram os meios mais convenientes, de modo jeitoso, etc.

**Desabusado.** Livre de preocupações vulgares.

**Desobriga.** Visita do pároco aos lugares distantes da Matriz e confissão e comunhão dos fiéis. O vigário sai em desobriga, o povo se desobriga.

## E

**Embiratanha.** Planta que dá embira, isto é, uma fibra rija que serve para cordas. Com a mesma propriedade temos o pacoté e muitos outros.





**Em** tais assados. Em tais dificuldades ou apertos.

**Encarnado.** Usado entre o povo quase sempre em vez de vermelho.

**Encartado.** Galhofeiro, brincador, esperto e espirituoso.

**Enchova.** Peixe do mar também chamado enchovinha.

**Entrosando de valentão.** Isto é, querendo figurar com impostura, parecer o que não é.

**Enxurrada.** Cheia do rio nas chuvas torrenciais do inverno.

**Era um vigário!** Diz-se do homem esperto e entendido, que sabe muito e fala bem.

**Escarnamos as armas.** Puxar o cão da espingarda ou desembainhar o punhal.

**Espera.** Não só é o lugar em que se espera a caça, como os paus em cujo cimo o caçador arma a rede para deitar-se e esperar.

**Esquisito.** Lugares esquisitos são os ermos e medonhos onde nunca alguém foi, ou raras vezes visitados.

**Estatar.** Assombrar, entalar.

**E saí fumando.** Zangado e maldizente.

**Escota.** Corda amarrada na ponta da retranca e nos caçadores; para encher a vela de vento puxa-se a escota.

**Espeques.** Dois tornos de palmo, com uma travessa, e no meio uma forquilha. Na forquilha cada pescador amarra uma corda e, quando é preciso, nela se seguram derreando o corpo para o mar, e assim aguentando a queda da jangada. Nos espeques e forquilha coloca-se o barril d'água., o tauaçu, a quimanga, a cuiade-vela, a tapinambaba, o samburá e a bicheira.

**F**

**Fábrica.** Os fábricas da fazenda são os rapazes que ajudam o vaqueiro.

**Fama.** O fama, o mais afamado. O fama dos vaqueiros ou o fama desta terra.

**Famanaz.** Muito afamado.

**Farinhada.** Fabrico da farinha de mandioca. Estou numa farinhada, acabei a farinhada.





**Fazenda salgada.** Fazenda que ao desembarcar molhou-se n'água do mar. Avariada.

**Ferra.** O ato de marcar os bezerros no fim do inverno; nessa ocasião o vaqueiro recebe os que lhe cabem em paga de seu trabalho, ou como dizem, os que lhe cabem de sorte. Veja-se a nota 23 das Lendas e Canções.

**Flato.** Nervoso, hipocondria, fraqueza no cérebro.

**Fumo.** Folhas de tabaco torcidas em rolos e preparadas para cachimbo.

**Fumo da terra** - é o da província e mapinguin o do sul.

**Fundo de 36.** Isto é, de 36 palmos. Frase dos jangadeiros.

## G

**Gerais.** Lugares longínquos e ermos. Perdi-me naqueles gerais.

**Grauça.** Espécie de siri que se encontra em pequenos buracos na areia da praia. Alimenta-se com imundícies e é usado como resolvente nos tumores.

**Graúna.** Ave brasileira.

**Guajá.** Carangueijo vermelho que se cria no mar, diferente do mangue. Dizem que o casco dissolvido n'água é remédio excelente para o fluxo das mulheres, assim como, também dissolvidas n'água, as massas servem de remédio interno para a retenção de urina e externo para as doenças dos olhos.

## I

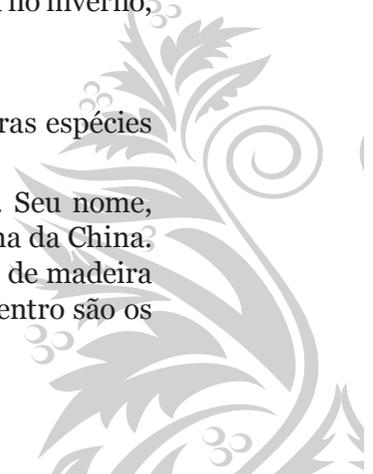
**Idas e vindas.** Idas e voltas.

**Ipueiras.** Lugares do campo que se enchem d'água no inverno, conservando-a por alguns meses.

## J

**Jandaíra.** Abelha cujo mel é superior ao das outras espécies conhecidas na província.

**Jangada.** Embarcação dos pescadores do norte. Seu nome, segundo Moraes, vem de janga, embarcação pequena da China. Compõe-se a jangada de seis paus de piúba, árvore de madeira leve, que se encontra nas serras. Os dois paus do centro são os





meios; os dois imediatos, os bordos e os dois últimos as membruras. Eis, de proa à popa, as suas partes e acessórios.

**Jataí.** Árvore das praias.

**Jereré.** Rede de pescaria.

**Jirau.** Leito de varas sobre forquilhas: serve para guardar a louça e legumes.

## **L**

**Ligeira.** Corda presa à ponta do mastro e nos espeques, para segurar aquele.

## **M**

**Macho e fêmea.** Dois calços à popa onde se mete o remo, servindo este de leme.

**Maceió.** Pequeno lago da praia, formado d'água da chuva ou das grandes marés.

**Manjá ou tempo-será.** Brinquedo de criança.

**Mapirunga. Fruta silvestre.** No Dicionário de Morais mapirunga.

**Matapasto.** Erva comum nos campos do norte.

**Matuto.** Camponês; habitante do interior da província, embora de vilas ou cidades.

**Mocambeiro.** Chama-se o gado acostumado a esconder-se nos mocambos moitas grandes do sertão.

**Murici.** Fruta silvestre.

## **N**

**Na conversa o apalpasse,** o experimentasse ou procurasse sutilmente conhecer.

**Não lhe deram as malditas,** isto é, as maleitas ou sezões. O povo assim as denomina muitas vezes porque é crença que elas voltam ao doente quando são indicadas por seu próprio nome.

**Não se decidem aos pés juntos,** isto, é de repente. Negar aos pés juntos, negar imediatamente.



**Não estava de venta inchada?** Zangado, agastado.

**Nas profundas.** No inferno; talvez corrupção de profundo.

**O**

**Obrigação.** Família. Como deixou sua obrigação? Como deixou sua família?

**Oiticica.** Árvore dos sertões do norte.

**Onze letras.** Intermediário de correspondências amorosas.

**Ordenanças.** Soldado à disposição da autoridade e que a acompanha.

**O velho era artista.** Era arteiro.

**P**

**Pacatuba.** Vila da província do Ceará: dista cinco léguas da Capital. Colocada à raiz da serra d'Aratanha, cujos cafezais a enriquecem, e à margem da estrada normal da província, essa vila floresce e conta com um comércio animado. Em breve terá uma estrada de ferro, já em começo de construção.

**Papocar fogo.** Bater a pedra e disparar a espingarda.

**Papoquei a cabeça.** Isto é, bati com a cabeça.

**Panan.** Espécie de cação de grandes beijos. Segundo o povo os beijos postos à entrada dos formigueiros matam ou afugentam as formigas.

**Partido.** Facção política.

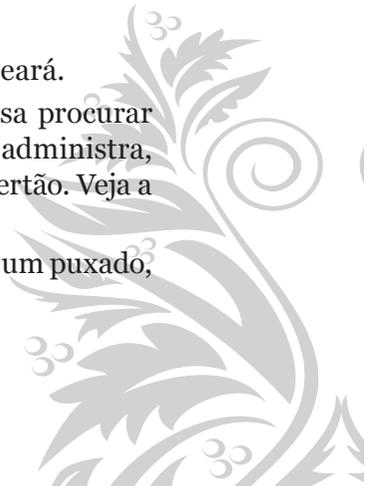
**Para esse tanto.** Expressão muito popular. Uma razão para esse tanto. Não julguei que se falasse neste tanto. Isto é, a respeito.

**Paspalhão.** Fátuo, tolo.

**Pecém.** Arraial marítimo ao norte da Capital do Ceará.

**Pedir campo.** Pedir auxílio: se o vaqueiro precisa procurar uma rês na fazenda vizinha, pede campo a quem a administra, e este vai ajudá-lo, cumprindo assim um dever do sertão. Veja a nota 20 das *Lendas e Canções*.

**Puxado.** Além do copiar e camarinha, a choça tem um puxado, cômodo em continuação, que serve de cozinha.





## Q

**Quarador.** Lugar em que se bota ao sol a roupa ensaboada. A lavadeira ensaboa a roupa e a estende a quarar, para depois enxaguá-la. A roupa mais grossa vai à barrela. Vide esta palavra no Dicionário de Morais.

**Quartinho.** Antigamente assim denominavam o colete, peça de roupa.

**Quicé.** Faca pequena.

**Queixada.** Porco do mato, também chamado caititu.

**Quimanga.** Cabaça que guarda o comer.

## R

**Ralado do mundo.** Homem experimentado, perfeito conhecedor da vida.

**Registro.** Imagem de santo pintado em papel.

**Retranca.** Vara que abre a vela.

**Rês catingueira.** Rês que se esconde ou não sai da caatinga.

**Retirada.** Retirada no sertão é mudança de gado nas secas rigorosas, para lugares melhores. Veja a nota 22 das *Lendas e Canções*.

**Reve.** Assim diz o povo em vez de revê. Vaso de barro que não reve, que não vasa pelos poros.

**Risca ou linha do mar.** O horizonte visual.

**Roçado.** Nas *Lendas e Canções*, nota 44, escrevemos a respeito o seguinte: O primeiro trabalho no roçado é *brocar*, cortar o mato fino com a foice; o segundo *derrubar*, cortar os troncos grossos com o machado; o terceiro *picar*, rolar ou torar o derrubado, para facilitar o incêndio; o quarto - *queimar*; o quinto - *encoivarar*: queimar em fogueiras (coivaras) os ramos que escaparam do incêndio geral; sexto - *cercar*; o sétimo - *plantar*; o oitavo - *limpar, capinar*, e o último - *apanhar, colher*, fazer a *apanha*, isto é, a colheita.

**Rolamos assim.** Andamos ou estivemos assim.

**Roseta.** Peças da espora.

**Russo.** Cavalos dessa cor.





## S

**Salvei-o.** Saudei-o.

**Samburá.** Cesto de boca apertada em que se guarda o peixe.

**Saúna.** Peixe pequeno também chamado azeiteira.

**Siupé.** Povoação do Ceará ao norte da Capital.

**Soia.** Peixe que tem a boca de um lado.

**Sorrisos de nambu.** Diz o povo que o canto da nambu, que é igual ao sorriso, indica as horas: tantos sorrisos, tantas horas.

**Sorte.** Bezerro que toca, como salário, ao vaqueiro na ocasião da ferra. Tocaram-me de sorte tantos bezerros.

**Suçuarana.** Onça vermelha deste nome ou espécie.

**Sura.** Chama-se a galinha ou outra ave qualquer que não tem rabo.

## T

**Tangendo o seu castanho.** Isto é, o cavalo dessa cor.

**Temero.** Temerário.

**Terço.** A terça parte do rosário que a família reza à noite, entoadando depois canticos religiosos (benditos).

**Tirar os chapéus dos noivos.** Brincadeira das bodas sertanejas que já vai sendo esquecida.

**Tombador.** Terreno desigual, escarvado, cheio de barrocas. Emprega-se no plural.

**Traíra e piaba.** Peixes d'água doce.

**Três dias com três noites encarriadas.** Sem interrupção.

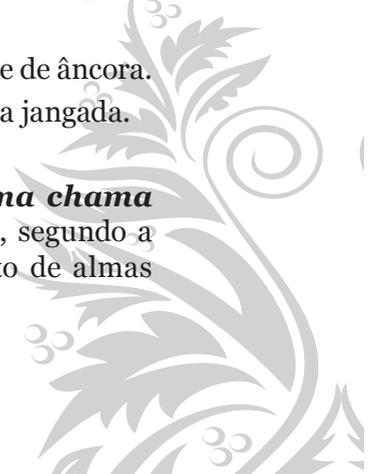
**Tropa.** Qualquer força militar ou policial.

**Tauaçu.** Pedra furada, presa numa corda que serve de âncora.

**Tapinambaba.** Massame de linhas com anzóis da jangada.

## U

**Uivar do cachorro; candeia triste ou coma chama quase a apagar-se.** Prenúncios de infortúnios, segundo a crença popular e algumas vezes do aparecimento de almas penadas.





**Uru.** Bolsa de palha de palmeira, buriti ou carnaúba. Há nas serras uma ave com este nome.

**V**

**Vaca da minha entrega.** Isto é, da fazenda de que sou vaqueiro.

**Vadiar.** Brincar.

**Varjota.** Diminutivo de vargem.

**Vela.** Uma grande e única vela, cosida numa corda junto do mastro, o que se chama palomar a vela.

**Véstia, perneiras e guarda-peito.** Roupa de couro curtido que o vaqueiro usa no serviço do campo.

**Visagem.** Visão, aparição.

**Vosmecê.** É geralmente usada entre o povo esta abreviação de Vossa Mercê.

**X**

**Xenxém.** Antiga moeda brasileira, de cobre, que valia apenas 10 réis. Cousa desprezível.





**EXPRESSÃO**  
GRÁFICA

Rua João Cordero, 1285  
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE  
[www.expressografica.com.br](http://www.expressografica.com.br)

FILIADA À CÁMARA BRASILEIRA DO LIVRO



**20**  
anos